BANDEIRAS E BANDEIRANTES DE SÃO PAULO

Serie 5.ª — *B R A S I L I A N A* — *Vol. 181*
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

CARVALHO FRANCO

BANDEIRAS e BANDEIRANTES de SÃO PAULO

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1 9 4 0

Estes vivem nas nossas memorias e viverão animados da eternidade da sua fama.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE - ARTE POETICA

Não é ainda possivel uma synthese sobre a historia das bandeiras e dos bandeirantes de São Paulo, porque ella ainda se encontra no periodo preparatorio das monographias.

Assim, Affonso de Taunay vem escrevendo o que elle modestamente denomina "estudo de milhares e milhares de documentos", formando já sete tomos da sua formidavel "Historia Geral das Bandeiras Paulistas". Pois bem, todo esse esforço de critica e selecção que perdura ha mais de um decennio, deu em resultado alcançar o grande historiador apenas o final do cyclo escravagista.

Este nosso trabalho é pois ainda um simples ensaio sobre a acção extensiva dos bandeirantes paulistas, buscando contribuir para a sua historia systematizada. A documentação e a bibliographia consultadas para sua formação, foi consideravel. Citaremos no final, apenas a que consta da nossa livraria, dando ao leitor uma idéia nitida da immensidão da taréfa. E como se constatará preferimos accentuar algumas dessas fontes, no proprio decor-

rer da exposição, por sermos avessos em extremo ás notas intercaladas no texto.

Aproveitamos bastante da documentação já publicada, principalmente a do Archivo Publico do Estado. Assim, o nosso ensaio vem esclarecer um ou outro ponto obscuro da historia bandeirante e lembrar outros, ainda não estudados.

Emfim, summula de muita documentação analysada e fructo de demoradas consultas e pacientes confrontos, o presente livro, embóra ainda imperfeito, representa no entanto um esforço a mais em pról da historia integral das bandeiras e dos bandeirantes paulistas.

INDICE DE CAPITULOS

I

OS PIONEIROS DA COBIÇA

O desbarato da pequena armada de João Dias de Solis, na região do Atlantico meridional, teve como consequencia a fixação de varios de seus extraviados no litoral por alguns denominado do ouro e da prata e que tinha por extremos, ao norte, a ilha de São Vicente e, ao sul, o rio da Prata.

De muitos poucos delles se guardam os nomes e dentre esses, Aleixo Garcia, Henrique Montes e Belchior Ramires, unidos a mais seis, demoravam no porto de Santa Catharina, segundo dava noticia uma carta do embaixador João de Zuninga, em 1524. Um decimo fôra encontrado e recolhido no rio Paraná, pelo piloto Diogo Garcia, em 1527.

Aleixo Garcia foi incontestavelmente o iniciador do movimento sertanista nessa costa, por onde se estendia a ainda imprecisa capitania vicentina. Escapando a varias vicissitudes, permaneceu algum tempo em Laguna — e ahi, a lenda seductora do Rei Branco, junto á uma serra de prata, nas mesmas paragens do grande rio, que

remontára em parte com Solis, o attrahiu irresistivelmente com quatro companheiros, sertão a dentro, buscando alcançar a sua miragem, atravez do continente.

Foi desse modo que cruzou Santa Catharina, passou ao Paraná e por essa via internou-se no Paraguay. Uma vez nessa região, lingua da terra como se tornára, induziu centenas de guaranys a que o acompanhassem e, entrando pelo baixo Matto-Grosso, cortou a planicie dos guaycurús e continuou sempre em direcção ao occidente, buscando a região dos Charcas. O término da sua caminhada, dizem alguns, teria sido Chuquisaca. Dahi desandou a jornada, com muitos despojos de prata e — quando attingia novamente as terras paraguayas, foi morto, com alguns dos seus companheiros, pelos guaranys revoltados, em 1526.

Uma representação do cabido de Tucuman, de que possúe copia o Archivo Publico do Estado, datada de 1725 e dirigida ao respectivo governador, narra essa atrevida empresa e conclúe: — "Pouco depois, chegaram os castelhanos áquellas paragens e, achando entre os guaranys peças de prata das que Aleixo Garcia trouxéra do Perú, persuadidos de que aquella prata era tirada das minas do paiz, puzeram ao rio por onde subiram o nome de rio da Prata."

Essa mallograda aventura de Aleixo Garcia deu assim origem a se estender pelo litoral da nova terra, a fabula das riquezas platinas. E dentro em pouco o seu vulto era tão grande, que, ao arribar ao sitio do Marco, velejando para as Molucas a soldo da Espanha, Se-

bastião Caboto taes maravilhas ouviu, que mudou de rumo, indo a São Vicente colher melhores informes e dalli á Santa Catharina, procurar os sobreviventes de Solis, que lhe servissem de guias para renovação da entrepresa.

O seu roteiro imprevisto, foi porém um desengano e alguns annos após, em 1530, apparecia em Sevilha, inteiramente desarvorado.

Dom João III, que se tinha como senhor indiscutivel daquellas regiões, ao ter noticia dessas tetativas dos castelhanos para se estabelecerem no rio da Prata, tratou de organizar uma armada, que fôsse firmar definitivamente aquelle dominio para a sua corôa e confiou o commando da mesma a Martim Affonso de Sousa.

Essa resolução alarmou a rainha Izabel de Espanha, que se deu pressa em escrever ao seu embaixador em Portugal, Furtado de Mendonça, avisando-o de que o monarcha portuguez mandára chamar de Sevilha a Gonçalo da Costa, piloto que estivéra largo tempo em São Vicente, afim de lhe pedir informes sobre a costa do ouro e da prata, offerecendo-lhe um posto na missão de Martim Affonso.

Noutra carta recommendava-lhe ouvir sobre tal assumpto a Henrique Montes e certo Pedro de Campos, morador em Vianna, os quaes igualmente haviam estado longamente no litoral meridional do Brasil e no rio da Prata.

Dessas averiguações, adquirira a rainha a convicção de que aquella esquadra obedecia a tres finalidades:

desalojar os francezes encontrados naquella costa, fortificar os portos com artilharia e entrar desde São Vicente pela terra dentro, para attingir por essa via o rio da Prata. E, não obstante os seus protestos, d. João III levou a termo o seu intento.

E' sabido que Martim Affonso de Sousa trouxe na sua armada a Henrique Montes e que ao chegar á Cananéa, alli encontrou o mesmo bacharel portuguez, que alguns annos antes havia acolhido a expedição de Diogo Garcia, em São Vicente. Viviam alli com elle, Francisco de Chaves, que alguns autores dizem ter sido companheiro de Aleixo Garcia e seis castelhanos mais, genros do referido bacharel.

Excepção deste ultimo, que era um degradado, taes moradores de Cananéa poderiam ser derelictos de Solis, ou desertores de Loaisa, ou abandonados de Caboto. O facto é que em 1531, permaneciam nessa costa, europeus oriundos das primeiras armadas ao Atlantico sul e o mais natural é que se agrupassem para defesa commum contra o aborigene e assim se encontravam esses de Cananéa, os de São Vicente e os do porto dos Patos.

Francisco de Chaves tornára-se perito na lingua dos nativos e grande conhecedor da penetração do paiz. Assegurou a Martim Affonso de Sousa conhecer a trilha indigena que desse litoral levava ao valle do rio Paraguay. Affirmou ainda que dalli poderia regressar com quatrocentos escravos carregados de ouro. Não vacillou por isso Martim Affonso, em confiar-lhe a missão de nortear até o rio almejado, oitenta soldados com-

mandados por Pero Lobo, capitão do galeão "São Vicente".

Alguns escriptores accrescentam a esse primeiro cabo de entrada vicentina, o appellido de Pinheiro e, a ser exacto, seria elle filho solteiro de Francisco Pinheiro Lobo, bastardo de d. Alvaro Pires Pinheiro, primeiro senhor do morgado de Pouves e alcaide-mór de Barcellos. A sua bandeira internou-se pelo sertão, ao primeiro dia de setembro de 1531.

Constitúe facto conhecido que os indios, nas suas migrações ou simples relações de aldeia para aldeia, haviam rendilhado o territorio todo de caminhos, alguns datando de épocas immemoriaes e muitos delles chegando a ser aproveitados para estradas até aos nossos tempos. Taes caminhos eram denominados apés e talvez o mais antigo delles, oriundo das migrações para o litoral atlantico das gerações do valle do Paraguay, vem descripto por Theodoro Sampaio.

Partindo das margens do rio Paraná, vinha ter ás cabeceiras do rio Tibagy, onde se tripartia. Um ramo buscava o sul, passando pelos campos de Curityba, em direcção á Santa Catharina. Outro entranhava-se pelas mattas do Assunguy e ia ter á Cananéa. E o terceiro, finalmente, tomava para nordeste, pelos campos que levavam á Piratininga.

Trilhando o primeiro destes galhos, Aleixo Garcia attingira as regiões dos Charcas. Seguindo pelo segundo, Pero Lobo, guiado por Francisco de Chaves, pereceu

com toda sua tropa, num assalto dos selvicolas, na foz do rio Iguassú.

São conhecidos os factos posteriores á partida de Martim Affonso de Sousa de Cananéa e attinentes ao desempenho da sua missão no rio da Prata. De retorno dessa região, arribou á ilha de São Vicente, aos 22 de janeiro de 1532. Ahi já existia, desde antes de Caboto, um pequeno povoado de dez ou doze casas, uma das quaes inteiramente de pedra, com uma torre, para defesa contra o gentio.

Europeus que ahi havia permanecido, ou que ahi ainda se encontravam, naufragos, degradados ou simples aventureiros, teriam sido João Ramalho, que remontára a serra maritima e se fixára na bórda dos campos, Antonio Rodrigues, que demorava no espraiado de Tumiarú e no povoado, Gonçalo da Costa, Fernando Mallo, Francisco de Rojas e uns poucos mais.

Ahi fundou Martim Affonso de Sousa a primeira colonia portugueza da America meridional, consagrando-lhe a primitiva denominação de São Vicente e, transpondo depois a serra de Paranapiacaba, seguindo o caminho velho ou Piassaguéra, elevou outra, em outubro de 1532, nove leguas pelo interior, nos campos de Piratininga, dando-lhe este nome.

Capistrano de Abreu commenta que d. João III, ao fazer a divisão do Brasil em capitanias, parou em Laguna, sem tocar o rio da Prata. Talvez Martim Affonso de Sousa collocasse mais a oriente o meridiano das Tordesilhas ou talvez não lhe desse importancia, como

porta para as famosas riquezas. Dos infórmes que seguramente colhêra, resultava que estariam além do rio e mais ao norte. Procuradas directamente atravez do sertão, encurtar-se-ia a distancia. Certamente por isto ou porque já encontrou occupado o litoral e o interior, fundou as duas villas mencionadas.

O estabelecimento da colonização portugueza inicial na costa vicentina fôra feito pelo denominado bacharel de Cananéa, o qual vem citado na carta de confirmação de sesmaria, mandada passar na villa de São Vicente, pelo capitão-mór Antonio de Oliveira, a Pedro Corrêa, aos 25 de maio de 1542, onde se lê: — "faço saber aos que esta minha carta de confirmação virem, como por Pedro Corrêa, morador nesta villa de São Vicente, me foi feita uma petição em que diz que por Gonçalo Monteiro, que aqui foi capitão lhe foram dadas umas terras da outra banda desta villa, que é o porto das náos, terra que era dada a um mestre Cosme, bacharel, etc. —"

Esse pois devêra ser o nome do bacharel encontrado por Diogo Garcia, em 1527, em São Vicente e por Martim Affonso de Sousa, em 1531, em Cananéa. Ruy Diaz de Gusman diz que esse bacharel se chamava Duarte Perez e fôra desterrado a mandado de d. Manuel I.

Capistrano de Abreu conta que, em 1540, um anonymo espanhol escrevia que a ilha de Cananéa e a terra firme fronteira foram povoadas por um bacharel que alli estabelecera pomares, construira casas e depois tudo abandonára, retirando-se mais para o sul, porque os

moradores de São Vicente intentaram obrigal-o a prestar-lhes obediencia.

E' evidente que esse anonymo se refére ao facto de Ruy Garcia de Mosquera e outros europeus, escapos ao massacre do fortim do Espirito-Santo, unidos ao bacharel, haverem tomado posse da actual região iguapense em nome da corôa de Castella, o que lhes valêra uma guerrilha dos portuguezes de São Vicente, capitaneados por Pero de Góes da Silveira, em 1534.

Ruy Diaz de Gusman narra miudamente tal facto, colhido da tradição espanhola. Da documentação portugueza, vemos que as terras do porto das náos, em São Vicente, foram doadas por Martim Affonso de Sousa a esse bacharel, que alli tambem construio muitas bemfeitorias. Com a sua retirada para o sul do continente, acompanhando aos espanhóes de Mosquera, essas terras se encontravam devolutas e foram assim doadas novamente, desta vez a Pedro Corrêa e pelo capitão-mór Gonçalo Monteiro.

Escriptores nacionaes têm estabelecido muitas conjecturas sobre esse primeiro europeu fixado na costa vicentina. O certo é que com seus genros, entre os quaes Gonçalo da Costa, foi dos primeiros a traficar escravos indios nessa região. E como seu primeiro habitante branco, não quiz sujeitar-se ao dominio dos novos fundadores de São Vicente, preferindo abandonar todos seus haveres duramente adquiridos, indo terminar seus dias em terra longinqua.

O primeiro occupante branco do interior vicentino, tambem não quiz demorar sob a jurisdicção dos néo-povoadores. Foi elle João Ramalho e parece ter sido um naufrago das primeiras armadas, já tendo merecido numerosas e eruditas monographias. Pedro Taques, que sobre elle escreveu as maiores contradicções da sua "Nobiliarchia", assegura que Martim Affonso de Sousa lhe concedêra uma sesmaria na ilha de Guaibe. Em 1580, o capitão-mór Jeronymo Leitão fazia referencias ás terras doadas a João Ramalho e seus filhos, que limitavam com as dos indios da aldeia de Ururay, ao longo do rio desse nome e que iam até onde então se denominava Jaguaporébaba.

Nesses limites, na borda do campo, que era o limiar dos sertões ainda desconhecidos, havia João Ramalho se estabelecido, erguendo uma ermida sob a invocação de Santo André, que em 1553 o governador-geral Thomé de Sousa elevou á cathegoria de villa.

Ahi viveu maritalmente com uma filha do cacique Tibyriçá, da aldeia de Piratininga, por uns chamada Izabel e por outros Bartira e della teve numerósa prole mameluca. Foi homem muito venerado entre o gentio e suas filhas casaram-se com principaes da capitania.

Os jesuitas não apreciavam a João Ramalho. Thomé de Sousa o conheceu pessoalmente e em carta a El-Rei, mencionou que era natural do termo de Coimbra. O padre Manuel da Nobrega, tambem em carta datada de 1553, dirigida á Luiz Gonçalves Camara, referiu que João Ramalho sahira do reino havia uns quarenta annos,

alli deixando sua legitima esposa e que era parente do padre Paiva.

Na villa de Santo André, exerceu os cargos de capitão, alcaide-mór e vereador, entre 1553 e 1558. Em 1560, por ordem do governador-geral Men de Sá e devido á representação dos seus moradores, applaudida pelos jesuitas, o fôro dessa villa passou para a casa dos padres de São Paulo de Piratininga.

Ainda em 1562, por occasião do assalto dessa povoação pelos tamoyos confederados, João Ramalho ahi permanecia e foi eleito capitão, para que a defendesse com sua rude e velha experiencia. Terminado, porem, o mandato, remoendo-lhe o eclipse da sua antiga soberania naquellas paragens, resolveu exilar-se para o valle do Parahyba, fixando-se entre os tupyniquins contrarios. Em 1564 excusou acceitar o cargo de vereador da villa, allegando passar dos setenta annos e se sentir bem, no seu voluntario degredo.

Alguns historiadores, tirando illações duma carta do padre Balthazar Fernandes, datada de 1568, querem que João Ramalho tenha fallecido em meio desses indigenas, pouco depois dessa data.

Frei Gaspar da Madre de Deus e com elle outros, com mais acerto, asseguram que João Ramalho fez testamento em Piratininga, em 1582 e falleceu pouco depois desse anno, provavelmente aconchegado aos seus descendentes mais proximos.

Um manuscripto da Bibliotheca Nacional, intitulado "Papeis relativos ao casamento do desembargador Ma-

nuel Pereira Ramos de Azeredo Coutinho Ramalho", menciona que João Ramalho descendia dos Ramalhos da comarca de Vouzella, na Beira, citando como fonte desta asserção, o "Testamento de João Ramalho, no livro de notas de 1580, pagina 10, no Cartorio Primeiro de Notas de São Paulo", e o "Inventario e testamento de Catharina Ramalho", que se encontrava no segundo cartorio da mesma cidade.

Tal manuscripto é attribuido ao conde de Arganil e aqui consignamos esta referencia a titulo de curiosidade.

II

OS CAPITÃES DA GUERRA

A localisação dos aborigenes no antigo territorio vicentino é ponto apenas conjectural. Baste citar que encravados entre tupynambás, tupyniquins e carijós, no litoral e pelo interior, ficavam goyanás, ururays, guarulhos, gualachos, miramomins, todos duma só nação, repellida lentamente pelos primeiros, pertencentes á lingua geral.

Os moradores da capitania davam ò nome de tamoyos e tabayaras, aos tupynambás do Rio de Janeiro e seu reconcavo, onde tambem se encontravam tupyniquins e maracayás. Os tupyniquins ahi localisados eram inimigos dos portuguezes, tanto quanto os tamoyos e costumavam tambem penetrar o valle do rio Parahyba, até as cercanias de Piratininga.

No valle do rio Tietê, havia igualmente tupyniquins contrarios aos portuguezes e que se correspondiam com seus similares e com os tamoyos do Parahyba. Os goyanás assistiam tambem na Ilha Grande e, pelo caminho da serra do Facão, iam ao alto Parahyba e ás serras dos cataguás.

Aos guaranys davam os moradores vicentinos o nome de carijós e, como observou Azevedo Marques, muitas vezes o de tupyniquins, quando appareciam pelo valle do rio Tietê, confundindo raças.

Estes simples esclarecimentos mostram ser tarefa impraticavel a classificação ou a distribuição topographica, em tal assumpto, no territorio occupado pela donataria.

Os europeus que desde os primeiros annos do descobrimento conviveram com esses nativos, para as necessidades de fixação, estabeleceram a principio o escambo ou resgate dos escravos dos indios ou dos prisioneiros de guerra e, gradativamente, transformaram tal proceder num trafico de escravatura.

Para isto, estabeleceram no litoral dous postos — o de Tumiarú, no primitivo povoado de São Vicente, tendo á frente Antonio Rodrigues e o de Cananéa, sob o predominio do bacharel.

João Ramalho, no seu aldeiamento de Santo André, com seus muitos descendentes mamelucos, erigiu-se no principal abastecedor desses entrepositos.

Com a fundação das villas de São Vicente e de Piratininga, tal commercio, legalisado, tornou-se o attractivo quasi exclusivo da conquista. Appareceram então os mercadores de nativos em larga escala, como Pedro Corrêa e Paschoal Fernandes, este ultimo chegando a ter um navio empregado nesse mistér, com carreira para Jurumirim, angustura da ilha de Santa Catharina e Viaçá, que comprehendia a costa dessa região (1548).

João Sanches, de Biscaia, piloto da armada de Sanabria, relatava em 1550, a esse proposito, que toda costa desde São Francisco do Sul até Laguna, estava despovoada de indigenas, devido aos frequentes saltos dos portuguezes, com seus amigos tupyniquins.

Ruy Diaz de Gusman, na sua "Argentina", conta que em 1554 o capitão Garcia Rodrigues de Vergára, dirigia-se ao Guayrá, a mandado de Irala, para assentar uma "povoação que provesse aos grandes damnos e assaltos que os portuguezes faziam por aquella parte nos indios carijós da provincia, levando-os presos e captivos sem justificação alguma de guerra a vendel-os como escravos".

Note-se a extensão territorial de taes entradas, já no meiado do seculo XVI, por parte dos vicentinos: pela costa, attingiam Laguna; pelo interior, iam á região do Guayrá.

Um documento do Archivo das Indias, em Sevilha, publicado por Luiz Rubio y Moreno, dá uma relação dos chefes de entradas, a maioria escravagistas, ao Guayrá, sahidos de São Vicente, nas immediações da época a que nos referimos e que é a seguinte: Scipião de Góes, Vicente de Góes, Manuel Fernandes, Affonso Farinha, Diogo Dias, Marcos Fernandes, Christovam Caldeireiro, sevilhano, Pedro Corrêa, Fulano Araujo, Matheus Fernandes, Pedro Collaço, Domingos Vaz, piloto, João Pires Gago e Gaspar Fernandes.

Ainda uma carta, escripta por João de Salazar, em Santos, a 30 de junho de 1553, revelava mais que um

sobrinho do capitão-mór Antonio de Oliveira, havia adquirido em Assumpção trinta e dois indios guaranys, a troco de ferro, para vendel-os nas capitanias do norte, bem como um portuguez de nome Francisco Vidal, que comprára vinte, mesmo sem chegar á referida cidade.

E' ber de vêr que esses descimentos e a consequente luta com os indigenas do sertão, obedecendo a designios vitaes da colonia, foram sempre augmentando. Men de Sá, ordenando a extincção de Santo André, teve em mira concentrar os brancos de modo a offerecerem melhor resistencia aos ataques do gentio enraivecido. Fazendo tambem Braz Cubas penetrar o interior em busca de ouro e prata, não quiz se eximir duma terceira providencia que viria coroar as medidas de bôa politica executadas na capitania.

Haviam os tamoyos começado por hostilizar as villas do litoral. Emquanto a luta permaneceu nesse circulo, os colonos mantiveram-se na defensiva, apoiados em seus fortes costeiros. Com a transmutação porem em villa da casa jesuitica de São Paulo, fixada na "porta e caminho dos sertões", era mistér transfigurar em envestida, esse simples acautelamento da marinha.

Ordenou por isso Men de Sá uma acção contra esses indigenas que assediavam a villa sertaneja e que baixavam do valle do rio Parahyba varando as gargantas serranas. Como principal dessa expedição foi Jorge Moreira, natural do Porto e que veio para a capitania em 1545, tendo aqui se casado com Izabel Velho. Exerceu cargos na camara de Santo André, em 1557, tendo sido

um dos promotores da mudança do fôro dessa villa para casa dos padres de Piratininga, em 1560.

Pormenores da sua expedição se encontram numa extensa carta que dirigiu á rainha d. Catharina e datada de 10 de maio de 1561. Nesse documento expõe que, após haverem reunido todos indios amigos os colonos da marinha não acudiram, enviando apenas alguns mamelucos. Os nativos ameaçaram então tornar ás suas aldeias, caso os brancos tambem não fossem á guerra. Determinaram assim os de Piratininga ir todos, sommando tão sómente trinta. Com elles, seguiriam outros tantos de seus mamelucos. A expedição ganhou o Tietê até certa altura e depois, varando por terra as canôas, attingiu o campo dos inimigos.

Estes, scientes da arremettida "se haviam feito tão fortes que era cousa de espanto. Haviam ajuntado na fronteira a mais escolhida gente que havia, porque tinham muitas casas fortes com quatro cercas muito fortes ao redor, a maneira de muros, como se fossem brancos. E junto com isto, muitos arcabuzes e polvora e espadas que lhes dão os francezes. Mas Nosso Senhor por sua misericordia nos deu victoria e as cercas foram entradas e elles todos mortos e presos sem escapar mais que um só que poude fugir, mas custou-nos matarem-nos dous moradores e um dos mancebos da terra. E quasi todos viémos feridos e frechados e dos nossos indios alguns mortos, do qual feito assim contrarios como nossos indios ficaram muito espantados. Esperamos em Nosso Senhor que seja isto principio para esta terra segurar e o gentio se sujeitar."

Uma carta do padre José de Anchieta fixa para data desse feito, 4 de abril de 1561.

Mas os tamoyos não davam treguas aos brancos e a realidade da acção contra elles veio sómente ao tempo do governador da repartição do sul, Antonio Salema e firmada na energia destemerosa do capitão-mór Jeronymo Leitão.

Esse fidalgo da casa real portugueza era casado na capitania com Ignez Castellão, filha de Diogo Gonçalves Castellão e foi provido pelo segundo donatario Pedro Lopes de Sousa para o cargo de seu loco-tenente em São Vicente, tendo substituido a Jorge Ferreira em fins de 1571 e governando ininterruptamente cerca de vinte annos, até 30 de março de 1592, em que assumiu a jurisdicção Jorge Corrêa. Pelo espaço de tempo que agiu na capitania, no periodo incipiente da formação, vê-se que ahi foi dos mais notaveis dos delegados do donatario. Distinguiu-se principalmente por suas iniciativas sertanejas e foi talvez o mais activo guerrilheiro de indios do seculo XVI, na região vicentina.

Onde em primeiro apparece a figura varonil desse capitão da guerra, é como auxiliar da refréga definitiva contra os tamoyos, no Rio de Janeiro.

"— Ainda no tempo de Antonio Salema, escreve o padre José de Anchieta, estavam de pé os tamoyos do Cabo-Frio, grande acolheita dos francezes, donde vinham fazer saltos dentro do mesmo Rio de Janeiro, pelo que determinou de lhes dar guerra e assim com o favor da capitania de São Vicente, da qual veio o capitão Jero-

nymo Leitão, com a maior parte dos portuguezes e indios christãos e gentios e com esta ajuda commetteu a empresa e acabou de destruir toda nação dos tamoyos, que ainda estava soberba e forte, com muitas armas dos francezes, espadas, adagas, montantes, arcabuzes e tiros grossos, sem lhe ficar aldeia que não sujeitasse até a ilha de Sant'Anna, que é o cabo dellas, que são trinta leguas do Rio de Janeiro. Muitos indios matou na primeira aldeia que era mui forte e depois disto se lhes entregaram os outros quasi sem guerra, a muitos dos quaes fez escravos, outros deu liberdade, os quaes se ajuntaram na aldeia dos indios christãos que eram dantes seus amigos e se baptisaram. Com esta nova vieram alguns tamoyos do sertão, moradores no rio Parahyba, a lhe pedir pazes".

A bandeira de Antonio Salema contava cerca de mil e cem praças levantadas nas tres capitanias meridionaes, dentre as quaes, quatrocentos brancos e setecentos indios. Partiu do Rio de Janeiro a 27 de agosto de 1575 e um mez após tomava a aldeia principal, que tinha como chefe a Japú-guassú. Tres francezes e um inglez, que ahi animavam os combatentes, mandou Salema enforcar. Capistrano de Abreu narra que foram mortos mais de dois mil tamoyos, ficando quatro mil prisioneiros.

Dos moradores da capitania que acompanharam a Jeronymo Leitão a essa guerra, sabemos de Amador de Medeiros, Antonio de Mariz, Antonio de Proença, Braz

Cubas, Domingos Luiz Grou, o velho, Domingos Rodrigues, o velho, João de Abreu e José Adorno.

Exterminados a bem dizer os tamoyos, a attenção de Jeronymo Leitão se voltou para o valle do Tietê, onde se localisavam tupyniquins e carijós inimigos. Dahi estendeu suas jornadas rumo sudoeste, transpondo o rio Paranapanema e indo até a antiga região do Guayrá, donde desceu as primeiras lévas de nativos em 1581.

Não obstante taes diligencias, eram-lhe frequentes as representações dos moradores vicentinos para outros descimentos e por mais de uma vez foi esse capitão-mór ameaçado de ser accusado de inerte, junto ao governo central. Uma dessas representações, foi feita a 10 de abril de 1585, pelos pricipaes de São Vicente e de Santos e visando uma guerra aos carijós. As razões allegadas eram pueris, uma vez que serviam apenas para encobrir o verdadeiro motivo que era o commercio indigena.

Requeriam que a guerra se fizesse por mar, porque pelo sertão não era possivel o transporte de todo o necessario. Firmavam ainda, e esse o ponto essencial, que todos os indios aprisionados fossem repartidos pelas praças da bandeira, porque a capitania estava falta de braços para o trabalho.

Dous mezes após, tomando conhecimento dessa solicitação, o capitão-mór decidiu, em junta reunida na capella de São Jorge, no engenho dos Erasmos, que a acção se extendesse tambem aos tupynaes, que se buscasse outro meio de apresamento que não a guerra e que

tomassem tambem parte da diligencia os moradores da villa de São Paulo.

Concordando estes ultimos, os documentos correlativos foram assignados pelo capitão-mór e os representantes das tres villas, que sommaram trinta e seis potentados do tempo.

Partindo de Santos em meiados de novembro de 1585, a expedição velejou para Paranaguá, onde aportou. Desse ponto do litoral, escreve Benedicto Calixto, havia os apés para as terras dos carijós, passando por Curityba, Umbotuva, em direcção aos cursos do Tibagy, Cinzas e Paranapanema, ou ainda, do lado opposto, do Iguassú e seus tributarios. Assim a bandeira alli andou cerca de oito mezes, volvendo á capitania em julho do anno seguinte, com numerosa presa.

Dous annos após ordenava Jeronymo Leitão, novamente, entradas contra o gentio tupynae e tupyniquim. O escolhido para cabo foi o mameluco Domingos Luiz Grou, o moço, que conseguio descel-os em bôa paz. As necessidades obrigaram porem esse valente sertanejo a investir de prompto contra o gentio de Mogy, "pelo rio abaixo de Anhemby, junto a outro rio de Jaguary", tendo soffrido grande revez e ficando a bandeira inteiramente desbaratada na barra do rio Parnahyba.

Era uma léva de cerca de cincoenta homens brancos e muitos indios christianisados e na qual tambem figurava Antonio de Macedo, filho de João Ramalho, que ia como immediato de Domingos Luiz Grou, o moço, ambos perecendo no embate. O ultimo citado provinha pelo la-

do paterno da nobre familia dos Eanes Grou, de Portugal e pelo lado materno de uma filha do cacique de Carapucuhyba, junto a M'boy.

Ao receber noticia dessa derrota, os moradores de São Paulo apressaram-se em pedir providencias ao capitão-mór Jeronymo Leitão, o qual ordenou um reconhecimento prévio do entorno e em junho de 1590 houve por esse motivo uma escaramuça em Pirapitinguy, chefiada por Francisco Preto e Balthazar Gonçalves.

O loco-tenente do donatario ordenou então que se formasse uma bandeira, toda munida de armas de algodão e pondo-se á frente da tropa, penetrou o valle do Tietê, em agosto do mesmo anno, tendo como seus immediatos, Antonio de Saavedra, Diogo de Unhate e Fernão Dias. Nos ultimos dias de dezembro, regressava com muitos tupyniquins feitos prisioneiros.

Mesmo assim os paulistas não se julgaram seguros contra os aborigenes surgidos dos fundos sertões em que os tinha ido despertar o destemeroso Jeronymo Leitão. Representaram por isso em outubro de 1591, sobre a necessidade da guerra de exterminio aos carijós, tupynaes e tupyniquins, á vista dos damnos que os mesmos continuavam fazendo á capitania e já estavam iniciados os preparativos para uma nova entrada, quando Jeronymo Leitão deixou o cargo, substituido por Jorge Corrêa, a 30 de março de 1592.

E si puzermos de lado as cinco pequenas investidas, com as mesmas directrizes, orientadas por este ultimo loco-tenente e commandadas uma pessoalmente e as ou-

tras respectivamente por Affonso Sardinha, o velho, Diogo Fernandes, Manuel Soeiro e Antonio Raposo, o velho, resaltaria que Jeronymo Leitão rematou assim, difinitivamente, no territorio da capitania, a segurança das vias capitaes da penetração paulista no seculo que espontava: o Tietê e o Parahyba.

No termo da villa de São Vicente possuiu elle um engenho de assucar e, durante algum tempo, administrou o da Madre de Deus, propriedade do seu irmão Domingos Leitão, marido de Cecilia de Góes e como procurador deste, o vendeu em 1588 a Diogo Rodrigues e certo adeantado. Assegura Rio Branco que esse capitão-mór com suas bandeiras, destruiu a maioria das trezentas aldeias tupyniquins do valle do rio Tietê e cuja população seria de trinta mil almas. Possuia grande numero de indios escravisados, que empregava na lavoura de canna e na incipiente mineração de ouro do Jaraguá, de sociedade com o provedor da fazenda, Braz Cubas.

Para ideia do numero de escravos sob seu poder, baste lembrar que em 1594, para prender a seu genro de nome Antonio do Valle, accusado de bigamia, empregou quinhentos delles, fazendo-o desse modo escoltar até o Rio de Janeiro.

Não encontramos si falleceu em São Vicente ou si embarcou para o reino, onde se achavam todos seus mais chegados parentes.

III

SONDAGENS DE MINAS

A conquista do indigena, desde esse final do seculo XVI, não constituia mais o movel exclusivo a carrear o colono vicentino para o interior da terra ignorada. Impelia-o igualmente a ambição da procura de minas, despertada pelo encanto das lendas sertanejas.

Na donataria, o primeiro que dellas deu noticia, foi o biscainho João Sanches, piloto da malaventurada expedição de Diogo de Sanabria que, em 1550, referia que em toda a comarca de São Vicente, "e na parte donde nós outros povoamos, os portuguezes encontraram muitas minas de prata mui ricas, e isto digo porque na minha presença fizeram muitas fundições, as quaes todas enviam ao rei de Portugal para que logo mande povoar toda a costa. Por isso propuz vir dar disto aviso a Sua Majestade, porque pretendem os portuguezes ser toda a costa sua até a boca do rio da Prata e, se isto acontecer, será grande perda para Sua Magestade".

Embóra fantasiosa essa noticia do nauta, o facto é que a transmittiram a d. João III, que não tardou re-

ceber confirmação da descoberta de metaes em São Vicente, pelas cartas dos jesuitas, em 1552. Doutro lado, o embaixador espanhol Luiz Sarmiento de Mendonça, avisava de Lisbôa, em novembro de 1553, a seus soberanos, que um mameluco havia descoberto minas de ouro e prata no sul do Brasil, attingindo por essa via o Perú, que dalli não ficava mui distante.

As providencias da Metropole não se fizeram esperar, pois o governador-geral d. Duarte da Costa, em regimento de 8 de janeiro de 1556, dado ao capitão-mór de São Vicente, determinava: — "não consentireis que nenhum portuguez nem castelhano vão pelo campo para o Paraguay, nem outra alguma povoação dos castelhanos e se fôr caso que algum castelhano venha por terra dalguma de suas povoações a esta capitania, vós o fareis logo embarcar no primeiro navio que dahi fôr para qualquer parte, ainda que seja para estas capitanias do Brasil e ás pessôas que forem pelo campo avisareis e mandareis com todas as penas que vos parecerem necessarias, que não façam fundição nenhuma de nenhum metal até vos não vir recado de Sua Alteza ou vos eu mandar o que haveis de fazer nisso e tereis toda vigilancia necessaria e se fôr caso que se ache alguma cousa de pedraria ou ouro ou outra cousa nova, que pareça necessario mandar-se a Sua Alteza, vós m'a mandareis logo a esta Bahia com muita presteza e não me achando aqui se dará recado a quem eu deixar em meu lugar."

Não satisfeito com isto, mandava o governo portuguez, em 1559, um mineiro pratico para examinar as mi-

nas da região vicentina. Foi esse Luiz Martins, que veio com ordens de se apresentar a Men de Sá e receber delle instrucções.

Esse governador-geral havia terminado a luta com os francezes do Rio de Janeiro e dalli viéra a São Vicente, escolhendo então para cabo da entrada nesse sentido ao fidalgo Braz Cubas. Este arregimentou uma léva a sua custa e conjunctamente com Luiz Martins, sahiu para o sertão em junho de 1560. Dizem alguns que alcançou o Pará-Mirim, querendo outros que tivesse atravessado o valle do Arassuahy e fosse alcançar o rio das Rãs, no interior bahiano. Limitando em absoluto esse circulo, Calogeras é de opinião que Braz Cubas não transpoz as fronteiras do nosso actual Estado, indo apenas até o municipio de Apiahy ou Paranapanema.

O certo é que o fidalgo assegurava numa carta a El-Rei, escripta de Santos em 25 de abril de 1562, que andára de jornada trezentas leguas e por respeito das aguas que se vinham, retrocedera, colhendo mesmo assim algumas amostras de metaes e pedrarias, que enviava á Côrte. Regressára dessa jornada bastante doente, mas desejando insistir na procura do ouro, fez com que Luiz Martins nesse mesmo anno, tornasse ao sertão e esse encontrou o precioso metal a poucas leguas de Santos. Alguns escrevem que esse descobrimento foi no Jaraguá e outros, na Cahatiba ou actual Bacaetava.

Dando em manifesto esse descoberto, foi Braz Cubas o primeiro minerador official do ouro em São Vicente, tendo ahi feito tentativas dessa natureza, associado ao

capitão-mór Jeronymo Leitão e, de uma carta escripta de Santos, em 1578, pelo inglez John Whithal, genro de José Adorno, vê-se que aguardava para isso mineiros do reino.

Braz Cubas foi das maiores figuras do nosso meio no seculo XVI e occupou em Santos, villa que fundou, todos cargos de destaque.

Senhor das terras de Mogy das Cruzes, onde em 1561 estabelecia uma fazenda, de documentos antigos se infére que a sua entrada, norteada pelos tupyniquins, devêra ter ganho o valle do rio Parahyba, internando-se nas Minas-Geraes.

Nos ultimos tempos de sua vida, além de outros, accumulou o cargo de alcaide-mór da capitania e veio a fallecer em Santos, sendo sepultado na capella-mór da primitiva igreja parochial, discutindo os historiadores si a inscripção da tosca lápide que lhe cobre os restos menciona como anno de seu passamento o de 1592 ou o de 1597.

O continuador dessas primeiras sondagens do ouro na capitania foi o mameluco Affonso Sardinha, o moço, que desde 1589 havia encontrado ferro no Araçoyaba e alli construira dous fornos catalães para o seu preparo. Batendo os sertões do entorno de São Paulo, em iniciativa propria, descobriu ouro de lavagem na serra da Mantiqueira, em Guarulhos, no Jaraguá e em São Roque. Em 1598, com muitos moradores de Piratininga, e mais de cem indios christianisados, penetrou o interior sempre com esse intento e asseguram alguns autores que attingiu

a região do Jeticahy, nas Minas-Geraes. Parecia assim já andar tacteando as cabeceiras do rio de São Francisco, onde eram collocadas as lendarias riquezas da Serra Resplandecente.

Com seu filho Pedro Sardinha, tambem grande sertanista, desenvolveu os trabalhos de mineração no Jaraguá, minas que ainda em 1636 eram exploradas com proveito pelo seu neto Gaspar Sardinha. Em 1601, como consta do regimento dado ao administrador Diogo Gonçalves Laço, o velho, d. Francisco de Sousa ordenava-lhe particularmente que numa expedição a se realizar, caso descobrisse "alguma cousa de novo, que fôsse de importancia", o avisasse immediatamente, mandando um proprio para esse fim.

Essa diligencia foi chefiada por Nicolau Barreto, tendo sahido no anno seguinte, com o fito declarado da descoberta de minas de prata e ouro e mais metaes. Entendemos que Affonso Sardinha, o moço pereceu nessa jornada, quando já de regresso, conforme já expuzemos algures.

Esse pesquisador de minas teve como constante companheiro a Clemente Alvares, mineiro pratico, morador em Santo Amaro e que até 1606 havia registado na camara de São Paulo cerca de quatorze locaes onde descobrira ouro.

Dando uma noticia condensada de todos esses descobrimentos, temos o escriptor hollandez, João de Laet, na sua obra "O Novo Mundo ou Descripção das Indias Occidentaes", cuja edição princeps é de 1625 e que co-

lheu os necessarios infórmes de Antonio Knivet e de Wilhelm Jostten Glimmer.

Assim, escreveu elle: "As minas de ouro que se descobriram nestes annos precedentes, na capitania de São Vicente, são: Santiago e Santa Cruz, nas montanhas de Paranapiacaba, a quatro ou cinco leguas do mar; Jaraguá, cerca de cinco leguas de São Paulo para o norte, e a dezesete ou dezoito leguas do mar; Serra dos Guaramumis ou Marumiminis, seis ou sete leguas de São Paulo, ao nordeste e a vinte ou pouco mais do mar; Nossa Senhora do Monserrate, dez ou doze leguas de São Paulo para o noroeste, onde se encontram pepitas que pezam ás vezes duas e tres onças; Buturunda ou Ibitiruna, a duas leguas da precedente, para o oeste; Ponta da Cahativa, a trinta leguas de São Paulo para o sudoeste. Quasi trinta leguas da mesma villa de São Paulo para o sudoeste, ficam as montanhas de Berusucaba ou Ibiraçoiaba, abundantes em veios de ferro, não lhes faltando tambem veios de ouro, que os selvagens cananéas tem por costume extrahir".

Na obra de Piso e Marcgraff em que collaborou, João de Laet ainda menciona os "montes de Sabaroason", dos quaes cerca de 1598, um mameluco extrahiu amostra dum metal de côr azul escura, salpicado de uns granulos côr de ouro, que levou á d. Francisco de Sousa, na Bahia, varando o sertão e que foi causa da vinda nesse mesmo anno á capitania de São Vicente, daquelle notavel representante do governo espanhol.

IV

DOM FRANCISCO DE SOUSA

E' sem duvida uma das mais bellas figuras da nossa historia priméva, essa de d. Francisco de Sousa, setimo governador geral do Brasil.

Como transparece da exposição anterior, o seu apparecimento se deu, precisamente quando o colono serenava na occupação do litoral e começava tactear a penetração do interior, no enlevo dos rumores de minas. No sul principalmente, favorecido por varias circumstancias, era irrefreavel essa sua anciedade pelas entradas — e já nesse occaso quinhentista, tendo como centro a villa de São Paulo de Piratininga, havia escarvoado tres grandes caminhos, que a acção ulterior de d. Francisco de Sousa transmudou em tres das directrizes maximas do seu expansionismo no seculo sequente.

Dom Francisco de Sousa era filho de d. Pedro de Sousa, conde do Prado e Beringel e alcaide-mór de Beja e de d. Violante Henriques, filha de Simão Freire de Andrade, senhor de Bobadela. Delle escreveu frei d. Jeronymo de Sousa: "Foi almirante da armada com

que o rei d. Sebastião passou á Africa e de que era general seu tio d. Diogo de Sousa; foi depois governador do Brasil por duas vezes e da segunda vez, foi com promessa do titulo de marquez das Minas, que naquelle tempo se havia descoberto na capitania de São Vicente, com o encargo de assistir nas mesmas e fazel-as beneficiar; porém como o effeito não correspondeu á esperança, não teve o titulo e morreu na mesma capitania muito pobre, porque havia governado bem. Foi cavalleiro de muitas prendas, grande soldado, grandemente liberal e cortezão; foi commendador de Santo André de Ursilhão, na Ordem de Christo. Casou duas vezes, a primeira com d. Leonor de Menezes ou Castro, filha de d. Rodrigo de Castro, o "Hombrinhos", capitão de Çafim, alcaide-mór e commendador de Zéa e de d. Anna de Eça, sua segunda mulher, filha de d. Estevam de Castro e de sua mulher d. Felippa de Eça. Outros dizem que d. Leonor era filha de d. Rodrigo de Castro e de sua primeira mulher d. Joanna de Britto. Dom Rodrigo de Castro, o "Hombrinhos", foi irmão de d. Leonor de Castro, quarta duqueza de Gandia, mulher do duque de São Francisco de Borja, filhos ambos de d. Alvaro de Castro, senhor do morgado do Torrão e de d. Izabel de Mello, filha de Nuno Barreto, senhor da Quarteira e alcaide-mór de Faro. Teve d. Francisco de Sousa deste seu primeiro casamento os filhos seguintes: Dom Antonio de Sousa, que continuou a successão; dom João de Sousa, religioso de Santo Agostinho e dona Angela, abbadessa de Santa Clara de Beja. Segunda vez casou d. Francisco de

Sousa com d. Violante de Mendonça Henriques, sua sobrinha, filha de Jorge Furtado de Mendonça e de sua mulher d. Mecia Henriques, da qual teve os seguintes filhos: Dom Luiz de Sousa, que casou no Brasil com d. Catharina Barreto, filha de João Paes Barreto, de Pernambuco de quem trata o Agiologio Lusitano, a 21 de maio e tiveram tres filhos e duas filhas e somente houve successão de d. João de Sousa, seu terceiro filho, que foi mestre de campo de Pernambuco, onde casou com sua prima irmã, filha de seu tio Felippe Paes Barreto e de d. Beatriz de Albuquerque; dona Margarida, primeira mulher de Luiz de Castro do Rio, sem successão; dona Mecia, religiosa do convento da Madre de Deus, em Lisbôa. Fóra do casamento teve d. Francisco de Sousa a frei Luiz de Sousa, da Ordem de São Benito".

Residindo na côrte de Felippe II, que desde d. Diogo de Sousa, seu conselheiro, era sobremodo affeiçoado á casa dos condes do Prado, d. Francisco de Sousa tornára-se alli um palaciano prestigioso.

Foi nessa occasião que teve a approximação de Gabriel Soares de Sousa, senhor de engenho na Bahia e um dos deslumbrados pela legenda do Sol da Terra, a montanha resplandecente, alteada pelos tupyniquins nas nascentes do grande rio de São Francisco. Herdeiro de um aranzel que indicava o itinerario para se attingir tamanha maravilha, o colono bahiano andava desde annos na Metropole, offerecendo a El-Rei tal descobrimento, mediante mercês e privilegios.

Seis annos aguardou decisão aos seus requerimen-

tos, até que por fim, escudado pelo marquez de Castello-Rodrigo, conseguio-lhes deferimento, para o caso de exito, numa promettida jornada.

Mas ao mesmo tempo que satisfazia ao senhor de engenho, Felippe II de Espanha, deliberava valer-se dessa opportunidade para, pondo termo ao sonho dispendioso das minas de Monomotapa, experimentar officialmente as possibilidades das riquezas mineraes do Brasil.

Desse modo, ordenou a transferecnia do apparelhamento administrativo daquellas minas para a Bahia e como seu representante alli, escolheu a d. Francisco de Sousa, que sabia se achar empolgado pelas miragens do colono brasileiro. Tinha fé que esse seu cortezão havia de ser não sómente um vigia fiel da diligencia assegurada, como tambem em caso de realidade de minas, um timoneiro seguro no proseguimento de taes empresas, na nova colonia que lhe adviéra ao dominio.

Mixto de soldado e de grão-senhor, já de idade madura e de animo decidido, polido e culto, facilmente adaptavel a toda convivencia e a todos os meios, sabendo além disso valer-se como poucos desses recursos pessoaes, o que lhe grangeára o cognome de "manhoso", d. Francisco de Sousa soube transladar da côrte comsigo um grupo de escól, com representantes de todas as camadas sociaes da época, formando a comitiva mais douta, mais operosa e mais luzida, que já vira a colonia nascente.

E' bem de ver-se que poude desse modo realizar obra consideravel de administração. A face porem em

que propriamente se notabilizou, aquella que lhe valeu como que uma aureola de legenda foi justamente a prevista pelo astuto monarcha castelhano.

Dom Francisco de Sousa foi um convicto das riquezas mineraes do Brasil e um obstinado na sua pesquisa. Com tal certeza que nenhuma desillusão conseguio abalar, foi o promotor e o methodisador dos vehiculos que posteriormente crearam, quasi por completo, a nossa hodierna feição geographica.

Antes desse delegado régio eram as entradas ao léo, os bandos desordenados dos aventureiros ou da gente de guerra. Na sua regencia, as levas disciplinadas, com divisões militares, com ouvidores do campo, escrivães partidores, capellães e roteiros preestabelecidos.

Assim é que arribando á Bahia, a 9 de junho de 1591, o seu primeiro cuidado foi animar a Gabriel Soares de Sousa que, tendo soffrido a perda de seus preparativos com o desbarato da urca "Abrahão", nas costas de Sergipe, alcançára aquella cidade por terra. A sua jornada passou desse modo a ser uma organização de d. Francisco de Sousa e della adveio a constituição posterior das bandeiras paulistas.

E' sabido o fracasso dessa expedição, pela morte do cabo, nas nascentes do rio Paraguassú. A fantasia que elle demandava, fôra creada pelo provedor Felippe de Guillen que, em 1550, escrevia ao Rei, dando conta de que fôra a Porto Seguro, se certificar de que por alli se entrava pela terra dentro e lá se andava cinco ou seis mezes. E os que dalli tornavam, davam noticias duma

serra a que os indios chamavam Sol da Terra, que resplandecia muito e era muito amarella.

Pedro de Magalhães de Gandavo, um dos encantados dessa Itaberaba-assú dos tupyniquins, augmentou-lhe o brilho, ateando-lhe nos cimos invisiveis, incendios de esmeraldas. E, gradualmente, na imaginação daquelles homens de além-mar, que não podiam deixar de ter em suas pupillas a centelha d'algum sonho, como incentivo ás suas arriscadas aventuras — essa Serra Resplandecente, cujo nome indigena haviam alterado para Sabarábossú, passou a desenhar-se toda de prata, á beira duma lagôa dourada, inscripta em seus roteiros nebulosos com o nome de Vupabossú e no fundo da qual entreluziam esmeraldas.

Foi essa illusão tornada secular, que empolgou inteiramente o espirito de d. Francisco de Sousa. Após a aventura de Gabriel Soares de Souza, enviou em sua demanda dois dos maiores caminheiros nortistas: Bento Maciel Parente e Diogo Martins Cam. Não obtendo resultados, emprehendeu fazer buscar o ponto desejado, segundo temos razões para acreditar, por quatro entradas simultaneas, que partiram entre 1596 e 1597, respectivamente do rio Real, commandada por Belchior Dias Moréa, da serra dos Aymorés, tendo como cabo novamente a Diogo Martins Cam, das costas de Paraty, chefiada por Martim Corrêa de Sá e da villa de São Paulo, dirigida por João Pereira de Sousa Botafogo, que havia recebido pessoalmente instrucções de d. Francisco de Sousa, que da Bahia o havia despachado como capitão-

mór de São Vicente, onde tomou pósse aos 14 de março de 1595.

Esta bandeira foi a primeira em São Paulo organisada nos moldes da de Gabriel Soares de Sousa. O itinerario demarcado era o sertão da Parnahyba, para dalli ir demandando as nascentes do rio de São Francisco. Estava-lhe confiado o duplo objectivo da guerra ao gentio e da procura da serra de Sabarábossú. Nella figuravam diversos reinóes, companheiros do fidalgo governador e o todo era composto de muitos brancos, além dum corpo de mamelucos e indios.

João Pereira de Sousa Botafogo não levou a cabo a sua empresa devido a ter sido preso, por ordem régia, quando em meio da jornada. Domingos Rodrigues, fundidor de ferro, trazido do reino por d. Francisco de Sousa, chefiando um troço dessa bandeira, impontou para a bacia do rio de São Francisco, penetrando em territorio goyano e indo se deter nas regiões do Paraúpava. Durante essa caminhada, alguns de seus companheiros, ao que parece transviados, foram ter á Bahia e delles recebeu o governador-geral a amostra do minerio a que anteriormente nos referimos, dito ter sido extrahido da serra Sabarábossú, que diziam ficava a setenta ou oitenta leguas de São Paulo.

Não tardou por isso d. Francisco de Sousa a passar para essa villa, donde lhe acenavam com a realidade do que tão anciadamente vinha demandando. Resolvida a sua viagem, enviou logo para a capitania de São Vicente, como administrador das minas e capitão da villa de

São Paulo, a Diogo Gonçalves Laço, o velho, que trouxe comsigo dous mineiros e um fundidor. Para capitão-mór da donataria nomeou a Diogo Arias de Aguirre, fidalgo de cóta d'armas, que com trezentos indios e tendo o transporte custeado pelo almoxarifado de Santos, não demorou visitar as minas do Jaraguá e do Araçoyaba.

Dom Francisco de Sousa por sua vez, chegou á villa em maio de 1599, seguido de consideravel comitiva. Jornadeiou logo para as minas do Araçoyaba, onde Affonso Sardinha, o moço, lhe fez doação dum dos fornos catalães para o preparo do ferro, passando depois a visitar as minas de Bacaetava, São Roque e Jaraguá. Poucos mezes depois retornava ao Araçoyaba e dalli enviava uma bandeira ao Itapucú, da qual fez parte Antonio Knivet.

As empresas porem de maior vulto realisadas por esse governador-geral, nessa sua primeira vinda á São Paulo e attinentes á devassa dos sertões brasileiros, foram as expedições chefiadas por André de Leão e Nicolau Barreto. A primeira destas teve por fim demandar as nascentes do rio de São Francisco, devassando o valle do rio Parahyba e transpondo a serra da Mantiqueira. Partiu em 1601 e nella seguio como mineiro pratico o hollandez Whillhem Jost ten Glimmer, que forneceu a João de Laet um roteiro da jornada. A segunda, sahida em 1602, teve como mira descer o rio Tietê e penetrar no territorio do Perú, á procura de minas, pois todo continente sul americano se achava sob o dominio do mesmo soberano.

Por esse tempo porem, d. Francisco de Sousa deixava o cargo de governador-geral do Brasil, pela pósse, em Pernambuco, de Diogo Botelho. Continuou assim mesmo em São Paulo, empolgado no seu sonho de ouro, aguardando o regresso de Nicolau Barreto. Este sómente retornou em 1604, trazendo-lhe apenas desillusões.

Forçado nesse meio tempo a se retirar para a Metropole, fel-o em principios de 1605, levando em sua companhia dois mineiros espanhóes, testemunhas do muito que havia feito em São Paulo e do que ainda tencionava alli realizar em pról do desvendamento das riquezas mineraes. E se nullos foram os resultados da sua acção nesse sentido, efficientes no entanto se apresentavam quanto ao conhecimento da terra.

Deixára fixadas, definitivamente, com sciencia perfeita do terreno, duas das grandes directrizes da expansão paulista no seculo que nascia: o centro mineiro e a região paraná-paraguaya. Para o levantamento topographico, empregára d. Francisco de Sousa, a par dos seus norteadores aborigenes, os seus engenheiros, que taes foram Domingos Rodrigues, Baccio de Filicaia, Whilhelm Jostten Glimmer e outros. E no seu elogio deve-se incluir, principalmente, a iniciativa de haver devassado o valle do Parahyba, como caminho para attingir o centro mineiro.

Collocou como dirigentes da expedição de 1601, um morador de Santos e outro do Rio de Janeiro, conhecedores da penetração pelas vias do Quilombo e de Paraty. A directriz usual era a de Atibaia ou Sapucahy,

feita atravez o vago sertão de Parnahyba. As bandeiras quinhentistas ganhavam com mais facilidade a longinqua região do Guayrá, do que a proxima, do valle do rio Parahyba. A razão estava principalmente na profunda desigualdade da flóra desses terrenos.

Foram por isso os santistas dos primeiros a alli penetrarem, seguindo o valle do rio Quilombo e localisando-se em Mogy das Cruzes, antiga sesmaria de Braz Cubas, que tambem em primeiro, como já escrevemos, tacteára tal caminho para penetrar no territorio de Minas-Geraes.

Os moradores de São Paulo, sómente obtinham penosa communicação com Mogy, pela via do rio Tietê. As diligencias de d. Francisco de Sousa porem valeram em breve uma estrada ligando esses dois nucleos de povoamento.

Após a partida desse fidalgo, os paulistas continuaram incessantemente a devassa dos sertões. Homens no entanto de objectividade pratica, haviam relegado para plano inferior a chiméra aurifera de seu grande orientador e firmavam-se no lucro immediato da caça ao indio.

Contam-se assim nesse periodo entre outras, as expedições de Diogo de Quadros e Manuel Preto aos carijós do sul, em 1605, a de Belchior Dias Carneiro, em 1607, aos bilreiros ou cayapós e a do espanhol Martim Rodrigues Tenorio de Aguilar, aos mesmos selvicolas, em 1608.

No entanto, na Metropole, d. Francisco de Sousa havia se achegado ao duque de Lerma e, com o que alli explanou, conseguiu obter a nomeação e titulos que ambicionava, volvendo assim ao Brasil, como governador da repartição do sul e superintendente das minas, em 1608. Comprehendia a jurisdicção das capitanias do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e São Vicente e nada menos de dezeseis alvarás e provisões, fazendo tamanhas concessões e graças, que o honesto Varnhagen chegou a fantasiar tel-os d. Francisco de Sousa agenciado, á custa das economias que quiçá enthesourasse durante o seu primeiro governo.

Cercado novamente de grande comitiva, em meiados de 1609 já se encontrava em São Paulo, tendo firmado contracto duma sociedade com Diogo de Quadros e Francisco Lopes Pinto para exploração do que então denominavam engenho de ferro.

Dessa sua segunda administração em São Paulo, pouco se sabe, pois escasseiam os documentos. Persistia no entanto, obstinadamente, em encontrar metaes nobres na Sabarábossú e no morro do Araçoyaba. Determinou para o primeiro effeito, uma entrada chefiada por Simão Alvares, o velho, conforme se verifica do termo de "Concerto que houve entre Simeão Alvares e a viuva Custodia Lourença", no inventario de Henrique da Costa, em 1616 e que partiu de São Paulo em 1610 e attingio o sertão denominado "Cahaetee", o qual se formos cingir-nos exclusivamente á toponymia, era o sertão da Casca, em plena Minas-Geraes. Conseguio tam-

bem, pelo Espirito-Santo, visando a mesma Sabarábossú, uma entrada cujo cabo foi Marcos Antonio de Azeredo Coutinho, o velho, que trouxe, em 1611, amostras de esmeraldas.

Em São Paulo, continuava na faina de buscar prata no Araçoyaba, que até então e sempre apenas revelou possuir ferro. Curiosa, sobre tal ponto, a noticia que dava em 1612 e portanto contemporaneamente, o escriptor Ruy Diaz de Gusman, na sua "Argentina". O Araçoyaba para elle era uma montanha que se denominava "serro de Nossa Senhora do Monte Serrate, que tem o circulo de cinco leguas, de cujas fraldas extrahem os portuguezes muito ouro de vinte e tres quilates e em seu cume, encontram-se muitas betas de prata; perto desse serro, d. Francisco de Sousa, cavalleiro daquella nação, fundou um povoado que continúa dedicando-se ao beneficio dessas minas de ouro e prata."

Não encontrára no entanto o fidalgo governador nesse local os metaes nobres que tanto ambicionava. E mergulhado no isolamento dessas paragens desde janeiro de 1611, desamparado de toda sua antiga comitiva e de todo seu antigo fausto, veio em final a perecer, em meiados de junho, como o mais humilde e desbaratado dos seus antigos caminheiros do desconhecido.

Da melancolia e da singularidade deste fim do magnifico cortezão dos reis de Castella, nasceram a maneira de legendas, versões varias. Dom Antonio de Añasco contava que morrera de desgosto ao receber a falsa noticia da morte do seu filho Antonio, colhido por pi-

ratas argelinos, em alto mar, quando levava presentes de ouro a El-Rei.

Frei Vicente do Salvador annotava, entristecidamente, que perecera duma epidemia em São Paulo e tão pobre, que se não fôra a piedade dum theatino, nem uma vela teria na sua agonia.

E por ultimo, o governador Antonio Paes de Sande, no final do seculo, fabulava em carta a El-Rei, que o fidalgo governador da repartição do sul se extinguira de desalento, por lhe terem os paulistas morto ao mineiro que enviára a Sabarábossú, portador de amostras de prata e dum roteiro, que todos foram consumidos.

V

AS BANDEIRAS DE D. LUIZ DE SOUSA HENRIQUES

O successor de d. Francisco de Sousa no governo da repartição do sul, em virtude duma autorisação régia, foi seu filho d. Luiz de Sousa Henriques, que assumiu o cargo e as prerogativas, a 12 de junho de 1611. Buscou elle continuar a faina paterna, incentivando varias entradas na demanda dos metaes preciosos. Repartindo porém o seu ephemero governo entre São Paulo e o Rio de Janeiro, quasi nada poude fazer. E' assim que em fins de 1611 vemol-o naquella ultima cidade, onde a 3 de dezembro a camara lhe dava pósse, para em outubro de 1612 constatal-o em São Paulo, accudindo a certos sertanistas que haviam sido castigados pela edilidade.

A 2 de março de 1613 ainda continuava nessa villa, mas em fins desse mez retornava ao Rio, onde o governador-geral Gaspar de Sousa, por intermédio do seu procurador, Martim Corrêa de Sá, se empossava do dominio da repartição do sul, a 24 de abril de 1613, segundo affirma frei Caetano de Sousa.

Na capitania vicentina instituira elle os loco-tenentes annuaes e, no anno de sua pósse, confirmára em tal cargo a Gaspar Conquero, fidalgo da casa real, natural de Triana, piloto que fôra do navio "São Nicolau", da armada de d. Diogo Flores de Valdés. Em 1612, substituira-o por Luiz de Freitas Mattoso e, antes de deixar o governo, nomeara a Francisco de Sá Soutomaior, escrevendo nesse sentido a Gaspar de Souza, empenhando-se para que confirmásse tal acto. Prevenia tambem ao mesmo governador-geral que iria a Olinda expor-lhe as razões e o delegado régio, embóra houvesse provido a Nuno Pereira Freire para esse cargo, respondeu-lhe, em carta de 14 de agosto de 1613, assentindo, pelo que Francisco de Sá Soutomaior, tomou pósse em Santos, a 10 de dezembro do mencionado anno, não obstante não estar accórde com estes dados o illustrado frei Gaspar da Madre de Deus.

Passando a jurisdicção, manifestou d. Luiz de Sousa Henriques a falta de defesa da capitania, pois alli deixava apenas em São Vicente, duas fortalezas, com oito peças de artilharia de ferro coado, sem polvora e sem munições — e lamentava o abuso com que alli se penetravam os sertões, "para se apanharem gentios e se venderem como escravos, contra os quaes se praticavam mil insultos e deshumanidades", após o que, o filho de d. Francisco de Sousa embarcou para Pernambuco, nos ultimos mezes de 1613, indo alli se fixar, pelo casamento.

Não era no entanto sincera a sua magua, ao encarar a questão dos selvicolas na capitania vicentina. An-

tes, taxavam-no de fomentador de entradas escravagistas e as actas da camara de São Paulo estão ahi para assegurar a veracidade de tal increpação. Obedecendo a esse movel, nascera ao seu tempo, a luta com os jesuitas. E as suas bandeiras não foram numerosas, porque não lhe sobrou o tempo.

Valendo-nos da magnifica "Historia Geral", de Taunay, podemos citar as de Pedro Vaz de Barros e de Sebastião Preto, ao Guayrá; as de Diogo Fernandes, aos pés largos e Garcia Rodrigues Velho, aos bilreiros. A Nuno Pereira e Francisco Magalhães, autorisára uma entrada aos Patos — e a Diogo de Quadros, consentiu uma jornada para rumo que não ficou registado.

Ha ainda a considerar uma bandeira, na qual figurava Pedro Domingues, o moço, e revelada por um documento publicado pelo padre Serafim Leite, mas que si formos tirar illações, seria a mesma de Garcia Rodrigues Velho, realisada contra os bilreiros ou cayapós, entre 1612 e 1613.

Colloca Pedro Taques no ról das bandeiras de d. Luiz de Sousa Henriques, a de Antonio Pedroso de Alvarenga, realisada muito posteriormente, em 1615. Accentúa que o movel era a descoberta de minas. E conta que Alvarenga, "formando uma grande tropa á sua custa, com ella penetrou distante de São Paulo mais de trezentas leguas e se achou em 1616 postado no centro do sertão do grande rio Paraupava, ao norte da capitania que é hoje de Goyazes, e encaminha o curso de suas aguas a sepultal-as no caudaloso rio do Maranhão."

Estivemos verificando que a unica fonte desta asserção de Pedro Taques foi o inventario de Pedro de Araujo, cunhado de Antonio Pedroso de Alvarenga e fallecido no mencionado sertão do Paraupava, toponymico esse que foi, por sua vez, a exclusiva base para a exegese do roteiro dado. Revimos tambem com cuidado, obedecendo a certas duvidas, os inventarios de Francisco de Almeida, Pedro Sardinha e Martim do Prado, praças todas que figuraram nas diligencias, não só de Alvarenga, como do capitão-mór Lazaro da Costa.

Tal leitura nos conduziu á constatação de que tanto o capitão-mór Lazaro da Costa, como Antonio Pedroso de Alvarenga, que todos os tratadistas dão como chefes de duas bandeiras distinctas, haviam sahido de São Paulo ao mesmo tempo, isto é, pouco depois de 13 de julho de 1615. Além disso, encontramos no inventario de Francisco de Almeida, igualmente cunhado de Antonio Pedroso de Alvarenga e que falleceu no mesmo sertão do Paraupava, no ultimo dia de abril de 1616, acostada pelo escrivão Simão Borges Cerqueira, a seguinte declaração, que foi escripta nas vesperas da partida: "Digo eu, Francisco de Almeida, morador nesta villa, que devo ao senhor Aleixo Jorge, nove reales em dinheiro, os quaes lhe pagarei trazendo-nos Nosso Senhor desta viagem que embóra vamos em companhia de Lazaro da Costa, todas as vezes que m'os pedir e por verdade me assignei aqui hoje, doze de julho de seiscentos e quinze annos. Francisco de Almeida."

E accrescendo que no testamento de Pedro de Araujo, escripto no mesmo sertão do Paraupava, a 25 de abril de 1616, ficou assignalado que a bandeira passára antes pelo sitio denominado "aldeia dos gualachos", logicamente reconstituimos o seguinte:

Pouco depois de 13 de julho de 1615, o capitão-mór Lazaro da Costa, chefiando uma grande bandeira em que ia, talvez como immediato, Antonio Pedroso de Alvarenga, sahiu de São Paulo e, em dezembro desse mesmo anno, como se vê do inventario de Pedro Sardinha, attingia o denominado "sertão dos carijós". Dahi, por qualquer circumstancia, com parte da comitiva, o capitão-mór retornou a São Paulo, onde chegou em maio de 1616.

Antonio Pedroso de Alvarenga proseguio com o restante da tropa, passando pela "aldeia dos gualachos" e attingindo, em abril de 1616, o chamado "sertão do Paraupava". Ahi ainda permanecia em dezembro desse mesmo anno, tendo, porém, entendimento relativamente facil com a villa de São Paulo, pois havendo Pedro de Araujo fallecido a 29 de dezembro de 1616, e não de 1617, como vem sendo escripto por alguns autores, já em 18 de maio de 1617 se tinha aviso em povoado, pois é essa a data em que foi iniciado ahi o seu inventario.

Que desse sertão do Paraupava se vinha com segurança e facilidade a São Paulo, demonstra-o o seguinte termo do inventario de Pedro de Araujo, lavrado no referido sertão: "Digo eu Antonio Pedroso, curador deste

inventario, que neste inventario comprou Domingos Marques Requeixo quantia de tres mil e trezentos reis dos quaes foi fiador Ascenso Luiz Grou, e porque óra se ia para São Paulo, lhe (faltam palavras) e por assim passar na verdade nos assignados aqui, hoje quatro de abril de 1617 annos. Antonio Pedroso de Alvarenga — Domingos Marques Requeixo."

As praças da bandeira abandonavam desse modo o sertão do Paraupava, vindo a São Paulo. E aos poucos foram retornando até que por ultimo regressou Antonio Pedroso Alvarenga, achando-se na villa paulista em março de 1618. Chrysostomo Alvares, componente dessa entrada, faz declaração expressa de ter permanecido no sertão durante dous annos ou pouco mais.

Na toponymia bandeirante é indiscutivel a existencia de mais de um lugar com a designação de Paraupava. Num delles andou o fundidor Domingos Rodrigues, apresando indios da nação "guoaya", o que faz suppôr fôsse em Goyaz. A acta de 1 de julho de 1590, referindo-se a um assalto de indigenas á aldeia dos Pinheiros, pedia ao capitão-mór que providenciasse fazendo-lhes logo guerra, "antes de vir gente de Paraupava e de outras partes, em ajuda dos ditos indios topynaquis". Tal paragem não devia portanto ser muito distante de São Paulo.

Concluir assim por um só sertão denominado Paraupava, e que elle demorava sempre ao norte do paiz, na divisão do Maranhão com o Pará, parece-nos um completo engano. E' verdade que as entradas para busca de metaes preciosos tinham o caracter de verdadeiras son-

dagens do territorio, sem preoccupação alguma de poupar distancias. Mas, em 1615, não podia ter, como narra Pedro Taques, d. Luiz de Sousa Henriques influido para a jornada de Antonio Pedroso de Alvarenga, com tal objectivo. Era um simples particular e demorava muito afastado de São Paulo.

O predominio nessa época era exclusivo das bandeiras escravagistas. E os paulistas, como observou Calogeras, nunca faziam taes entradas sem objectivo certo e utilitario, excluindo caminhamentos sem rumo. O Guayrá era a região desde fins do seculo XVI mais visada para a procura do escravo indio. Em 1613 já se escrevia nas "Annuas do Paraguay": — "... incitou a uns portuguezes que estão nas minas de São Paulo, umas cento e cincoenta leguas dos povos do Guayrá, para que sahissem á caça destes indios como si fossem animaes, para leval-os por força e por enganos a lavrar umas minas que têm naquella povoação e não obstante alguns se defenderem com seus arcos e frechas é tão grande o numero de gente que levam que si não se atalha a isso, será o damno enorme e irremediavel."

Desse modo, refere Affonso de Taunay que a bandeira do capitão-mór Lazaro da Costa agiu em territorio de Santa Catharina. Tambem as denominações de "sertão dos carijós" e "aldeia dos gualachos", encontradas nos inventarios citados, eram de selvicolas que predominavam nas regiões do sul de São Paulo. Seria portanto uma solução mais consentanea ante a documentação ex-

posta, para o itinerario da jornada de Antonio Pedroso de Alvarenga.

A região referida era na época, o mercado indigena de São Paulo. Ahi poderia ter o denodado paulista permanecido, em arraiaes assentados, numa expedição de guerra e com o objectivo pratico dos descimentos. Dom Luiz de Sousa Henriques é que, seguramente, em nada influio para a realisação de tal diligencia. Já andava a esse tempo casado com Catharina Barreto, filha de João Paes Barreto, morgado do Cabo de Santo Agostinho.

Fundou desse modo, no norte do paiz, a familia dos Sousas da Jurissaca e falleceu antes de 1635, deixando uma progenie por muitos titulos illustre.

VI

OS SEGADORES DE SATANAZ

A provincia jesuitica do Guayrá, no antigo territorio do Paraguay, abrangia toda parte occidental do actual Estado do Paraná, contida entre os rios Paranapanema e Iguassú, na margem esquerda do rio Paraná, comprehendendo assim todo espaço banhado pelo rio Tibagy e seus affluentes, sem limites precisamente determinados.

As primeiras reducções ou aldeias de indios christianisados alli creadas, foram Loreto e Santo Ignacio, em 1610, as quaes ficavam na margem esquerda do rio Paranapanema. A' medida que a evangelisação ganhava terreno, outras foram levantadas, de modo que em 1628, além das pequenas villas espanhólas de Cidade-Real, na foz do Piquiry e de Villa-Rica, no Ivahy, existiam as reducções de Archanjos, São Thomé, Conceição dos Gualachos, São Paulo, Santo Antonio, São José, São Xavier, Encarnação, Jesus Maria, São Miguel e São Pedro, ao todo treze, com uma população calculada em cincoenta mil almas.

Os nativos dessa região eram na totalidade guaranys, com denominações varias, formando tres grandes di-

visões, cujos chefes eram respectivamente Tayaoba, Tucuty e Inhecahy. Segundo informa um documento do seculo XVII, os paulistas conheciam tres vias para attingil-a.

A primeira, denominada caminho dos Pinheiros ou Peabirú, seguia por terra, alcançava as cabeceiras do rio Paranapanema e atravessando depois o dominio dos pyrianos e dos guayanás, concluia pelos rios Ivahy e Piquiry. A segunda, navegava pelos rios proximos á villa de São Paulo, até alcançar o Tietê e, por este descia até o rio Paraná, onde tomava porto, seguindo depois por terra um dos caminhos que da Cidade-Real levavam ao Guayrá. A terceira, finalmente, ia directamente pelo Tietê até o rio Paraná, onde tomava porto no Salto do Guayrá, dahi orientando-se confórme desejo.

A denominação de Guayrá provinha dum cacique homonymo, cujos dominios Irala conquistára com ajuda do chefe Canendiú, que lhe proporcionára canôas para atravessar para a margem esquerda do rio Paraná, na altura das Sete-Quedas. O nome serviu não só para designar o salto, como a toda provincia então avassallada.

A primeira bandeira regular partida de São Paulo que se tem noticia haver attingido esse territorio, foi a de Nicolau Barreto, em 1602, cujo objectivo real teria sido a pesquisa de minas no Perú e da qual resultou d. Francisco Arias de Saavedra, adeantado do Rio da Prata, mandar por terra á São Paulo, emissarios a d. Francisco de Sousa.

Este governador impedio, quanto poude, a ida alli de bandeiras escravagistas. Por sua morte, porém, seu filho d. Luiz de Sousa Henriques, mandou a Paranambú, logo em agosto de 1611, uma diligencia chefiada por Pedro Vaz de Barros, a qual em fins desse mesmo anno, atacava a aldeia e vinha trazendo a São Paulo cerca de quinhentos indios alli aprisionados, quando foi alcançada pelo militar espanhol d. Antonio de Añasco, que lhe retomou a presa. Os ataques dos paulistas continuaram porém, nos annos seguintes, orientados pelos irmãos Manuel e Sebastião Preto.

Desse modo, em 1628, os moradores de Piratininga accordaram invadir todo o Guayrá, sob o extranho fundamento de que aquella região pertencia a Portugal e que o gentio alli existente não podia estar sendo monopolisado pelos espanhóes, quando é sabido que na época, Portugal estava sob o dominio da Espanha. Assim, escreve o padre Nicolau del Techo, na sua "Historia da Provincia do Paraguay da Companhia de Jesus":

"Chegou ao Brasil d. Luiz de Céspedes, varão de illustre linhagem, nomeado governador do Paraguay pelo rei Catholico. Para ir do Brasil ao Paraguay, havia dous caminhos: um por terra e outro maritimo. Determinou o governador seguir o primeiro. Chegou a Piratininga na occasião em que noventa homens, em sua maioria mamelucos e dous mil e duzentos indios tupys, alliados dos primeiros e famosos por sua crueldade, dispunham a invadir o Guayrá. O chefe dos mamelucos era Antonio Raposo e dos tupys, um indio que já se distinguira em

taes algaras. Nessa conjectura, partiu d. Luiz de Céspedes de Piratininga."

A coincidencia da sua viagem pelo rio Tietê, servindo-se de guias paulistanos e a partida da bandeira referida, fez com que os jesuitas attribuissem o plano da invasão ao proprio d. Luiz de Céspedes, que teve de se defender dessa accusação perante o Vice-Rei do Perú, conde de Chinchon, que o julgou culpado e puniu (1631).

Com a connivencia ou não de d. Luiz de Céspedes, o certo é que a expedição sahiu de São Paulo em agosto de 1628, dividida em quatro companhias, das quaes eram capitães respectivamente, Antonio Raposo Tavares, Pedro Vaz de Barros, Braz Leme e André Fernandes.

A companhia de Antonio Raposo Tavares tinha como alferes a Bernardo Sanches de Sousa e como sargento a Manuel Morato Coelho. A vanguarda era dirigida por Antonio Pedroso de Barros e a retaguarda por Salvador Pires de Mendonça. Formando systema com esta bandeira, havia uma outra tropa, commandada por Matheus Luiz Grou.

A vanguarda tomou o caminho que de São Paulo ia aos campos do Iguassú e, passando o rio Tibagy a 8 de setembro do anno referido, foi levantar uma paliçada nas visinhanças da reducção de Encarnação. Dezesete indios christianisados alli logo feitos prisioneiros, foram entregues depois, por intervenção do padre superior.

Quatro mezes alli permaneceram em sondagens, sem fazer ataques áquella reducção e á de Santo Antonio, não mui distante. Aconteceu porem que o cacique Tataura-

na, da léva de Simão Alvares Martins, captivado havia tempo naquellas paragens, assentou com os seus de demandar a ultima dessas doutrinas. O cabo paulista exigiu logo a entrega desses transfugas e não sendo attendido, mandou um emissario a Antonio Raposo Tavares, chefe indiscutivel de toda expedição, o qual ordenou fôsse a reducção atacada. Desse modo, a 30 de janeiro de 1629, foi iniciado o assalto ao Guayrá, sendo arrazada a doutrina de Santo Antonio e captivado todo gentio valido alli existente, cerca de duas mil almas. O superior dessa reducção com uns poucos indios escapos, retirou-se para a de São Miguel, que a 23 de março foi exterminada por Antonio Bicudo de Mendonça.

Ao mesmo tempo, Manuel Morato Coelho destruia a reducção de Jesus Maria. Conta-se que alli foi ter Antonio Raposo Tavares e, inquirido pelo padre Christovam de Mendonça porque fazia seus subordinados agirem por tal forma, respondeu: "Temos de expulsar-vos duma terra que é nossa e não de Castella."

As companhias de Braz Leme e Antonio Pedroso de Barros pelejavam com os indios não reduzidos do Caayrú, soffrendo varios revezes. A léva commandada por Matheus Luiz Grou, ficou agindo no sertão denominado de Ibiaguira.

Destruidas além das citadas, mais as doutrinas de Encarnação, São Paulo, Archanjos e São Thomé, os paulistas retornaram a Piratininga, commettendo na jornada excessos contra os indios prisioneiros e contra os jesuitas que os haviam querido acompanhar.

A sua chegada ao povoado deu-se em maio de 1629 e foram logo organisadas outras expedições que retornaram á região, não só nesse anno, como nos seguintes, invadindo o territorio ao sul do Paranapanema e arrazando as demais reducções do Guayrá, não escapando nessa avançada nem mesmo as villas espanholas de Cidade-Real e Villa-Rica, que tiveram de ser evacuadas por seus moradores (1630-1632).

Affonso de Taunay escreve que o chefe nominal dessa bandeira de 1628 ao Guayrá, foi Manuel Preto, que Pedro Taques diz ter sido natural de Portugal. Nos fastos bandeirantes elle é de facto denominado o Heróe do Guayrá. Além das bandeiras já citadas em que figurou, esteve ainda nessa região em 1600 e 1602. Em 1619 assaltou as reducções de Jesus Maria e Santo Ignacio, captivando indios. Em 1623 e 1624, tambem alli atacou varias doutrinas, apresando muitos escravos. Foi governador das ilhas de Sant'Anna e de Santa Catharina, nomeado pelo donatário conde de Monsanto, d. Alvaro Pires de Castro e Sousa e nesse posto, creou a Manuel Homem da Costa sargento-mór das ditas ilhas, por provisão de 15 de julho de 1629. Tornando em 1630, ao Guayrá, foi alli morto pelos selvicolas, a frechadas.

Em São Paulo creou a fazenda de Nossa Senhora do O', em cujas terras ergueu uma capella em 1612, tendo alli cerca de mil escravos aborigenes, tirados do Guayrá. Casou-se com Agueda Rodrigues, filha de Pedro Madeira e de Clara Parente, deixando illustre descendencia na capitania.

Com os indios escapos á destruição do Guayrá, os missionarios castelhanos passaram, alguns para o sul, fundando novas reducções na região entre os rios Paraná e Uruguay e outros para o norte, á margem direita do rio Paraná, em territorio propriamente paraguayo e em nesgas do baixo Matto-Grosso. Os jesuitas que passaram para o sul, foram estabelecer novas doutrinas entre as já alli existentes e, em menos de dous annos, alastraram-nas pelo interior, conquistando toda região ainda virgem do Tapé.

Assim, da banda oriental do rio Uruguay, até 1633, ficaram ao todo nove reducções: Conceição, São Nicolau de Piratiny, Candelaria do Ibicuhy, Martyres do Caaro, São Pedro e São Paulo, São Carlos, São Xavier, Assumpção e Santos Reis. No Tapé, propriamente dito, ficaram até 1634 creadas quinze reducções: Candelaria de Piratiny, Santos Martyres do Japão, São Carlos, Apostolos, São Miguel, São Thomé, São José, Sant'Anna, Natividade, Santa Thereza, São Christovam, São Joaquim, Visitação, Jesus Maria, São Cosme e São Damião.

O Tapé era a provincia que comprehendia a oeste o alto Ibicuhy, ao norte a serra Geral, a leste o valle do rio Cahy e ao sul a vizinhança da serra dos tapés. Era todo centro do actual Estado do Rio Grande do Sul. Os indigenas que ahi habitavam tambem eram guaranys em sua generalidade, guenôas, charruas, tapés, araxans, guananás, carijós, caaguás e outros. Era a denominada vagamente pelos paulistas região dos Patos e as bandeiras

de grande vulto começaram a attingil-a por iniciativa de Antonio Raposo Tavares.

Seguindo como batedora, pela via maritima, alli fôra ter uma léva chefiada por Luiz Dias Leme, em 1635. Em janeiro do anno seguinte, avançava Antonio Raposo Tavares, com cento e vinte paulistas e mil indios. Em fins de novembro desse anno estava no sertão dos tapés e a 3 de dezembro attingia e atacava a reducção de Jesus Maria, á margem esquerda do rio Jacuhy. A peleja durou seis horas e por fim a bandeira tomou a aldeia, fazendo innumeros captivos. Dahi proseguio a expedição, tomando as reducções de São Christovam e Sant'Anna, pelo natal desse anno.

Seguindo a tactica guerreira já usada no Guayrá, a bandeira ia dividida em companhias, dispersas em varios pontos, guardando porem entre si perfeita unidade de acção. Uma dessas companhias, ao mando de Diogo de Mello Coutinho, ficou agindo no sertão dos carijós. Antes de 20 de janeiro de 1637, estava a diligencia de regresso a São Paulo.

Ainda se encontrava Antonio Raposo Tavares no Tapé, quando em principios desse mesmo anno de 1637 sahia de Piratininga uma expedição chefiada por Francisco Bueno e destinada á mesma região. Seguiu por terra, achando-se em maio desse anno no rio Taquary, dando combate á reducção de Santa Thereza e successivamente ás de São Carlos de Caapi, Apostolos de Caasapaguassú, Candelaria e Caaro, estas ultimas já no Uruguay. Demorou o anno de 1638 nessas lides guerrei-

ras e na retirada, destruiu Caasapamirim, chegando de retorno a São Paulo em principios de 1639.

Os indios dessas doutrinas assim assaltados, ganharam tal panico, que os jesuitas para não vel-os todos embrenharem-se novamente nos sertões, deliberaram trasladar os escapos para o tracto de terra em que os rios Paraná e Uruguay mais se approximam. Nessa paragem, protegida naturalmente pelos dous cursos d'agua, se entrincheiraram com todos os indios das reducções de São Thomé, São Miguel, São José, Natividade e São Cosme. Essa transmigração ainda assim se fez entre saltos dos bandeirantes, que conseguiram aprisionar os retardatarios, de forma que só ficou abrigada uma pequena parcella de todo o abundante gentio que enchia o Tapé.

E' necessario fazer-se a justiça de deixar consignado neste trabalho que nessa luta dos paulistas contra as missões jesuiticas, muitos foram os missionarios que se revelaram verdadeiros martyres de sua causa. Aqui citaremos apenas um: o padre Diogo de Alfaro. Foi elle um dos mais abnegados defensores do indigena perseguido. Homem valente, duma resistencia physica admiravel, sabia usar de tacticas guerreiras e batalhar como o mais intrépido dos soldados. Formou um pequeno exercito de indios que o acompanhava por toda parte e que podia ser augmentado facilmente por contingentes retirados das reducções mais proximas ao local onde se encontrava, e com elle constituio séria barreira á invasão bandeirante nessas paragens.

Assim, em principios de 1639, os paulistas commandados por Paschoal Leite Paes, foram derrotados inteiramente pelo padre Alfaro, na região de Caasapaguassú, perto da reducção de Conceição, sobre o rio Uruguay, perdendo no entanto a vida o destemido jesuita.

Dezoito paulistas feitos prisioneiros nesse combate, entre os quaes o chefe, foram enviados pelo governador do Paraguay, d. Pedro de Lugo, ao de Buenos Ayres, onde mais tarde lhes foi restituida a liberdade. Paschoal Leite Paes, irmão de Fernão Dias Paes, fazia parte duma bandeira deste ultimo que desde 1637 alli andava conquistando indios das reducções do Ibicuhy, São Cosme e São Damião, São José, São Thomé, São Miguel e Natividade.

Após esses successos, ainda sabemos que tambem foi destruida no Tapé, em 1639, uma expedição commandada por Domingos Cordeiro. Interromperam então os paulistas as suas hostilidades contra as aldeias dessa provincia, emquanto em São Paulo se davam arruaças contra os jesuitas e Antonio Raposo Tavares acudia com um contingente á invasão hollandeza, em Pernambuco.

Não foram porem esquecidas as duas ultimas derrótas e o breve de Urbano VIII, trazido pelo padre Francisco Dias Tanho, contribuio para acirrar de novo a animosidade dos paulistas contra as doutrinas espanhólas do sul. Desse modo, formou-se na villa de Piratininga uma grande bandeira que sahiu ao mando de Manuel Pires, sogro de Antonio Raposo Tavares, tendo como

ajudante a Jeronymo Pedroso de Barros, a qual em 1641 investiu as reducções do Tapé pelo norte, atacando as que ficavam entre os rios Paraná e Uruguay.

Os padres haviam porem armado os indios de escopetas e mesmo pequenos canhões, conforme licença dada em 1640 pelo Vice-Rei do Perú e mantinham permanentemente atalaias em todas as aldeias. Em março do citado anno de 1641, a grande expedição paulista, vinda das cabeceiras do Uruguay, approximou-se da reducção de Nossa Senhora da Assumpção, atacando-a. Após oito dias de combate, começou a ceder o terreno, vendo-se afinal inteiramente desbaratada ás margens do Mbororé ou Onze Voltas, fugindo os que puderam escapar para São Paulo.

Os jesuitas fizeram grande alarde desta victoria e o padre Claudio Ruyes escrevia da reducção de São Nicolau: — "...alcançado com suas orações a Nosso Senhor este successo, pelo qual ficaram mortos, feridos e afrontados a flôr dos sertanistas de São Paulo e do Brasil, inimigos declarados desta atormentada christandade e de seus doutrinadores."

Adeante, nessa mesma carta, o padre Ruyes dá largas ao seu odio contra aquelles que denominava "segadores de Satanaz": — "...homens que trazem montes de cadeias e grilhões, esposas e colleiras para que sujeitando-os (aos pobres indios) e vencendo-os permanecessem nellas, postos em miseravel captiveiro; homens tão desalmados que alguns delles em altas vozes

diziam aos padres que os haviam de matar a escopetadas, outros que os haviam de enforcar e assetear..."

Deste documento se conclue que os bandeirantes escravagistas quando não levavam tendas de ferreiro, transportavam quantidade de algemas e colleiras para conter os indios aprisionados. Em regra consistiam em correntes de oito metros de cumprimento nas quaes se prendiam dez gargalheiras, sendo os indios assim levados até São Paulo, presos ás dezenas pelo pescoço.

Dez annos tambem levaram os moradores de Piratininga sem retornar com empreitada de vulto ao Tapé. Na quaresma de 1651 porem, aproveitando-se de Portugal se encontrar em guerra com a Espanha, conceberam o plano de atacar os missionarios simultaneamente por quatro pontos referentes aos rios Paraná e Uruguay, entrando nesse projecto a vaga ideia duma marcha até Buenos Ayres.

Os jesuitas continuavam no entanto armados, tendo tido além disso aviso com antecedencia, pois essa invasão era apenas um collorario do ataque ao Itatim. Assim, da reducção de Nossa Senhora do Mbororé, em maio de 1651, partiu logo que houve o rebate da approximação dos paulistas, um exercito para tomar a offensiva, capitaneado pelo indio d. Ignacio Abiarú.

Este cabo alcançou a tropa de São Paulo no lugar denominado Pinhaes de Santa Thereza e infringiu-lhe memoravel derrota tomando toda munição de guerra e de boca e um pendão com a effigie de Santo Antonio. O chefe da bandeira destruida era Domingos Bar-

bosa Calheiros, que tinha como seu immediato a Braz Rodrigues de Arzão.

Tal desastre fez com que os paulistas desistissem da destruição das missões uruguayas. Deixavam no entanto o Tapé devastado á semelhança do Guayrá e como este, reconhecido pelos espanhóes como sendo territorio pertencente á Portugal.

Domingos Barbosa Calheiros foi dos mais illustres sertanistas do tempo. Era filho de Domingos Barbosa e de Maria Rodrigues e casou-se com Maria Maciel, filha de João Maciel Valente e de Maria Ribeiro. Commandou, sete annos depois, quando já sexagenario, uma léva ao sertão da Bahia, para combate ao gentio bravo e que tambem teve um fim desastroso, conforme narramos em outro trabalho. Em 1660 estava de regresso em São Paulo e fallecia logo depois e não em 1677 como erroneamente escreve Silva Leme. Prova-se este facto com o inventario de Francisco da Cunha Gago, onde em recibo firmado a 1 de janeiro de 1668, já figura Maria Maciel como viuva o que é confirmado no mesmo documento por um outro termo presidido pelo juiz ordinario Francisco Dias Velho e escripto pelo escrivão dos orphãos João Viégas Xorte.

VII

AS REDUCÇÕES DO ITATIM

Já anteriormente mencionamos que os jesuitas que abandonaram o Guayrá, tambem foram fundar novas reducções no territorio do baixo Matto-Grosso, onde já existiam algumas dellas, podendo ser citadas, no conjuncto, as doutrinas de Xerez, Tarem, Mboymboy, Terecañi, Maracajú, Caaguassú Ypané Guarambaré, Atira e Nossa Senhora da Fé. Estes estabelecimentos jesuiticos formavam a denominada provincia do Itatim, cuja capital foi Villa Rica do Espirito Santo, doutrina fundada após a destruição do Guayrá, em territorio paraguayo, entre a boca do rio Iguassú e a cidade de Assumpção.

Essa região do Itatim fôra espaçadamente attingida pelas bandeiras paulistas, que alli destruiram diversas aldeias de indios reduzidos. Uma das mais antigas expedições a essas paragens foi a do morgado de Thomar, Antonio Castanho da Silva, que buscando as terras dos indios serranos, no Perú, alli falleceu em 1622. Com o renovar dessas diligencias, em 1632 houve no Itatim, por parte dos paulistas, varios ataques. Em 1644,

Jeronymo Bueno, que estivéra no Tapé, como immediato de seu irmão Francisco Bueno, tambem buscou alli apresar indios christianizados, não tendo sido feliz nos seus designios e perecendo com toda sua bandeira.

A verdadeira invasão do Itatim deu-se finalmente pela iniciativa de Antonio Raposo Tavares, que com André Fernandes, Antonio Pereira, que acreditamos ser de Azevedo, Gaspar Vaz Madeira e outros, atacou em novembro de 1648 a reducção de Mboymboy. A sua bandeira ia dividida em duas secções e, na que commandava, tinha como alferes a Manuel de Sousa da Silva. A outra léva era chefiada pelo capitão Antonio Pereira. A tropa toda comportava cerca de duzentos brancos e mamelucos e mais de mil indios. Officialmente, constava que ia ao descobrimento de minas nos sertões dos serranos.

Ao ataque de Mboymboy respondeu o padre Christovam de Arenas com um contra ataque, mas foi derrotado e morto. Os jesuitas deram-se então pressa de communicar a invasão ao governador do Paraguay, escrevendo o padre Barnabé Bonilha, da reducção de Pirahy, nesse mesmo mez de novembro: — "dizem que o duque de Bragança creou mestre de campo a Antonio Raposo Tavares, para conquistar estas terras e fazer caminho para o Perú e que vem agora com muita gente e André Fernandes com tropa menor por Maracajú, do outro lado do rio Paraguay, para recolher o gentio que achar."

André Fernandes atacou Maracajú e Terecañi e depois Bolaños, Xerez e outras reducções. Esse assalto

produziu exodo igual ao do Guayrá e do Tapé, retirando-se os indigenas para os nucleos mais fortes das populações espanholas limitrophes, tendo partido de Assumpção um pé de exercito para enfrentar os paulistas, que então entenderam melhor abandonar a provincia.

Segundo o padre João de Sousa Ferreira, Antonio Raposo Tavares nessa retirada, subiu pelo rio Paraguay até suas fontes e se internou de tal modo, que depois de gastar tres annos pelos sertões e ter encontros com os castelhanos do Perú, desceu em jangadas o rio Madeira, entrou no rio Amazonas e foi se deter no Pará.

Um documento do Conselho Ultramarino, de 1674, annota que Antonio Raposo Tavares empenhou-se tanto pelo sertão que veio a sahir em Quito e dahi, pelo rio Amazonas, alcançou o Maranhão, gastando na viagem mais de tres annos.

Washington Luiz escreve que o grande sertanista continuou do Itatim pelo rio Paraguay acima e depois, ganhando o rio Guaporé, o Mamoré e o Madeira, entregou-se á corrente do Amazonas, que o levou a Gurupá, fortaleza do Pará, no Estado do Maranhão, em 1651.

Por ultimo, uma carta do padre Antonio Vieira, ao provincial do Brasil, escripta do interior do Maranhão, em começos de 1654, dá noticia de que o capitão Antonio Pereira com sua léva, após viajar varios mezes, acercou-se duma reducção em territorio paraguayo e a atacou, aprisionando o padre superior e todos os indios. Os missionarios das outras doutrinas ao redor, reuniram

então muita gente e investiram contra os paulistas, que tiveram de fugir, tendo antes morto a um dos padres.

Na tropa que se embrenhou por um sertão desconhecido, deu grande fome e maior peste. Caminhou ella assim durante um anno e, com um resto de gente, veio afinal se unir com a divisão de Antonio Raposo Tavares, dirigindo-se juntas aos serranos. Ahi chegadas, detiveram-se seis mezes, buscando seduzir os indigenas, para captural-os. Gastaram o resto desse anno em explorações nos arredores e como os indios ao invez de se deixarem enganar, armavam-lhes ciladas, resolveram afundar pelas mattas procurando um caminho mais facil para regresso.

Encontraram então um rio, muito caudaloso e avistando uma ave, que tomaram por gaivota, entenderam se achar perto do mar. Resolveram assim fabricar canôas e demandar as costas do Brasil. Logo em começo, o rio desappareceu entre juncaes. Foram necessarios tres dias para encontrarem novamente leito navegavel. Passaram para ahi as canôas, á força de braços. Embarcados de novo, animaram-se vendo golfinhos do Amazonas que cuidaram ser botos do mar. Após oito dias de viagem déram na madre do rio e andaram sem saber por onde, durante onze mezes a fio, até que, aportados á fortaleza do Gurupá, em 1651, viéram então a saber que haviam descido o Amazonas.

Durante toda viagem tiraram os paulistas apenas cerca de trinta dias para refazerem as canôas. Foram numerosas as aldeias de selvagens que encontraram nes-

se percurso, uma das quaes com cerca de trezentos ranchos. O padre Antonio Vieira faz o calculo de terem atravessado por entre cento e cincoenta mil indios. Estes geralmente recebiam os expedicionarios em paz e com natural espanto. Um dos cabos da entrada contou que quando os indios pareciam aggressivos, davam-lhes uma carga cerrada, cahiam uns, fugiam outros, entravam os bandeirantes na aldeia, saqueiavam-na e punham-se depois rapidamente a salvo.

A travessia realisada pela tropa de Antonio Raposo Tavares gastou assim tres annos. Ao termino, em Gurupá, contava apenas com cincoenta e nove brancos e alguns indios. E a tradição quer que Antonio Raposo regressasse á villa de São Paulo tão desfigurado, que a propria familia o desconheceu, vindo a fallecer poucos annos após, em 1656.

Esse grande sertanista nasceu em 1598, em São Miguel de Beja, em Portugal, vindo com seu pae, Fernão Vieira Tavares, para a capitania de São Vicente, em 1622. Fixando-se em São Paulo, ahi casou-se com Beatriz Furtado de Mendonça, filha de Manuel Pires. Fundou uma fazenda para os lados de Quitaúna, onde reuniu grande numero de indios apresados nas suas continuas entradas ao sertão, o que, por varias vezes, lhe valeu ordem de prisão como principal "cabeça de entradas" (1627).

Segundo Affonso de Taunay, Antonio Raposo Tavares foi a alma de toda a empresa da destruição das reducções jesuitas. A elle deve o Brasil, na realidade, os

tractos de terra dos actuaes Estados do Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e a parte meridional do Matto-Grosso, onde se achavam localisadas essas doutrinas, respectivamente, do Guayrá, do Tapé e do Itatim. Enviuvando em julho de 1632, passou a segunda nupcias com Lucrecia Leme Borges de Cerqueira. Em janeiro de 1633 era eleito juiz ordinario e logo a seguir, pelo conde de Monsanto, provido no officio de ouvidor da capitania. Em julho desse anno, chefiou porem um assalto ao collegio dos jesuitas na povoação de Baruery, expulsando dalli os padres.

Essa violencia teve como justificativa o facto da lei de setembro de 1611 haver determinado que nas aldeias de indios, assistissem clerigos, debaixo porem da immediata jurisdicção real ou civil. Achando-se a aldeia de Baruery em poder exclusivo dos jesuitas, requereu o procurador do conselho a 25 de julho de 1633, que a camara fosse della tomar conta, em nome de El-Rei, defendendo assim no seu entender, o que considerava uma usurpação do clero.

A camara deferiu o requerido e, pouco depois, convocou uma reunião dos maioraes da villa, realizada a 21 de agosto do mesmo anno, para que ficasse clara a solidariedade de todos, pois a posse da aldeia tinha de ser á força. Os jesuitas queixaram-se ao governador-geral, Diogo Luiz de Oliveira, que por provisão de 9 de dezembro desse mesmo anno, allegando que a posse fôra um embuste para encobrir o motivo verdadeiro, que era a escravisação dos indios, ordenou a entrega da aldeia e

da igreja novamente aos padres, cassando o mandado de ouvidor a Antonio Raposo Tavares.

Este, que ainda devia servir dous annos, oppoz embargos á esta parte da provisão, que foram recebidos, em data de 30 de julho de 1635, pelo ouvidor do Rio de Janeiro, Francisco da Costa Barros, para o effeito de manter o sertanista no exercicio do seu cargo.

Antonio Raposo Tavares cuidava porem de novos assaltos ás reducções espanholas. Em meio dessa faina, deliberou commandar primeiro um auxilio aos nortistas, na luta contra os batavos.

Segundo Pedro Taques, o conde da Torre ordenou a 3 de fevereiro de 1639, a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que levantasse gente nas capitanias do sul, para retomada de Pernambuco. Em virtude de tal ordem, Salvador Corrêa, em provisão de 18 de março do mesmo anno, incumbiu d. Francisco Rendon de Quebedo de arregimentar soldados em São Paulo e leval-os ao Rio de Janeiro.

Dom Francisco Rendon consegio apenas vinte e dous infantes e cincoenta e quatro indios frecheiros, que levou a Salvador Corrêa. O conde da Torre então, para angariar mais gente, determinava numa provisão de 8 de junho de 1639, que se facultasse o perdão de crimes, em particular aos de entrada ao sertão, áquelles que se inscrevessem na léva, podendo ser nomeados um capitão para cada oitenta homens, vencendo o soldo de quarenta escudos.

Dom Francisco Rendon volveu assim novamente a São Paulo, com o posto de capitão de picas espanholas e Taques cita, dentre os capitães desse modo nomeados, Valentim Pedroso de Barros e seu irmão Luiz Pedroso de Barros, Antonio Raposo Tavares e seu irmão Diogo da Costa Tavares, Manuel Fernandes de Abreu e João Paes Florião, além do ajudante João Martins Esturiano.

De outras fontes sabemos que na léva foram mais, Antonio Queiroz, Pedro Vaz de Barros, Antonio da Cunha de Abreu, João Sutil de Oliveira, Estevam Fernandes, o moço, Manuel Gonçalves, Alberto de Oliveira d'Horta, Innocencio Nogueira, Lazaro Bueno e Bartholomeu Bueno.

A causa exacta desta recruta de soldados paulistas, foi a necessidade em que se viu o conde da Torre, de augmentar de muito, além de refazer, a tropa trazida do reino, porque, tendo sahido em outubro de 1638 de Portugal, com uma grande armada para restauração de Pernambuco, foi se deter na Bahia, por mais de um anno, dando tempo a que o conde de Nassau se prevenisse de sobejo.

O contingente paulista embarcou em Santos com destino ao Rio de Janeiro, de onde fez regresso a São Paulo, d. Francisco Rendon.

Pedro Taques, na sua Nobiliarchia, pouco se refere a Antonio Raposo Tavares, na extensa noticia que escreveu sobre esse soccorro á Pernambuco, pois talvez se reservasse para o titulo desse sobrenome, que se perdeu. Em outro local, menciona que Antonio Raposo Ta-

vares substituiu a d. Francisco Rendon de Quebedo, no commando da léva que foi ao norte brasileiro, onde a mesma, no seu dizer, foi incorporada ao terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra.

Talvez esclareça melhor o assumpto, a patente que áquelle sertanista deu d. Fernando de Mascarenhas, na Bahia, a 7 de agosto de 1639, na qual refére que para reparar a falta de gente que lhe morrera na armada, mandou publicar em todas capitanias do Brasil bandos para que fosse arregimentado o maior numero de praças possivel, encarregando disso, na capitania de São Paulo, ao capitão-mór Antonio de Aguiar Barriga. Tendo assim sciencia desse facto, accrescenta a patente, o capitão Antonio Raposo Tavares juntou á sua custa cento e cincoenta soldados, com os quaes se passou á Bahia, onde dito conde o nomeou capitão da léva, que ficou formando uma companhia das de infantaria espanhola, a qual foi mandada aggregar ao terço do mestre de campo Fernando da Silveira.

Não existe desse modo referencia official de que Antonio Raposo Tavares tivesse tomado parte no terço do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra, como assevera Pedro Taques, e, consequentemente, figurando na celebre retirada desse cabo de guerra. Existe no entanto menção testemunhal, a exemplo do seguinte trecho duma declaração de Valentim Pedroso de Barros, registada na camara de São Paulo, pelo referido linhagista, em 1764: "...sahiram em terra, vindo marchando em companhia do mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra por entre

inimigos hollandezes, tendo com elles muitos encontros e guerras até chegar á Bahia, a cujo soccorro vinham, fazendo por sua pessoa e indios o que devia o bom soldado, servindo de alferes da companhia do capitão Antonio Raposo Tavares e chegando á Bahia, o melhorou o senhor marquez Vice-Rei, provendo-o de capitão de infantaria, por patente sua, etc."

Por ultimo escreve Pedro Taques que Antonio Raposo Tavares, "acabou em mestre de campo pago do terço que se formou em São Paulo para restauração de Pernambuco do poder dos hollandezes em 1640, com o caracter de governador da recruta". Com este titulo de governador, era elle mandado a São Paulo, em novembro de 1640, pelo marquez de Montalvão, para levantar mais gente. Retornou o grande cabo á guerra contra os batavos?

O certo é que se achava em São Paulo, em 1641, engajando soldados para tal fim e dentre esses se sabe de Francisco da Fonseca Falcão e Gaspar Vaz Madeira. Em abril de 1642, segundo o livro de notas do tabellião de Parnahyba, Ascenso Luiz Grou, recebia dos vereadores daquella villa, bem como de seus moradores, procuração que, sem dizer o fim especial a que era, delegava-lhe poderes geraes de representação — "em toda capitania, em todo o Brasil e, no reino de Portugal, deante de El-Rei Nosso Senhor Dom João o Quarto e onde fosse necessario no dito reino."

Dessa data em deante, sómente vamos ter noticia de Antonio Raposo Tavares, por occasião da sua derradeira expedição de 1648, acima referida.

Quanto ao bandeirante André Fernandes, fundador de Parnahyba e que muito se distinguio no ataque ás reducções do Guayrá, não nos parece o mesmo companheiro de Antonio Raposo Tavares, nessa sua marcha pelos sertões até o Gurupá.

Azevedo Marques e Silva Leme, dous notaveis rebuscadores do nosso passado, fazem referencia a um testamento do capitão André Fernandes, o fundador de Parnahyba. O primeiro delles menciona para esse documento a data de 28 de setembro de 1641, accrescentando que "fundou a capella de Sant'Anna, que deu origem á povoação, fundação que fez com a approvação do prelado administrador Bartholomeu Simões Pereira e que dotou com varios bens."

Silva Leme diz que o capitão André Fernandes, "falleceu com testamento em 1641, com a idade de sessenta e tres annos" e, adeante, esquecido disto, alludindo a Maria Fernandes, filha do referido capitão, escreve que foi "primeiro casada com Jeronymo da Silva e segunda vez com Manuel Corrêa, como consta do livro de notas já mencionado, em que se lê a escriptura de doação feita em Pernahyba em 1657 pelo capitão André Fernandes."

O padre Silveira Camargo no seu interessante trabalho "Notas para a historia de Parnahyba", buscou a conciliação de taes pontos. Inutilmente, porque nem o capitão André Fernandes falleceu em 1641, nem Maria Fernandes mencionada por Silva Leme, em 1657, era filha do fundador de Parnahyba.

Os curiosos da nossa historia podiam argumentar que Pedro Taques tambem refére que em 1656 foi, por provisão do conde de Atouguia, nomeado juiz o capitão João Fernandes de Saavedra para resolver as duvidas levantadas entre o povoador de Parnahyba "e fundador desta villa, André Fernandes" e os indios de Baruery, sobre terras do patrimonio dessa aldeia, referencia esta seguida por Silva Leme e varios outros. Mas aqui ainda se trata de um cochilo, pois o documento em questão, datado da Bahia, aos 24 de junho de 1656, nada tem com o capitão André Fernandes e nelle está bem claro que diz respeito a Balthazar Fernandes.

O anno de 1657 mencionado por Silva Leme, é tambem resultado de algum equivoco, pois Maria Fernandes, filha do capitão André Fernandes, foi apenas casada com João Fernandes Edra e a escriptura de dote, feita em Parnahyba, foi lavrada em 24 de setembro de 1641.

E verificamos pelas referencias exactas do dia 29 de setembro de 1641, citado por Azevedo Marques para o testamento de André Fernandes e a idade de sessenta e tres annos então allegada pelo testador e referida por Silva Leme, que o documento por ambos examinado se encontra num livro de notas do tabellião Ascenso Luiz Grou, aberto em 1640, em Parnahyba, rubricado pelo juiz ordinario Antonio de Sousa Couto e existente no Archivo do Estado. O capitão André Fernandes declara nesse testamento ser filho legitimo de Manuel Fernandes e de Suzana Dias e ter sido casado com An-

tonia de Oliveira. Outras indicações biographicas a seu respeito poderiamos aqui condensar.

Assim, allegando ter descoberto minas de ouro no sertão de Parnahyba, ahi obteve uma sesmaria de duas leguas em quadra, que lhe foi dada a 23 de setembro de 1619. Em 1623 teve patente de capitão de infantaria de São Paulo e com seus paes e seus irmãos Balthazar e Domingos Fernandes, foi dos fundadores da villa de Parnahyba, em 1625.

Levou d. Victoria de Sá, esposa de d. Luiz de Céspedes y Xeriá, a Assumpção, pela via terrestre, tendo tomado logo a seguir parte na primeira arrancada contra o Guayrá. Entre os annos de 1630 e 1631, destruio varias e ultimas reducções jesuiticas dessa região. O provincial Francisco Vasques Trujilo escrevia delle que era "um dos maiores piratas e crueis matadores de indios que haviam ido ao sertão".

No entanto, no testamento com que falleceu sua mulher, Antonia de Oliveira, em 1632, a mesma referia, que do gentio da terra possuido — "ha muitas peças que vieram de suas aldeias e de sua terra livremente, sem ninguem ir por ellas, só vieram pela fama de meu marido o capitão André Fernandes, só pelo bom tratamento que com ellas usa".

Em setembro de 1641, fazia André Fernandes doação a seu filho Jorge Fernandes de quatrocentas braças de terra, "da banda da serra de Bituruna, as quaes terras lhes dá dado por obras e muitos serviços que o dito seu filho Jorge Fernandes lhe tem feito como foi promessa

que fez por o vir carregando doente e desamparado de seus indios, o que com nenhuma cousa lhe podia pagar".

Deprehende-se assim que teve nessa época algum revés no sertão e regressando solitario, doente e já sexagenario, mandou o tabellião Ascenso Luiz Grou, em sua moradia, na villa de Parnahyba, que lhe escrevesse o testamento, aos 29 de setembro de 1641.

Nesse documento esclarece ainda que teve apenas um filho legitimo, Francisco Fernandes de Oliveira, "o qual me foi desobediente e commetteu contra mim algumas atrocidades, pelas quaes lhe perdôo, por amor de Deus, e não se opponha contra o que tenho ordenado, porque em tal caso ficará excluido da minha fazenda e herança". Sobre a capella de Sant'Anna, declara: "que se ponha na matriz, com parecer e ordem do senhor prelado, assim e da maneira que tenho por acertos e escripturas se haverá trespasso da ermida para a matriz, com obrigação de uma missa cada mez, o que se pagará dos réditos da fazenda que para isso deixo e sendo que o senhor prelado haja por bem o que trato acerca da capella, ficará a ermida á Santa Misericordia."

Por ultimo expõe André Fernandes que "a minha filha Catharina Dias é 'minha filha natural e é herdeira na minha fazenda, sem contradição alguma e por tal a deixo. Declaro que tenho mais duas filhas e um filho naturaes, a saber Jorge Fernandes, Margarida Fernandes e Maria Fernandes, as quaes filhas lhe tenho dado em dote de casamento com consentimento de Antonia de Oliveira, que Deus haja, como consta no seu testamento.

O testamento de André Fernandes porém não teve effeito, tanto que Ascenso Luiz Grou o riscou todo e lançou nelle de sua letra a cóta: — "O riscado não val nada, nem diz nada, porque tudo foi erro de penna". Azevedo Marques e Silva Leme esqueceram-se desta minudencia.

O capitão André Fernandes, posteriormente a isso, apparece numa procuração dos moradores de Parnahyba, ao capitão Antonio Raposo Tavares, datada de 19 de abril de 1642 e num convite dos camaristas da mesma villa aos de São Paulo, para accordarem as divisas dos respectivos municipios, datado de 24 de março de 1646.

Affonso de Taunay inclina-se a acreditar fôsse André Fernandes, o fundador de Parnahyba, o companheiro de Raposo, na arrancada iniciada em 1648. A nós, como já escrevemos, não nos parece isto exacto. Pensamos antes que esse companheiro foi o filho de Pedro Fernandes e de Anna Tenorio, por nome André Fernandes Tenorio e grande sertanista.

Porque em maio de 1648, partida de São Paulo, descia pelo rio Tietê, rumo dos sertões do baixo Matto-Grosso, uma bandeira na qual se achava o referido Pedro Fernandes, que no porto de Pirapitinguy fez o seu testamento, revelando encontrar-se na expedição, entre outros, o mesmo Antonio Pereira de Azevedo que como dissémos, commandava uma secção da tropa de Antonio Raposo Tavares ao Itatim.

Nessa bandeira foi tambem Antonio Alvares Tenorio, tio de André Fernandes Tenorio e que, fallecendo

em 1651, em Santo Amaro, fez expressa menção de ter estado no sertão em 1648. Pedro Fernandes que continuou a marcha da bandeira, nella falleceu e o seu inventario sómente foi iniciado em São Paulo, em 1653, exactamente no anno do regresso dos poucos que escaparam á extraordinaria travessia de Antonio Raposo.

Confirma ainda mais este nosso parecer, o facto de que, posteriormente a 1646 o fundador de Parnahyba, capitão André Fernandes, desapparece de toda documentação, sendo presumivel o seu fallecimento nas proximidades dessa data.

E do sertanista André Fernandes Tenorio, temos apenas a referencia do grande genealogista Silva Leme, de que extinguiu-se em São Paulo, em 1662.

VIII

EXPEDIÇÕES À VACCARIA

A região da Vaccaria do Matto-Grosso, foi a substituta como campo de acção dos paulistas, da provincia jesuitica do Itatim.

Um documento de 1695, do Conselho Ultramarino, propondo a fundação duma povoação nessa paragem, que demorava "entre o rio Grande e o rio Paraguay", fallava das correrias dos naturaes de São Paulo, que alli impediam a implantação de marcos, tentada pelos castelhanos. Revelava esse mesmo documento que, naquelle tempo, dous eram os caminhos para esse local. O primeiro, navegando desde o povoado pelo rio Tietê; o segundo, fazendo quatorze ou quinze dias de viagem por terra e depois rodando pelo Paranapanema até o rio Grande, para dahi então attingir a Vaccaria.

Este ultimo é o mais antigo roteiro que se conhece para ir áquella região e foi descripto pelo morgado de Matheus, governador de São Paulo. Viajava-se de São Paulo até Sorocaba e dahi á fazenda de Botucatú, que fôra dos jesuitas; dalli seguia-se até a aldeia de São Miguel, junto ao Paranapanema; ganhava-se depois São

Xavier e Santo Ignacio, aldeias todas destruidas, como já relatamos; deste ultimo ponto, navegava-se pelo Paranapanema e, desde o Salto das Canôas, até a barra desse rio, gastavam-se vinte dias de percurso, ou cerca de oitenta leguas; dahi entrava-se no rio Paraná, chamado então Grande, desciam-se algumas leguas, ganhava-se a boca do Avinheyma e subindo por este até perto de suas vertentes, largavam-se as canôas, penetrando-se por terra no territorio da Vaccaria.

Posteriormente a Antonio Raposo Tavares, penetraram esse sertão, Manuel Dias da Silva, alcunhado o Bixira, natural de Aveiro, em Portugal, casado em São Paulo com Catharina Rodrigues, filha de João Pires e de Mecia Rodrigues e que falleceu a 6 de março de 1677 e Luiz Pedroso de Barros, filho do capitão-mór governador Pedro Vaz de Barros, que sahido de São Paulo em 1660, attingiu terras do Perú, ahi fallecendo entre os indios serranos, em 1662. Foi casado com d. Leonor de Siqueira Góes e Araujo, na Bahia, tendo sido um dos capitães do soccorro que os paulistas enviaram para a luta contra os hollandezes, como já referimos.

Tambem Francisco Pedroso Xavier, filho de João Pedroso de Moraes, sahiu de São Paulo em 14 de fevereiro de 1675, tendo atacado as reducções de Terecañi, Ibirapariyara, Candelaria, Maracajú e Santo André, aprisionando grande numero de indios e causando grandes damnos. Dirigiu-se depois sobre Villa Rica do Espirito Santo, que occupou a 17 de fevereiro de 1676. Accudiram, porém, forças espanhólas, dirigidas pelo sargento-

mór João Dias Andino, pondo-se então Francisco Pedroso Xavier em retirada, levando a presa de indios e o producto do saque nas reducções e, apesar de perseguido até a serra de Maracajú, conseguiu chegar á salvo em São Paulo. Por esse feito ficou denominado o Heróe de Villa-Rica. Casou-se com Maria Cardoso, filha de Christovam da Cunha de Unhate e falleceu em São Paulo, em 1680.

Escrevendo ao governador do Paraguay, sobre a posse do territorio de Iguatemy, em officio datado de 17 de julho de 1771, o morgado de Matheus menciona varias diligencias dos paulistas no sul do Matto-Grosso e entre ellas, a de Francisco Dias Mainardos, occorrida cerca de 1680, que conquistou "os gentios habitadores dos rios Jaguary ou Avinheyma, Amambahy e os povos chamados gualachos". Esse bandeirante era filho de Thomé Dias Mainardos e de Maria Leme, residentes em Itú.

Accrescenta o morgado: "Pelos annos de 1680, o Monjolo de São Paulo, com sua bandeira, entrou pelo rio Jaguary ou Avinheyma e correndo as campanhas que rega o rio Cochim até o rio Mboyotetey, dalli passou ao rio Cachy e correndo todas as terras até o Amambahy e Iguatemy, dalli por varios casos que lhe aconteceram, se passou refugiado ao Paraguay, onde viveu muitos annos." Affonso de Taunay esclarece que este Monjolo era certo Juan Mongel Garcez, que se intitulava medico navarrez de Pamplona e vivera longos annos em São Paulo, onde era conhecido com o nome de João Monjelos. Associára-se á bandeira de Francisco Pedroso Xavier e uma

vez no Paraguay, apresentou-se aos seus compatriotas como transfuga da expedição, allegando ter vivido em São Paulo prisioneiro.

"Pelo mesmo tempo, remata d. Luiz Antonio de Sousa, entrou tambem André de Frias Taveira, natural da ilha da Madeira, com Jeronymo Ferraz, natural da villa de Sorocaba, os quaes vendo que os padres theatinos lhes queriam aggregar os indios da sua conquista os fizeram retirar até o rio Juguy, onde tiveram grande choque em que perderam muitos as vidas e ficou prisioneiro Gabriel Antunes, que muitos annos viveu na cidade de Assumpção, donde passou á Lima e dalli embarcando-se para a Espanha, arribou á Bahia e voltou outra vez para São Paulo. Em 1698 houve grande expedição que por mandado de Arthur de Sá e Menezes, general desta capitania, levou o tenente-general Gaspar de Godoy Collaço com o destino de varias empresas e diligencias para as campanhas da Vaccaria, cordilheira de Maracajú e margens do Iguatemy, as quaes cumpriu exactamente como lhe foi ordenado."

Omitte o morgado de Matheus dessas correrias a bandeira citada por Pedro Taques, de Braz Domingues Paes, que tinha como immediato a Pedro Domingues Paes, seu irmão, ambos naturaes de Sorocaba. Conta aquelle genealogista que em 1682, achando-se essa expedição na Vaccaria, teve ao seu encontro os castelhanos que, astuciosamente, lograram fazer o cabo assignar um termo reconhecendo como pertencente á Espanha a dita região. Pedro Leme da Silva, ituano, componente da

bandeira, convidado a confirmar tal documento, rasgou-o e se preparou para sósinho, enfrentar os espanhóes. Este feito enthusiasmou seus companheiros que, dispostos á luta, obrigaram os castelhanos a abandonar o terreno.

Tambem, as duas ultimas diligencias acima referidas pelo morgado de Matheus, nas quaes tomaram parte Antonio Ferraz de Araujo, André de Frias Taveira e Gaspar de Godoy Collaço, necessitam maior explanação.

As duas primeiras, segundo documentos publicados por Pastells, alcançaram a reducção de São Francisco Xavier dos Pinhócas, em 1691, tendo alli sido dizimadas. O padre João Patricio Fernandez, menciona-as com alguns pormenores na sua "Relação historica das missões dos indios chiquitos, que no Paraguay têm os padres da Companhia de Jesus", cuja primeira edição é de 1726.

Sahiram de São Paulo em 1690, descendo o rio Tietê e com intento de chegar ás doutrinas dos indios mojos e chiquitos, nas regiões dos rios Mamoré e Beni. Quando alcançaram o rio Paraná, entraram pelo rio Pardo e navegando oito dias pelo seu curso, attingiram a antiga reducção de Xerez, destruida pela bandeira de Antonio Raposo Tavares, em 1648. Ahi, á margem do rio Miranda, desde então, haviam os paulistas estabelecido uma base de operações. Deixando por isso nesse local as canôas e parte da sua gente, as duas divisões da bandeira sahiram pelo chamado porto dos Itatins e ganhando os apés indigenas, attingiram a região dos taucas, o rio de São Miguel, indo finalmente até proximidades da reducção de São Francisco Xavier dos Pinhócas.

Em meiados de fevereiro de 1691, correu nessa reducção de indios chiquitos a noticia de que os paulistas haviam passado, em janeiro, o rio Paraguay, com ideia de destruir Santa Cruz de la Sierra.

O padre José Francisco de Arce, então, com tres indios praticos, percorreu as aldeias dos borós, tabicás e taucas e, certificando-se de facto da presença dos mamelucos, conseguio que os indios se refugiassem onde ao depois se fundou a reducção de São Raphael.

Volveu o padre a São Francisco Xavier, distante cincoenta leguas desse local e de tudo deu conta ao governador de Santa Cruz o qual enviou cento e trinta soldados regulares que em São Francisco se uniram a quinhentos indios chiquitos instruidos militarmente. Antonio Ferraz de Araujo, ignorando todos estes preparativos, ao defrontar a reducção de São Francisco Xavier, de accôrdo com as demais divisões da bandeira, enviou aos espanhóes um aviso, no qual affirmava não desejar fazer mal aos padres, mas apenas levar o gentio que alli demorava.

Narra então o padre Patricio Fernandez, na sua citada "Relação", que foi um "indio intimar os inimigos a que se rendessem e adeantando-se certos soldados para receber as armas dos capitães, um servo destes os deteve disparando-lhes um tiro de espingarda, matando a um delles. Não poude soffrer isto André Florian, valoroso cavalleiro espanhol, que respondeu logo com outro tiro semelhante, derrubando por terra a Antonio Ferraz de Araujo e, tirando o seu punhal, arremetteu contra Ma-

nuel Frias e o matou a punhaladas, ficando assim, no primeiro momento, mortos os dous capitães inimigos."

Perdidos os seus chefes, os paulistas buscaram a fuga, arrojando-se pelas barrancas do rio de São Miguel, mas foram quasi todos mortos, ficando alguns prisioneiros e entre estes, Gabriel Antunes Maciel.

Pedro Taques refere-se a esta expedição, attribuindo-a porem a Manuel de Campos Bicudo, possivelmente um dos chefes das divisões da bandeira, como o eram Manuel, André e João de Frias Taveira, os dous primeiros já aqui mencionados e Gaspar de Godoy Collaço. Tambem entendemos que devêra fazer parte da mesma, a divisão do capitão-mór Salvador Moreira, de Parnahyba, que em fins de 1690, se encontrava na Vaccaria, tendo como companheiros, o capitão Miguel Garcia Bernardes, Antonio Alvares Maciel, Braz Moreira Cabral, Manuel de Arzão, o moço, Salvador Garcia Dias, José Dias Leite e João Gonçalves, como se constata do inventario do referido Salvador Moreira, aberto em São Paulo a 30 de maio de 1697.

Quanto á expedição de Gaspar de Godoy Collaço, em 1698, o governador Arthur de Sá e Menezes cogitára primeiro dalli enviar o paraguayo Amaro Fernandes Gauto, que viéra com a bandeira de Francisco Pedroso Xavier, em 1676, e se fixára pelo casamento, em Itú. Chegou mesmo a nomeal-o, a 6 de julho de 1697, "capitão-mór da Vaccaria e seus districtos até os serros de Serranay". Destinava-se a expedição a sondar minas de prata que diziam existir naquellas regiões.

Seguindo para o Rio de Janeiro com o capitão Diogo de Almeida Lara, afim de se entender a respeito com Arthur de Sá e Menezes, alli teve ordem de mandar aggregar á bandeira, certo Manuel Pereira, que se inculcava mineiro pratico e que chegára ao Rio vindo de Buenos Ayres. Desse modo protelou-se a diligencia e sómente nos primeiros dias de junho de 1698, tendo como cabo principal a Gaspar de Godoy Collaço, demandou o seu destino sendo que em Santos muito a auxiliou o sargento-mór José Tavares de Siqueira. A patente de tenente-general da Vaccaria foi passada a Gaspar de Godoy Collaço a 3 de março de 1698. Era elle filho de João de Godoy Moreira e de Euphemia da Costa Motta, tendo nascido em Parnahyba. Conhecia a região da Vaccaria desde muito moço e foi dos mais illustres sertanistas do seu tempo.

Nesse anno de 1697, por causa da execução da lei régia sobre o padrão da moéda, alguns paulistas buscavam impedir que Arthur de Sá e Menezes viesse á São Paulo. O cabeça dessa rebellião era Pedro Ortiz de Camargo, homem violento e de grande poderio. Houve então na villa um motim no qual Gaspar de Godoy Collaço, defendendo o governo, matou com um tiro de bacamarte ao temivel regulo. Esse facto causou grande agitação na villa, mas a chegada do governador, habil politico, serenou os animos.

Como porem os Camargos eram tradicionaes na vingança, Arthur de Sá e Menezes, ao invez de mandar instaurar uma devassa contra o sertanista, entendeu melhor

afastal-o de São Paulo, aproveitando-o para a exploração do territorio de Vaccaria.

Gaspar de Godoy Collaço teve os seus serviços agradecidos em carta régia de 20 de outubro de 1698. Foi casado com Sebastiana Ribeiro de Moraes e falleceu em São Paulo aos 10 de dezembro de 1713.

E nesse fim do seculo XVII, na região da Vaccaria, não cessaram os paulistas as suas diligencias. Antonio Antunes Maciel, André de Zunéga y León e Paschoal Moreira Cabral Leme, foram os que mais alli sobrelevaram. Este ultimo, tinha um campo entrincheirado na região de Xerez, com oitenta canôas postas no rio Miranda.

IX

A VAGA BANDEIRANTE AO NORTE

Exterminadas as reducções espanhólas ao sul e ao oeste de São Paulo, os bandeirantes escravagistas começaram, na segunda metade do seculo XVII, a attentar para as longinquas capitanias nortistas.

Chronologicamente não sabemos quaes as bandeiras que se seguiram aos soccorros paulistas de 1639 e 1647, durante a guerra hollandeza e que agiram em taes paragens. Affonso Taunay revela a de Francisco Fernandes Preto, em 1651. Em 1658 tem lugar a expedição de Domingos Barbosa Calheiros.

E' sabido que no seculo XVI, o districto de Cayrú, na Bahia, fôra grandemente assolado pelos guerens, ramo dos aymorés, até que, sob influencia dos jesuitas, retiraram-se para o interior. Em principios do seculo seguinte, começaram então os colonos, novamente, a se fixar nessa região, que parecia inteiramente abandonada por essa tribu temerosa. Não durou muito essa tranquillidade, pois, durante a guerra hollandeza, vindos do sertão, resurgiram os guerens e começaram a devassar, não só

esse districto, como os de Boypéba, Camamú, Jaguaribe e outros.

O governador Francisco Barreto de Menezes, tentou exterminar a horda, enviando contra ella varias expedições, uma das quaes foi a commandada pelo paulista Domingos Barbosa Calheiros, destinada ao districto de Jacobina, mas que nenhum resultado deu, raros sendo os bandeirantes que conseguiram retornar a São Paulo, escapos ás vicissitudes soffridas pela diligencia (1660).

O padre Bettendorf falla a seguir de bandeiras escravagistas dirigidas por cabos de São Paulo, em 1669, no Maranhão. De quatro de março desse anno, sabemos, é o pedido do governador Alexandre de Sousa Freire, para um novo soccorro de paulistas contra os indios bravos do norte.

Para attender a este appello, apresentou-se Estevam Ribeiro Bayão Parente, sertanista dos mais praticos, que embarcou com cerca de quatrocentos homens brancos, fóra mamelucos e indios, chegando á Bahia em agosto de 1671, muito maltratado do mar. Nessa expedição foram bandeirantes da tempera de João Amaro Maciel Parente, Braz Rodrigues de Arzão, Manuel Vieira Sarmento, Antonio Soares Ferreira e Antonio Affonso Vidal.

Particularidades da jornada constam de duas ordens do governador Affonso Furtado, datadas da Bahia, a primeira de sete e a segunda de doze de agosto de 1671. Dellas se conclue que Estevam Ribeiro, tendo embarcado em Santos ao mesmo tempo que o sargento-mór Braz Rodrigues de Arzão, tardou tanto em chegar á Bahia, que

já havia poucas esperanças de que alli arribasse. E como Braz de Arzão de muito já se encontrava naquella cidade, afim de aproveitar o tempo das aguas, partira para o sertão, levando o respectivo regimento, com o posto de capitão-mór da conquista, subordinado no entanto sempre a Estevam Ribeiro.

Ao desembarcar este ultimo na Bahia, foi expedida ordem para que Braz de Arzão o esperasse nos campos do Aporá, afim de juntos proseguirem a campanha. Em dous annos de lutas, venceu Estevam Ribeiro os tapuyas do Orobó, remettendo os prisioneiros para as casas fortes creadas em Paraguassú, Ibirutuca e Piranhas.

Felisbello Freire commenta que todo o movimento colonizador que se operou nas cabeceiras do Paraguassú, Jacuipe, Jequiriçá, Orobó até Sincorá, foi todo elle o resultado da bandeira de Estevam Ribeiro e seus companheiros. Em 1673 o governador-geral nomeava a esse cabo paulista capitão-mór da nova villa de Santo Antonio da Conquista, erguida no local da aldeia dos Cochos, ponto escolhido por Estevam Ribeiro para fundação de um povoado, como o desejava o dito governador-geral.

Permaneceu depois na Bahia esse guerrilheiro, tendo tomado parte noutras expedições de conquista. Assim, em 14 de julho de 1676, mandava-se entregar ao mesmo a munição necessaria para a entrada contra os indios que atacavam as povoações dos Campos do Guairarú. Em 1677 a Junta Trina recriminava-o por estar captivando indios mansos, pertencentes a Gaspar Rodrigues Adorno. Mezes depois, já o elogiava por feitos contra os indios

bravos, recommendando-lhe não fôsse com o capitão-mór Domingos Rodrigues de Carvalho e mandasse apenas se unir á tropa desse ultimo, o sargento-mór Francisco Ramos.

O capitão-mór Domingos Rodrigues de Carvalho procurava vencer definitivamente os tapuyas das margens do rio de São Franscisco.

A esse tempo tambem, o cabo paulista Domingos de Freitas de Azevedo, com seu irmão Bernardo de Freitas de Azevedo, combatia os aniós. Fallecendo o cabo, outro paulista, Francisco de Chaves Leme o substituia na campanha contra essa tribu e outras das nascentes do Paraguassú.

A 29 de novembro de 1679 já era fallecido Estevam Ribeiro Bayão Parente. Não são portanto muitos os dados que se conhecem sobre esse illustre conquistador dos selvicolas. Era filho de João Maciel e de Maria Ribeiro, tendo sido casado com Maria Antunes, de quem teve dous filhos, um dos quaes foi o grande bandeirante João Amaro Maciel Parente.

Mais para o amago do interior nortista, andavam outros naturaes de São Paulo, segundo dava noticia o capitão-mór da cidade de Belém do Pará, Antonio Pinto da Gaia, que a 6 de fevereiro de 1671, certificava "que do rio de Tocantins baixaram oito aruaqueres que vieram a esta cidade, á pedir que fossem baixar seus parentes, que ficavam nos mattos, e mandando-os praticar, disseram que vinham fugindo dos homens de São Paulo, e

era um lote de gente que tinha chegado junto aos guarajús".

Seriam certamente esses paulistas, membros da bandeira de Sebastião Paes de Barros, que tendo como immediato a Paschoal Paes de Araujo, seguira por esse tempo de São Paulo, pelo sertão, com duzentos brancos, duzentos mestiços e quatrocentos indios, e "á sua custa cortando immensidade de caminhos, vindo parar nas cabeceiras do rio de Tocantins e Grão Pará, onde está assistente com esta gente, e se tem noticia que deram com mineraes, por terem formado casas e aberto estradas para a villa de São Paulo."

O governador do Maranhão, a esse tempo Pedro Cezar de Menezes, sabedor dessa occupação do territorio da capitania, expediu contra Sebastião Paes de Barros forças sob o commando de Francisco da Motta Falcão. Esse militar, após penosas jornadas, foi encontrar o cabo paulista no sitio referido, quando acabava de reduzir ao captiveiro, toda tribu dos guajarás. Intimou-o então não só a evacuar o terreno, como tambem a libertar os indios aprisionados (1673).

Sebastião Paes de Barros deu porem de hombros com a intimação do militar e por sua vez intimou-o a deixal-o em paz. O governador do Maranhão ficou nimiamente despeitado com o atrevimento desse sertanista e fazia aprestar uma forte expedição contra o mesmo, quando chegou de Portugal o clerigo Antonio Raposo, com a incumbencia de alcançar Sebastião Paes de Barros e proseguir nas pesquisas de minas naquella região, serviço

sobre o qual já havia escripto El-Rei ao bandeirante, em principios de 1674.

Pedro Cezar de Menezes cumpriu a contra gosto o desejo real e um documento de 1676 conta que o padre Antonio Raposo, "passando pelo sitio onde se tinha alojado o cabo da tropa de São Paulo, achou noticia que por seu descuido ou ambição de captivar gentio, o tinha este morto e aos demais da tropa e eram duas nações, a dos aroaquins (aruaqueres), de lingua geral e melhor genio e a dos bilreiros, cruel e bellicosa, havendo mais de um anno ter-se feito por estes gentios aquelles insultos aos de São Paulo, por cuja causa se retirára e não tem noticia de minas algumas."

Em outros pontos, outros paulistas andavam igualmente pelo territorio nortista, á cata de indios. Assim, em 1671, Domingos Jorge Velho surgiu na serra dos Dous Irmãos e unindo-se á bandeira de Domingos Affonso Mafrense, conhecido na historia por Domingos Sertão, conjunctamente com o coronel Francisco Dias de Avila, Julião Affonso Serra e Bernardo Pereira Gago, afundou pelo Piauhy onde bateu e captivou os indios pimenteiras, após alguns annos de luta (1674).

Terminada essa empresa, de commum accôrdo, os principaes dessa guerra resolveram seguir rumos diversos. Domingos Sertão e os mais, bandeirantes bahianos, deixaram-se ficar em terras do Piauhy, que vadearam até as montanhas do sul e Domingos Jorge Velho proseguio, ganhando terras do Ceará e passando á Parahyba, foi sitiar em Piancó (1680).

Desse local, dirigiu ataques contra os indios icós e sucurús, tarefa em que gastou alguns annos. Coincidiu que a esse tempo, andava o governador de Pernambuco, João da Cunha Souto Maior, preoccupado em extremo com as devastações que praticavam na capitania os negros dos Palmares, celebre mocambo que demorava junto á serra da Barriga, no actual Estado de Alagôas. Contra elle já haviam sido enviadas, sem resultado, vinte e cinco expedições. O governador mandou então propôr a Domingos Jorge Velho o exterminio daquelle quilombo, mediante certas recompensas. Acceita a proposta, foi assignado um ajuste no qual se estipulava que Domingos Jorge Velho teria para si os negros aprisionados, excepção do quinto á Fazenda Real, sesmarias nas terras conquistadas e quatro habitos das tres ordens militares de então (1687).

Esse trato foi approvado pela Côrte em 1693 e de uma patente de governador, passada em 1688, por Mathias da Cunha, a Domingos Jorge Velho, se deprehende que esse bandeirante logo que foi celebrado o ajuste referido, desceu com o redor de cem homens brancos e mil e trezentos arcos do seu gentio, gastando quasi dez mezes na jornada, chegando até ás vizinhanças dos Palmares. Ahi porem recebeu ordem do governador, para atacar primeiro os indios janduins. Nessa faina andou muito tempo, tendo queimado as principaes aldeias e degollado quasi toda tribu.

Ao chegar a approvação régia do seu contracto contra os Palmares, achava-se Domingos Jorge Velho em

montaria aos indios do Rio Grande e marchou então com o fim de atacar a fogo vivo aquelle mocambo. Passados tres annos de lutas, o governador de Pernambuco, Caetano de Mello de Castro, recebia do governador-geral do Brasil, datada de 24 de janeiro de 1696, a carta seguinte: — "Meu amigo e senhor. — Com particular contentamento li a carta em que me destes a nova de ser morto o Zumby, no bom successo que tiveram os paulistas; ainda que foi para elles bastantemente custoso, como por outras noticias se me diz. Com sua morte e estrago dos negros considero quasi acabada a guerra dos Palmares, destinada ha tantos annos, para vós lograres a felicidade de os venceres e ser vossa essa gloria."

Zumby era o principal chefe dos negros da serra da Barriga. Mas a guerra dos Palmares não terminou ahi, tendo durado quasi até o anno do fallecimento de Domingos Jorge Velho, em 1704. Foi uma série de revezes e de victorias que terminou por extinguir a nocividade daquella chamada Troya Negra. De permeio, o governo encarregou Domingos Jorge Velho de atacar indios bravos. Existem assim as ordens régias de 1694 e de 1699, mandando esse bandeirante guerrilhar aborigenes da confederação dos cairiris e outros do Maranhão. A actividade desse paulista extendeu-se portanto largamente, sobrelevando a todos os demais que no tempo alli agiram, prestando á Metropole, ao mesmo tempo, o duplo serviço do expurgo do gentio e da destruição dos Palmares.

Os seus principaes companheiros de luta, quasi todos paulistas, foram o sargento-mór Christovam de Mendonça Arraes, Alexandre Jorge da Cruz, Paschoal Leite de Mendonça, Manuel Gonçalves Ferreira, Simão Jorge Velho e Domingos Luiz do Prado.

Domingos Jorge Velho era filho de Francisco Jorge Velho e de Francisca Gonçalves. Residindo de preferencia na sua estancia do Piancó, ahi casou-se com d. Jeronyma Cardim Fróes e ahi falleceu, segundo alguns historiadores, entre 1703 e 1704.

Seu irmão, Antonio Cubas, teve patente de coronel, passada por frei Manuel da Resurreição, arcebispo governador, datada da Bahia, em 1699, visto como acompanhára o seu irmão em todos esses serviços, tendo levado de São Paulo, por terra, áquella capitania, cem homens d'armas.

Christovam de Mendonça Arraes foi procurador de Domingos Jorge Velho no ajuste celebrado em Olinda, aos 3 de março de 1687, com João da Cunha Souto Maior, para destruição dos Palmares. Teve o posto de sargento-mór nessa campanha e após a morte de Domingos Jorge, ficou como governador do terço dos paulistas em guarnição aos Palmares (1704). Desde 1679 servia sob as ordens do grande cabo, tendo se fixado tambem, com muitos outros companheiros, nas margens do Potingy e do Parnahyba e dalli, em 1687, foi que sahiu para combater os Palmares, como já se referiu. Obteve uma sesmaria, com outros do mesmo terço, confirmada pela carta régia de 25 de dezembro de 1710 — "desde as nas-

centes do Potingy ou Camarões, até onde se mette naquelle do Parnahyba."

Agindo isoladamente nas cabeceiras do Maranhão, tendo conquistado indios da nação guacupé e ananás e pesquisado minas, vamos encontrar desde antes de 1677 o paulista Francisco Dias de Siqueira, denominado o Apuçá, filho de Francisco Pires de Siqueira e de Helena Dias e que foi casado com Joanna Corrêa, fallecida em estado de viuva, em São Paulo, a 20 de abril de 1714.

Pelos seus serviços teve este cabo de bandeira, em 1 de fevereiro de 1677, a patente de capitão-mór e, na continuação de taes diligencias, por muitos annos, alcançou o posto de tenente-coronel, que lhe foi conferido por patente de 23 de julho de 1691, a qual dizia: — "Porquanto convem prover o posto de tenente-coronel de João Raposo Boccarro, que óra vai ao descobrimento das minas de ouro, prata, pedraria e perolas que ha na serra e lagôas de que tem noticia, pelos sertões interiores do Rio Grande, Ceará e confins da guerra que se offerecer com algumas nações barbaras, como para lhe succeder em algum acontecimento; e eleger para isso pessôa de muito valor, experiencia militar e pratica da lingua geral: respeitando eu o bem que todas estas qualidades concorrem na do capitão-mór Francisco Dias de Siqueira e ao bem que me constou haver servido a El-Rei meu Senhor naquellas campanhas: Hei por bem, etc."

Parece porém que o sertanista de São Paulo não agiu nessa missão a contento da Metropole, pois foi accusado de commetter barbaridades contra tribus reduzi-

das, pelo que foi mandado punir por carta régia de 2 de novembro de 1693. Tal castigo porem não teve effeito e o potentado paulista, deixando uma grande fortuna, veio a fallecer pouco depois na Bahia.

Tornavam-se assim, nesse fim do seculo XVII, aquellas regiões septentrionaes, amplamente conhecidas dos naturaes de São Paulo, que alli iam caçar indios e fundar estancias de criar. Favorecidos pela extensão daquelles desertos e pelo absolutismo que nelles adquiriam, muitos desses paulistas transformaram-se em regulos temerosos.

Na villa de Porto Seguro, quarenta desses potentados, encabeçados por Domingos Leme de Moraes e seu irmão Verissimo da Silva: — "levantavam forcas e davam leis, sem conhecerem Rei, nem Justiça, matando a quem lhes parecia, confiscando-lhes as fazendas para si e fazendo os mais enormes delictos que podiam ser e o capitão-mór entrincheirado em sua casa sem poder obrar cousa alguma com o temor da morte" — dava noticia o governador Camara Coutinho, em 1692.

X

A GUERRA DOS BARBAROS

Nesse mesmo final do seculo XVII, formava-se em Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, a denominada confederação dos cairiris, composta de indigenas sucurús, payacús, icós, ariús e outros, tornando a situação tão afflictiva, que o governador-geral, frei Manuel da Resurreição, dirigiu-se em carta de 30 de novembro de 1688, á camara e ao capitão-mór de São Paulo, Thomaz Fernandes de Oliveira, pedindo que alli enviasse, a fazer a guerra, os experimentados cabos paulistas.

Foi portador da mensagem nesse scntido, o capitão João Amaro Maciel Parente e acceito o convite, partiu o mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, a quem dito governador da Bahia escrevera tambem directamente, com mais de cem homens brancos e grande numero de indios administrados, o qual seguindo a via de Minas-Geraes, chegou ás margens do rio de São Francisco, na planicie do rio Verde, onde tinha um arraial assentado, ficando á espera de João Amaro que, com o

posto de capitão-mór, alli devia ir ter com o restante da bandeira (1690).

Em meiados de 1692, de facto arribou a tropa de João Amaro, chegada á Bahia por mar e vinda até alli pelo sertão. Formaram-se então varias divisões, figurando nos postos principaes, Manuel Cardoso de Almeida, Antonio Gonçalves Figueira, João Pires de Brito e Manuel Alvares de Moraes Navarro, sendo que este ultimo se incorporára ás tropas de Mathias Cardoso, no rio Pajú. O capellão era o padre João Leite de Aguiar.

A divisão de João Amaro partiu para a barra do rio Jaguaribe onde ergueu um arraial, sondando os entornos e formando bases de abastecimento das tropas. No anno seguinte, Mathias Cardoso veio ter a esse acampamento e dalli espalhou toda bandeira (1693).

João Amaro seguio para o Rio Grande do Norte e os demais capitães, com o mestre de campo, atravessaram a serra e iniciaram a campanha. Quatro annos levaram acutilando o gentio, remettendo os captivos para as casas fortes, destruindo aldeias, espavorindo tribus inteiras, até o combate final dado por Antonio Gonçalves Figueira, em 1697, no Ceará.

Essa formidavel refréga desinçou em grande parte os sertões do nordeste do gentio bravo.

Figura central dessa empresa, Mathias Cardoso de Almeida foi um paulista dos mais illustres. Filho legitimo do lusitano de igual nome e de Izabel Furtado, foi casado com Ignez Figueira e deixou o filho unico Januario Cardoso de Almeida. Como sertanista, conhecia as

trilhas para o norte, varando Minas-Geraes, desde antes de 1664. Da sua patente, assignada pelo arcebispo governador, frei Manuel de Resurreição, e datada da Bahia, aos 3 de abril de 1690, lê-se o seguinte: "—...me resolvi dar nova forma á mesma guerra, mandando reformar todos os postos maiores e menores que em principio se crearam e recolher ás suas praças e presidios, a infantaria paga e da ordenança que naquellas fronteiras se achavam á ordem de diversos cabos, exceptuando o mestre de campo Domingos Jorge Velho e os officiaes do regimento que se formou dos paulistas que trouxe para a conquista dos Palmares, ao qual deixei livre o ir emprehendel-a; e encarregar o governo absoluto da mesma guerra a uma só pessôa de cujo valor, prudencia, pratica da disciplina costumam uzar os paulistas nas suas conquistas e experiencia da guerra dos barbaros; para assim se evitarem as duvidas de jurisdicção e se conseguir o desejado fim da guerra e extincção das nações. Tendo eu consideração ao bem que todas essas qualidades concorrem na pessôa de Mathias Cardoso de Almeida, que óra chegou pelo sertão, chamado por ordem deste governo, da capitania de São Vicente, ao rio de São Francisco, trazendo mais de cem homens brancos com seus officiaes, de que se formou um regimento e grande numero de indios armados para aquelle effeito: e respeitando o grande zelo com que dispoz a este particular serviço e tem mostrado em outras occasiões importantes nos postos que occupou de capitão-mór e tenente-general de d. Rodrigo de Castel-Blanco e me cons-

tavam por documentos originaes que por sua parte se me offereceram, principalmente na primeira jornada que Fernão Dias Paes Leme, governador do descobrimento fez por ordem de Sua Magestade, ao Serro de Sabarábossú, e não achando quem o quizesse acompanhar, foi o dito Mathias Cardoso de Almeida uma das pessôas que mais promptamente se offereceram, com cento e vinte escravos seus, armas e munições, á sua custa, indo adeante a plantar mantimentos naquelle sertão, donde teve varios encontros com os barbaros, e uma batalha em que houve muitos feridos de parte á parte, até os desbaratar e tomar-lhe os mantimentos, formou logo arraial no dito Serro com diversas plantas e criações que levou da villa de São Paulo, e dalli mandou conduzir ao caminho mantimento ao mesmo governador, cujas tribus estavam com animo de se voltarem para mesma villa, opprimidos da fome e esterilidade daquelle sertão; e depois de assistir seis annos com o dito governador se retirou com licença sua a livrar a vida do perigo em que se achava gravemente enfermo, em parte tão remóta, deixando-lhe quinze escravos seus por serem dois naturaes do mesmo Serro e importantes ao descobrimento das esmeraldas. E mandando Sua Magestade depois a d. Rodrigo de Castel-Blanco, administrador e provedor geral das minas deste Estado, ao descobrimento da prata do mesmo Serro de Sabarábossú, não achando elle quem o quizesse acompanhar naquella jornada, o dito Mathias Cardoso de Almeida, a quem então passou patente de tenente-general, por nomeação da camara de São Paulo, se lhe apresentou

tambem com todos quantos escravos tinha, por faltar os indios que pediu á dita camara de São Paulo, o mesmo sufficiente que era necessario para aquella jornada, a qual era impossivel conseguir se o dito Mathias Cardoso não fôra e não partira adeante a fazer plantas naquelle sertão, levando consigo capitães e gente que o acompanharam com as armas, ferramentas e o mais que era necessario, em que fez grandes despesas de sua fazenda, sem pedir emprestimo algum da real ao dito administrador-geral, procedendo emquanto durou aquelle descobrimento e viveu o dito d. Rodrigo, com particular desvelo em todas obrigações que lhe tocaram e em tudo o mais de que foi encarregado. E ultimamente o proveu o capitão-geral e governador que foi deste Estado, Antonio de Sousa de Menezes, por patente sua de Governador e Administrador de todas as aldeias de nações que reduzisse e situasse desde a capitania de Porto-Seguro, até o rio de São Francisco, excepto a dos Ilhéos pelo grande serviço que podia fazer a Sua Magestade na divisão que por aquelle meio se fazia ás hostilidades que dos barbaros costumavam padecer os moradores desta capitania. Em consideração de todas estas razões e serviços nesta mencionados, hei por bem, etc."

Com este posto de mestre de campo e com a autoridade que assim lhe era concedida, investiu Mathias Cardoso de Almeida desde 1690 até 1697, contra os indios da confederação dos cairiris, no Ceará e Rio Grande do Norte.

Na Bahia, soffreu em 1696, grande revez no rio Jaguaribe, onde lhe mataram um filho natural. Nas nascentes do rio Pardo e Doce, com mais dezenove companheiros, teve a doação de quatro leguas em quadra, que hoje são em territorio de Minas-Geraes. Nas margens do rio de São Francisco, junto com seu irmão Manuel Cardoso de Almeida, estabeleceu estancias de criar. E, em 1698, d. João de Lancastro escrevia a Arthur de Sá e Menezes: "—Procurando quem era o fuão Cardoso, dono dos primeiros curraes aonde se recolhe os indios, que fogem aos moradores daquellas villas (de São Paulo), se achou não ser morador do districto desta capitania, senão na de Pernambuco; lá tenho mandado fazer a mesma diligencia... Estando acabando este capitulo, soube do sargento-mór paulista que Mathias Cardoso era a pessôa que assistia nos ditos curraes; e porque estão da banda de Pernambuco, se ignorava quem o tal sujeito fôsse. Eu lhe escrevo logo com todo aperto, faça aviso a São Paulo, para que se vão buscar os indios em que V. S. me falla."

E nessas estancias de criação, nos longes nortistas, falleceu o grande bandeirante paulista em data que não registam os seus biographos.

Seu lugar tenente, João Amaro Maciel Parente, foi tambem figura verdadeiramente notavel em toda essa campanha. Alcançou a patente de coronel e uma grande sesmaria em terras bahianas, com o senhorio da villa que seu pae havia fundado sob invocação de Santo Antonio, ao depois chamada João Amaro. Abriu uma estra-

da pelas mattas dos Ilhéos, que vinha cortando pelo Rio Pardo, Jequitinhonha e Salsa, a qual inflectindo depois para o norte, ia ter ao Paraguassú e dahi ás margens do rio de São Francisco. Foi a primeira e maior via que se obteve no interior bahiano (1693). Vendeu posteriormente a sua sesmaria ao coronel Manuel de Araujo Aragão e mudou-se para as margens do Guarapiranga, em Minas-Geraes, onde teve uma fazenda de criar e exerceu o cargo de fiscal dos descaminhos do ouro (1705).

Casou-se ahi, primeiro com Anna Maria de Camargo e segunda vez com Maria Furquim, irmã de Claudio Furquim e de ambos casamentos não deixou geração. Nesse mesmo sitio teve, em 1711, o commando dum terço de gente para soccorrer o Rio de Janeiro, no ataque do corsario francez Duguay-Trouin, achando-se naquella cidade em outubro do dito anno. Volvendo á sua fazenda do Guarapiranga, alli veio a fallecer a 3 de favereiro de 1721.

Outro dos companheiros dignos de nota de Mathias Cardoso de Almeida, foi o capitão Antonio Gonçalves Figueira, filho de Manuel Affonso Gaya e de Maria Fernandes Figueira, casado com Izabel Ribeiro de Aguiar. Em São Paulo, possuira elle a fazenda do Curuarú.

Tendo seguido na bandeira como simples praça, levando doze indios arcabuzeiros, em pouco tempo alcançou o posto de alferes. No rio Jaguaribe teve memoravel combate com os selvicolas, muito mais numerosos, vencendo-os porém. Partiu dahi para o Ceará, em auxilio a João Amaro, realizando outro embate victorioso a

12 de novembro de 1693. Desse local regressou por ordem de Mathias Cardoso de Almeida, quando a guerra foi dada por terminada, em 1697.

Estabeleceu-se então no Brejo Grande, alli erguendo o primeiro engenho de assucar no sertão do rio de São Francisco. Nas mattas do rio Pardo, com uma pequena companhia, bateu duas hordas de selvagens, supprindo as poucas forças com astucias e estratagemas. Impellido pela miragem das pedras verdes, ganhou ainda o sertão do rio Verde, onde fundou as fazendas de criar, Itahy, Olhos d'Agua e Montes Claros. E afim de se communicar com o exterior desse districto, abriu uma estrada para o rio de São Francisco, com quarenta leguas. Construio posteriormente uma outra que vinha ter a Pitanguy, para onde exportava gado. Teve por esse motivo em 15 de abril de 1715, um elogio do superintendente daquellas minas, o mestre de campo Antonio Pires de Avila.

A 5 de maio de 1729, estava elle residindo, já bastante idoso, na villa de Santos e ahi foi nomeado, pelo governador Antonio da Silva Caldeira Pimentel, para o posto de capitão da infantaria da ordenança dos moradores do rio da Bertióga, mencionando-se na sua patente, todos esses seus relevantes serviços.

Manuel Alvares de Moraes Navarro, poderoso auxiliar de Mathias Cardoso de Almeida, teve em começo o posto de sargento-mór, por patente de 4 de maio de 1689. Era filho de Manuel Alvares Murzello e de Anna Pedroso de Moraes e havia sido cinco annos, alferes da

fortaleza do Itapema, em Santos, passando depois á capitão de infantaria da ordenança.

A sua tropa fôra levada por mar á Bahia, á sua custa, marchando depois por terra, trezentas e vinte leguas, afim de se unir com Mathias Cardoso. Soccorreu Domingos Jorge Velho, cento e trinta leguas do local onde se encontrava. levando-lhe munição de boca, armas, soldados e indios, solicitados ao governador de Pernambuco, marquez de Montebello.

Dissolvido o terço de Mathias Cardoso, Navarro se offereceu para formar outro em São Paulo, o que foi acceito por d. João de Lancastro. Aconselhado por esse mesmo governador, foi Navarro ao reino, entender-se com o governo central, sobre a recompensa desses serviços (1696). De regresso, foi á São Paulo levantar o terço para continuação da guerra aos indigenas (1697).

E a esse proposito, escrevia d. João de Lancastro em 19 de outubro desse mesmo anno, ao provedor da fazenda do Rio de Janeiro: — "Sua Magestade, que Deus guarde, foi servido ordenar-me, por carta sua escripta em 10 de março, que na villa de São Paulo, se levantasse um terço de Paulistas, para a nova guerra que manda fazer ao gentio barbaro da capitania do Rio Grande do Norte, pela haver reduzido á sua ultima ruina e óra mando ao mestre de campo Manuel Alvares de Moraes Navarro, que o é por patente real do dito terço alevantado, com ordem minha para se vir embarcar com toda a gente de guerra que trouxer ao Rio de Janeiro, e dahi vir a esta cidade com toda brevidade possivel. E' esta

guerra de tantas consequencias, não só á capitania do Rio Grande, senão tambem ás mais de Pernambuco, e Sua Magestade me ordena por outra carta, cuja copia firmada pelo secretario de Estado vai com esta, mande fazer toda a despesa para o dito terço dos effeitos mais promptos da sua real fazenda, pelo que, etc."

Em agosto do anno seguinte, desembarcava Navarro com seu terço na Bahia. Sua missão consistia em combater os indios ribeirinhos do São Francisco até o Ceará. Em fins de 1698 dava combate contra os payacús, na Ribeira do Jaguaribe, exterminando-os.

Por tal motivo, como taes indios eram considerados pacificados, em carta de 6 de abril de 1700, o governador mandava que elle se recolhesse com seu terço. Allegou Navarro que atacou esses selvicolas, porque com outros, tramavam um massacre aos colonos. Os jesuitas moveram-lhe porém um processo, interessados no facto como eram, tendo o mestre de campo sido preso, em 1701. Em agosto do anno seguinte, solto, providenciava sobre o pagamento do soldo a seu terço, embora afastado do commando.

Em 1704 voltava elle á frente das suas tropas, denominadas terço de Lancastro, acampadas no Assú. Doava-lhe além disso El-Rei, o officio de escrivão de orphãos da cidade da Bahia. Em 1705 passava-se, com licença, a São Paulo, indo dahi á Minas-Geraes, onde em 1711, actuava elle no Serro Frio, nas desordens provocadas por Manuel Corrêa de Arzão e Geraldo Domin-

gues, tudo por ordem do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Dessa villa voltou a Pernambuco e ainda combateu indios no Assú. Em 1731 era provedor da Santa Casa de Olinda. Em 1732 pedia desobriga total da responsabilidade do armamento que recebêra da fazenda real para suas expedições. Em 1736 e 1745 servio de vereador mais velho na camara da mesma cidade.

Foi casado tres vezes, sendo que a primeira dellas em São Paulo, com Maria de Oliveira, filha de Manuel de Amorim Falcão e de Luiza de Oliveira e as duas restantes, em Pernambuco.

Era cavalleiro da Ordem de Christo e falleceu no seu engenho de Paratybe, nas vizinhanças do Recife, posteriormente á data acima citada de 1745.

XI

ADMINISTRADORES GERAES E PROVEDORES DAS MINAS

A provedoria das minas de São Paulo fôra instituida antes da execução do primeiro regimento das terras mineraes do Brasil, expedido pela Metropole a 15 de agosto de 1603.

Chronologicamente, foram primeiros provedores das minas vicentinas, Diogo Gonçalves Laço, o velho, (1598), Diogo Gonçalves Laço, o neto, (1602), Pedro Arias de Aguirre e João Mendes (1602) e Diogo de Quadros (1606).

Essa nova actividade administrativa se originára das diligencias de d. Francisco de Sousa, que teve em primeiro, o cargo de administrador geral das minas da repartição do sul.

Na sua "Informação sobre as minas", escreve Pedro Taques: — "Falleceu em São Paulo d. Francisco de Sousa no anno de 1611; e tendo antes feito o seu testamento e nelle nomeado a seu filho primogenito d. Antonio de Sousa para lhe succeder no lugar, fez depois, em 15

de maio do mesmo anno de 1611, codicillo no qual declarou que pela ausencia de seu filho Antonio ao reino, nomeava seu filho d. Luiz de Sousa e por adjacentes a seu sobrinho Nuno Pereira Freire e a Martim Corrêa de Sá, governador que tinha sido do Rio de Janeiro. Na camara de São Paulo tomou posse d. Luiz de Sousa em 12 de junho do mesmo anno de 1611, sendo officias della, Antonio Rodrigues, Antonio Raposo e Manuel Francisco Pinto; procurador do conselho Salvador Pires. Logo que chegou ao reino a certeza do fallecimento de d. Francisco de Sousa, foi despachado para lhe succeder, Salvador Corrêa de Sá, por alvará de 4 de novembro de 1613, com ordenado de seiscentos mil reis em cada anno, vencendo-os desde o dia que sahisse de Lisbôa, isto por alvará de 21 de dezembro do mesmo anno. Chegando ao Rio de Janeiro, mandou por administrador das minas de São Paulo a seu filho Martim Corrêa, por provisão sua datada do mesmo Rio de Janeiro de 20 de julho de 1615. Com esta administração esteve até o anno de 1621, em que lhe succedeu seu irmão Gonçalo Corrêa de Sá, ao qual succedeu em 1624 Manuel João Branco, com o mesmo caracter de administrador das minas de São Paulo e superintendente dos indios das aldeias do real padroado."

Todo este trecho de Pedro Taques, no que concerne a Salvador Corrêa de Sá, o velho e seus filhos Martim e Gonçalo Corrêa de Sá, necessita uma rectificação, mesmo porque, a totalidade dos escriptores do assumpto, repetem apenas as mesmas palavras do genealogista. De

accordo com os documentos novos que consultamos, podemos emendar este ponto da maneira seguinte.

Gonçalo Corrêa de Sá foi nomeado por d. Luiz de Sousa, governador-geral do Brasil, por provisão passada em Olinda a 4 de fevereiro de 1617, para o cargo de capitão-mór de São Vicente, substituindo a Balthazar de Seixas Rabello. Nenhuma interferencia então teve nas questões de minas, pois seu pae, que havia vindo á villa de São Paulo, logo depois que chegára ao Rio de Janeiro, juntamente com Martim de Sá, como se prova com a acta da respectiva camara de 22 de agosto de 1615, ao se retirar, nomeou provedor das minas a seu irmão Duarte Corrêa Vasques, conforme a provisão que passou em São Paulo, a 10 de outubro de 1616 e na qual se lê:

"...—porquanto importa muito ao serviço de Sua Magestade e ao beneficio das minas e as fundições que... das pedras que de novo se descobrirem de ouro e cobre e mais metaes e eu ir pessoalmente ao Rio de Janeiro e ficar nesta capitania em meu lugar e com meus poderes de meu regimento uma pessôa que accuda com muita brevidade e diligencia ao beneficio das ditas minas e a todas as cousas tocantes ás ditas minas e... por esta minha provisão nomeio para ficar em dito lugar e cargo a Duarte Corrêa Vasques, provedor das ditas minas, como delegado que sou de Sua Magestade e lhe delego a elle todos os poderes que tenho do dito senhor para que elle em minha ausencia possa usar de todos elles no beneficio das ditas minas."

Em São Paulo, Salvador Corrêa de Sá, o velho, nomeou tambem a Pedro de Moraes, para meirinho das minas, em 6 de julho de 1616 e visitou todas pessoalmente, para o que antes encarregou a Jorge Neto de fornecer a alimentação para a comitiva.

Substituto de Duarte Corrêa na provedoria das minas foi o velho Diogo Arias de Aguirre, que nessa qualidade apparece aos 15 de agosto de 1618, assignando como testemunha o termo de escriptura de doação feita por Manuel Preto e sua mulher Agueda Rodrigues, de terras e bemfeitorias á capella de Nossa Senhora da Esperança.

Gonçalo Corrêa de Sá, permaneceu como capitão-mór até a posse de seu irmão Martim Corrêa de Sá. Não teve pois o cargo de provedor das minas, como escreve Pedro Taques e repetem outros e delle, com referencia a tal assumpto, apenas conhecemos a diligencia mencionada na acta de 1 de junho de 1619, na qual concordou "que não fosse o padre frei Thomé ao descobrimento das pedras de Iecoahaigeibira (?) nem Manuel Preto, até nova ordem de Salvador Corrêa de Sá."

Martim Corrêa de Sá, ao se retirar de São Paulo com seu pae, em fins de 1616, por incumbencia desse ultimo, seguio para o reino, a tratar de interesses pessoaes e tambem expôr perante El-Rei o que seu pae e elle haviam feito em São Paulo com respeito ás minas e a razão porque em tal assumpto não haviam obtido um resultado compensador, pedindo ao mesmo tempo, providencias reaes que lhe puzessem um paradeiro. Nesse re-

querimento andou elle por mais de um anno, sendo interessante a informação seguinte, dada a proposito pelo escrivão da Fazenda Real, Diogo Soares, em 1617:

"Salvador Corrêa de Sá, a quem V. M. tem encarregado a administração das minas da capitania de São Vicente do Estado do Brasil, por carta sua de 21 de julho passado de 1616, diz que está no sitio das ditas minas, com o cabedal que lhe foi possivel ajuntar, para que se veja o proveito que á Fazenda Real e aos vassallos de V. M. poderá resultar e que acabada esta diligencia e tomado assento sobre o modo em que mais facilmente se possam beneficiar, mandará a V. M. a ultima resolução dellas, com certa relação de tudo o que á Fazenda Real tem rendido depois que são descobertas e uma devassa dos excessos que houve do muito ouro que se furtou do que se tirou daquellas minas. Porque conforme o que tem alcançado, se seguem muitos inconvenientes entre o juizo das minas e o da ouvidoria que tem necessidade de castigo que sirva a uns de exemplo e a outros de aviso. Por ultima resolução, diz que as minas tem ouro e são muitas e cada dia de novo se descobrem mais, mas que os ministros de V. M. que não têm nellas superintendencia, desejam que se não trate dellas para que assim não haja quem seja isento de sua jurisdicção. E que vindo o mineiro que tem mandado buscar de Tucuman, averiguará as minas de prata de que enviou a V. M. relação e do que proceder desta diligencia, avisará V. M. E pelo muito que importa ao beneficio e lavor das ditas minas correr em forma que não

pare, convem que V. M. mande que o dito Salvador Corrêa ou quem em seu lugar estiver, proveja o cargo de capitão daquella capitania de São Vicente, para que assim fique mais obrigado a ajudar a accudir ao que fôr necessario para beneficio das minas, porque a experiencia tem mostrado que o não terem ellas ido por deante, procede de os capitães daquella capitania serem creados dos Governadores do Estado, que todos vão a fazer seus interesses particulares, dando oppressão ao povo e sendo parte para que as minas se não beneficiem. E que V. M. deve ser servido mandar provisão para que se não faça entradas pelo sertão, pelos muitos inconvenientes que seguem irem pelo districto daquella capitania sem ordem do administrador das minas porquanto se desamparam, e o gentio larga o lavor dellas e se vão para outras partes. O que tudo os officiaes da camara de São Paulo referem a V. M. por carta sua de 17 de julho de 1616."

Martim Corrêa de Sá ainda requereu que no caso de fallecer seu pae, que estava numa avançada idade, lhe fôsse feita a mercê de lhe succeder no serviço do descobrimento e averiguação das minas das capitanias de São Vicente e do Rio de Janeiro e na forma das provisões que lhe tinham sido passadas. El-Rei porem ordenou, fôsse Martim de Sá despachado de Lisbôa, com ordem de regressar ao Brasil, com o posto de capitão-mór, e dalli fazer descer o gentio ao litoral do Cabo-Frio e fundar aldeias e defender a costa das capitanias meridionaes. Aliás, essa resolução estava de accordo com uma informação que no proprio reino dera Martim de

Sá, a 31 de outubro de 1616, por determinação do mesmo soberano. Recebendo essa ordem, escreveu Martim de Sá outra carta á Felippe II, em data de 20 de abril de 1617, fazendo varias considerações e pedidos, resultando de tudo dous alvarás de nomeação a esse herdeiro de Salvador Corrêa de Sá, o velho, um para capitão-mór de São Vicente e outro para superintendente em todas materias de guerra da costa sul do Brasil e do gentio della, ficando elle apenas subordinado ao governo-geral, sendo que essa ultima nomeação foi feita a 22 de fevereiro de 1618.

Martim Corrêa de Sá volvendo do reino e vindo á capitania vicentina, registou nessa ultima camara primeiro o seu alvará para o cargo de superintendente de guerra, registo esse feito a 2 de janeiro de 1619 e mais tarde, o alvará que o nomeava capitão-mór governador, cujo registo foi lançado a 11 de novembro de 1620.

Apparece elle em seguida na villa de São Paulo, a 26 de novembro de 1620, concedendo a João Nunes o cargo de escrivão das varas e, na provisão respectiva menciona: "Martim de Sá, fidalgo da casa de Sua Magestade, superintendente em todas as materias de guerra desta costa do sul e capitania della e do gentio della, capitão-mór de presente nesta capitania de São Vicente pelo dito senhor, administrador das minas desta capitania em ausencia de seu pae, Salvador Corrêa de Sá, etc."

Varnhagen com justiça escreve, a proposito do titulo de Marquez das Minas, conferido a um neto de d.

Francisco de Sousa: "Em Portugal, a gloria do descobrimento das minas estaria com mais razão personificada nos herdeiros de Salvador Corrêa, de quem sabemos que havendo-lhe o rei commettido, em novembro de 1613, o entabolamento... contribuio, com a maior abnegação, conjunctamente com seu filho Martim Corrêa, para que o mesmo rei expedisse a carta régia de 29 de agosto de 1617 e regimento de 8 de agosto de 1618, declarando as minas livres, para poderem ser exploradas por todos seus vassallos e mandando pôr em vigor o regulamento de Valladolid, de 15 de agosto de 1603."

Poucos mezes depois, tendo Martim Corrêa de Sá de se ausentar em serviço da corôa, nomeou para substituil-o a Pedro Cubas, a 20 de dezembro de 1620, o qual teve de se haver com a pósse intempestiva do procurador do conde de Monsanto, Manuel Rodrigues de Moraes, fazendo no entanto Martim de Sá valer os seus direitos, conseguindo que permanecesse no governo aquele que nomeára.

Sahindo de São Vicente em 1620, Martim de Sá foi a Santa Catharina e á ilha de Sant'Anna, em Laguna, de onde desceu grande cópia de gentio que localisou no Cabo-Frio e no Rio de Janeiro, onde é sabido, fundou varias aldeias. Desse ultimo ponto regressou á capitania vicentina e a 7 de setembro de 1621 se encontrava em Santos.

Permaneceu Martim de Sá na capitania, até pouco depois de 30 de novembro de 1621, quando se ausentou novamente para o Rio de Janeiro e dalli nomeou, a 9

de abril de 1622, para substituil-o como capitão-mór de São Vicente, durante a sua ausencia, ao ouvidor da capitania, Fernão Vieira Tavares, cuja pósse se deu a 1 de maio do mesmo anno. No Rio de Janeiro ainda passou Martim de Sá a 15 de agosto de 1622, uma provisão nomeando a Calixto da Motta, escrivão da camara da villa de São Paulo e nella se firmou "administrador geral das minas por Sua Magestade".

João de Moura Fogaça, por provisão de d. Marianna de Sousa da Guerra, condessa de Vimieiro, foi nomeado a 7 de março de 1622, para o cargo de capitão-mór e ouvidor da capitania de São Vicente. Essa provisão foi confirmada pelo governador-geral na Bahia, a 30 de junho do mesmo anno e João de Moura prestou menagem perante o mesmo governador a 17 de setembro do citado anno de 1622 e em São Vicente tomou pósse a 30 de outubro e não 22, como diz frei Gaspar da Madre de Deus. Teve o registo da provisão, na camara da villa de São Paulo em 17 de dezembro do mencionado anno e, de 16 de setembro de 1622, é a provisão de Diogo de Mendonça Furtado, governador-geral, mandando levantar a menagem de Martim de Sá e de Fernão Vieira Tavares, como capitães-móres de São Vicente.

Ainda sobre a actuação de Salvador Corrêa de Sá, o velho e Martim de Sá, na capitania de São Vicente, com referencia ás minas, temos o depoimento de Salvador Corrêa de Sá e Benevides que, não obstante um tanto fantasioso, se ajusta ao que acima expuzemos, não havendo assim mais razão para subsistirem os equivocos

correlativos apontados por Affonso de Taunay, no quinto volume da sua magnifica Historia Geral das Bandeiras.

Assim é que Benevides, na Consulta Ultramarina de 3 de maio de 1677, menciona: — "Que El-Rei de Castella com estas noticias mandára a seu avô, Salvador Corrêa de Sá, no anno de 1614, succeder ao mesmo d. Francisco de Sousa, com as mesmas jurisdicções e mercês, que eram grandes e em sua companhia um frade trinitario, que tinha fama de grande mineiro, por haver sido no Potosy, em sua companhia. Que sendo elle conselheiro de doze para treze annos, passára ao Brasil, aonde, particularmente em São Paulo, estiveram perto de cinco annos, fazendo differentes fundições e em todas ellas achando metaes não conhecidos, porque parecia ferro ou cobre, e nenhum destes dous generos era. Vendo-se seu avô atalhado, avisára ao marquez de Alemquer, que governava este reino, por vezes, pedindo-lhe mineiros, beneficiadores, ensaiadores e a ultima vez, dando noticias de uma serra chamada Sabarábossú, donde uns moradores que a ella foram, e dentre elles um ourives da prata, trouxeram uma tamboladeira, dizendo que era da prata que daquella serra tiraram, que elle conselheiro viu, e tem de peso o mesmo que um prato pequeno, e si era do prato ou da serra elles o sabiam, porque elle a não vira tirar. Que o que affirma é que ha muito ferro e cobre no rio que vae a metter-se no da Prata, que fica nas costas do Pernaguá, para oeste, muito ouro de lavagem, que naquelle tempo se tirava em

quantidade, por haver muitos indios, e elle trouxéra um grão de quarenta e oito oitavas ao marquez Vice-Rei; vendo seu avô que não lhe deferiam com mineiros, se viéra a represental-o, e dar noticias do que tinha obrado, com que ficou em calma por aquella parte. Que na éra de 1618, indo seu pae Martim de Sá deste reino a governar o Rio de Janeiro segunda vez, e elle conselheiro voltando em sua companhia, tomando a Bahia, acharam governando a d. Luiz de Sousa, que depois foi conde do Prado, e lhes pedira fossem com elle ás minas de Itabayana, donde as pedras tinham tanta maracacheta que todos se persuadiram, e o mesmo mineiro, a que tinham achado muita prata, fizeram-se ensaio por fogo e azougue, por este nada e por aquelle fumo. Que com estas noticias, parou o fervor das minas daquelle Estado."

Como provedor das minas havia succedido á Diogo Arias de Aguirre, Manuel João Branco, em 1624. Parece porem que pouco tempo esteve á testa de tal cargo, pois vemos nomeado no anno seguinte, pela camara de São Paulo, Francisco Rodrigues Velho. Manuel João Branco protestou contra essa nomeação, a 2 de julho de 1625, nada porem obtendo. Em setembro de 1626, se encontrava nesse emprego, Vasco da Motta. Constatamos depois, como provedor das minas, em 1639, Antão Lopes da Horta.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que governava o Rio de Janeiro, foi nomeado para o cargo de administrador-geral das minas nessa mesma occasião, chegando a vir a Santos, com sua mulher e filhos, mas tendo alli

recebido ordem do governo geral, regressou ao Rio e depois se passou ao reino.

Por essa época, publicavam-se em São Paulo bandos para formação de bandeiras que fossem em busca de prata e esmeraldas. Uma das primeiras obedecendo a esse desejo foi a do padre Pedro Gonçalves Ribeiro do Valle, em 1641. A seguir, por provisão de 18 de abril de 1643, do capitão-mór Gaspar de Sousa Uchôa, se nomeava Manuel Homem Albernaz, capitão do descobrimento da prata na serra de Sabarábossú.

A sete de junho de 1644 expedia a Côrte um novo regulamento para as minas da repartição do sul e avisava a camara de São Paulo que mandava a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, general da fróta do Brasil, como administrador das minas e seus descobrimentos. Em seu lugar ficou porem, por instrucção do proprio regulamento, seu tio Duarte Corrêa Vasques Annes, que pela carta régia de 6 de agosto de 1644, era tambem confirmado no posto de governador do Rio de Janeiro.

Vasques Annes delegou o caracter e jurisdicção de administrador das minas, casa da moéda e fundição dos quintos de São Paulo, ao prelado e administrador da diocése, o dr. Antonio de Mariz Loureiro, o qual encontramos agindo nesse sentido, na villa de São Paulo, aos 6 de junho de 1645. Nesta data, Sebastião Fernandes Camacho, morador em Mogy das Cruzes, estava para fazer uma jornada ao descobrimento de minas de prata, que o dito administrador buscava impedir, expedindo mandado nesse sentido, cuja notificação foi feita pelo

padre sertanista Pedro Gonçalves Ribeiro do Valle. Mas parece que Vasques Annes retirou logo o dr. Antonio de Mariz de tal encargo, delegando-o ao sargento-mór da capitania, Francisco Garcez Barreto, conforme pormenorisa a acta de 3 de setembro de 1645.

Por ultimo, informa Pedro Taques que Vasques Annes mandou a São Paulo, em 1647, como seu substituto nas questões das minas, a João Antonio Corrêa, que havia sido secretario de Salvador Corrêa de Sá e Benevides e que lhe succedeu na mesma jurisdicção, Bartholomeu Fernandes de Faria, o qual na camara de São Paulo tomou pósse a 18 de abril de 1648. Fallecendo porem este administrador e provedor das minas, foi nomeado no mesmo emprego, Pedro de Sousa Pereira, que era provedor da fazenda no Rio de Janeiro, em 1651.

A observar que estes provedores das minas tambem o eram da "casa da moéda da villa de São Paulo" e a esse proposito longamente escreve Affonso de Taunay, dizendo que tal estabelecimento existia desde 1631 e perdurava ainda em 1756, sendo que nella se cunhava moéda que, segundo o padre Simão de Vasconcellos, se denominava "São Vicente".

Uma casa real de fundição, com seus livros e officiaes proprios, havia de facto na villa paulistana desde a creação da provedoria das minas. Della falla elucidativamente a acta de 30 de maio de 1625. De umas moédas chamadas "São Vicente", encontramos em frei Caetano de Sousa, que foram mandadas lavrar em Portugal, ao tempo de d. João III, e eram de ouro e do valor

de mil reis. Tinham no verso a imagem de São Vicente, com uma náo na mão esquerda e um ramo de palma na direita com a divisa: Usque ad mortem zelator Fidei e no reverso, o escudo real com a menção: Joannes III. Rex. Portu. et. Al. Accrescenta frei Caetano que foram tambem lavradas meias moédas desse cunho, valendo quinhentos reis e que corriam ainda no anno de 1561.

Dos "São Vicentes" da villa de São Paulo, falla taxativamente o "Regimento da Moéda", expedido pelo conde de Obidos, na Bahia, a 7 de julho de 1663.

Pedro de Sousa Pereira fez varias diligencias buscando minas em Paranaguá. Nessas paragens havia muito ouro de lavagem, tanto que Eleodoro Ebano alli estabelecera uma casa de fundição e nella marcava ouro, o que valêra protestos da camara de São Paulo, como se vê das actas de 31 de outubro e 27 de novembro de 1649. O provedor das minas de então, sem o caracter de administrador, Paschoal Affonso, viajára para esses sitios afim de cohibir o qualificado abuso. Em São Paulo, encarregou Pedro de Sousa Pereira duma entrada, visando o descobrimento da Sabarábossú ao sertanista Alvaro Rodrigues do Prado. A patente que a este ultimo foi dada para esse fim, teve a data de 18 de outubro de 1652, sendo que a jornada para a Sabarábossú se fazia então em tres mezes. Pelo mesmo tempo, porem, obtinha provisão para o descobrimento de minas, João Maciel Bayão, tendo havido por esse motivo grande difficuldade na obtenção dos indios necessarios á leva de Alvaro Rodrigues. Afinal este, tres annos após, em maio de 1655,

resolveu enselvar-se quasi exclusivamente com seus filhos e escravos, nenhum resultado obtendo de todo esse esforço. Era filho de Clemente Alvares e de Maria Gonçalves e foi casado com Maria Rodrigues Góes, tendo tido em São Paulo, em 1639, a sesmaria de Taquaratipi. A sua patente menciona que foi sertanejo "que muitas vezes rompeu grandes sertões e chegou aos confins dos limites dos castelhanos, onde alcançou grandes noticias de minas". Falleceu em São Paulo em outubro de 1682.

A Côrte no entanto intensificava as promessas de mercês aos que se distinguissem no descobrimento de minas e no seu entabolamento. A Salvador Corrêa de Sá e Benevides concedia quatro mil cruzados annuaes de renda e o senhorio e jurisdicção do primeiro lugar que se povoasse si as minas rendessem no anno quatrocentos mil cruzados, e si esse rendimento alcançasse a cifra de quinhentos mil cruzados, teria a mais o titulo de conde (1653).

No seu citado depoimento, da Consulta de 3 de maio de 1677, resume Benevides a sua acção nesse sentido, dizendo que foi: "á Paranaguá com cinco mineiros e muitos apetrechos, azougue, ferramentas, e mais ingredientes, tudo á sua custa, sem receber um tostão da Fazenda Real, nem oitava de ouro para amostra... e trouxe as seis amostras das fundições que se fizeram em sua presença em Paranaguá; donde entendia não haver minas de prata."

Em fins de 1659, providenciava, no Rio de Janeiro para que seu filho João Corrêa de Sá realizasse uma

expedição á Sabarábossú. E' porem duvidoso que essa diligencia tenha se effectuado e não tem razão Pedro Taques quando escreve que João Corrêa de Sá falleceu nessa problematica jornada.

Assim é que com data de 1 de março de 1660, existe uma Consulta Ultramarina, sobre um requerimento de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, no qual pedia confirmação do posto de mestre de campo do terço do Rio de Janeiro, conferido a seu filho João Corrêa de Sá, que estava para ir ao descobrimento da serra das Esmeraldas. Os successos politicos porem havidos no Rio de Janeiro, em outubro desse anno, surprehenderam a João Corrêa de Sá, ainda nessa cidade, onde permaneceu até 11 de abril de 1661, data em que passou a ser o governador, por delegação da camara do Rio de Janeiro. Salvador Corrêa de Sá e Benevides, reassumiu no entanto o seu cargo e sómente o deixava em fins de abril do anno seguinte, quando regressou ao reino, abandonando o entabolamento das minas. O seu substituto no governo, nomeado pela Metropole, a 22 de maio de 1661, foi Pedro de Mello.

Até novembro desse anno permanecia no entanto este ultimo em Lisbôa, por difficuldades de transporte e a sua pósse no Rio de Janeiro foi a 29 de abril de 1662. Foi portanto sómente nesse anno que João Corrêa de Sá provavelmente deixou a cidade do Rio de Janeiro, não tendo assim dalli se afastado desde principios de 1660 até essa data e não podendo por isso ter tomado parte em nenhuma jornada sertaneja. De 8 de fevereiro de

1668, é uma consulta do Conselho Ultramarino com referencia a um seu requerimento solicitando o posto de general da artilharia do Estado do Brasil, como recompensa dos serviços prestados.

Como substituto de Salvador Corrêa na administração das minas de São Paulo, foi despachado de Lisbôa, Agostinho Barbalho Bezerra, absolvido de ter tomado parte nos successos politicos a que acima nos referimos. Os titulos e os cargos com que d. Affonso VI o enviou, constam das provisões de 19 de outubro de 1663, 7 de dezembro do mesmo anno e 19 de maio de 1664 e eram respectivamente os de: donatario da Ilha de Santa Catharina, official do Correio-Mór de Mar e Terra, Administrador das Minas de Paranaguá e Governador do descobrimento da Serra das Esmeraldas. Foram-lhe concedidas além disso cartas de recommendação aos officiaes da camara de São Paulo e aos bandeirantes Fernando de Camargo, o moço, Fernão Dias Paes, Lourenço Castanho Taques, o velho, Guilherme Pompeu de Almeida e Fernão Paes de Barros.

Segundo narra Pedro Taques, Agostinho Barbalho preferiu ir ao Espirito-Santo e da villa da Victoria, escreveu aos edis paulistanos uma carta, datada de 11 de dezembro de 1665, explicando que entendera mais acertado ir ás esmeraldas pelo interior do Espirito-Santo e que pessoalmente seguiria jornada em maio vindouro e assim, enviava a São Paulo o licenciado Clemente Martins de Mattos em busca de auxilio e de mantimentos, o que lhe foi fornecido pelos sertanistas acima citados.

Penetrando o sertão do rio Doce, falleceu Agostinho Barbalho Bezerra em sitio ignorado, sem nada conseguir, sendo que o remanescente da sua comitiva conseguio retornar ao litoral em fins de 1667. Era elle natural da Bahia, filho de Luiz Barbalho Bezerra, com quem desde muito moço batalhára na guerra hollandeza, passando-se depois ao reino e tomando parte nas refrégas da restauração. Volvendo á colonia, foi acclamado pelo povo do Rio de Janeiro, na sedição alli havida em 1660, como governador da capitania. Era fidalgo da casa real e commendador da commenda de São Pedro, na Ordem de Christo.

Ellis Junior fixa em 1668 a bandeira de Lourenço Castanho Taques, o velho, seguindo ao encalço da Sabarábossú. Acredita que entrou no territorio de Minas-Geraes pelo morro do Lopo e dalli attingiu o Sapucahy, onde enfrentou os cataguás levando-os de vencida até o rio Paracatú, affluente do São Francisco. Dahi regressou, sem resultado quanto á descoberta de minas, fallecendo em São Paulo, aos 5 de março de 1671.

Com o intuito de pesquisar metaes e pedras preciosas, no periodo de 1643 a 1675, são ainda citadas outras iniciativas, das quaes apenas lembraremos os nomes dos cabeças: Manuel Veloso da Costa, Roque Dias Pereira, Manuel de Lemos Conde, Sebastião Fernandes Camacho, Bartholomeu de Torales, Antonio Nunes Pinto, Sebastião Velho de Lima, Mathias Martins de Mendonça, Paulo da Fonseca, Henrique da Cunha Lobo, o moço, Manuel Paes de Linhares, Manuel Pereira Sardinha,

João Ferreira Drummond, Agostinho de Figueredo, Antonio Corrêa Pinto e frei João de Granica.

Uns demandavam o sul, as minas de Paranaguá e outros buscavam o norte, a prata e as esmeraldas lendarias da Sabarábossú. Os sertões do chamado norte de São Paulo, a esse tempo, já estavam com relativo povoamento. Jaques Felix, o velho, segundo Pedro Taques foi o primeiro sertanista a desbravar as mattas além de Mogy das Cruzes, proseguindo seus filhos tal tarefa.

Frei Gaspar da Madre de Deus escreve que Jaques Felix, o velho era flamengo e Affonso de Taunnay dil-o espanhol. De positivo sabemos que era irmão de Izabel Felix, fallecida em São Paulo em 1596, a qual declarou em seu testamento ser sobrinha de Domingos Luiz Carvoeiro.

Era morador da villa de São Paulo, havia muito annos, com sua mulher e filhas casadas, quando requereu e obteve uma data de terra ao longo do caminho de Santo Amaro, em 1589. Tomou parte em entradas do sertão e, entre outras, na de Martim Rodrigues Tenorio de Aguilar, em 1608, só regressando a povoado em 1610, sendo dos poucos que sobreviveram a essa infeliz jornada.

Na villa de São Paulo exerceu os cargos de procurador do conselho, em 1617, vereador em 1632, provedor da Santa Casa de Misericordia, em 1636 e veio a fallecer pouco depois de 1640. Foi casado com Francisca Morzilho e deixou como filhos: Domingos Dias Felix, Belchior Felix, Jaques Felix, o moço, Catharina Dias

Felix e outra casada com Francisco da Gaia, que em 1619 foi procurador do sogro no inventario de Diogo Sanches.

Jaques Felix, o moço, herdou-lhe uma sesmaria no rio Juquery e com seus irmãos, em época anterior a 1632, penetrou o sertão do valle do rio Parahyba, na conquista de indios jeromimis, puris e tabayaras e fundou o arraial de Taubaté. Silva Leme escreve que Jaques Felix, o velho, obteve depois, em favor desses seus filhos, da condessa de Vimieiro, uma sesmaria abrangendo o sitio desse arraial, segundo viu duma copia da carta de concessão, datada de 1632, annexa aos autos de inventario de Jaques Felix, o moço, no cartorio de orphãos de Taubaté.

Por ordem de Duarte Corrêa Vasques Annes, penetrou Jaques Felix, o moço, em 1646, até a serra da Mantiqueira, na demanda de minas de ouro. Foi casado com Paschoa Lobo e falleceu em Taubaté, muito edoso, no anno de 1716.

Adeante dos terrenos desbravados pelos Felix, no sertão de Guaratinguetá, se fixára Domingos Luiz Leme, com sua familia e numeroso séquito de indios, tendo outros potentados do tempo se localisado nos entornos, de modo que a penetração até a Mantiqueira, nesse meiado do seculo XVII, não offerecia mais difficuldades.

XII

O GOVERNADOR DAS ESMERALDAS

Fernão Dias Paes, filho de Pedro Dias Leme e de Maria Leite, foi o bandeirante que mais largo renome deixou na historia da expansão geographica brasileira, depois de Antonio Raposo Tavares.

Devassou desde 1638 regiões dos actuaes Estados do Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, tendo segundo alguns, chegado até ao Uruguay. Uma de suas ultimas entradas, foi á serra de Apucaraná, nos sertões do Paraná, onde conquistou tres tribus goyanás que trouxe para suas terras em São Paulo, situando-as á margem do rio Tietê, logo abaixo da villa de Parnahyba, tendo dessa forma a administração duma aldeia com cerca de quatro a cinco mil indios (1661).

Tendo recebido uma carta régia, datada de Lisbôa, a 21 de setembro de 1664, recommendando-lhe prestasse todo auxilio possivel a Agostinho Barbalho Bezerra, no descobrimento de minas, sentio tambem o desejo duma jornada á miragem da Sabarábossú. E' assim que em 1665 estava elle em correspondencia com Barbalho

Bezerra, resolvido ao descobrimento das esmeraldas. E nesse sentido declarava na camara de São Paulo, em 1672: "... que ia aventurar pelas informações dos antigos e que se reportava ao que tinha escripto ao governador deste Estado sobre minas de prata e esmeraldas, com uma relação para que o dito governador Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça enviasse á Sua Alteza..."

Os preparativos para essa jornada vinha-os accumulando ininterruptamente Fernão Dias Paes, que residia na sua fazenda do Capão, em Pinheiros, e contava então sessenta e quatro annos de idade. Fazia timbre em que tudo fosse á custa da sua fazenda. O governador-geral remettia-lhe, com uma carta, a sua patente de Governador das Esmeraldas, datada da Bahia, a 30 de outubro de 1672. A Fazenda Real quiz tambem contribuir para essa empresa, havendo nesse sentido varias ordens ao capitão-mór de São Vicente. Por sua vez, a camara paulistana facilitou quanto poude, a expedição do grande bandeirante.

No anno seguinte nomeava elle capitão-mór e ajudante do governador, a Mathias Cardoso de Almeida. De outra patente deste ultimo, passada pelo governador-geral da Bahia, datada de 3 de abril de 1690, para a guerra nortista aos indigenas, já transcrevemos o trecho que refere ter elle seguido antes de Fernão Dias Paes, com cento e vinte escravos seus, armas e munições á sua custa, indo plantar roças naquelle sertão, onde teve varios encontros com o gentio e uma batalha em que houve muitas

baixas, conseguindo no entanto vencel-os e formar logo arraial com diversas plantas e criações levadas de São Paulo e dalli mandou conduzir mantimentos a Fernão Dias, quando o mesmo poz-se em marcha. Este facto é confirmado pela carta que o Governador das Esmeraldas escreveu a Bernardo Vieira Ravasco, datada de São Paulo, a 20 de julho de 1674, vespera de sua partida para o sertão, na qual se lê: "...minha partida que será amanhã, sabbado, vinte e um de julho de seiscentos e setenta e quatro, com quarenta homens brancos; e tenho quatro tropas minhas com toda a carga de mais importancia no serro, onde está o capitão Mathias Cardoso, esperando por mim, o qual me mandou pedir gente escoteira com polvora e chumbo...".

Constituindo a vanguarda, enviára Fernão Dias á sua frente um troço commandado por Bartholomeu da Cunha Gago e elle, finalmente, partiu para a descoberta da Sabarábossú, na data referida. De outras fontes sabemos que figuraram mais na sua diligencia, em datas differentes até o seu fallecimento, os seguintes sertanistas: Garcia Rodrigues Paes Leme, Manuel de Borba Gato, Francisco Dias da Silva ou Francisco Pires Ribeiro, Antonio Gonçalves Figueira, Antonio do Prado da Cunha, José de Seixas Borges, José Dias Paes, mameluco, Domingos Cardoso Coutinho, João Carvalho da Silva, Balthazar da Costa Veiga, Diogo Barbosa Leme, Pedro Leme do Prado, Antonio Bicudo de Alvarenga, Marcellino Telles, José de Castilhos, Manuel da Costa, Manuel de Góes, João Bernal, Belchior da Cunha, mameluco e José da Costa.

O itinerario de Fernão Dias Paes não é conhecido. Affirmam uns que seguio o valle do rio Parahyba e dalli penetrou em Minas-Geraes e outros, que elle trilhou o caminho de Lourenço Castanho Taques, o velho. Do attestado fornecido pela camara de Taubaté, datado de 21 de outubro de 1681, deduz-se que seguio o primeiro, pois alli se lê: "... o que tudo inteiramente sabemos e nos consta por pessôas fidedignas que daquellas partes têm vindo para esta villa e passado para outras por ser este o caminho geral e a villa em que portam todos os que vêm das ditas minas e todo o sobredito juramos...".

Southey, baseado num escripto dum neto do Governador das Esmeraldas, Pedro Dias Paes Leme, datado de 1757, enumerou os centros estabelecidos durante a marcha da expedição, na ordem seguinte: Vituruna, Paraopeba, Sumidouro do rio das Velhas, Roça Grande, Tucumbira, Itamerendiba, Esmeraldas, Matto das Pedrarias e Serra Fria. A identificação destes pontos, será sempre um trabalho conjectural, pois são bastantes deficientes os documentos até hoje conhecidos sobre essa grande jornada.

O facto é que passados sete annos, Fernão Dias Paes escrevia daquelle sertão, a 27 de março de 1681, pouco antes de fallecer: "deixo abertas cavas das esmeraldas, no mesmo morro donde as levou Marcos de Azeredo, já defunto, cousa que ha de estimar-se em Portugal".

A tradição quer que essas pedras fossem colhidas na região banhada pelos rios Jequitinhonha e Arassuahy. A morte do grande bandeirante se deu ás margens do rio

das Velhas, quando se recolhia para o Sumidouro, em busca de d. Rodrigo de Castel-Blanco. Fernão Dias Paes tinha conhecimento de todas passadas desse administrador-geral das minas. Da sua citada carta de 20 de julho, verifica-se que sabia estar d. Rodrigo examinando o serro de Itabaiana, no norte do Brasil, na indagação de prata e concluia: "com que vou animado, considerando que lá e cá ha prata".

Em data de 18 de dezembro de 1679 e 8 de julho de 1680, existem missivas trocadas entre Fernão Dias e d. Rodrigo, com referencia ao descobrimento de minas. E datada do arraial de São Pedro do Paraopeba, aos 4 de junho de 1681, existe uma carta de d. Rodrigo Castel-Blanco felicitando Fernão Dias Paes pelos seus serviços no descobrimento das esmeraldas. Depois desta epistola é que chegou ao arraial a nova da morte do Governador, no sertão do rio das Velhas.

Capistrano de Abreu obteve cópias e fez publicar na "Revista do Archivo Publico Mineiro", dos attestados de serviço e mais documentos sobre Fernão Dias Paes, que acompanharam o requerimento do seu filho, o capitão-mór Garcia Rodrigues Paes, pedindo o fôro de fidalgo da casa real e o habito da Ordem de Christo para si e para dous filhos, pelos serviços prestados no descobrimento de minas de ouro. Desses documentos, escolhemos para aqui reproduzir, a certidão passada pelo padre Domingos Dias, reitor do Collegio dos Jesuitas da villa de São Paulo, a qual bem define a extraordinaria personalidade de Fernão Dias Paes.

"Certifico eu, — escrevia o padre Domingos Dias, reitor actual deste Collegio da Companhia de Jesus da villa de São Paulo, — que é verdade manifesta e notoria a todos moradores da dita villa, que o governador Fernão Dias Paes, que Deus haja em gloria, foi um dos homens mais notaveis e principaes desta capitania, assim por seus avós, como pelos cargos mais honrosos que serviu nesta republica, sempre com notavel satisfação e inteireza; e outrosim, mui zeloso do serviço de Deus e de Sua Alteza, que Deus guarde. Quanto ao serviço de Deus, bem o mostrou em fazer como fez á sua custa o mosteiro do Patriarcha São Bento desta villa e o dotou de terras e peças sufficientes para sua lustrosa sustentação, e assim é tido e havido geralmente por seu padroeiro e bemfeitor. E havendo cinco para seis annos que a igreja de Cutia estava deserta de sacerdote por serem os vizinhos daquella freguezia pobres, e não o poderem sustentar, o governador Fernão Dias Paes, a reformou á sua custa e metteu um sacerdote, e o está sustentando actualmente e pagando por todos os pobres, para que tenham todo o remedio espiritual da missa e mais sacramentos. E expulsando os moradores desta villa aos religiosos da Companhia, antigamente, por falsas informações, elle os foi em pessôa buscar ao Rio de Janeiro á sua custa e os tornou a metter de posse neste Collegio onde estão, com sua muita autoridade e fôros do seu poder, que tão grande era o zelo e a piedade que tinha a que todas as religiões se conservassem em sua patria para o serviço de Deus; e finalmente seria nunca acabar referir nesta materia de sua

piedade exemplos; porque não se lhe offereceu occasião alguma do augmento do culto divino e religião em que não assistisse com liberaes dispendios de sua fazenda. Pois quanto ao serviço de Sua Alteza, que Deus guarde, é cousa muita o que se mostrou sempre zeloso tanto assim que em muitas occasiões se lhe ouvio dizer, que todos tinham obrigação de servir a seu Principe debaixo do encargo de peccado mortal. E melhor o mostrou com o exemplo em todas as occasiões que se offereceram do real serviço em que assistio sempre tão pontual assim com sua pessôa como com sua fazenda que parece não tinha nascido no mundo para outra cousa mais que para solicitar o augmento da Real Corôa, como se viu na pacificação de duas alterações civis, e movimentos parciaes que nesta villa se levantaram os quaes elle compoz com sua muita autoridade e poder. Ao porto da villa de Santos accudio pessoalmente com os seus indios que tinha obrigatorios em grande numero aos rebates que se deram varias vezes por causa dos hollandezes exercendo o posto de capitão da ordenança muitos annos com grande satisfação. E para os aprestos que fez o governador Agostinho Barbalho Bezerra, para a jornada das esmeraldas que não conseguio, dando de sua fazenda liberal e gratuitamente varios generos de mantimentos postos e conduzidos na villa de Santos. E o que mais é na leva que se fez para a conquista dos indios barbaros que opprimiam com amiudados assaltos os moradores da cidade da Bahia, além de lhe dar calor como deu, mandou muitos indios seus, os quaes por lá lhe ficaram todos e empres-

tou dinheiro consideravel a alguns cabos, para que não deixassem o serviço real por falta delle, sem mais interesse que servir Sua Alteza, que Deus guarde. E foi notorio a toda esta villa que pagou sempre em dobro o donativo real, porquanto fazia pagamento em duas villas, na Parnahyba e nesta de São Paulo, não tendo mais fazendas que uma só e de facto agora actualmente pagou sua casa dinheiro em quantidade nas mãos do syndicante João da Rocha Pitta, sem embargo que estava elle ausente tantos annos em grande detrimento de sua fazenda com o notavel empenho da prata e esmeraldas, a que foi á sua custa, porque vendo que se tinham mallogrado todas as diligencias que se fizeram no descobrimento dellas, se resolveu elle a este arduo serviço em occasião que estava sua consorte muito enferma e dizendo-lhe ella que dilatasse para mais tarde a jornada, lhe respondeu elle que ainda que a deixasse á Santa Uncção, logo havia de partir. E assim partiu sem reparar nem na maioridade, que era de sessenta e seis annos, nem nos excessivos gastos que lhe eram necessarios para esta empresa, para os quaes chegou a vender algum gado seu que tinha e até, como ouvi dizer, a pessoas muito fidedignas e totalmente desinteressadas, ouro e prata do uso de sua casa, com o que a deixou, e a sua familia que era grande em miseravel estado de pobreza, havendo se criado em grande largueza e opulencia. Sete annos continuos gastou nesta empresa parte delles nos morros de Sabarábossú, fazendo diligencias pela prata, pelas antigas noticias de que alli havia e vendo que a não podia descobrir, por falta de mineiro in-

telligente que lhe tardava, depois de fazer varios exames, com um criado que em sua companhia levava á falta de mineiro, foi por deante a buscar os serros das esmeraldas, que é outra tanta ou mais distancia a paragem dellas, que daqui ao mesmo Sabarábossú. E vendo que o iam desamparando logo nos primeiros annos os homens que o acompanharam de povoado, por não poderem soffrer tanta dilação e ausencia de suas casas, lhes disse com notavel resolução que ainda que todos se recolhessem, elle alli havia de ficar só, e com seu filho Garcia Dias Paes que ia em sua companhia, havia de proseguir a jornada até morrer, e que em seu testamento havia de deixar ordem ao dito seu filho, que sob pena de sua maldição, proseguisse a jornada ainda que fosse só com os seus indios, e que nem trouxessem nem mandassem seus ossos a enterrar a povoado, sem que primeiro descobrisse as esmeraldas, e que depois dellas descobertas os poderiam trazer. E assim proseguio elle só com o dito seu filho e com os indios de seu serviço com tanta constancia que era avaliado dos seus mesmos naturaes por deshonesta parte, que diziam que caducava, sendo elle homem de grande juizo, por verem a continuação de sete annos, e a total consumição de sua casa e os grandes empenhos de dividas, em que a tinha posto como de presente se acha, sobre ficarem seus filhos que são oito, dous varões e seis mulheres, uma casada, e cinco donzellas, fóra outras obrigações de sobrinhas, que viviam debaixo de seu amparo, em notavel estado de pobreza, que não poderão passar sem grande detrimento do seu decôro, segundo sua qualidade. E assim

foi Deus servido que ao cabo de sete annos, nos quaes experimentou muitos e varios infortunios, descobrisse as reconditas esmeraldas e até alli tão requestadas sem effeito, nem a achariam nunca se não fôra na constancia do governador Fernão Dias Paes; ellas descobertas, deixando lá de guarda um homem branco que a si avocou para esse effeito, com alguns indios seus de confiança, se veio recolhendo para povoado com as amostros das esmeraldas para as enviar a Sua Alteza, que Deus guarde. Porém no caminho lhe deu a peste de que falleceu e com elle a maior parte dos seus indios que com elle vinham, deixando tres feitorias e estancias naquelles sertões mui copiosas de mantimentos com assistencia em todas de indios seus para as conservarem, e estradas que abriu tão francas que facilitarão aquelles desertos para os exames da prata que se busca. Ao que indo novamente d. Rodrigo Castel-Blanco e chegando á paragem de Sabarábossú, topou ahi com Garcia Dias Paes, filho do governador Fernão Dias Paes, que estava curando aos enfermos que escaparam da peste maltratados, a que guarnecesse, para acabar de chegar a povoado. O qual entregou a d. Rodrigo de Castel-Blanco alli as amostras que trazia das esmeraldas, para que por sua via as enviasse a toda pressa, a Sua Alteza, que Deus guarde, por elle estar incapaz de poder vir com essa pressa, por causa dos doentes, como tambem lhe entregou as ditas tres feitorias de mantimentos que seu pae em vida tinha fabricado, para que se valesse dellas como se valeu, para a gente que levava em serviço de Sua Alteza, para o acompanharem ao

exame da prata que ia fazer. Este foi o governador Fernão Dias Paes que Deus haja, no serviço de Sua Alteza, que Deus guarde, e tão desinteressado que mandando indios seus a povoado com o aviso de que tinha descoberto as esmeraldas, sabe-se de certo que nenhuma só mandou nem á sua casa nem á pessôa alguma, todo o dito soube eu certo, e muito pudéra dizer ainda, assim por serem cousas muito publicas, que nem ainda seus emulos podem negar a menor dellas, como porque o ouvi de pessoas muito fidedignas e totalmente desinteressadas. Como quem inquiriu suas acções para lhes pregar em suas exequias, para o que fui avisado... Collegio da villa de São Paulo, aos 18 de novembro de 1681. — Domingos Dias".

Os restos mortaes do Governador das Esmeraldas, trazidos daquelles sertões por seu filho Garcia Rodrigues Paes, que o padre Domingos Dias nomeia Garcia Dias Paes, foram sepultados no mosteiro de São Bento de São Paulo, com as formalidades que em vida estipulára e alli jazem até nossos dias.

XIII

GARCIA RODRIGUES PAES

Do attestado que os edis de Parnahyba passaram sobre os serviços prestados pelo Governador das Esmeraldas e publicado em primeiro por Azevedo Marques, fornecido a 20 de dezembro de 1681 ao irmão do mesmo Governador, consta que este "depois de mandar tirar da mina as pedras que bastassem para as amostras, recolhendo-se ao Sumidouro, falleceu de peste e grande parte de seus indios, e ainda depois de morto o perseguiram as calamidades ordinarias do sertão, porque o seu cadaver e as amostras das esmeraldas padeceram naufragio no rio que chamam das Velhas, em que perderam as armas e tudo quanto trazia de seu uso e se afogou a gente, porque os indios nadadores se occuparam em salvar as proprias vidas e a accudir as amostras, como em vida lhes tinha recommendado seu senhor, cujo corpo se achou depois de muitos dias, á diligencia de seu filho Garcia Rodrigues Paes, que o tinha ido soccorrer, e chegou ahi depois de sua morte."

Garcia Rodrigues Paes seguio então para o arraial de Paraopeba, onde o aguardava d. Rodrigo de Castel-

Blanco, administrador-geral das minas do Brasil. O encontro realizou-se effectivamente ahi, dando Garcia Rodrigues Paes em manifesto as esmeraldas e transmittindo a pósse da mina donde tinham sido retiradas. As amostras eram para ser enviadas a El-Rei por duas vias, pois desse modo se asseguraria melhor o seu recebimento (1681).

Para isso se estabeleceu que parte fôsse levada pelo filho do Governador das Esmeraldas e parte pelo apontador da administração, Francisco João da Cunha. Este ultimo se apresentou á camara da villa de São Paulo, com as amostras de esmeraldas, ao primeiro dia de setembro do mesmo anno e, a onze de dezembro seguinte, se apresentava Garcia Rodrigues Paes, exibindo o restante das amostras a serem levadas para o reino. Um dos saquinhos então abertos, continha quarenta e sete turmalinas verdes que, desconhecidas na época, eram tidas como esmeraldas.

Os lapidarios do reino rejeitaram-n'as. Eram da mesma especie das colhidas por Tourinho, Adorno e Marcos de Azeredo, o velho.

Mas Garcia Rodrigues Paes, que com seu tio o padre João Leite da Silva, tinha ido ao reino representar a El-Rei sobre recompensas que eram devidas ao Governador das Esmeraldas, levando em seu poder amostras dessas pedras, que tambem foram repudiadas, como elle mesmo escreve "— se offereceu de novo a continuar nesta diligencia, profundando mais a terra por se entender que se achariam mais perfeitas, e com differente

bondade em razão das que trouxe serem da superficie da terra, e deixando nesta cidade (Lisbôa) ao dito seu tio, se embarcou antecipadamente para o Rio de Janeiro, e fez duas entradas ao Serro de Sabarábossú, que hoje chamam Minas dos Cataguás, ou Serro das Esmeraldas. Sendo a primeira entrada para effeito de reformar as plantas e feitorias, que por morte do dito seu pae e do administrador-geral d. Rodrigo de Castel-Blanco, ficaram desbaratadas, e consumidas, em que no deserto gastou dous annos com grande risco de sua pessôa por causa do gentio barbaro e da peste de que tinha fallecido o dito seu pae, e depois de recolhido a povoado, chegando-lhe as ordens reaes de V. M. que lhe levou o dito padre João Leite da Silva seu tio, da Côrte, em que V. M. foi servido provel-o nos cargos de capitão-mór e administrador da entrada e descobrimento das ditas minas, fez segunda entrada a ellas, com dispendio consideravel de sua fazenda que fez em mantimentos, carnes, farinhas, comprando muitos cavallos para carruagem, levando homens, escravos e indios do seu serviço, com capellão para a tropa tudo pago á sua custa, em a qual entrada gastou cinco para seis annos fazendo exactas diligencias examinando a Serra cavando até ao centro." —

A patente de Garcia Rodrigues Paes foi datada de 2 de dezembro de 1683 e registrada na Camara de São Paulo, em data de 20 de janeiro de 1685, escrevendo tambem o Rei que lhe fossem dados indios das aldeias reaes. A 28 de fevereiro comparecia elle á camara de São Paulo e declarava que tencionava partir depois da

Paschoa. Sabe-se que em sua companhia seguio seu cunhado Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo.

No sertão foi a comitiva novamente atacada da maleita, inclusivé Garcia Rodrigues Paes, pelo que nenhum resultado poude ella obter quanto ao fim que alli a levára. Parece no entanto que andou descobrindo ouro, pois de 1697 é uma carta régia na qual se menciona que o filho do Governador das Esmeraldas foi "— o primeiro que descobriu ouro de lavagem nos ribeiros que correm para a Serra de Sabarábossú". —

Nessa data já se encontrava o grande bandeirante situado na fazenda do Parahyba. Em 1698 começou a abrir uma picada que no tempo ficou conhecida como "Caminho dos Cataguazes" e se destinava ao Rio de Janeiro. Compromettera-se com o governador Arthur de Sá e Menezes a pôr taes pontos em communicação, por meio de pouco mais de quinze dias de viagem e não tres mezes, como até então se despendia. O ponto central de tal via era a Borda do Campo, hoje Barbacena e em fins de 1699 concluia esse picadão. Consumindo nesse serviço quasi todos seus recursos financeiros, em carta de 10 de julho de 1701, deu conta ao governo sobre esse caminho e até 1704 poude beneficiar a metade e dahi em deante teve de se valer de dezoito escravos do seu cunhado Domingos Rodrigues da Fonseca Leme.

Garcia Rodrigues Paes ainda foi nomeado por provisão régia de 19 de abril de 1702, para o posto de guarda-mór geral das minas e tal cargo não o obrigava a se afastar da empreza do "Caminho dos Cataguazes", porque a

nomeação lhe outorgava o poder de designar guardas-móres districtaes.

Teve o previlegio da passagem dos rios Parahyba e Parahybuna e o titulo de fidalgo da casa real, por carta de 27 de março de 1702. Em 1709, nova carta régia reconhecia e louvava os seus serviços.

Em 1711, por occasião da invasão franceza, conduziu e poz em segurança, no alto da serra do mar, o ouro todo que se achava na casa da moéda. Os funccionarios do governo o haviam desamparado, pelo que o transporte fôra feito com indios do seu serviço, trazidos por seu filho Fernando Dias Paes, á sua fazenda do Parahyba. Enviou, além disso, por intermédio de sua esposa d. Maria Pinheiro da Fonseca, uma tropa de puris combatentes ao Rio de Janeiro.

Proveu do necessario toda gente vinda das Minas-Geraes sob o commando de Antonio de Albuquerque, na sua passagem pelo Parahyba. Tambem mandou que em sua fazenda se sustentasse sete mezes, a companhia de dragões vinda das mesmas Minas e que se dirigia a Montevidéo, por ordem de d. Lourenço de Almeida.

Fez á sua custa a mudança do registo que estava ao pé da serra, para Parahybuna, conforme uma ordem do governador Ayres Saldanha.

De 2 de março de 1714 é uma provisão régia mandando que fôsse elle ouvido sobre uma proposta de Jeronymo Camello de Sampaio para continuar nos descobrimentos de esmeraldas iniciados pelos Azeredos. Garcia Rodrigues Paes havia percorrido todos aquelles ser-

tões, que João da Silva Guimarães, em informação prestada ao conde de Sabugósa, datada de 12 de julho de 1734, dizia serem "— os que dão noticia os antigos sertanistas Sebastião Fernandes Tourinho, Antonio Dias Adorno, Diogo Martins e capitão Marcos de Azeredo, são todos no rio de São Matheus, vindo a ficarem todos haveres na parte que fica entre o rio Doce e Jequitinhonha, e confirmo esta realidade com o mesmo dito dos sertanistas de que trata o tratado que V. S. me ordena veja, pois se ajustam com os ditos dos indios." —

Nessas regiões andou Garcia em 1689, tanto que o mesmo João da Silva Guimarães refére que elle ainda encontrou no arraial do velho Marcos de Azeredo as ferramentas deixadas pelo mesmo e de 20 de julho desse anno é uma carta do capitão Pedro Taques de Almeida ao arcebispo governador-geral na Bahia, dando noticia de que Garcia Paes andava jornadeando pelo rio Doce e iria ter áquella cidade.

Provocado certamente por essa provisão de 1714, a 6 de agosto desse anno, volvia Garcia Rodrigues Paes ao velho sonho das esmeraldas, escrevendo a El-Rei que elle seguia de novo para o sitio em que "— estavam as ditas esmeraldas, já tendo mandado para ellas a um João Pinto que o tinha antes acompanhado, para nellas fazer lavouras para o sustento da gente e de seu filho que pretendia alli mandar para fazer novo exame; mas um Braz Esteves matára a aquelle, recebendo-lhe algumas pedras que já havia tirado." Pedia, por isso, que se mandasse devassar essa morte e que se prohibisse alguem

de se intrometter naquelle descobrimento, do qual tinha previlégio por provisão real.

O Braz Esteves citado, era Braz Esteves Leme, tambem um dos ultimos deslumbrados desse sonho, como adeante mencionaremos.

A 6 de outubro de 1724, Ayres Saldanha de Albuquerque, escrevia do Rio de Janeiro a El-Rei, sobre o caminho das Minas e as reclamações de Garcia Rodrigues Paes, a respeito de terras, explicando que não tinham procedencia, pois o bandeirante já havia recebido, como compensação, grandes sesmarias.

Falleceu esse grande servidor da Metropole, na sua fazenda do Parahyba, aos 7 de março de 1738.

Seu cunhado, Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, filho de João Rodrigues da Fonseca e de Antonia Pinheiro Raposo Tavares, foi homem de grande valor no seu tempo, tendo sido nomeado coronel de ordenanças da capitania, por patente de 24 de novembro de 1706, assignada pelo governador do Rio de Janeiro, d. Fernando de Alencastro, confirmada por d. Antonio Coelho de Carvalho, em Ribeirão do Carmo, aos 23 de fevereiro de 1711, servindo ainda nos cargos de guarda-mór do rio das Velhas e provedor dos quintos do Caminho Novo ou dos "Cataguazes".

Acompanhou seu cunhado Garcia Rodrigues Paes na segunda diligencia em busca das esmeraldas, em 1686 e muito o auxiliou na abertura do referido Caminho Novo. Na sua fazenda da Borda do Campo, aquartelou em 1711

a tropa do governador d. Antonio Coelho de Carvalho que se destinava ao soccorro do Rio de Janeiro.

Tendo sido dos primeiros descobridores do ouro em Minas-Geraes, foi alli figura de pról, contribuindo efficazmente no serenamento de varios levantes e tumultos nas lavras, principalmente na revolta de Felippe dos Santos, no Ribeirão do Carmo, em 1720.

Em 22 de outubro de 1724, foi nomeado por patente de d. Rodrigo Cezar de Menezes, coronel da nobreza da capitania de São Paulo, documento esse em que constam os seus muitos e relevantes serviços, sendo que logo depois, em 1726, era designado para substituir ao mesmo governador, durante a sua ausencia nas minas de Cuyabá.

Foi casado com Izabel Bueno de Moraes e falleceu no seu sitio de Taguatinga, no districto de São Roque, em 1738.

XIV

DOM RODRIGO DE CASTEL-BLANCO E O TENENTE-GENERAL DO MATTO

Pedro Taques escreveu que o administrador-geral das minas do sul, successor de Agostinho Barbalho Bezerra, o castelhano d. Rodrigo de Castel-Blanco, havia se inculcado em Portugal "grande mineiro de ouro e prata, com a experiencia que adquirira no reino do Perú, minas de Potosi e mereceu que Sua Alteza o tomasse para fidalgo de sua casa." E conclúe o grande genealogista que d. Rodrigo foi no entanto apenas um "patarata" e um "pataratáo", que sómente soube entreter o tempo.

O governador do Rio de Janeiro, Antonio Paes de Sande, tambem fez pessimo juizo desse administrador das minas, dizendo que dellas nunca entendera o officio (1693).

O Conselho Ultramarino assim porém não considerava o fidalgo espanhol e sempre affirmou que elle tinha "bastante intelligencia nos negocios das minas", opinião aliás confirmada pelos documentos que na época se referiram ao assumpto.

No periodo da sua administração em São Paulo, serviram como provedores das minas Paschoal Affonso e Manuel Rodrigues de Oliveira. Substituto de d. Rodrigo de Castel-Blanco na referida administração, teria sido Garcia Rodrigues Paes, em 1683 e, posteriormente, os governadores do Rio de Janeiro, a partir de Antonio Paes de Sande.

A nomeação de d. Rodrigo de Castel-Blanco na Metropole, em 1673, dizia respeito apenas á administração das minas de Itabaiana. Posteriormente, quando já se achava na colonia, essa jurisdicção se estendera, em 1677, ás minas das capitanias do sul. Iniciando os seus trabalhos no norte do paiz, a 11 de julho de 1674, nenhum resultado obtendo, passou para o sul, embarcando-se na Bahia com uma comitiva onde iam o seu immediato Jorge Soares de Macedo, o apontador Francisco João da Cunha, o escrivão João de Moya, o thesoureiro Manuel Vieira da Silva, o capellão-mór padre Felix Paes Nogueira, o mineiro João Alvares Coutinho, o capitão Manuel de Sousa Pereira e o alferes Mauricio Pacheco Tavares, este commandando uma companhia de cincoenta infantes do presidio daquella cidade. Fazendo escala no Rio de Janeiro, tendo João de Campos e Mattos feito referencia a umas minas no interior daquella capitania, enviou-o a examinal-as, o que foi despesa inutil, como commentou Pedro Taques (1678).

A 25 de novembro desse mesmo anno chegava d. Rodrigo a Santos e enviava a São Paulo Jorge Soares de Macedo, em busca de auxilios para a viagem ao sul.

Lavrava a seguir, em 8 de fevereiro de 1679, a patente de Manuel Cardoso de Almeida, que devia seguir desde então para Sabarábossú, a plantar roças. E a 22 desse mesmo mez, expedia um bando que a ninguem era licito viajar para Paranaguá e Curityba, antes da sua partida para aquellas paragens.

Em São Paulo, Jorge Soares de Macedo recebia auxilios e angariava gente para ir por mar até o Rio da Prata e ilha de São Gabriel, conforme instrucções reservadas que recebera. Tiveram patente para participar dessa expedição, Braz Rodrigues de Arzão, como capitão-mór e Antonio Affonso Vidal, como sargento-mór. Fretaram-se sete sumacas para o transporte da diligencia e expediram-se as patentes dos respectivos patrões que foram Thomaz de Sousa Rios, João Taques e Vicente Rondon.

A 10 de março de 1679, partiu Jorge Soares de Macedo, com varios paulistas de renome, entre os quaes Francisco Dias Velho, Manuel Ribeiro, Salvador Pires Monteiro e João de Aguiar Barriga, a companhia de infantes commandada por Mauricio Pacheco Tavares, o escrivão Antonio Pereira, o vedor do corpo militar Manuel da Costa Duarte e duzentos indios das aldeias reaes. Os successos posteriores dessa expedição, são conhecidos: Jorge Soares de Macedo naufragou, conseguindo salvar-se, embarcou num navio para a Colonia do Sacramento, mas naufragando novamente, foi feito prisioneiro, com os seus maioraes, por uma guarda da reducção jesuitica

dos Reis Magos, sendo remettido preso para Buenos-Ayres.

Dom Rodrigo de Castel-Blanco, com cento e vinte e tres indios, sahio de Santos por terra, em fevereiro de 1679. Chegou a Iguape no mez seguinte, onde a 22 expedio um regimento para a mineração e pesquisa de minas. Dalli proseguio para Cananéa e Paranaguá, onde arribou em abril do mesmo anno.

Nessa região examinou as minas de d. Jayme Comméré, em companhia do mineiro João Alvares Coutinho, achando-se presente como simples praça, João Martins Claro, que depois bastante se distinguio como bandeirante. A seguir, encarregou o capitão-mór Antonio de Lemos Conde duma entrada afim de examinar certas paragens onde se dizia haver prata, levando este ultimo em sua companhia Francisco Jacome Bajarte e outros sertanistas. Passou em seguida d. Rodrigo de Castel-Blanco a Curityba, onde visitou as minas do Itambé, descobertas por João de Araujo, as de Conceição, as de Peruna, reveladas pelo capitão-mór Gabriel de Lara e as minas encontradas por Salvador Jorge Velho, tomando varias providencias sobre as mesmas, inclusivé a expedição de instrucções para o capitão Domingos de Brito Peixoto, Pedro da Guerra e capitão-mór Diogo Domingues de Faria, com respeito a gente de sua administração, que alli deixava em actividade.

Despachou ainda para o sertão, em agosto de 1679, duas bandeiras para sondagem do ouro de lavagem. Na primeira foram Luiz Góes, Antonio Luiz Tigre, Agostinho

de Figueiredo e outros. Na segunda seguiram Luiz da Costa, João de Arrayolos e o padre Antonio de Alvarenga.

Volvendo a Paranaguá, a 28 desse mesmo mez, mandava a certas pedreiras, na indagação de prata, ao mineiro João Alvares Coutinho ,acompanhado de Manuel de Lemos Conde, Roque Dias Pereira, Manuel Veloso da Costa e o padre Francisco João de Granica. Resolveu depois, no mez seguinte, ir pessoalmente a esse sitio, com os officiaes da camara de Paranaguá. De todas estas diligencias resultou d. Rodrigo se convencer e concluir pela não existencia de minas de prata no sul brasileiro.

Retornando á Curityba onde ainda tentou uma entrada na demanda de ouro, na qual tomaram parte, entre outros, Diogò Domingues de Faria e Salvador Jorge Velho, d. Rodrigo dalli regressou por mar a Santos, onde chegou a 20 de maio de 1680, e logo subiu para São Paulo, ahi chegando a 1 de junho. A 3 de julho, em reunião da camara paulista, ficou resolvido que a projectada viagem á Sabarábossú só se fizesse após o plantio de roças em varios pontos daquelle sertão, marcando-se então a jornada para fevereiro de 1681.

Homem já de idade e bastante doente, como elucida a carta régia de 28 de outubro de 1674, não se apressou por isso d. Rodrigo em abandonar a villa de São Paulo. Outro facto que tambem concorreu para essa inactividade do administrador-geral das minas, foi a carencia de indios para os transportes, pois Jorge Soares de Macedo havia levado todos os disponiveis da capitania.

Cogitou no entanto d. Rodrigo de saber a importancia das minas auriferas do Jaraguá, indo pessoalmente áquelle morro em setembro de 1680 e, em janeiro do anno seguinte, enviava á Itú o benedictino frei João Rangel, afim de que obtivesse informações dum sertanista que alli arribára dando novas de minas de prata.

Rematando as providencias concernentes á sua partida para a Sabarábossú, no mesmo mez lavrava a patente de Mathias Cardoso de Almeida, para tenente-general da tropa, em fevereiro concedia as dos capitães João Dias Mendes e André Furtado de Mendonça e em março, a do sargento-mór Estevam Sanches de Pontes.

Em seguida, comparecia á camara da villa e se declarava prompto para seguir ao seu destino, e como o mineiro João Alvares Coutinho, sexagenario, allegasse necessidade de transporte e alimentação especiaes, Mathias Cardoso de Almeida se offereceu para tudo providenciar.

A 19 de março de 1681 partiu finalmente d. Rodrigo de Castel-Blanco, para o sertão da Sabarábossú, ficando em São Paulo, por doente, o thesoureiro Manuel Vieira da Silva. A 24 desse mez, passava d. Rodrigo por Atibaia; a 20 de abril estava em Sapucahy; a 15 de junho, no arraial de São Pedro do Paraopeba. De 18 de junho, são duas cartas suas aos edis de São Paulo, uma apresentando o apontador Francisco João da Cunha, com officio e amostras das esmeraldas descobertas por Fernão Dias Paes, destinadas ao Regente e outra, pedindo providencias sobre certos indios que haviam desertado.

O apontador, com o soldado Ambrozio de Araujo, se apresentou em camara a 1 de setembro seguinte, esclarecendo que as amostras tinham sido entregues por Garcia Rodrigues Paes, afim de que fossem enviadas com brevidade ao reino, pois elle só poderia vir mais tarde. Nessa mesma occasião, o padre João Leite da Silva, irmão do Governador das Esmeraldas, protestou perante a edilidade contra tal acto e pediu que se prohibisse d. Rodrigo de Castel-Blanco de tocar nos descobrimentos de seu irmão.

A camara resolveu não tomar conhecimento deste protesto, enviando-o no entanto por cópia a d. Rodrigo que, em carta de 6 de janeiro de 1682, dizia aos camaristas que o padre estava "muito enganado em fazer-lhe protesto do que tinha obrigação de fazer em razão do seu posto." —

Até 16 de outubro o apontador Francisco João da Cunha e o soldado Ambrozio de Araujo não haviam regressado para Sabarábossú, sob pretexto de esperar o sobrinho de Mathias Cardoso de Almeida, Manuel Lopes, que devia fornecer alguns indios.

Tambem o thesoureiro, Manuel Vieira da Silva, sempre sob a allegação de enfermidade, ainda não seguira jornada. No dia da partida, que ficou resolvida para 17 de outubro de 1681, o soldado Ambrozio de Araujo desertou e como Francisco João da Cunha e o thesoureiro buscassem ainda se valer desse facto, a camara de São Paulo energicamente os intimou a retornar para o sertão, afim de se unirem á comitiva de d. Rodrigo de

Castel-Blanco. A 8 de dezembro desse anno, já haviam partido.

Em carta do Sumidouro de 25 de maio de 1682, o administrador-geral das minas fazia referencia a que Francisco João da Cunha já alli se encontrava e enviava, com cartas e amostras á camara paulista, o contador Manuel Castanho. No recibo que no verso desta missiva passou este ultimo á dita camara, com data de 22 de fevereiro de 1683, declarou: "... e como em vespera da minha partida (de São Paulo para o Sumidouro) houveram novas do fallecimento do dito administrador d. Rodrigo de Castel-Blanco, empatei com a viagem, ficando os gastos, etc." —

Estas novas foram trazidas por alguns dos indios levados por d. Rodrigo para Sabarábossú e que haviam retornado á villa de São Paulo nos ultimos mezes de 1682. Mathias Cardoso de Almeida e outros maioraes da léva, sómente regressaram no anno seguinte. E sobre a morte de d. Rodrigo de Castel-Blanco, muito se contradizem os historiadores.

Varnhagen diz que "— foi assassinado pelo sertanejo Manuel de Borba Gato, com quem travára de razões para que lhe desse mantimentos e munições. Borba Gatto teve de homisiar-se nos sertões da Bahia, longe da margem do rio de São Francisco." —

Pedro Taques escreveu: "— extranhou o dito Borba o amortecimento em que se conservava d. Rodrigo, desde que chegára áquelle sertão, applicando-se só a mandar fazer caçadas de aves e animaes terrestes para regalo e

grandeza de sua meza e travando-se de razões menos commedidas, o sobredito Borba se precipitou tão arrebatado de furor que, dando em d. Rodrigo um violento empuxão, o deitou no fundo de uma alta cata, na qual cahiu morto." —

Uma carta do governador Duarte Teixeira Chaves, dirigida a El-Rei, datada de 25 de novembro de 1682, esclarece porem que essa narrativa de Pedro Taques é uma fantasia: d. Rodrigo de Castel-Blanco foi assassinado de emboscada, quando viajava por uma estrada, na paragem do Sumidouro, recebendo tres tiros, em data de 28 de agosto desse mesmo anno. O cabeça desse crime fôra Manuel de Borba Gato, genro do Governador das Esmeraldas e o motivo não podia deixar de ter sido o mesmo do protesto do padre João Leite da Silva.

A camara de São Paulo teve conhecimento desse homicidio a 21 de outubro do anno referido e o communicava ao governo em carta de 2 de novembro. O inventario de d. Rodrigo foi mandado abrir na Bahia, aos 22 de fevereiro de 1683.

Manuel de Borba Gato era filho de João de Borba e de Sebastiana Rodrigues e foi casado com Maria Leite, filha de Fernão Dias Paes. Escrevem historiadores que viveu após esses successos, foragido durante alguns annos, no sertão do rio Doce e depois passou para o sertão do Parahytinga. Incluem tambem o seu nome na bandeira que sob a chefia do padre João de Faria Fialho, andou em 1693 nas regiões dos rios Grande e Sapucahy, explorando taboleiros auriferos.

Em 1716, escrevia Agostinho Azevedo Monteiro, numa exposição ao governo, relativa ao descobrimento de minas: "No fim do seculo passado, andando os paulistas á conquista do gentio que aquelles sertões povoavam e eram os escravos de que se serviam, alojando-se nas margens de um ribeiro do territorio de Minas-Geraes, pressentiram de noite um rumor que acontece haver nas paragens onde ha ouro, por occulta causa até agora de ninguem averiguada; e advertidos de que nas collinas do Cururupéba o mesmo observaram, ao subsequente dia se dispuzeram a minerar e acharam ouro que se manifestou na serra de Guarapiranga em tanta copia, que lhes teve mais conta comprar com o que tiravam negros, que divertirem-se a captivar indios. Com esta noticia, que se participou á capitania de São Paulo, foram concorrendo mais mineiros, penetrando mattas, descobrindo mais ouro e então Manuel de Borba Gato, que com seu sogro Fernão Dias Paes nas jornadas das esmeraldas havia explorado aquelles sertões com excepcional cuidado, indagando tradições e vestigios, lembrando-se do que reflectira e conferindo com as noticias que se publicavam, imaginou fazer fortuna e partio de Guaratinguetá onde vivia, para o rio das Velhas, lá descobriu muitas e importantes minas de ouro, com indicio de prata nas serras de Sabarábossú, Furnas e Congonhas. Deu logo conta ao governador Arthur de Sá e Menezes, que indo pessoalmente a dispor a administração das minas, levou consigo ao mineiro Antonio Borges de Faria, por quem mandou fazer alguns ensaios das pedras que lhe apresentou Manuel de

Borba e só de uma fundio prata e algum ouro e outras reconhecidas de inferiores metaes se desprezaram e commettendo a ambos a consecução daquelles descobrimentos, deixou ao mineiro vencendo certo ordenado, que algum tempo cobrou e a Manuel de Borba com o cargo de tenente-general das minas de prata, que mais insistia descobrir." —

Borba Gato, em começos de 1700 trouxe a São Paulo, apresentando a Arthur de Sá e Menezes, amostras de ouro palliado, regressando logo o seguir para o mesmo sertão de Sabarábossú, em companhia de seus genros Antonio Tavares e Francisco de Arruda.

O padre Andreoni tambem escreveu delle que foi o primeiro a descobrir minas de ouro no rio das Velhas e na serra de Sabarábossú,

Por provisão de 6 de março de 1700, foi Manuel de Borba nomeado guarda-mór do districto do rio das Velhas, e pela de 9 de junho de 1702, superintendente das minas de ouro do mesmo rio. Por carta de 18 de abril abril de 1701, Arthur de Sá e Menezes autorizou-o á posse das terras "entre os rios Paraopéba e das Velhas, chapadas da serrania de Itatiaia". Antonio de Albuquerque Coelho, confirmou-lhe pela carta de 3 de dezembro de 1710, a sesmaria dessas terras.

Concedeu-lhe tambem, a 19 de janeiro de 1711, uma sesmaria no Caethé, local então denominado Tombadouro. Borba Gato teve carta régia de elogio pelos serviços prestados, occupou varias vezes a superintendencia geral das minas, foi provedor dos defuntos e ausentes e

administrador das estradas. Falleceu, segundo escreve Silva Pontes, quasi centenario, em sua fazenda do Paraopéba.

De Jorge Soares de Macedo, immediato e parente de d. Rodrigo de Castel-Blanco, ainda sabemos que, preso pelos indios da aldeia dos Reis Magos, foi levado á Buenos Aires, á presença do governador d. José Garro e mandado recolher a um calabouço. Com elle se achavam então, entre outros, d. Francisco Naper de Alencastro, João Freire Farto, Mauricio Pacheco Tavares e dous capellães. De Buenos-Ayres consentiram que fosse á Cordova, em 1682, e, no anno seguinte, deixaram-no passar á Lima. Escreveu de Buenos-Ayres duas longas cartas a El-Rei, referindo as suas desventuras.

Em 26 de janeiro de 1700 foi nomeado governador da fortaleza de Santos. Em 2 de junho de 1701 era mestre de campo governador da villa de Santos e suas fortificações, cargo que ainda o encontramos exercendo a 25 de agosto de 1705. O ouvidor da capitania, dr. Antonio Luiz Peleja, teve com elle nesse anno séria desavença, enumerando-lhe então muitas arbitrariedades.

De março e de junho de 1707, são duas consultas do Conselho Ultramarino sobre a ida de Jorge Soares de Macedo ás minas dos Cataguás, afim de verificar a existencia de ouro de béta. Dahi em deante, delle nenhuma noticia mais encontramos, sendo que ultimamente se havia queixado a El-Rei de andar muito velho e falto de saúde.

Serviu grandemente ao seu governo como se constata da patente de 30 de outubro de 1677, na qual foi distinguido com o posto de tenente mestre de campo general, ad honorem, com exercicio e commando da infantaria que marchasse ao descobrimento das minas de Paranaguá e de Sabarábossú.

XV

O DENOMINADO GRANDE CYCLO DO OURO

Orville Derby, estudando os descobrimentos auri-nos no territorio de Minas-Geraes, classifica-os, chronologicamente, como tendo sido: primeiro na região do Caethé, segundo na do Ouro-Preto e por ultimo na do Sabará.

Já referimos que havia nas minas do Caethé, um ribeiro denominado Sabarábossú, citado em 1711 entre outras, nas semarias de Fructuoso Nunes Rego, Pedro Gomes Chaves e Manuel Dias Leite. O arraial ahi fundado por Manuel de Borba Gato, nos documentos do seculo XVIII, vem muitas vezes denominado Sabarábossú e deu origem á actual cidade de Sabará, como já notamos. Pensa Orville Derby que a designação locativa desse ribeiro, foi dada pelos mineiros, posteriormente á entrada de Fernão Dias Paes.

As primitivas Sabarábossú e Vupabossú, ficaram sem identificação precisa e Derby ainda explica que a primeira, que chegou a figurar no mappa de Coronelli, em 1688, no sitio onde mais ou menos assenta hoje a serra

da Canastra, era collocada, "óra na região entre os rios Doce e Jequitinhonha, óra na do alto São Francisco. Nessa ultima região, o nome foi finalmente applicado a uma serra perto do rio das Velhas, que não o conservou, sendo conhecido correntemente pelo nome de serra da Lapa ou da Piedade". Orville Derby ainda identifica a Vupabossú, a lagôa das esmeraldas de Marcos de Azeredo, o velho, como sendo, provavelmente, a actual Lagôa Preta.

Sobre o primeiro ouro das Minas-Geraes, já longamente escrevemos no nosso trabalho sobre os Camargos de São Paulo. Ahi fizemos notar que ante os documentos do tempo, o primeiro ouro foi descoberto na Itaverava, pela bandeira de Bartholomeu Bueno de Siqueira e Carlos Pedroso da Silveira, no verão, de 1694, diligencia na qual foram entre outros sertanistas, Manuel de Camargo, Miguel Garcia de Almeida e Cunha, João Lopes de Camargo, Sebastião de Camargo e Fernando Munhoz Paes.

Bartholomeu Bueno de Siqueira falleceu nesse sertão, em dezembro de 1695 e Carlos Pedroso da Silveira foi quem deu em manifesto esse ouro, ao governador do Rio de Janeiro, Sebastião de Castro Caldas.

Antonio Rodrigues de Arzão, si descobriu ouro na região do Caethé, em 1693, como querem alguns escriptores, não deu importancia ao achado, pois sobreviveu ao mesmo cerca duma vintena de annos e nunca cogitou de qualquer proveito, nem fez sobre tal qualquer allegação.

As diligencias posteriores ao fallecimento de Bartholomeu Bueno de Siqueira foram feitas por Miguel Garcia de Almeida e Cunha que entrou no Itatiaia, descobrindo ouro no Gualacho do Sul; por Manuel Garcia Velho, que entrou no Tripuhy, fazendo identicas descobertas e Belchior da Cunha Barregão, que com Bento Leite da Silva, entrou no Itacolomy, extrahindo tambem o precioso metal (1696).

Dous annos após, Antonio Dias de Oliveira descobria o celebrado Ouro-Preto. Grande foi então a affluencia de forasteiros para esse territorio todo, provindos de outras capitanias e mesmo da Metropole. Assim, Rebello Perdigão refere que de 1698 em deante, foram descobertos outros alvéos auriferos: no Ouro-Preto, pelo padre João de Faria Fialho, Francisco e Antonio da Silva Bueno, Thomaz e João Lopes de Camargo e Felix de Gusmão Mendonça e Bueno; no Ribeirão do Carmo, por João Lopes de Lima e seu irmão, o padre Manuel Lopes; no Gualacho do Norte, por Antonio Pereira; no centro desse mesmo ribeirão, por Sebastião Rodrigues da Guerra; no ribeiro de Bento Rodrigues, pelo bandeirante desse nome; na barra do Gualacho do Norte, no Brumado e no Sumidouro, por João Pedroso; no ribeiro do Bom Successo, affluente do Ribeirão do Carmo, por Salvador Fernandes Furtado de Mendonça; nesse ultimo ribeirão, dez leguas de Ouro-Preto, até o arraial do Furquim, por Antonio Rodovalho da Fonseca, Francisco Alvares Corrêa e Sebastião de Freitas Moreira; nesse mesmo ribeirão, abaixo desses ultimos, descobertos por João de Lima

Bomfante e por ultimo na barra desse ribeirão com o Guarapiranga, por Francisco Bueno de Camargo.

O descobrimento do sertão do rio Pardo, foi feito por Antonio Luiz dos Passos, mais tarde um dos descobridores das Minas Novas e o districto de Itacambira foi explorado por uma bandeira paulista de que era cabo Miguel Domingues, o qual teve que se retirar desse sertão devido ao encontro dos mestiços então denominados "papudos". Segundo Basilio de Magalhães, Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, descobriu o ribeiro do Campo; Leonardo Nardy Sisão de Sousa, revelou as minas do Caethé, onde com os dous irmãos Antonio e João Leme da Guerra, moradores em Santos, fundaram depois um arraial; Antonio Soares Ferreira, acompanhado de varias paulistas, estabeleceu-se no ribeirão de Santo Antonio do Bom Retiro do Serro Frio, onde elle, Manuel Corrêa de Arzão, Lourenço Carlos Mascarenhas de Araujo e Balthazar de Lemos de Moraes Navarro, repartiram entre si as minas do Ivituruú; Gaspar Soares, filho de Antonio Soares Ferreira, achou o morro a que ligou o seu nome; Salvador de Faria Albernaz, encontrou as ricas jazidas auriferas do Inficionado; os Penteados, estabeleceram-se na Roça Grande; os Raposos, no ribeiro do seu appellido; João Leite da Silva Ortiz, na serra do Curral d'El-Rei; Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguéra, em São João do Pará; Domingos Rodrigues do Prado, em Pitanguy; Matheus Leme, no Itatiaiassú; Domingos Borges descobriu as Catas-Altas; Antonio Bueno, o ribeiro de Santa Barbara; Thomé Portes d'El-Rei e

Antonio Garcia da Cunha, assentaram-se ás margens do rio das Mortes; Lourenço da Costa e Manuel João de Barcellos, tambem ahi descobriram ouro; e João de Siqueira Affonso descobridor das minas do Piranga e de São José d'El-Rei, em 1704, encerrou a primeira phase do grande cyclo do ouro, quando em 1706 descobriu, nas fraldas da Mantiqueira, as minas de Ayuruóca.

O governador Arthur de Sá e Menezes, que havia tomado pósse no Rio de Janeiro a 2 de abril de 1697, em outubro desse anno viajava para São Paulo, centro dessa irradiação, em diligencia sobre essas minas, regressando á sede do governo em fins de 1698. Em outubro do anno seguinte tornava a São Paulo, ahi organisando definitivamente os cargos administrativos que julgára necessarios para bôa fiscalisação dessa consideravel fonte de renda da Metropole. Dividiu todo territorio de Minas-Geraes em dous grandes districtos, comprehendendo as minas da região dos Cataguás e as do rio das Velhas. Para guarda-mór das primeiras nomeou Manuel Lopes de Medeiros e das segundas a Manuel de Borba Gato, regressando ao Rio de Janeiro em março de 1700.

A 23 de agosto desse mesmo anno resolveu ir ao local das minas e a 17 de novembro, achando-se no Ribeirão do Carmo, na ausencia de Manuel Lopes de Medeiros, nomeou ao mestre de campo Domingos da Silva Bueno, para guarda-mór das minas dos Cataguás.

Permaneceu esse diligente delegado da Metropole nessas minas até 12 de julho de 1702, data em que foi substituido por d. Alvaro da Silveira de Albuquerque.

A figura central de todo esse primeiro periodo do grande cyclo do ouro em Minas-Geraes, foi certamente Carlos Pedroso da Silveira, nascido em São Paulo em 1664, sendo filho de Gaspar Cardoso Guterres e de Gracia da Fonseca Rodovalho, e casado com Izabel de Sousa Ebano Pereira. Foi companheiro de Bartholomeu Bueno de Siqueira, em 1694, dando em manifesto o ouro descoberto na Itaverava.

Da sua primeira patente de capitão-mór de Itanhaen, passada por Arthur de Sá e Menezes, aos 23 de maio de 1699, consta que "serviu no cargo de ouvidor da dita capitania de Conceição por tempo de seis mezes e ao depois foi provido no posto de sargento-mór da ordenança de Taubaté, por provimento do capitão-mór Martim Garcia Lumbria, o qual posto exerceu por tempo de dous annos e estar actualmente servindo o cargo de provedor da officina real da villa de Taubaté, o qual serve ha tres annos, com notavel zelo e trabalho, pondo-se varias vezes ao perigo da sua vida por obrigar aquelles que não queriam verdadeiramente quintar o ouro que pertencia aos reaes quintos de Sua Magestade, que Deus guarde, vindo daquella villa ao Rio de Janeiro tres vezes, duas com as amostras do ouro das novas minas dos Cataguás e este anno a conduzir tres arrobas e quatorze arreteis de ouro que pertenciam a Sua Magestade, que Deus guarde, sem nesta conducção e viagens fazer despesa alguma da fazenda real e tendo noticia de uma pessoa que fazia cunhos falsos para pôr no ouro, dando-me conta

desse maleficio, lhe mandei tirar devassa o que fez com todo cuidado e diligencia, etc." —

Logo que deu em manifesto o ouro das Minas-Geraes, Carlos Pedroso da Silveira foi nomeado guarda-mór dessas minas, a 16 de dezembro de 1695, não tendo porem exercido esse cargo, por assumir logo o de provedor dos quintos na casa de fundição de Taubaté. Em 1704 foi feito provedor da casa de fundição de Paraty, tendo sido extinctas as demais. Em 1705 foi nomeado procurador da fazenda na villa de Itanhaen e logo a seguir, reconduzido no cargo de capitão-mór dessa capitania, por d. Fernando de Lancastro.

Obteve desse mesmo governador uma sesmaria no rio Verde, na fazenda Caxambú, em 1706. Em 1714 foi nomeado por d. Braz Balthazar da Silveira, mestre de campo governador das villas de Taubaté, Pindamonhangaba e Guaratinguetá. Foi sempre um servidor dedicado do governo, como antes fôra um dos mais arrojados sertanistas do seu tempo, sendo que Ellis Junior o menciona, desde 1683, em bandeira, num sertão anonymo, tendo como cabo a João Lopes de Lima.

Morreu a 17 de agosto de 1719, em consequencia de um tiro que em Taubaté lhe fôra desfechado de emboscada na ante-vespera por João Delgado de Escobar, constando ter sido Domingos Rodrigues do Prado o cabeça de tal crime.

XVI

AS ULTIMAS JORNADAS DAS ESMERALDAS

A busca das esmeraldas foi a iniciativa que mais perdurou na historia bandeirante. Começada desde os tempos de Gabriel Soares de Sousa, que segundo Varnhagen, escreveu uma "Relação do descobrimento das esmeraldas', que existiu na bibliotheca do conde de Vimioso, veio persistentemente atravez do tempo, até a ultima arrancada de seus crentes, que foram certamente Garcia Rodrigues Velho, Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, Lucas de Freitas de Azevedo, Braz Esteves Leme, Sebastião Leme do Prado e Domingos Dias do Prado.

Todos esses agiram ao norte da capitania de Minas-Geraes, em seus limites com a Bahia, cujo territorio invadiram e, na demanda das pedras verdes, toparam com alvéos auriferos, revelando desse modo as Minas-Novas, Fanado, Serro Frio e Itacambira, além das minas do rio das Contas. . . .

O governador Antonio de Albuquerque Coelho foi o primeiro a nomear um capitão-mór para os novos des-

cobrimentos das esmeraldas, recahindo a escolha na pessôa de Garcia Rodrigues Velho, já então bastante idoso (1711). E o fatigado caminheiro pouco tempo depois fallecia, não deixando conhecido o resultado das suas diligencias.

Dom Balthazar da Silveira, a 22 de outubro de 1713, dava patente ao capitão Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, para o descobrimento das ambicionadas pedras "porque elle tinha noticia do sitio em que as havia, pelas experiencias que fez no tempo em que andou occupado no descobrimento dellas em companhia de Garcia Rodrigues Paes." Assim, juntamente com seu filho Antonio Raposo Tavares e de seu enteado, Antonio de Almeida Lara, iniciou aquelle paulista sua ultima celebre jornada pelo sertão, varando em sondagens todo territorio de Minas-Geraes e indo se deter nas cabeceiras do rio das Contas (1718).

Ahi se estabeleceu nas vizinhanças da bifurcação das duas estradas que ligavam a Bahia á São Paulo, uma que seguia pelo rio de São Francisco e outra pelo espigão da serra do Espinhaço, até ao rio Verde-Grande e suas cabeceiras, Itacambira e rio das Velhas. Num riacho dessas paragens, denominado Matto-Grosso, descobriu e minerou ouro. O relatorio apresentado a Vasco Fernandes Cezar pelo mestre de campo Miguel Pereira da Costa, dá minudente noticia da actividade desse bandeirante, que terminou seus dias no fundo do Piauhy, assassinado por certo Manuel de Almeida, praça de sua bandeira (1721).

Lucas de Freitas de Azevedo, tendo como companheiros a seus primos Balthazar de Lemos e Siqueira e Bartholomeu Bueno de Siqueira, foi dos que mais porfiou na busca das esmeraldas.

Convem ficar aqui estabelecida a identidade historica desse sertanista. Affonso de Taunay, na sua notavel "Historia Geral das Bandeiras", referindo-se a uma patente de capitão-mór passada ao paulista, Domingos de Freitas de Azeredo, a 5 de julho de 1677, pela junta Trina, na Bahia, escreve não lhe ter sido possivel identificar o patronimico Azeredo, nos catalogos genealogicos paulistas do seculo XVII.

Constatamos porem com referencia a Domingos de Freitas de Azeredo, que os documentos que lhe dizem respeito grapham indistinctamente Azeredo e Azevedo, pelo que firmamos que o capitão-mór referido era o marido de Izabel de Lemos e Moraes, natural de Santos, que falleceu na Bahia em 1679 e cujo inventario foi iniciado em São Paulo em 1683, não se encontrando assim exacta a menção de Silva Leme sobre tal ponto.

O capitão-mór Domingos de Freitas de Azevedo teve de seu casamento dous filhos, um dos quaes foi Lucas de Freitas de Azevedo, nascido cerca de 1673 e que, como bandeirante, apparece no Serro-Frio, logo após o seu descobrimento pelos paulistas Gaspar e Antonio Soares Ferreira, em 1701. Ahi minerou ouro e fundou uma fazenda de criar, obtendo uma sesmaria, dada pelo governador d. Braz Balthazar da Silveira, a 24 de janeiro de 1717. Nesse anno preparou uma caravana, com intuito

do descobrimento das esmeraldas, tendo por parte do referido governador, patente de mestre de campo, a 17 de junho de 1717. Dessa sua primeira tentativa, sahida do Serro-Frio, parece nullo foi o resultado, continuando no entanto Lucas de Freitas de Azevedo no seu intento e disso faz prova uma segunda patente do mesmo posto, que lhe foi dada pelo governador d. Pedro de Almeida Portugal, a 6 de março de 1718.

Um documento datado de 1792 esclarece que descobriu uma serra que denominou das Esmeraldas, a qual deu em manifesto, "além do Sussuhy-Grande, para as Minas-Novas, mas pelos muitos indios que por alli habitam, não se tem descoberto nada." —

Em taes diligencias o acompanhou seu cunhado, o padre Antonio de Mendanha Soutomaior e, segundo refere João da Silva Guimarães numa informação ao conde de Sabugósa, datada de 12 de julho de 1734, chegou a fazer excavações profundas em tal sitio, que suppunha fôsse o mesmo em que estivéra Marcos Antonio de Azeredo Coutinho e no qual tambem fôra ter o capitão-mór Garcia Rodrigues Paes.

O certo é que até 1724 andava Lucas de Freitas de Azevedo em pós a sua miragem, pelo Jequitinhonha abaixo, entre Ilhéos e Porto Seguro, em pleno sertão bahiano, tendo ao que consta colhido amostras de turmalinas verdes.

Tendo assim abandonado as suas terras do Serro Frio, Lucas de Freitas, depois de ultimar as pesquisas de 1724, foi proposto pelo coronel Pedro Barbosa Leal, para com-

mandante de um arraial que franqueasse o sertão das cabeceiras de Porto Seguro, rio Caravellas até o rio Doce. Dahi em deante perdemos os seus traços.

Foi casado, em Minas-Geraes, com Izabel de Mendanha Soutomaior, irmã do primeiro vigario encommendado da então villa do Principe, o padre Antonio de Mendanha Soutomaior, irmã do primeiro vigario encommenma familia do senhor de engenho em Campo Grande, Luiz Vieira Mendanha.

Braz Esteves Leme, Domingos Dias do Prado e Sebastião Leme do Prado, unidos mais ou menos na altura do rio Manso, passaram após, cada qual com o seu séquito sertanista, a devassar as cabeceiras do rio de S. Matheus.

Felisbello Freire escreve que o primeiro que entrou nas nascentes desse curso fluvial foi o coronel André da Rocha Pinto, accrescentando que entre os antigos sertanistas existia grande indecisão a proposito de tal rio, parecendo que o que hoje tem esse nome, não é o mesmo assim denominado no seculo XVIII.

Braz Esteves Leme, anteriormente a 1715, já havia feito varias diligencias para o descobrimento dos preciosos seixos e pelo ouvidor-geral Luiz Botelho de Queiroz, enviára ao governador d. Braz da Silveira amostras que promettiam "o descobrimento das legitimas e verdadeiras esmeraldas", pelo que fôra agraciado com o fôro de fidalgo da casa real, o habito de Christo e a patente de mestre de campo, em 18 de janeiro do referido anno. A um sobrinho seu, Estevam Raposo Barbosa, que o acom-

panhára nessas expedições, fôra concedida a patente de sargento-mór de infantaria.

Por essa occasião, havia morto Braz Esteves a um certo João Pinto, companheiro de Garcia Rodrigues Paes e por este enviado a esses sitios, afim de pesquisar sobre minas de esmeraldas, como já referimos. Desse local, uma dezena de annos após, passou Braz Esteves para a cabeceiras do rio de São Matheus, sempre na mesma faina, tendo tido provisão do governador da Bahia, para superintender as minas que alli fossem descobertas "partindo pela parte norte e nascente com o descobridor Domingos Dias do Prado e pela do sul com o rio Doce". Não ficaram documentos sobre o final da actividade desse denodado paulista.

Sebastião Leme do Prado, ao encalço das pedras verdes, descobriu minas de ouro no territorio bahiano, sendo nomeado guarda-mór, por provisão de 3 de março de 1728. Era então seu companheiro de jornada, Domingos Lopes Guimarães, que foi provido no cargo de escrivão. Uma carta do conde de Sabugósa dirigida a El-Rei, datada de 15 de março de 1728, esclarecia que esses dous jornadeiros "pelo Serro-Frio entraram a fazer a mesma diligencia no sertão desta capitania, donde descobriram alguns ribeiros com grande rendimento, e ficam em pouca distancia dos de Domingos Dias do Prado."

Seguindo depois na esteira de Lucas de Freitas de Azevedo, Sebastião do Prado penetrou em 1733 o rio Jequitinhonha, attingindo os Ilhéos onde o gentio aymoré fel-o retirar-se para as chapadas interpostas com o rio

Pardo e ahi, na ancia da revelação de novas jazidas auriferas, desappareceu para o sempre.

E, dos buscadores de esmeraldas que em começo enumeramos, resta-nos apenas indicações sobre Domingos Dias do Prado.

Com seu irmão Francisco Dias do Prado havia elle penetrado no seculo XVIII as terras bahianas, atirando-se á conquista dos tractos ribeirinhos do rio de São Francisco, dos de além desse grande curso d'agua e da extensa faixa de sertões do rio das Contas e Jacobina. Tão valiosos foram esses seus serviços, que além da concessão de grandes semarias ,obteve do governo a patente de mestre de campo, em 1723.

Ao mesmo tempo que cuidava da conquista dos sertões e da pesquisa do ouro e das esmeraldas, Domingos Dias do Prado dedicava-se ao commercio do gado para as Minas-Geraes, onde a mineração se desenvolvia consideravelmente no rio das Velhas e no Arassuahy. Chegou assim a fundar varios curraes nas margens do São Francisco, dando enorme impulso a esse ramo de negocio.

Estabeleceu porém, naquellas paragens um regimen tão despotico, que o conde de Sabugósa, senhor de muitas queixas contra o mesmo, resolveu mandar prendel-o. Domingos Dias do Prado entrincheirou-se em seus dominios e offereceu tal resistencia, que o governador teve de afrouxar a ordem (1724). Alguns annos após, voltando ás bôas com o temivel paulista, o conde de Sabugósa, por provisão de 4 de março de 1728, o nomeava guarda-mór das minas de ouro que descobrira na capita-

nia bahiana e, em carta de 15 desse mesmo mez e anno, escrevia a d. João V:

"...sendo de mencionar as diligencias de Domingos Dias do Prado, porquanto descobriu varios ribeiros com bôa pinta de ouro e acharam todos ser de grande rendimento, tendo remettido um risco apontando a forma daquelles ribeiros e a sua distancia: conferido este com um mappa que fez um sertanejo pratico daquelle sertão, e com muita intelligencia, não havendo differença, mandei reduzir tudo a um mappa em forma o qual remetto a Vossa Magestade."

Continuou porém, esse potentado a sua vida de desvarios naquelles longinquos rincões, e tantos foram elles, que o governador enviou novamente uma escolta a prendel-o, o que desta vez logrou effeito.

Julgado logo a seguir pela Relação da Bahia, foi condemnado a ser degollado em pelourinho, pena executada no anno de 1732.

XVII

AS MINAS DE CUYABÁ

José Barbosa de Sá, na sua "Relação das povoações de Cuyabá e Matto-Grosso", publicada nos Annaes da Bibliotheca Nacional, refere que o primeiro que subiu o rio Cuyabá, foi o paulista Antonio Pires de Campos, "em procura do gentio coxiponé e chegado a uma aldeia delles, onde é hoje a capella de São Gonçalo, ahi prendeu muitos e voltou para baixo em procura das mais frotas que andavam por essas largas e dilatadas bahias em procura das mais nações. No anno seguinte, seguio Paschoal Moreira Cabral o mesmo rumo, em procura dos mesmos coxiponés e chegou ao lugar da aldeia velha, já destruida e não os achando, subiu o Coxipó-Mirim, denominação derivada do nome o mesmo gentio e fazendo pouso logo acima da barra, achou ouro em granetes cravados pelos barrancos; neste pouso e primeiro descobrimento, deixou o capitão a bagagem e seguio rio acima até o lugar chamado hoje a Forquilha; ahi achou o gentio, em que fez suas presas, com bastantes mostras de ouro em batoques e outros enfeites e buscando os companheiros,

com elles desceu a fazer pouso no lugar chamado Aldeia Velha, onde hoje se acha a capella de São Gonçalo. Ahi formaram seu arraial."

Foi desse modo que começou a mineração do ouro em Cuyabá, sendo que os chronistas marcam o anno de 1718 para tal acontecimento. Não tardou que ao arraial erguido por Paschoal Moreira Cabral, viesse ter uma bandeira chefiada pelos irmãos Antunes Maciel, de Sorocaba, e, em fins desse mesmo anno, alli tambem acampou a tropa de Fernando Dias Falcão, com cento e trinta homens e todos assim unidos intensificaram os trabalhos de mineração.

Resolveram além disso, dar parte do descobrimento ao governador da capitania, o conde de Assumar, sendo encarregado dessa missão, Antonio Antunes Maciel, que partiu para São Paulo, indo além de outros em sua companhia, Fernando Dias Falcão e o capitão-mór Braz Mendes Paes.

Paschoal Moreira Cabral permanecendo no arraial, fez uma junta aos 8 de abril de 1719, ficando por esse meio investido das funcções de guarda-mór regente das minas, com amplos poderes, até resolução do governador, tendo sido lavrado um termo desse acto pelo escrivão do arraial, Manuel dos Santos Coimbra, assignado por todos bandeirantes alli presentes, em numero de vinte. E, emquanto aguardava resposta de São Paulo, mandou Paschoal Moreira a Manuel Garcia Velho que explorasse os arredores, sendo desse modo descobertas as minas de São João e Santo Antonio.

Passados mezes regressou de São Paulo Fernando Dias Falcão, trazendo quarenta negros entre os quaes ferreiros, carpinteiros e alfaiates, muita provisão de boca e de guerra e toda a gente que o havia querido acompanhar naquella monção.

Porque devemos consignar que a primitiva bandeira se havia transmudado aqui em monção. O caminho que seguia era continuamente pelos rios: o Tietê, sahindo de Ararytaguaba e indo até o rio Paraná; dahi pelo rio Pardo até o sitio de Camapuan; depois, cabeceiras do rio Coxim, descendo até o Taquary, e por este abaixo até o rio Paraguay; subia em seguida até o rio de São Lourenço e continuando por este, ia até a barra do rio Cuyabá, que era então percorrido até o arraial.

Este caminho fôra traçado pelos irmãos Leme. As canôas usadas nessas monções eram geralmente abertas num madeiro inteiriço de cerca de treze metros de comprimento por um metro e meio de largura, semelhando o seu perfil a uma lançadeira. Não tinham quilha, nem leme, nem mastro e a tripulação era de oito homens. Os passageiros amontoavam-se á pôpa.

Em Forquilha fundava-se tambem um arraial, levantando-se uma capella sob a invocação de Nossa Senhora de França, sendo alli primeiro celebrante o padre Jeronymo Botelho. Sertanistas e potentados de São Paulo, attrahidos pela noticia do ouro, affluiram para essa região.

Assim, a 6 de novembro de 1729, sob influencia dos irmãos Leme, foi eleito cabo-maior dos estabelecimentos

que alli se desenhavam, Fernando Dias Falcão, conservando Paschoal Moreira Cabral o posto de guarda-mór, mas tão sómente dos descobrimentos que fizéra. Os bandeirantes que elegeram Fernando Dias Falcão foram em numero de quarenta e um, trazendo Azevedo Marques a relação dos mesmos.

Paschoal Moreira Cabral não se conformou com essa eleição que injustamente lhe tirava o predominio daquella região, que desde 1682 vinha devassando e para a conquista da qual teve muitas lutas e muitos gastos. Reclamou do Rei, aos 15 de julho de 1722, pedindo que lhe fôsse feita a mercê do cargo de capitão-mór regente das minas de ouro de Cuyabá. E por ser documento que elucida varias particularidades de tal descobrimento, aqui transcrevemos o seu requerimento.

"Senhor. — Accresce-me a dar parte a V. M. que Deus guarde, em como ando ha seis annos nestes sertões, occupado no real serviço de V. M., trazendo em minha companhia cincoenta e seis homens brancos, fóra escravos e servos, sustentando-os á minha custa, conquistando os reinos do gentio e adquirindo a muitos delles para o gremio da Igreja, na diligencia de descobrir ouro, prata e pedras preciosas, distante da cidade de São Paulo, serra acima, quatro mezes de viagem; ao depois de perder um filho e quinze homens brancos e alguns escravos que os mataram e comeram o gentio, com innumeraveis riscos de vida, tanto por rios como por terra, nas cabeceiras do rio Cuyabá, descobri um ribeiro chamado Coxipó, com muitos dotes de ouro, no qual V. M. tem a sua data e as

mais se repartiram pelos homens que se acharam e ao depois chegaram de povoado, cujo ouro se tem quintado e em adjunto com este ribeiro, se descobriram varios corregos que todos tem dado bôa pinta de ouro; e pela distancia destes sertões, e do que tenho descoberto e espero descobrir, entendo serão estas minas com as grandezas das Geraes e muitos lucros para a Fazenda Real, pelas passagens dos rios e dizimos. Ao presente tenho mandado tres tropas com seus cabos á mesma diligencia por varios rios e ribeiros e estou de partida com setenta homens de guerra a fazer outros descobrimentos pelas noticias que tenho do gentio, e ao fazer desta se tem descoberto um ribeirão com bôa pinta de ouro, o qual mandei examinar como guarda-mór na forma do regimento de que faço aviso a V. M. por não perder a occasião de portador para povoado, que por causa de doenças e gentio, são viagens de anno a anno, emquanto não ha caminho por terra e mantimentos com estalagens. E como tenho descortinado este sertão nesta diligencia desde o rio dos Porrudos, cabeceiras do Paraguay, Cuyabá até mui perto das cabeceiras do rio Maranhão, me acho destituido de cabedaes, e com familia de mulher e duas filhas e um filho; pelo que peço a V. M. ponha os olhos neste seu leal vassallo como fôr servido."

Mandou o Rei a 3 de julho de 1723 que sobre esta solicitação informasse o então governador d. Rodrigo Cezar de Menezes, e este expoz que entendia Paschoal Moreira demasiadamente idoso para o cargo que pretendia e quando muito podia ser conservado no posto de

guarda-mór das minas. O Rei, em carta de 28 de julho de 1725, concordou com o governador de São Paulo e confirmou a patente que desse ultimo cargo lhe passára o referido governador, a 26 de abril de 1723. Mas já então era fallecido, a 10 de novembro de 1724, Paschoal Moreira Cabral Leme, com setenta annos de idade, amargurado dessas preterições, tendo sido sepultado na igreja matriz de Cuyabá.

Foi filho de Paschoal Moreira Cabral e de Marianna Leme, tendo casado em Itú em 1692, com Izabel de Siqueira Cortes. Deixou entre outros, um filho homonymo que passou a residir em Sorocaba.

Si foi grande a ingratidão para com o velho Paschoal Moreira, a nomeação de Fernando Dias Falcão para o cargo de capitão-mór regente, a 27 de abril de 1724, foi no entanto bastante proveitosa para as novas minas. Natural de Parnahyba, foi filho de Antonio de Almeida Cabral e de Maria da Silva Falcão, tendo sido casado com Lucrecia Pedroso de Barros. Exerceu os postos de capitão sargento-mór de ordenanças e posteriormente de capitão-mór de Sorocaba, onde tambem serviu de juiz ordinario e de orphãos. Por occasião do descobrimento das Minas-Geraes, passou-se a ellas e serviu em Pitanguy esses ultimos cargos e mais o de provedor da fazenda dos defuntos e ausentes, tendo sido elle quem alli inaugurou villa e levantou pelourinho por ordem de d. Braz Balthazar da Silveira.

De Minas-Geraes sahiu em bandeira para os sertões de Matto-Grosso, alli chegando como referimos em 1718,

soccorrendo a Paschoal Moreira e João Antunes Maciel, que estavam em riscos de perecer ás mãos do gentio.

Quando d. Rodrigo Cezar de Menezes visitou pessoalmente o arraial de Cuyabá, fez alli levantar pelourinho por Fernando Dias Falcão, tendo-o nomeado aos 5 de dezembro de 1726, para o cargo de provedor da fazenda, lugar que serviu com seu costumado zelo e honestidade, pelo que recebeu por ordem de d. João V., a mercê do habito de Christo e a tença de cincoenta mil reis por anno.

Falleceu em Sorocaba em 1738, deixando varios filhos entre os quaes se distinguiram nas minas de Cuyabá, Antonio de Almeida Falcão, Thomé de Lara Falcão e João Paes Falcão, que disputavam aos Leme a primazia de terem varado canôas em Camapuan.

João Antunes Maciel, o chefe duma das tres bandeiras a que se deve o descobrimento do ouro em Cuyabá, na qual iam tambem os seus irmãos Gabriel, Antonio e Felippe, ficou nas minas com o cargo de superintendente. Esse paulista, nascido em Sorocaba, era filho de outro de igual nome e de Joanna Garcia Carrasco e foi, naquella villa, casado duas vezes: a primeira com Luzia Leme de Almeida e a segunda, em 1720, com Maria Paes de Jesus, tendo deixado geração.

Serviu por mais de vinte annos nas Minas-Geraes como capitão de cavallaria e sargento-mór. Ao tempo da invasão franceza no Rio de Janeiro, para alli seguio com quarenta homens á sua custa e os sustentou até ordem de se recolher. Foi depois tenente-coronel dum re-

gimento das Minas-Geraes durante cinco annos, tendo occupado a seguir os cargos de guarda-mór das minas de São João d'El-Rei e São José, onde serviu sete annos, sendo eleito posteriormente primeiro juiz ordinario daquella localidade.

Por occasião da guerra dos emboabas, defendeu os forasteiros, querendo com isto mostrar a sua fidelidade a El-Rei. Foi tres vezes a Matto-Grosso, com bandeiras de conquista do gentio e da quarta, uniu-se como vimos a Paschoal Moreira Cabral. Falleceu nessas minas em 1726, tendo seus ossos sido transladados para Sorocaba, sendo enterrados na respectiva matriz.

Pedro Taques menciona que todos serviços desse bandeirante constam do Conselho Ultramarino, por onde foram consultados em 1755, sendo que El-Rei os despachou com a mercê dum habito de Christo, quarenta mil reis de tença e a propriedade dos officios de tabellião do judicial e notas da villa de Itú e de escrivão da camara da mesma villa, além da tença de cem mil reis á viuva Maria Paes de Jesus.

Nas bandeiras que haviam chegado ao Coxipó-Mirim em 1718, vieram os dous irmãos Miguel e Sebastião Sutil de Oliveira, naturaes de Sorocaba, com o portuguez João Francisco, por alcunha o Barbudo, os quaes avançando as explorações do terreno, subiram o rio Cuyabá e foram descobrir em outubro de 1722 as minas propriamente chamadas de Cuyabá, onde se levantou uma capella sob a invocação do Senhor Bom Jesus de Cuyabá,

sendo o povoado elevado á villa em 1 de janeiro de 1727.

Cogitou-se desde logo da abertura duma estrada por terra, sendo que para isso se offereceu em primeiro Manuel Godinho de Lara, em 1722, mas não realisando a empreitada, Luiz Pedroso de Barros, mediante o perdão de crimes em que se achava envolvido, conseguio a feitura de tal melhoramento, pelo que foi tambem gratificado, como se constata da carta de d. Rodrigo de Menezes a El-Rei, datada de 26 de agosto de 1724.

Em meiados de 1723, Sebastião Sutil, em companhia de frei Fructuoso da Conceição, descobriu as minas de Aracuára. Em 1727, Antonio Borralho de Almada, revelou as minas do rio dos Porrudos. Em 1728, Gabriel Antunes Maciel encontrou ouro no rio Diamantino, onde fundou uma povoação, que mais tarde, devido a se ter ahi achado diamantes, ficou denominada Alto Paraguay Diamantino.

Ainda mais ou menos naquella época foram desvendadas as minas de Conceição, Lavras do Ribeirão e Camapuan, onde se estabeleceu o bandeirante João Bicudo de Brito, sendo ellas descobertas pelo capitão-mór Luiz Rodrigues Villares, portuguez que foi das principaes figuras das minas de Cuyabá.

A seguir em 1731, andando na conquista dos indios parecis, o licenciado Fernando Paes de Barros, sobrinho de Ignacia Paes de Barros, com seu irmão Arthur Paes de Barros e seus sobrinhos João Martins Claro e José Pinheiro de Barros, todos naturaes de Sorocaba, desco-

briram as minas que denominaram de Matto-Grosso, originando-se dahi o nome de todo actual Estado.

Ao ter noticia desse descobrimento, foi ao local o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu que affirmou serem as minas permanentes, alvoroçando todos os mineiros daquellas paragens que para alli começaram affluir. As primeiras lavras nesse sitio deram-se junto ao rio Guatera, um dos affluentes do Guaporé, que tem sua origem nas fraldas de São Francisco Xavier. Fundou-se então posteriormente a Villa Bella de Matto-Grosso, sobre a margem do Guaporé, no que se salientaram os paulistas Tristão da Cunha Gago, João Barbosa Gato, Matheus Corrêa Leme e outros.

Em 1743 descobriram-se as minas do Corumbijára, sertão a dentro aquem do Guaporé. Em 1745 o mestre de campo Antonio de Almeida Falcão, notavel paulista, juntamente com seus filhos Paschoal e José, descobriu as minas do rio Arinos, chamadas Santa Izabel e alli formou povoado. Em 1746 descobriram-se as minas do Paraguay, nas cabeceiras desse rio, onde se fundou o arraial Patrocinio de Nossa Senhora do Parto. Em 1748, finalmente, Manuel Cardoso de Siqueira descobriu ricas minas de ouro além do Paraguay.

Por esse tempo, já andava vigorando a lei sobre os diamantes e eis o que sobre este ultimo descobrimento escreveu um chronista contemporaneo: — "Mandou o ouvidor examinar, com ordem que se achassem diaman-

tes, queimassem as casas e trouxessem presos os descobridores; acharam-se diamantes, queimaram-se-lhes tudo, viéram alguns presos e outros fugiram."

O territorio de Matto-Grosso não fazia mais parte porém da capitania de São Paulo.

XVIII

OS POTENTADOS LEME

Entre os principaes paulistas a quem se deve o desbravamento dos sertões de Matto-Grosso, se achavam os irmãos João e Lourenço Leme da Silva, cuja historia já conhecida, acreditamos no entanto não ser demais aqui repetir. Eram elles naturaes de Itú e filhos de Pedro Leme da Silva, alcunhado o Torto e de Domingas Gonçalves.

Creados na vida solta de sertanistas, eram autores de mais de um crime, o que não constituia naquelles tempos nenhuma excepção. No rol dos seus delictos, avultava o assassinato do bandeirante Antonio Fernandes de Abreu, em 1717 e o estupro de tres filhas de João Cabral de Tavora, ambos na villa de Itú.

Não eram assim culpas de molde a merecer muita condescendencia, mas no meio em que viviam, passava-se de largo sobre taes cousas. E a prova, é que d. Rodrigo Cezar de Menezes, governador de São Paulo, em cartas de 12 de setembro de 1721, 10 de outubro de 1722 e 20 de dezembro do mesmo anno, insistia junto á

Côrte para que fôsse dado o perdão régio a Lourenço Leme da Silva, honrando-se-lhe com a mercê do habito de Christo, "porque não só ficaria contente, mas sujeito, e com este exemplo se animarão os demais a fazerem novos descobrimentos."

Mas os Leme, potentados soberbos, poderosos e ricos, eram odiados por muitos dos seus contemporaneos. O proprio cabo-maior das minas, Fernão Dias Falcão, eleito por sua influencia, tinha-os em grande antipathia e Paschoal Moreira Cabral Leme, parente dos mesmos, delles no entanto não queria ouvir fallar.

Aconteceu assim que um valido de d. Rodrigo Cezar de Menezes, o reinol Sebastião Fernandes do Rego, entendeu aproveitar-se dessa malquerença e com o auxilio do ouvidor-geral desembargador Manuel de Mello Godinho Manso, juiz venal e sem escrupulos, executou um plano de modo a que toda fortuna desses irmãos ituanos viesse ter-lhe ás mãos.

Dom Rodrigo Cezar de Menezes havia nomeado os referidos Leme, por propria exigencia destes, a 7 de maio de 1723, para os principaes cargos das minas de Cuyabá, chamando-os á São Paulo, dando-lhes fidalgo acolhimento e mandando Sebastião Fernandes do Rego levar-lhes as patentes em Itú.

Alli, attendendo a um offerecimento do valido, os irmãos Leme entregaram-lhe uma grande quantidade de ouro para que lhes comprasse um comboio de negros, fazendas e outros generos a serem transportados para Cuyabá. De posse desse ouro, Sebastião Fernandes do Rego

começou agir. Mandou vir de Minas-Geraes a Antonio Fernandes de Abreu, filho do assassinado de igual nome e fel-o dar denuncia, perante o ouvidor-geral, não só daquelle homicidio, como dos demais crimes conhecidos dos Leme.

O processo correu em segredo de justiça e, aos 15 de setembro de 1723, eram publicados em Itú e Sorocaba os bandos de d. Rodrigo Cezar de Menezes mandando prender ou matar os regulos Lourenço e João Leme da Silva. Declaravam ainda taes bandos que seriam considerados réos de traição á Corôa, aquelles que lhes dessem ajuda e favor. Excusado accrescentar que foi tambem decretado o confisco de todos os bens desses potentados.

Bandos identicos foram expedidos para Cuyabá a 23 de setembro de 1723 e, na mesma data da sentença, Sebastião Fernandes do Rego sahiu ao encalço dos Leme, com uma escolta composta de trinta e cinco soldados da guarnição de Santos, ao mando do ajudante de tenente João Rodrigues do Valle, as ordenanças de Sorocaba sob as ordens de João Antunes Maciel e as de Parnahyba e Itú, todo esse quasi exercito sob a suprema direcção do ouvidor-geral Godinho Manso.

Em Itú porém os irmãos Leme resistiram á prisão e conseguiram fugir para Ararytaguaba, onde Antonio Pires de Campos, o velho e seus filhos, deram-lhes azilo e armas. Não obstante esse amparo, entenderam os irmãos Leme melhor separarem-se e cada qual seguir rumo diverso. Desse modo, João Leme da Silva foi ter nas

margens do rio Tietê, em casa da sua madrinha, a viuva Maria de Chaves, que temendo incorrer nas penas de traição, mandou immediatamente avisar Godinho Manso, que não demorou acudir, com escolta vultuosa, ferindo á tiros o sertanista e conseguindo assim prendel-o.

Quanto á Lourenço Leme da Silva, um mez após era descoberto numa tapéra, em terras de José Cardoso, a algumas leguas de Porto Feliz, sendo morto pela escolta que o foi prender.

João Leme da Silva foi remettido para a Relação da Bahia e alli julgado e degollado em alto cadafalso, no fim do mesmo anno de 1723. E o governador de São Paulo, d. Rodrigo Cezar de Menezes, em carta de 29 de outubro de 1723, dava conta a El-Rei de todos esses successos, falseando a verdade e esquecido das bôas referencias que fizéra sobre esses dous irmãos, em sua carta de 15 de junho do mesmo anno.

Confiscados os bens de João e Lourenço Leme da Silva, com elles se locupletaram Sebastião Fernandes do Rego e o ouvidor-geral Godinho Manso. Este ultimo não se deteve apenas nesses dous grandes sertanistas, envolveu no sequestro seus parentes e amigos como Antão Leme da Silva, Domingos Leme da Silva, Antonio Pires de Campos, o velho e seus filhos, sendo de registar o haver posto de lado os pobres, como Pedro Leme da Silva, primo dos potentados Leme e co-autor do estupro das filhas de João Cabral de Tavora, o qual no entanto nada soffreu.

Antão Leme da Silva, irmão de João e Lourenço Leme da Silva, foi um dos mais notaveis exploradores das minas de Cuyabá, onde passou a residir logo após os factos que acabamos de expôr. Em 1724, mandou um proprio á sua custa com noticia para d. Rodrigo Cezar de Menezes, a proposito do descobrimento dos irmãos Sutil de Oliveira. A 3 de novembro de 1726, o governador de São Paulo o nomeava mestre de campo daquellas minas, dando-lhe uma patente em que lhe enumerava grandes serviços prestados na conquista do interior brasileiro. Como seus irmãos, havia estado nas Minas-Geraes e em 1682, no celebrado feito de seu pae Pedro Leme da Silva, na Vaccaria do Matto-Grosso. Nas minas de Cuyabá, pela sua prudencia e justiça, accommodou disputas entre mineiros e pelo seu espirito emprehendedor, desbravou largos tractos de terra, conquistando gentio e soffrendo nessas diligencias a perda de um filho e de muitos escravos. Em seu cargo de mestre de campo ainda prestou maiores serviços, sendo eleito em junho de 1727, juiz de barrete de Cuyabá, servindo após de ouvidor, por determinação de d. Rodrigo Cezar de Menezes.

Da nossa exposição acima resalta que as duas principaes figuras unidas para a ruina dos pontentados Leme, com o exclusivo espirito de cubiça, foram Sebastião Fernandes do Rego e o ouvidor-geral Godinho Manso. Secundarias, apparecem a de Antonio Fernandes de Abreu, levado pelo sentimento de vingança e a do governador d. Rodrigo Cezar de Menezes, movido pelas amizades, pois foi até um delegado régio estimado do povo paulista,

como se verifica das representações da respectiva camara de 28 de outubro de 1725 e de 26 de setembro de 1726.

Antonio Fernandes de Abreu descendia do sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu, que esteve no terço do mestre de campo Domingos Jorge Velho, nos sertões nortistas, em 1695. De Minas-Geraes onde se encontrava, dirigiu-se á Itú e alli, seguro duma protecção, denunciou não só o assassinato do pae, como todos demais crimes conhecidos dos Leme. Em recompensa, teve o posto de sargento-mór de Cuyabá, onde passou a residir, fundando em 1731 o arraial de Sant'Anna, nas minas chamadas de Matto-Grosso e alli viveu muitos annos como dirigente de minas.

Sebastião Fernandes do Rego apparece em São Paulo numa provisão passada em 8 de outubro de 1713, para descobrimento de esmeraldas. Logo depois vemol-o casado com a viuva Marianna Caminha e á frente do estanco do sal, onde enriqueceu devido aos abusos que praticou. Com o posto de sargento-mór e locupletado de grande parte da fortuna dos Leme, foi nomeado provedor dos quintos da capitania e nesse cargo praticou vultuosos desfalques, fraudes e outras falcatruas, lesando grandemente o fisco, de accôrdo com o substituto de d. Rodrigo Cezar de Menezes, o governador Antonio da Silva Caldeira Pimentel.

O bandeirante João Leite da Silva Ortiz, conhecedor de todas minudencias desses factos criminosos, seguia de viagem para Lisbôa afim dalli relatal-os e tambem re-

clamar de injustiças que lhe haviam sido feitas, quando ao arribar em Pernambuco foi envenenado, a 7 de dezembro de 1730, pelo padre Mathias Pinto, que desde São Paulo o vinha seguindo para esse fim, por ordem de Caldeira Pimentel.

Tornando-se mais tarde esse governador inimigo de Sebastião Fernandes do Rego, todos esses delictos vieram á tona, sendo o antigo valido preso e remettido para a Côrte, onde conseguio annullar o seu processo, regressando para São Paulo em 1739. Ahi, cumprindo uma promessa religiosa que fizéra, erigiu a igreja que denominou Nossa Senhora dos Remedios.

Falleceu em Jundiahy, no mez do junho de 1741, quando a justiça renovava o seu processo, com melhores provas, processo que correu até final, montando o sequestro da sua fazenda a mais de oitocentos mil cruzados.

Quanto ao ouvidor-geral Manuel de Mello Godinho Manso, Affonso de Taunay accentua que os historiadores tem-no deixado de lado, neste caso dos Leme, quando elle foi personagem que actuou tanto ou mais que Sebastião Fernandes do Rego. De facto, esse magistrado, segundo um libello que contra elle apresentou a 11 de agosto de 1725 a camara de São Paulo, "mandou nas minas de Cuyabá varias prendas a João e Lourenço Leme, sendo culpados em crimes graves e capitaes e recolhendo-se os ditos Leme para povoado, com a noticia de que estavam no termo da villa de Parnahyba, os foi dito ouvidor visitar de proposito, estando com elles uma noite

em uma mesma casa, com a certeza de que tornavam para as minas, interessado na conveniencia delles".

Em outro capitulo desse mesmo documento, faz-se referencia a uma proteção dispensada ao preso Domingos Leme da Silva e isso porque, "lhe mandou dar quantidade de ouro, que nas mesmas minas se divulgou pelo dito preso, haver mandado adeante para o mesmo effeito".

Finalmente relata o libello "que no anno de 1723, nas villas de Itú e Sorocaba, comprou por si e por outrem, quantidade de ouro em pó de que não pagou quintos, comprando por esse respeito por muito menor preço do que corria, as quaes compras fez com o dinheiro do fisco dos Leme e despesas da relação e da justiça".

As citações nessa peça documental da sua deshonestidade são muitas e aqui apenas trancrevemos as que dizem respeito aos Leme, ficando assim patente o movel da actuação desse magistrado no processo que com grande afan lhes moveu, pois agiu com a exclusiva intenção de lucrar com o confisco dos bens dos potentados ituanos.

Dom Rodrigo Cezar de Menezes terminou desavindo-se com Godinho Manso e mandando devassar, por ordem superior, pelo syndicante Antonio de Sousa Abreu Grade, todos esses abusos. E como conclusão deste capitulo, vamos copiar abaixo, o trecho duma precatoria, que é um attestado do caracter desse representante da justiça colonial em São Paulo e tambem da época em que actuou. O papel em questão tem a data de 18 de setembro de 1726 e se intitula: "Carta de diligencia executiva

vinda do Estado da Bahia, por ordem do sr. Vice-Rei remettida aos juizes ordinarios desta cidade e mandada aqui registar pelo juiz ordinario João Gonçalves Figueira, por requerimento que fez no senado da camara de São Paulo."

Lê-se ahi o seguinte: "João Leme da Silva, condemnado em seis mil cruzados pelas mortes e delictos da devassa que tirou o ouvidor-geral Manuel Godinho Manso. Por constar que o doutor Manuel de Mello Godinho Manso, ouvidor que foi nessa ouvidoria-geral, comprou as casas em que vivia por seis mil cruzados que pagou do dinheiro das condemnações do culpado, sem ordem alguma minha, vos ordeno as façais logo vender e remetter o seu procedido ao cofre das despesas da minha Relação, pois o dito ouvidor não podia divertir dinheiro das ditas condemnações, nem fazer delle compra alguma de casas para os ouvidores-geraes dessa cidade, por não haver ordem real alguma para se lhe darem casas para sua vivenda e muito menos para se comprarem com o dinheiro applicado ás despesas."

Alcançado pela devassa do syndicante Antonio de Sousa Abreu Grade e verberado em extremo por d. Rodrigo Cezar de Menezes, o ouvidor-geral Godinho Manso foragiu para Minas-Geraes, mas alli, por ordem régia datada de 18 de dezembro de 1726, foi preso e remettido para o Rio de Janeiro.

E a 30 de julho de 1727 seguia elle escoltado para o reino, na fragata Nossa Senhora das Ondas.

XIX

A LUTA COM OS PAYAGUÁS

Dentre os varios grupos ethnicos que habitavam o Matto-Grosso, ao tempo do descobrimento de suas minas, figuravam os guaycurús, que occupavam os campos da Vaccaria, ao norte do Iguatemy e estendiam as suas correrias até as barrancas do rio Paraguay; os cayapós que demoravam desde as nascentes do Cuyabá até os limites com Goyaz e finalmente os payaguás, os mais temiveis daquellas regiões, que não tinham limites certos para o seu habitat.

No começo de seculo XVII esses tres grupos tinham sido aldeiados pelos missionarios do Paraguay. Os paulistas porem haviam destruido as doutrinas fazendo com que seus moradores, escapos ao captiveiro, volvessem ao estado selvagem. Os payaguás principalmente tornaram-se desde então ferozes inimigos dos bandeirantes. E na historia do desbravamento do territorio de Matto-Grosso, esses selvicolas, formando uma especie de confederação com os cayapós e os guaycurús, foram o maximo pavor das monções e o flagéllo dos néo-povoadores.

Percorriam de preferencia as margens do Taquary, rio que nascia nos sertões de Camapuan e ia desaguar na margem esquerda do Paraguay, acima da barra do M-boytetey. Durante quasi todo o seculo XVIII e ainda em começo do seculo XIX, perseguiram tenaz e inexoravelmente o invasor branco.

Appareceram nessa luta, pela primeira vez, no anno de 1725, junto á barra do riacho Xanés, atacando uma monção que ia ás minas de Cuyabá, ao mando de Diogo de Sousa, composta de vinte canôas, com cerca de seiscentos tripulantes e tão terrivel foi o seu assalto, que sómente escaparam dous. No anno seguinte, na madre do rio Paraguay, investiram contra outra monção e tambem quasi a destroçaram, distinguindo-se ahi, pela bravura, Miguel Antunes Maciel e Antonio Antunes Lobo, que vieram a perecer dos ferimentos recebidos.

Dom Rodrigo Cezar de Menezes, ao ter conhecimento destes factos, determinou que o capitão Angelo Preto de Godoy, fizesse guerra a esse gentio. Apesar do esforço desse valente cabo, os payaguás fizeram um novo assalto em 1729, de modo que foi tambem combatel-os, Antonio Borralho de Almada, que se deteve mais em pesquisar ouro nas cabeceiras do rio dos Porrudos, posteriormente denominado São Lourenço.

O governo então confiou a empresa ao bandeirante Antonio Pires de Campos, o velho, incriminado ainda por ter dado auxilio aos irmãos Leme. A sua investida contra os payaguás não surtiu o desejado effeito pois reappareceram em 1730, atacando em aguas do Para-

guay, a monção na qual vinha de Cuyabá o ouvidor Antonio Alves Lanhes Peixoto e que conduzia sessenta arrobas de ouro destinadas á Côrte, matando quasi toda comitiva, ficando entre os mortos o referido ouvidor.

Havia sahido no mesmo anno de Cuyabá, pouco depois dessa monção, outra ao mando de João de Araujo Cabral e Felippe de Campos Bicudo. Ao chegar ao local onde se havia dado o embate, ainda encontrou alguns sobreviventes e constatou muitos cadaveres de brancos nas margens e sobre o pantanal, alguns atravessados com lanças e outros pendentes de arvores, enforcados. Como ficassem receiosos e pedissem auxilio á Cuyabá, dalli lhes veio aviso de que era mais prudente regressarem, pois havia informações de que o gentio preparava um novo ataque. O panico então se estabeleceu nessa monção e retrocederam os expedicionarios, em tal desordem, que muitos extraviaram-se e pereceram pelo caminho.

A noticia desse duplo desastre causou profunda impressão em São Paulo. O governador Caldeira Pimentel, em setembro desse mesmo anno, nomeava para cabo duma guerrilha a esse gentio o capitão-mór de Sorocaba, Gabriel Antunes Maciel, concedendo-lhe e a todos que o acompanhassem o saque livre e a escravisação dos prisioneiros, independente do quinto real, devendo ser destruidas e queimadas todas as aldeias desses indigenas. No entanto, ainda desta vez não deu tal providencia resultado satisfatorios.

Por isso, em 1731, após um novo assalto dos payaguás, o brigadeiro Antonio de Almeida Lara resolveu

sahir com trinta canôas levando cerca de quatrocentos homens, além de mais de cincoenta canôas de bagagem e munição, transportando duas peças de artilharia e dous pedreiros de bronze, com o decidido animo de exterminar aquelles indigenas.

Antonio de Almeida Lara foi por varios annos capitão-mór regente das minas de Cuyabá e desde 1726 era brigadeiro.

Havia sido o primeiro que nessas paragens, em 1730, introduzira o cultivo da canna de assucar. Serviu nas Minas-Geraes e quando se descobriu ouro em Matto-Grosso, fez parte das primeiras monções alli chegadas. Estabeleceu a casa do registo no Arraial Velho, por ordem de d. Rodrigo Cezar de Menezes e lançou uma tropa ao sertão do rio Parnahyba, donde desciam selvicolas que atacavam as novas usinas. Na sua mocidade andára com seu padrasto Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, nos sertões do rio das Contas, colhendo ahi varias arrobas de ouro.

Sahindo de Cuyabá, navegou Antonio de Almeida Lara o rio Paraguay e passando a barra do Mboytetey encontrou tapéras dos payaguás. Continuando a descer, avistou guaycurús aos quaes logo se uniram bandos daquelle primeiro gentio. Mandou então o brigadeiro assentar contra elles uma das peças e a disparos de bala miúda matou muitos, pondo o restante em debandada. Assim os foi perseguindo, até o aldeiamento de Tabatinga, em Assumpção, habitado por guaranys e onde se refugiaram os payaguás escapos.

Não desejando atacar a reducção paraguaya, Antonio de Almeida Lara deu por finda a sua diligencia. Por este feito foi elle louvado em carta régia de outubro de 1733.

De liberalidade proverbial, gastou todos seus avultados cabedaes, ficando na miseria, em começo da decadencia das minas de Cuyabá. Conta então Pedro Taques, que viajando um dia a cavallo, dessa ultima villa para a de Matto-Grosso, encontrou por acaso em certo sitio, um caixóte repleto de ouro. Como ninguem soubesse dar noticia do dono daquella fortuna, o bandeirante della se apropriou e volvendo á sua fazenda da Chapada, mandou affixar cartazes avisando a todos seus credores de que podiam vir cobral-o.

Assim galhardo, valente e magnanimo, veio o brigadeiro a fallecer em Cuyabá, no anno de 1750.

Não valera de muito a sua expedição contra o feroz payaguá, pois em 1733 uma monção de cincoenta canôas, capitaneada por José Cardoso Pimentel, que vinha de São Paulo, foi destroçada por esse gentio nos pantanaes do Carandá, á margem esquerda do rio Cuyabá. O conde de Sarzedas, governador de São Paulo, cuidou então da formação de um corpo expedicionario contra aquelles selvagens, composto de oitocentos e quarenta e dous soldados, além de muitos indios e escravos negros, tendo a Metropole fornecido para cima de doze pedreiros e quatrocentas espingardas. Para commandante em chefe foi nomeado o tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho, sendo o exercito repartido em tres divisões,

commandadas respectivamente por Felippe de Campos Bicudo, Antonio Antunes Maciel e Antonio Pires de Campos, o moço. Para cabo da guerra foi nomeado Gabriel Antunes Maciel, capitão-mór de Sorocaba. E como officiaes figuravam Pedro Vaz de Campos, Antonio de Moraes Navarro, Manuel de Moraes Navarro, Braz Mendes de Faria, Mathias Madureira Calheiros, João Antunes Maciel, Bartholomeu Bueno da Silva, o bisneto, Felippe Fogaça de Almeida e muitos outros cujas patentes constam duma relação organizada por João de Campos Aguirra.

Varios dos nomeados não puderam seguir, nem por isso deixando elles de prestar mão fórte á expedição, que foi tambem muito auxiliada pelos paulistas Antonio de Almeida Lara, Pedro Taques de Almeida, Domingos Rodrigues do Prado e outros. Os padres Manuel de Campos Bicudo, Manuel Nunes Henriques, frei Antonio de Madureira e frei Pacifico dos Anjos, foram os capellães da tropa.

Com as instrucções dadas em Ararytaguaba a 30 de agosto de 1733, a diligencia seguio para Cuyabá, onde chegou primeiramente o tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho e sua divisão, composta de quatrocentas praças. Após os necessarios preparativos alli feitos, partiu ella dessa villa em 1 de agosto de 1734, navegou rios por mais de um mez, sem maior successo além de dous ou tres ataques frouxos, que a todos deixou descrentes da efficacia daquella campanha, e que valeu amargas reprovações do conde de Sarzedas. A maneira de agir do te-

nente-general, estabelecendo um corpo exclusivo de reinóes e outro de paulistas, offendeu a estes ultimos que entenderam melhor conservarem-se inactivos. Além disso, séria desavença surgira entre esse commandante geral e o cabo da expedição, o capitão-mór Gabriel Antunes Maciel, o qual se afastando com seus companheiros deu de encontro com uma horta de payaguás, perecendo no embate então havido.

Com a energica intervenção do conde de Sarzedas, para que desapparecesse a distincção feita pelo tenente-general entre reinóes e paulistas, houve afinal um combate de grandes proporções com os payaguás.

Escaparam no entanto innumeros e o tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho, com má vontade e sem o menor enthusiasmo pela missão que em má hora lhe fôra confiada, deu-a por terminada, tendo o conde de Sarzedas se conformado com essa decisão e escripto em dezembro de 1734 a El-Rei: — "Como o animo de V. M. foi sempre desejar a conquista deste gentio e esta se acha consummada, não quiz dilatar esta noticia afim de a participar a V. M. com o mesmo gosto com que a recebi."

Dous annos apenas depois, em 1736, o mesmo gentio payaguá desmentia esta carta do governador de São Paulo, surprehendendo no sitio do Carandá, uma monção que ia para Cuyabá e na qual pereceram o capitão Pedro de Moraes Siqueira e seu irmão Bartholomeu Bueno de Siqueira, conjunctamente com o franciscano frei Antonio Nascentes, por alcunha o Tigre. Alguns paulistas es-

capos ao morticinio reuniram-se e resolveram contra atacar a horda, afim de libertar os prisioneiros e agiram com tal denodo que derrotaram inteiramente os payaguás, muito se distinguindo nessa façanha o capitão de matto Manuel Rodrigues do Prado, conhecido por Mandú-assú.

Ainda continuaram esses indigenas por muitos annos a perseguir os povoados de Matto-Grosso, exigindo varias outras expedições guerreiras até quasi o alvorecer do seculo XIX. E, emquanto renteavam elles os rios, seus confederados batiam os caminhos de terra: os guaycurús, o de São Paulo e os cayapós, o de Minas-Geraes, via Goyaz.

Exigiram assim varias bandeiras offensivas afim de desertarem da região das minas. Em 1740 Antonio João de Medeiros sahiu com uma tropa de Cuyabá, ao encalço dos cayapós. O afamado guerrilheiro Angelo Preto de Godoy, convidado em 1739 pelo governador d. Luiz de Mascarenhas, para combater o mesmo gentio, não podendo acceder, lembrou para substituil-o ao coronel Antonio Pires de Campos, o moço, que em outubro de 1742 fez um ajuste nesse sentido com o governo, guerreando tão duramente, que durante sete annos não ouviram mais os mineiros de Cuyabá noticias daquelle gentio.

XX

OS CAPITÃES-MÓRES ANTUNES MACIEL E PINTO DA SILVEIRA

Ao tratar da luta dos payaguás com os paulistas, escreveu Varnhagen que para castigar aquelles selvicolas, "fez o capitão general de São Paulo, conde de Sarzedas, preparar em 1733 uma expedição ás ordens do sorocabano Gabriel Antunes Maciel. Outra em 1734, ás ordens de Manuel Rodrigues de Carvalho, atacou os indios sem resultado dicisivo, por má disposição e falta de pericia do commandante."

Annotando este trecho, na recente edição da obra do grande historiador patrio, Rodolpho Garcia affirma: "Nenhum documento conhecido se refere á expedição de 1733, que, se teve lugar, não podia ter sido commandada por Gabriel Antunes Maciel, fallecido desde 27 de março de 1731. Na expedição de 1734, ás ordens do tenente de mestre de campo general Manuel Rodrigues de Carvalho, figurou Antonio Antunes Maciel, ao lado de Felippe de Campos Bicudo e Antonio Pires de Campos,

como coroneis dos tres regimentos de que se compunha a milicia".

Já Antonio Piza, commentando uma carta do conde de Sarzedas, dando informação a El-Rei sobre um pedido da camara de Cuyabá, datada de Santos, aos 26 de junho de 1736, dizia não ser verdadeira a noticia que se encontrava nessa missiva, da morte do cabo da bandeira Gabriel Antunes Maciel, num embate com os payaguás, pois, segundo elle, esse "valente sertanejo sorocabano que muito lutou contra aquelles indios, não morreu em combate contra elles, segundo rezam as chronicas de São Paulo."

Dos documentos coevos que compulsamos resulta que a grande expedição commandada por Manuel Rodrigues de Carvalho contra os payaguás e organizada pelo conde de Sarzedas, é a mesma dita de 1733 e, essa, teve sómente um sertanista distinguido com o posto de "cabo", que foi o capitão-mór de sorocaba Gabriel Antunes Maciel, conforme já expuzemos no capitulo anterior.

Nas instrucções expedidas por occasião da partida dessa diligencia, e que já citamos, o conde escrevia textualmente: "nomeei para commandante ao tenente-general deste governo Manuel Rodrigues de Carvalho e por cabo da tropa ao capitão Gabriel Antunes Maciel e por coroneis dos regimentos que se formaram nesta villa de Itú e Sorocaba, a Felippe de Campos Bicudo e Antonio Antunes Maciel e do que se ha de formar nas minas de Cuyabá, a Antonio Pires de Campos, os quaes

coroneis ficam subordinados ao cabo da tropa e todos ao commandante que é um."

Esses pois os cinco unicos postos de relevancia dessa expedição; e de todos demais subalternos, com as patentes todas de agosto de 1733, dá uma relação completa, como referimos, João Baptista de Campos Aguirra. O commandante era um, como escreveu o conde de Sarzedas; o cabo tambem era unico. A expedição de 1733-1734, foi pois uma só providencia contra os payaguás e nella sobrelevou o capitão-mór Gabriel Antunes Maciel, como vamos expor.

Lembremos que o conde de Sarzedas dirigia, em 18 de junho de 1734, uma carta ao commandante Manuel Rodrigues de Carvalho, já então em Cuyabá, na qual havia o seguinte trecho: "...a pouca disciplina que teve o cabo Gabriel Antunes em querer se adeantar, como o fez, das mais esquadras com o pretexto da referida diligencia..."

O motivo real desta deanteira foi a animosidade reinante entre os paulistas e o commandante Carvalho. Esse reinol, pouco entendido na arte militar e de genio azedo, desconsiderava a todos guerrilheiros praticos do sertão como eram os paulistas que com elle iam e repetia a miúde que não passavam de uns "bebados amancebados e regulos pusilanimes". Por isso houve séria contenda entre o cabo da bandeira e o commandante geral, mesmo porque este ultimo, com grande inhabilidade, havia feito na tropa uma completa distincção entre reinóes e paulistas.

Gabriel Antunes Maciel resolveu então com a sua gente, separar-se do commandante geral e affrontar em primeiro os payaguás, certo de que os venceria. Essa temeridade do sorocabano foi-lhe porém desditosa, como se vê do seguinte trecho duma outra carta do governador de São Paulo, datada de 26 de março de 1735, ao Vice-Rei: "...sobre esse particular me lembra que emquanto ao atrevimento do gentio acommetter ao cabo da armada e fazer as hostilidades que são notorias, se julgam todos que o divorcio do commandante com o dito cabo dera occasião a esse irremediavel damno e perda consideravel, pois dito cabo estimulado de algumas antecedencias fugira da união com que devia ir com o commandante..." Por sua vez, a Côrte tendo conhecimento do facto e attendendo a uma representação da camara de Cuyabá, escrevia em carta de 21 de abril de 1738, ao governador de São Paulo, que deixasse alli ficar os "petrechos militares que se perderam no assalto que o gentio payaguá deu á tropa que commandava o tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho, em que pereceu o segundo cabo Gabriel Antunes Maciel."

Não póde assim restar duvida que o capitão-mór Gabriel Antunes Maciel morreu nesse embate, segundo ainda reaffirma o conde de Sarzedas, sempre com menção nominal, em sua carta de Santos, datada de 1736. Esse ponto valeu a contestação de Antonio Piza e tambem a de Rodolpho Garcia. Mas não sabemos de chronica ou documento que demonstrem o contrario.

Tal engano provem certamente de que existia em São Paulo, um personagem com esse mesmo nome, o qual não conseguimos identificar, e que Beaurepaire Rohan esclarece fôra almotacel em 1724, fallecendo anteriormente a 1733. O mesmo autor citado, em seus "Annaes de Matto-Grosso", menciona expressamente a morte do capitão-mór Gabriel Antunes Maciel, em combate com o gentio payaguá.

Assim o trecho da carta do conde de Sarzedas referida: "que se perderam no assalto que o gentio deu ao cabo Gabriel Antunes e seus companheiros, em que perderam a vida pela natural defesa, sem lhes servir toda a diligencia", exprime a verdade, sendo que o conde tinha em grande valor o mencionado sertanista. De facto era elle um paulista que merecêra de d. Rodrigo Cezar de Menezes, em 1723, uma patente em que se dizia:

"Serviu Sua Magestade, que Deus guarde, por muitos annos, assim em descobrimento de sertão, conquista de gentio barbaro que metteu de paz com grandes riscos de vida e despesas de sua fazenda, como em descobrimentos de minas de ouro, sendo um dos primeiros que passaram ao dilatado sertão de Cuyabá, e experimentando nas jornadas que fez um consideravel trabalho, assim nos caudalosos rios que navegou, como pelas fomes e sêdes que se toléram naquelles sertões, sendo o supplicante um dos que mais procuraram assignalar-se no descobrimento das ditas minas, o que se lhe fazia difficultoso pelo muito gentio que nellas habitava."

Tendo sido dos primeiros descobridores de Cuyabá, no anno de 1721 requeria licença ao conde de Assumar para abrir um caminho mais facil para essas minas, partindo de Sorocaba, evitando os perigos do rio Tietê, com passagem em canôas pelo rio Grande até o rio Pardo e dahi, norteando-se pelos rios Taquary, Piquiri, São Lourenço até Cuyabá. O conde concedeu-lhe o previlegio das passagens dos rios Grande e Taquary, para o caso de abrir dita estrada, por provisão datada da villa do Carmo, a 14 de abril de 1721.

Em 1728 sahiu da villa de Cuyabá com uma bandeira, indo arranchar no rio Manso, que faz barra com o rio Cuyabá. Dahi rompeu pelo sertão do rio Paraguay e descobriu umas minas de ouro, das quaes tirou seis oitavas e meia, como amostra, dando-as em manifesto por intermedio do capitão Gaspar de Godoy. Ao local em que minerou foi dado posteriormente o nome de Alto Paraguay Diamantino, por terem sido alli tambem encontrados diamantes em 1746, como já mencionamos. Após esses descobrimentos, foi nomeado pelo governador Caldeira Pimentel e por ultimo pelo conde de Sarzedas, para combater os payaguás, como tambem expuzémos.

Era filho de João Antunes Maciel e de Joanna Garcia Carrasco e casou-se duas vezes, segundo Silva Leme, tendo deixado um filho homonymo que viveu além de 1789.

João de Godoy Pinto da Silveira, segundo Pedro Taques, era natural de São Paulo e filho de Francisco de Godoy Preto e de Anna Maria da Silveira. Foi capitão

de cavallos no regimento auxiliar das minas de Goyaz, por patente de d. Luiz de Mascarenhas, em 1740. Fazendo com seu pae explorações no territorio entre Villa Bôa e Trahiras, na margem occidental do rio Maranhão, descobriu nas proximidades dum de seus affluentes abundantes e ricas minas de ouro. O local, a principio denominado Papuan, tornou-se depois o arraial de Nossa Senhora do Pilar, onde foi elle nomeado, em 1742, guarda-mór.

Guerreou os cayapós, succedendo a Antonio Pires de Campos, o moço, em tal finalidade, mediante a mercê do habito de Christo, cincoenta mil reis de tença e o officio de escrivão da ouvidoria de Villa Bôa em propriedade. Ainda em 1763, o encontramos nessa empresa, com o posto de capitão-mór. Tendo feito uma entrada até as aldeias dos tapirapés, trouxe a Villa Bôa uma centena delles prisioneiros, numa inutil tentativa de aldeiamento. De genio altivo e assomado, conta delle o chronista padre Sousa e Silva, que "em uma procissão publica do arraial de Santa Luzia, disputando com o juiz ordinario a precedencia, lhe tirou a cabelleira e com ella lhe deu na cara e se concluio o acto religioso com muitas cutiladas, que deram os partidistas de uma e outra parte."

Cunha Mattos fazendo referencia a este bandeirante, escreveu: "A serem verdadeiras as marchas desse capitão-mór, foi elle certamente um dos mais distinctos aventureiros, pois que além de seguir todo curso do Parnahyba, remontar até Meia Ponte, atravessar grande

porção da provincia de Cuyabá, eu vejo as suas marchas seguidas ao longo do rio Grande ou Araguaya e rio das Mortes de Cuyabá, até a confluencia do Araguaya com o Tocantins, e ahi seguindo para oeste por meio de sertões desconhecidos, andar procurando o celebre lugar dos Martyrios, como quem procurava o vellocino".

Essas marchas de Pinto da Silveira eram verdadeiras, pois o proprio Cunha Mattos, adeante, confessa que foi de facto esse capitão-mór o sertanista que mais se distinguiu em Goyaz, depois de Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguéra e tão conhecedor ficou das regiões de Matto-Grosso, Goyaz e Minas-Geraes, que foi pelo governador de Goyaz, João Manuel de Mello, encarregado, conjunctamente com o guarda-mór Balthazar de Godoy Bueno, seu tio e filho do Anhanguéra, de dar um parecer sobre os limites entre Goyaz e Matto-Grosso, tendo ambos apresentado um relatorio com um minucioso mappa.

Nesse laudo, datado do "Descoberto de Nossa Senhora do Soccorro dos Guanicuns", a 7 de setembro de 1761, falla Pinto da Silveira dos Martyrios, com a antiga nebulosa linguagem dos roteiros: "As vertentes dos rios que se sepultam da parte daquem do rio Paraguay, ficaram pertencendo á capitania de Matto-Grosso, que de latitude abrange vastissimo sertão inculto para a parte do rio Madeira, até o Amazonas, cujo vão de longitude é o alvo donde ferem todas tradições dos antigos paulistas, que decantavam riquissimas formações das campanhas. occupadas do gentio araés e celebres objetos dos

Martyrios, que tambem conciliam a expectação pelas noticias que dava o capitão-mór Bartholomeu Bueno da Silva Anhanguéra, muito da minha crença, e affiançada pela impesquisada informação que me deu o gentio cururú".

João de Godoy Pinto da Silveira foi casado em São Paulo com d. Anna Maria do Pilar de Almeida Lara, filha do capitão João Gonçalves Figueira e de Josepha de Almeida Lara e falleceu nas minas do Pilar, a 20 de março de 1776. Seu filho, Manuel Affonso Gaia Leme de Godoy, em 1792, reclamava na côrte de Lisbôa satisfação das promessas feitas a seu pae e até então esquecidas.

XXI

A SERRA DOS MARTYRIOS

Esta ficção surdira em São Paulo, no ultimo quartel do seculo XVII, com as praças vindas da região do araés, com a bandeira de Antonio Pires de Campos, o velho. Fallava-se duma nova serra de ouro, perdida naquelle immenso sertão vago. Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguéra, assegurava que alli tambem estivéra, em companhia do velho Pires de Campos, dando assim o caracter de veracidade a tal murmurio.

E o certo é que a busca da serra dos Martyrios influio sobremodo na descoberta do ouro em Cuyabá e foi a causa directa da achada desse metal no territorio de Goyaz. A seguinte menção, datada de 1769 e attribuida a Antonio do Prado Siqueira, esclarece o que fossem os Martyrios:

"Antonio Pires de Campos, o velho, me participou muitas vezes da paragem chamada Martyrios, cujo nome indaguei, querendo saber a sua etymologia: explicou-me elle que na serra ou pedernaes de crystaes, que do meio della se emparedam até o alto, tinha por obra da natu-

reza umas semelhanças da corôa, lança e cravos da paixão de Jesus Christo, mas tudo tosco: por esta razão appellidaram a dita serra com o nome Martyrio á qual paragem fôra elle dito Antonio Pires, sendo de idade de quatorze annos, com seu pae Manuel de Campos, que era o cabo que governava a tropa de sessenta homens armados, que iam nessa bandeira a conquistar o gentio daquelle districto, chamado serranos, que habitavam pelas margens da dita serra, a qual tinha a sua vereda do nascente para o poente, e tão elevada na altura, que se fazia incomparavel, á vista das mais serras que haviam em todo sertão. Nesta mesma bandeira tambem andára elle o defunto Bartholomeu Bueno, que teria a mesma idade, com seu pae, que indo depois de muitos annos descobrir ouro, que na tal paragem tinha visto, resalvou, errando o rumo, e indo já de volta para povoado, descobriu as minas de Goyaz, nome do gentio que alli habitava.'

Goyaz era região que desde o seculo XVII vinha sendo frequentemente trilhada pelos bandeirantes escravagistas. Citam os historiadores entre outros, os seguintes cabos que alli estiveram: o capitão-mór Francisco Lopes Buenavides, em 1665, Bartholomeu Bueno de Siqueira, em 1670, Luiz Castanho de Almeida, que falleceu duma frechada junto ao ribeirão dos Guanicuns, em 1671, Antonio Soares Paes, nessa mesma época e finalmente, Manuel de Campos Bicudo, com seu filho Antonio Pires de Campos, o velho, Bartholomeu Bueno da Silva, o primeiro Anhanguéra e seu filho homonymo, o segundo Anhanguéra, em 1673.

Segundo Basilio de Magalhães, Manuel de Campos Bicudo, nessa entrada, com mira de conquistar indios serranos, attingiu além da linha divisória entre as aguas do Amazonas e do Prata. Ahi se lhe deparou a celebre serra dos Martyrios e caminhando para o norte, alcançou o São Manuel, affluente do Tapajoz, do qual passou para outro rio, talvez o Paraupava, no qual encontrou granitos de ouro. Ahi foi ter, em encontro, a bandeira do velho Anhanguéra, vinda das margens do rio Vermelho, a qual tambem colhera amostras aurinas, mas como o fito exclusivo que levavam era a caça do indio, pouco caso fizeram ambos de taes achados.

Com a deserção havida nas Minas-Geraes dos elementos de São Paulo, logo após o final da guerra dos emboabas, Antonio Pires de Campos, o velho, cerca de 1716, lembrando-se do ouro dos Martyrios, tentava alli chegar, pela via do Matto-Grosso, como já referimos, nada porém conseguindo.

A menção de alguns escriptores de que o primeiro ouro de Goyaz foi minerado nessa mesma região dos araés ou aracis, pelo soberano Manuel Corrêa, cuja identidade desconhecemos, é muito vaga e desacompanhada de qualquer documentação. De positivo existe o feito de Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguéra, como descobridor e primeiro minerador do ouro em Goyaz.

Uma carta da camara de Tamanduá, á rainha d. Maria I, acerca dos limites de Minas Geraes com Goyaz, datada de 20 de julho de 1793, conta que "a 8 de outubro

de 1711 tomou pósse do lugar de Sabarábossú e de Conceição do Rio das Mortes, o dr. desembargador Gonçalo Fróes Baracho. Naquelle tempo era senhor de Sabarábossú Bartholomeu Bueno Anhanguéra e seu primo João Leite Bueno, o Penteado Paulista, e ricos e apotentados, os quaes vendo illudidos os seus respeitos com o estabelecimento da justiça, o dito Anhanguéra com muitos escravos gentios e negros se retirou aos sertões e foi descobrir o gentio goyá, hoje capitania, até então desconhecidos sertões, e nunca trilhados de pessôa ou nação alguma desde o diluvio universal e ahi se estabeleceu por ardilosas astucias despojando ao gentio de toda aquella campanha. O primo, João Leite Bueno, buscando Maependy, sua patria, guiado por uma india sua escrava e atravessando os sertões do rio Negro, hoje Dourados, se juntou com o dito Anhanguéra naquella nova conquista. E' evidente que das minas de Sabarábossú romperam e descobriram Goyaz, e que a população se augmentou pelos habitantes das referidas minas muito principalmente das eras de mil setecentos e dezoito, vinte e vinte e um, quando succedeu o segundo levante do tempo do governo do Exmo. Conde de Assumar, que castigando a muitos obrigou outros a transportar-se para o rio de São Francisco, e para os sobreditos Goyaz."

Esta narrativa dos edis de Tamanduá, discorda do que authenticamente se conhece até hoje, sobre o descobrimento de Goyaz, pela entrada do segundo Anhanguéra. Faz suppor que este, antes de 1722, tivesse invadido e erguido estabelecimentos naquelle territorio. O

primo citado como Penteado Paulista, seria o filho de Francisco Rodrigues Penteado, morador em Parnahyba, por nome João Leite Penteado, que foi dos primeiros descobridores de Minas-Geraes e grande minerador de ouro, tendo tido em São Paulo o posto de sargento-mór de auxiliares, por patente de dom Rodrigo Cezar de Menezes, de 25 de junho de 1726, o qual residiu posteriormente varios annos em Goyaz e veio a fallecer em 1756.

Com reminiscencias da leitura do documento acima, escreve Diogo de Vasconcellos: "Creando d. Braz Balthazar, a comarca do rio das Velhas, constituio o vinculo forte do poder geral sobre aquellas villas e termos separados. Entretanto, a verdade é que dos paulistas do sertão do rio das Velhas, nem todos se amanharam com isto. A idéa de perderem de todo modo a posição de arbitros independentes, ou despotas, como viviam em suas respectivas paragens, deu-lhes em ira; e esta não teve limites em Bartholomeu Bueno da Silva, o famoso aventureiro, que devia passar á historia com o titulo de Anhanguéra. Foi sempre inimigo dos reinóes, e nenhuma parte quiz tomar na conciliação promovida pelo governador Albuquerque. O que fez foi retirar-se, isolando-se nas terras que possuia entre o Paraopeba e o Pará, tendo por vizinhos Matheus Leme e o Borba Gato, seus companheiros e parentes. Seus genros, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado, aquelle no Curral d'El-Rei, e este no Pitangy, teve-os á mão para sustentarem o resto do seu prestigio. Ainda assim não se deu por satisfeito. Quando seus amigos e parentes de São Paulo

escreveram aos paulistas de Pitanguy, cartas pedidas por d. Braz, no sentido de se conciliarem com os portuguezes naquelles descobertos e, logo depois, quando o mesmo d. Braz mandou forças para reprimir os tumultos alli occorridos em 1716, o velho potentado não se conteve e derramou toda bilis. Viu que afinal o reinado dos paulistas tinha chegado ao fim e preferiu desterrar-se. Mandou sempre e nunca obedeceria. Só nos sertões podia viver. E por isso com toda sua familia se poz a caminho e foi conquistar Goyaz (1717-1718)."

O certo é que deixando as Minas Geraes, Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguéra, apparece morando na villa de Parnahyba, donde em 1720, representou a El-Rei sobre o descobrimento de riquezas mineraes em Goyaz, representação approvada em carta régia de 14 de fevereiro de 1721. Elle propunha, com o auxilio de João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado, seus citados genros, fazer diligencias no sentido de descobrir os alvéos auriferos que com seu pae, o primeiro Anhanguéra, encontrára naquelles sertões. Pedia em troca os direitos de passagem dos rios que dependessem de canôas, para si e seus socios.

Affonso de Taunay recorda que entre estes socios é necessario se incluir Bartholomeu Paes de Abreu, grande bandeirante, sobre o qual Calogeras já havia escripto que fôra o agente intellectual que presidiu ao descobrimento de Goyaz.

Com as instrucções dadas por d. Rodrigo Cezar de Menezes e datadas de 30 de junho de 1722, entrou Bar-

tholomeu Bueno da Silva para o sertão a 3 de julho seguinte, com uma bandeira em que iam, segundo o alferes José Peixoto da Silva Braga, que della fez parte, cento e cincoenta e duas armas, entre as quaes vinte indios das aldeias reaes, para a conducção da carga e tres religiosos. Destes, dous eram benedictinos, frei Antonio da Conceição e frei Luiz de Sant'Anna e um franciscano, frei Cosme de Santo André. Levava a diligencia trinta e nove cavallos.

Silva Braga conta entre os brancos da expedição, um bahiano, cinco ou seis paulistas e os demais reinóes. Os paulistas eram, excepção do cabo: João Leite da Silva Ortiz, seu genro, como immediato da tropa; Simão Bueno da Silva, seu irmão; Antonio Ferraz de Araujo, seu sobrinho; Manuel Peres Cañamares, seu cunhado; Manuel de Oliveira e João Pimentel de Tavora. O bahiano era certo João da Matta e dos reinóes, além do alferes Silva Braga, colhe-se ainda os nomes de José Alves, Francisco de Carvalho de Lordelo, Estevam Mascate Francez e Urbano do Couto e Menezes.

Sobre Domingos Rodrigues do Prado, que se encontrava então ás voltas com a justiça, devido ao levante de Pitangy em 1719, escreve Affonso de Taunay que d. Rodrigo Cezar de Menezes entendeu melhor não figurar na jornada. Dahi a sua substituição por Bartholomeu Paes de Abreu, que no entanto foi apenas o orientador da formação e destino da bandeira, não a tendo acompanhado.

João Leite da Silva Ortiz, por intermédio do mesmo Bartholomeu Paes de Abreu, requeria em dezembro de

1725, ao governador de São Paulo, o seguinte: "Diz o capitão João Leite da Silva Ortiz, que por ordem de Sua Magestade, que Deus guarde, entrou elle supplicante na conquista e descobrimento de minas no sertão dos guayaz á sua custa, levando em sua companhia trinta e cinco escravos, trinta e oito cavallos e varios homens da sua companhia, que ao todo faziam entre brancos e escravos oitenta e sete homens d'armas e no dito descobrimento gastou tres annos e tres mezes e perdeu na conquista a maior parte dos seus escravos assim na esterilidade do dito sertão, como pelo damno recebido do gentio barbaro, dos escravos que lhe mataram e homens de sua companhia, e fazendo descobrimento de cinco ribeiros de minas de ouro de lavra, se recolheu o diminuto do poder que levou, dos cavallos sómente lhe restaram cinco e escravos dez, e porquanto convem ao serviço de Sua Magestade fazer o supplicante segunda entrada para melhor estabelecimento das ditas minas e dar conhecimento dos ribeiros descobertos e os mais que pretende descobrir, nas campanhas e serras que pisou, por se achar diminuto dos seus escravos, quer haver vinte indios das aldeias reaes..."

Sahindo de São Paulo, o Anhanguéra traçou o que mais tarde viria a ser a estrada de Goyaz: atravessando os rios Atibaia, Jaguary, Mogy, Pardo e Sapucahy, até o Rio Grande. Nesse caminho, até 1728, havia trinta pousos.

Calogeras entende que chegada á beira do Rio Grande, a bandeira o transpoz na altura da barra do rio das Toldas, ou mais provavelmente na do Uberaba; subiu de-

pois o curso desse rio até ganhar o chapadão divisor das aguas com a bacia do Parnahyba, rodeou as cabeceiras do rio Tijuco e do Uberabinha e entrou no valle do rio das Velhas.

Atravessou depois este rio entre São Miguel da Ponte Nova e Sant'Anna. Subindo o chapadão da margem direita do rio das Velhas, continuou a bandeira pelos planaltos de declives ahi pouco accentuados, indo até ás cabeceiras do rio das Pedras; por este desceu ao porto do Parnahyba, até hoje conhecido por Porto Velho. Dahi em deante começam as duvidas sobre o itinerario da bandeira, adoptando Calogeras a versão de Alencastre.

O que se póde affirmar é que Bartholomeu Bueno da Silva começou a tactear um sertão que desconhecia, sem conseguir atinar com a evitada róta de Cuyabá, como era do seu intento e desse modo andou rebuscando mais de anno a serra dos Martyrios. Destacou bandeiras parciaes para pesquisas de ouro nessa região, que segundo alguns autores era aquella que formaria posteriormente os districtos de Rio Bonito, Rio Claro e Rio Verde do actual Goyaz. Achou dessa maneira João Leite da Silva Ortiz ouro no rio dos Pilões e outro troço da bandeira colheu amostras nas contravertentes do Rio Claro.

Bartholomeu Bueno da Silva não ficou porem satisfeito com esses achados e continuou a sua penosa batida por mattas e escampados. Começou então a lavrar um grande desanimo em toda tropa. Eis como Urbano do Couto e Menezes, praça da expedição e moço então de vinte annos, narra a negra miseria em que iam todos:

"Nesse lugar só eu estive com dous soldados e Antonio Ferraz, sobrinho do cabo; este me pediu fizesse um sermão a seu tio, para que arribasse e eu nesse dia não estava com vontade de pregar, porque estava bem cheio de fome, mas tanto me pediu e rogou que fiz o sermão, que foi o ultimo, que me ia custando a vida, sendo que os mais sermões déram vida a muita gente, porque vendo os meus companheiros cada dia morrerem tres ou quatro de fome, depois de terem comido todos os cachorros e alguns cavallos, principiei a pregar e fiz trinta e cinco sermões sem mudar de thema, animando a todos que não esmorecessem, certificando-lhes para deante rios de muito peixe, campos de muitos veados, mattas de muita caça, mel e gavirobas. Perguntavam os miseraveis: quando? Respondia-lhes então: nestes dias."

O Anhanguéra como se deduz deste trecho, mantinha ferrea disciplina na bandeira e respondia a todas murmurações com a phrase inserta na carta de d. Rodrigo Cezar de Menezes a El-Rei, datada de 24 de abril de 1725: "Ou descobrir o que buscava ou morrer na empresa". Affirma o alferes Silva Braga que Bartholomeu Bueno era de facto homem rispido e intratavel.

As vicissitudes porque vinham passando todos, levaram esse alferes a abandonar a bandeira, segundo Calogeras, na altura do rio Paranan. Silva Braga, nas suas "Noticias", escreve que ouvira dizer nesse local que estava perto do rio Maranhão. E' sabido que a juncção desses dous rios formam o Tocantins e desse modo, por este ultimo, alcançou elle a cidade de Belém do Pará.

Acompanharam-no José Alves, Francisco de Carvalho de Lordelo, Manuel de Oliveira e João da Matta, com sete escravos.

Com as noticias dadas então em Belém da situação da bandeira, confirmadas em São Paulo por doze indios que ahi tambem arribaram como desertores, providenciou d. Rodrigo Cezar de Menezes para soccorrer a Bartholomeu Bueno, escrevendo nesse sentido a El-Rei, que approvou as medidas tomadas, em carta de 25 de setembro de 1725.

E, emquanto o governador de São Paulo assim agia, o Anhanguéra attingia o rio Tocantins, contando então apenas setenta homens. Havia tres annos que andava em busca do ouro dos Martyrios, com a caracteristica tenacidade daquelles antigos naturaes de São Paulo. Resolveu portanto desandar o caminho, sempre na mesma faina, vindo afinal a ter no sitio dos Ferreiros, no rio Vermelho e no ribeirão das Cabrinhas, quatro leguas da hoje cidade de Goyaz, vendo ahi o ouro pintar abundante no fundo das batêas. Bartholomeu Bueno da Silva assegurou então a seu irmão Simão Bueno, que reconhecia alli a paragem em que o primeiro Cañamares vira, antes dos outros, os Martyrios esculpidos numa pedra alta. E como sommavam cinco ribeiros nos quaes havia encontrado o precioso metal, o Anhanguéra deu por cumprida a sua missão e regressou a São Paulo.

Nessa cidade, d. Rodrigo Cezar de Menezes, ainda insistia junto ao sertanista Francisco Vaz Muniz, para que fôsse em soccorro de Bartholomeu Bueno. O seu

contentamento pelo regresso do bandeirante e pelas novas de minas descobertas, transparece da carta em que transmittiu a El-Rei todos esses successos, datada de 27 de outubro de 1725.

Em São Paulo, por intermédio do seu procurador Bartholomeu Paes de Abreu, o sertanista victorioso requeria então a esse governador, em data de 23 de dezembro de 1725, o seguinte:

"Exmo. Sr. — Dizem os capitães Bartholomeu Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz, moradores na villa de Parnahyba, comarca desta cidade de São Paulo, que por resolução de Sua Magestade, que Deus guarde, de 14 de fevereiro de 1721, commettida a V. Exa. como governador e capitão general desta capitania, entraram os supplicantes no anno de 1722, na conquista do sertão dos Goyazes, a descobrimento de minas de ouro, e dos mais haveres que se offerecessem naquellas campanhas, á sua custa, e nesta diligencia gastaram tres annos e tres mezes, ao cabo dos quaes se restituiram a esta cidade deixando cinco ribeiros vistos com pinta de lavra descoberta, de que trouxeram as amostras que fizeram manifesto a V. Exa. em 21 de outubro proximo passado, deste anno, e por se acharem faltos de gente ,e do mais necessario... requerem a V. Exa. nomeie pessôa sufficiente com intelligencia e disposição para que logo na monção presente entre com os supplicantes a examinar e rever os cinco ribeiros descobertos..." —

Desse modo voltou o Anhanguéra, em maio de 1726, estabelecer-se definitivamente nas novas minas, seguido

duma comitiva na qual iam o padre Antonio de Oliveira Gago, Manuel Pinto Guedes e o engenheiro Manuel de Barros. Foi revestido do posto de capitão-mór regente das minas descobertas e estabeleceu naquellas paragens a povoação que a 25 de julho de 1739 foi elevada a villa com o nome de Villa Bôa de Goyaz.

Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguéra, nasceu em Parnahyba, sendo filho do primeiro desse nome e de Izabel Cardoso, esta filha de Domingos Leme da Silva. Casou-se Bartholomeu Bueno com Joanna Gusmão, filha de Balthazar de Godoy Moreira.

Pela revelação das minas de Goyaz, a Côrte lhe concedeu, como igualmente a João Leite da Silva Ortiz, sesmarias de seis leguas de testada e outras tantas de sertão, com direito das passagens nos seguintes rios que ficavam no caminho de seus descobrimentos: Atibaia, Jaguary, Pardo, Grande, das Velhas, Parnahyba, Corumbá, Meia Ponte, e Claro, ficando livres os rios Mogy e Sapucahy para o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, por renuncia feita em favor do mesmo, como tudo consta na carta de sesmaria de 2 de julho de 1726.

A concessão das sesmarias a Bartholomeu Bueno da Silva era permanente e a das passagens dos rios por tres vidas, que representavam cerca de cem annos. Mas apenas havia elle estabelecido as primeiras estações de cobrança, foram-lhe cassadas todas essas concessões e direitos pelo governador Caldeira Pimentel, acto approvado por El-Rei, em 1733.

Bartholomeu Bueno viu-se então quasi na miseria, pois gastára todos seus haveres na empresa do descobrimento de Goyaz. Para poder viver, foi preciso que d. Luiz de Mascarenhas, sob sua responsabilidade lhe mandasse dar a esmola duma arroba de ouro do fisco, acto que a Côrte extranhou e severamente mandou que fôsse desfeito e se procedesse contra o Anhanguéra, accusado de sonegação das rendas reaes. No ultimo quartel de sua vida, e tinha menos de setenta annos, soffreu assim taes ingratidões. A sua autoridade tambem ficou limitada aos arraiaes de Barra e de Sant'Anna, este fundado por Antonio Ferraz de Araujo. Porque devido a certas perturbações da ordem nas minas e ao facto da entrada clandestina de curraleiros nas mesmas, como entre outros, Pedro Dias Raposo, concunhado de Bartholomeu Bueno, o conde de Sarzedas dividira a região em duas superintendencias e estabelecera um sargento-mór regente, nomeando para esse ultimo cargo a José Sutil de Carvalho e para superintendentes a Bartholomeu Bueno da Silva, em Sant'Anna e Antonio de Sousa Bastos, na Meia Ponte. Em 1734 essas superintendencias foram reunidas numa só, geral, sendo nomeado para esse cargo o dr. Gregorio Dias da Silva, ouvidor geral de São Paulo.

Bartholomeu Bueno da Silva porém pouco sobreviveu a todos esses golpes, fallecendo na villa de Goyaz, aos 19 de setembro de 1740. Sua familia, balda de recursos, mudou-se para junto do rio Corumbá, no sitio chamado Porto do Anhanguéra. Ahi se fixou seu filho primogenito e homonymo, o qual foi á Portugal recla-

mar de todas essas injustiças e obteve em 1746 a restituição das passagens dos rios Jaguary, Atibaia, Grande, das Velhas e Corumbá, ficando os demais para os herdeiros de João Leite da Silva Ortiz. A Metropole porem ainda desta vez não cumpriu o seu compromisso e sómente a passagem do Corumbá alcançou as tres vidas, que terminaram no coronel Bartholomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão, filho deste terceiro Anhanguéra e fallecido em São Paulo.

Em 1918, Eurico de Góes, em viagem de estudos por Goyaz, desceu cem leguas abaixo e em canôa, o rio Araguaya, navegou o rio das Mortes até a ilha do Bananal e sulcou o rio Crystallino. Visitou Ferreiro, Ouro Fino e Santa Cruz, antigos arraiaes de mineração e lembrando-se que aquellas regiões todas foram em primeiro percorridas e entregues á civilisação por um paulista que os indios denominavam Anhanguéra, foi até Roncador, á margem do rio Corumbá e alli visitou o Porto Velho dos Anhanguéras. Nesse local ainda viviam, na mesma antiga residencia, os descendentes daquelle famoso bandeirante, provindos dos Araujos Anhanguéras, gente modesta, dedicada á lavoura, pois já se havia extincto o rendimento que gozavam do serviço de passagem do Corumbá, que o presidente de Goyaz, Anthero Cicero de Assis, havia concedido em 3 de agosto de 1871 a d. Eulalia Bueno de Araujo Anhanguéra, bisnéta do terceiro sertanista desse ultimo appellido e filha do coronel Bartholomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão, concessão essa que era um prolongamento do previlégio real por tres vidas.

Na antiga capital de Goyaz ha um monumento singelo mas significativo perto da casa que Bartholomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguéra alli possuio. E' a denominada Cruz do Anhanguéra, que no alto dum pedestal constituido por um grupo de columnas sobre uma base em escada, foi collocada protegida por um revestimento de vidro. Essa cruz fôra chantada por volta de 1722, na estrada de Porto Velho, fazenda dos Casados, pelo segundo Anhanguéra e foi o primeiro marco da civilisação erguido em Goyaz.

E nesse territorio, com o tempo, foram feitos outros descobrimentos de ouro. Assim em 1729, Manuel Peres Cañares descobriu as minas e fundou o arraial da Anta e Manuel Dias da Silva, revelou as minas de Santa Cruz e de Caldas; em 1730, Manuel Rodrigues Thomar, patenteou as minas de Meia Ponte e em 1732, as da Agua Quente; em 1733, Amaro Leite Moreira encontrou as do Maranhão; em 1734, Domingos Rodrigues do Prado descobriu ouro no sitio dos Crixás e Manuel Ferraz de Araujo revelou as minas de Natividade; em 1735, Antonio Ferraz de Araujo encontrou ouro no Tocantins e Antonio de Sousa Bastos em Trahyras; em 1736, Carlos Marinho descobriu as minas de São Felix e Antonio da Silva Cordovil as de Santa Rita, de Muquem e de Cachoeira; em 1738, Antonio Sanches achou minas em Pontal; em 1739, Francisco Ferraz Cardoso revelou ouro nas cabeceiras do rio de Manuel Alves; em 1740, Domingos Pires fundou o arraial aurifero de Cavalcanti e fi-

nalmente, em 1741, Antonio de Godoy Pinto da Silveira descobriu as minas do Pilar e em 1746, Antonio Bueno de Azevedo as de Santa Luzia e Manuel de Sousa Ferreira as do Carmo.

XXII

OS SOCIOS DO ANHANGUERA

João Leite da Silva Ortiz era natural de São Sebastião, filho de Estevam Raposo Bocarro e de Maria de Abreu Pedroso Leme e casou-se em Parnahyba com Izabel Bueno da Silva, filha do segundo Anhanguéra. Em 1701 foi para as Minas-Geraes e installou-se com fazenda no lugar a que deu o nome de Cercado, fundando um arraial que denominau Curral d'El-Rei, numa sesmaria que lhe foi concedida em 1711 por Antonio Coelho de Carvalho. Ahi viveu e enriqueceu, até que em 1720, por varias circunstancias, se passou para Parnahyba, em São Paulo, acompanhado de seu sogro.

Em Curral d'El-Rei, local onde hoje está a cidade de Bello Horizonte, teve o posto de capitão de ordenanças, em 1714, por patente de d. Braz Balthazar da Silveira. Possuio varias fazendas nas minas de Goyaz, citando seis dellas em seu testamento feito em Recife, aos 3 de dezembro de 1730, além de uma setima em Araçariguama, comarca de São Paulo.

Em Goyaz exerceu o cargo de guarda-mór por provisão de 9 de agosto de 1728 e quando se embarcou

para ir ao Reino, foi substituido por Francisco Bueno de Camargo, por provisão do governador de São Paulo, Caldeira Pimentel, de 20 de fevereiro de 1731.

Essa viagem, João Leite a fazia para reclamar d'El-Rei sobre injustiças e perseguições que a elle, a seu sogro e a seu irmão, Bartholomeu Paes de Abreu, vinha fazendo o referido governador Caldeira Pimentel, de quem conhecia pormenores dos crimes commettidos de parceria com o provedor Sebastião Fernandes do Rego, como já mencionamos. Levava para esse effeito, para serem gastos nos respectivos requerimentos, seis barras de ouro, algumas das quaes eram para o desembargador em Lisbôa, Francisco Galvão da Fonseca.

Em 26 de agosto de 1730, estava elle de passagem pelo Rio de Janeiro e era consultado pelo governador da capitania Luiz Vahia Monteiro, sobre administração de minas de ouro e diamantes, "por ser homem que toda a vida se creou e trabalhou em minas". Dalli seguio para Recife, afim de alcançar a fróta que ia ao Reino, mas chegado a esse porto, falleceu envenenado pelo padre Mathias Pinto, que delle se fizéra muito amigo e o acompanhava desde São Paulo, mas que não passava de um agente do governador Caldeira Pimentel.

Bartholomeu Paes de Abreu, irmão de João Leite da Silva Ortiz, foi um sertanista que muito se distinguio, tendo merecido de Affonso de Taunay, uma monographia em que sua vida é estudada sob varios aspectos. Foi casado com Leonor de Siqueira Paes, filha do capitão-mór Pedro Taques de Almeida. Foi juiz ordinario em São

Paulo, em 1705, e teve patente de capitão de infantaria paga, em 1712. Concebeu a abertura duma estrada da villa de Laguna á Colonia do Sacramento, que propoz ao governo em 1720, sob condições que não foram acceitas. Associou-se então para a descoberta das minas dos Martyrios com Bartholomeu Bueno da Silva, o moço, e seu irmão João Leite, mas não foi com elles ao sertão, ficando em São Paulo para prover e remetter tudo quanto necessario a seus companheiros que executavam esse descobrimento.

Em 1705, quando juiz ordinario, teve uma memoravel luta com o clero que se originou do facto de ter mandado recolher á cadeia um mameluco que havia commettido um assassinato e ao ser conduzido preso, quiz se abrigar sob a immunidade ecclesiastica, agarrando-se ao ferrolho da porta principal do Recolhimento de Santa Thereza. O vigario da vara de então, padre André Baruel, excommungou-o, anathema que de nenhum modo alterou a severidade do sertanista. O clero então unido quiz impor-lhe o abandono do cargo, dando azo a que Bartholomeu Paes de Abreu resistisse, apoiado de parentes e amigos. A situação chegou a tornar-se tão grave que o capitão-mór Pedro Taques de Almeida ,sogro de Bartholomeu, interviu escrevendo a El-Rei, que deu razão ao bandeirante, mandando fosse levantada a excommunhão e terminando a pendencia.

Como seu irmão João Leite, foi alvo da perseguição de Caldeira Pimentel e, emquanto aquelle se dirigia á Portugal ficava elle preso no calabouço da fortaleza de

Santos, sem licença de communicar-se com quem quer que fôsse. Para justificar essa violencia, Caldeira Pimentel escrevia a El-Rei, em carta de 10 de junho de 1730, dizendo que houvera nas minas de Goyaz, rompimento entre reinóes e paulistas, sendo o cabeça mais culpado em tal desordem, Bartholomeu Paes de Abreu, "homem malevolo e prejudicial". O Rei, em carta de 15 de março de 1731, dirigida á Caldeira Pimentel, renovada pela de 23 de julho de 1733, dirigida ao conde de Sarzedas, censurava o abuso dessa prisão e recommendava que isso não mais se repetisse.

Bartholomeu Paes de Abreu foi pae de Pedro Taques de Almeida Paes Leme, autor da "Nobiliarchia Paulistana", obra de consideravel valor historico e genealogico e á qual se deve o ter-se salvo a memoria e os feitos de muitos bandeirantes. Tambem como João Leite, nada poude aproveitar pela descoberta de Goyaz, pois falleceu de bexigas em São Paulo, a 1 de janeiro de 1738.

Domingos Rodrigues do Prado, natural de Taubaté, foi filho de Domingos Rodrigues do Prado, o Longo e de Violante Cordeiro de Siqueira, tendo sido casado com Leonor Bueno da Silva, filha do segundo Anhanguera. Sendo dos primeiros descobridores de Minas-Geraes, em 1709 sahiu de Sabará com uma bandeira, seguindo como seus immediatos os irmãos José e Bernardo de Campos Bicudo, em demanda de certas minas de ouro que ficavam no sertão do rio de São Francisco. Levava, em rêde, gravemente enfermo devido á mordedura de uma cobra, um velho sertanista, que possuia o segredo do

roteiro para taes minas, suppostas serem as de Paracatú e que sómente foram reveladas em 1744, por José Rodrigues Fróes.

Arranchando a comitiva ao pé do corrego do Carerú, ahi falleceu o velho, deixando as minas encobertas. Aprestava-se então a bandeira para retroceder, quando um acaso fel-a verificar nesse local areias auriferas, descobrindo-se desse modo as minas de ouro da região do Pitanguy.

Creada a villa em 1715, Domingos Rodrigues do Prado alli teve a patente de capitão-mór, mas de genio violento e rebelde, acompanhando as ideias de seu sogro, com referencia aos emboadas, envolveu-se em mais de um levante, resultando ter de abandonar a villa, foragido, nos primeiros dias do anno de 1720, recolhendo-se com seu sogro, Bartholomeu Bueno da Silva, o moço, e seu cunhado, João Leite da Silva Ortiz, á villa de Parnahyba, em São Paulo.

Azevedo Marques refere-se a uma revolta, em 1712, nas Minas-Geraes, "de que foram chefes os paulistas, á frente dos quaes appareceu Domingos Rodrigues do Prado, e da qual resultou serem suppliciados alguns, e perdoado o chefe, porque se prestou a explorar os sertões na descoberta de Minas-Novas. O desembargador José J. Teixeira Coelho, nas suas Instrucções para os Governadores de Minas-Geraes, menciona este facto como passado no mez de janeiro de 1710."

No nosso trabalho sobre os "Camargos de São Paulo", escrevemos que em dezembro de 1717, por oc-

casião de se ordenar as casas de fundição, houve grande tumulto na villa de Pitanguy, capitaneado por Sulpicio Pedroso Xavier, cunhado de Valentim Pedroso de Barros e partidario extremado de Domingos Rodrigues do Prado.

Valentim Pedroso de Barros, muito embora tivesse sido um dos cabeças da guerra dos emboabas, acompanhava então o grupo contrario á orientação de Domingos Rodrigues do Prado e, nesse tumulto, fazendo frente aos amotinados, com uma espada na mão, foi morto por varios tiros de bacamarte, disparados a um só tempo.

O conde de Assumar, então, desejoso d'alli restabelecer a ordem, mandou em missão especial ao paulista Antonio de Oliveira Leitão que, tão bom desempenho deu á sua incumbencia, que o governador o premiou com a patente de coronel da ordenança da capitania, passada a 6 de outubro de 1718. Concedeu em seguida d. Pedro de Almeida o perdão incondicional aos revoltosos, acto pelo qual foi censurado por El-Rei na resolução de 7 de janeiro de 1719.

Permanecia assim a villa de Pitanguy ainda um tanto agitada quando em 1719, segundo escreve Varnhagen, se ordenou o tributo por meio do quinto, pagos nas casas de fundição. Deu isto origem a um novo motim nessas minas, desta vez chefiado pelo proprio Domingos Rodrigues do Prado e, em carta a El-Rei, datada de 9 de fevereiro de 1720, o conde de Assumar explicou todo o desenrolar desse successo.

Expoz que annos atraz, estava como capitão-mór de Pitanguy, o rebelde Domingos Rodrigues do Prado, "homem regulo e por natureza matador insigne, amotinador do povo", que nada consentia que alli fosse feito por parte do governo. Afinal, obedecendo a seus interesses, dalli se retirou, parecendo então occasião de se collocar como capitão-mór, um extranho ao meio, sendo escolhido o brigadeiro João Lobo de Macedo, por se tratar de um reinol que já havia desempenhado varios cargos á contento.

Passado porém um anno, para alli voltou Domingos Rodrigues do Prado e unido a outros seus parciaes, expulsou da povoação ao referido brigadeiro. Em seguida, aproveitando a dilação das providencias por parte do governo e o receio da população de Pitangy, arvorou-se em dirigente da villa, nomeando como seu immediato a um irmão que, segundo o conde de Assumar, havia morto em Taubaté a Carlos Pedroso da Silveira e como auxiliar a um seu amigo por nome Bartolomeu Bueno Cañamares.

Proseguindo, por ter suspeitas de que o juiz ordinario Manuel de Figueiredo Mascarenhas o denunciava perante o conde, formou um grupo dos seus e com elle foi á casa desse magistrado. Sulpicio Pedroso Xavier á frente de todos, penetrou na moradia do juiz e o assassinou a estocadas.

O ouvidor do rio das Velhas, dr. Bernardo Pereira de Gusmão, recebeu então ordens de seguir immediatamente para aquella villa e alli devassar, não só esse crime, como tambem as mortes de Valentim Pedroso de Barros

e de Diogo da Costa da Fonseca, praticadas pelos partidarios de Domingos Rodrigues do Prado. Levava como escolta, vinte dragões chegados de pouco do Rio de Janeiro, commandados pelo capitão José Rodrigues de Oliveira.

Com esta medida de prudencia e outras que foram então executadas, seguio o ouvidor-geral para Pitanguy e ao abordar o rio de São João, nas proximidades da villa, encontrou Domingos Rodrigues do Prado com sua gente entrincheirada. Seguio-se então duro embate entre ambos os grupos, resultando ser o paulista derrotado, ficando varios mortos e feridos de lado a lado, sendo que gravemente offendido de um tiro, o alferes Manuel de Barros Guedes.

Terminou desse modo a rebellião de Pitanguy, fugindo Domingos Rodrigues do Prado e outros principaes, seus companheiros. Em carta datada da villa do Carmo, de 21 de dezembro de 1719, o conde recommendava ao sargento-mór Silvestre Marques, a Estevam Rodrigues e a João Ferreira dos Santos que fossem, em segredo, de São João d'El-Rei, ao caminho que de Pitanguy ia para São Paulo, afim de prenderem os fugitivos do levante, principalmente Gaspar de Godoy Moreira, Pedro de Moraes da Cunha, Francisco Pedroso Xavier, Francisco do Rego Barros, Manuel de Freitas, Gaspar Guterres da Silveira, Bento Paes da Silva, Placido de Moraes, José Tavares, Roque de Faria, Sulpicio Pedroso Xavier, Domingos Rodrigues do Prado e seu irmão Alexandre Rodrigues do Prado, Estevam Furquim, Luiz Furquim

e Antonio Rodrigues Mendes. Com a mesma data e no mesmo sentido expedia o conde aviso para varias cidades de São Paulo.

Quanto á devassa e o respectivo processo de Domingos Rodrigues do Prado, o conde de Assumar, que a principio entendera mandar ordem para que lhe puzessem á premio a cabeça, modificou muito tal modo de julgar, depois de haver consultado alguns lettrados, como elle mesmo expoz e por ultimo, numa carta de 20 de fevereiro de 1720, dirigida ao ouvidor-geral Gusmão, explicava mandar-lhe assignada "a sentença dos negros e, sem assignatura a de Domingos Rodrigues do Prado, porque o ouvidor da comarca, sem embargo de julgal-a justa e legal, acha que não dispensa a formalidade da junta, tanto mais quanto o réu está ausente e poderia vir com embargos de nullidade por falta de junta. Convem, portanto, fazer-se por ora apenas sequestro."

E tudo ficou apenas nisto pois El-Rei, concordando com o parecer do Conselho Ultramarino de 26 de outubro de 1720, que respondia á carta do conde Assumar, communicando-lhe todos esses successos, fugiu de mencionar castigo para o poderoso Domingos Rodrigues do Prado e se limitou a elogiar o conde e seus auxiliares.

Abrigado entre os seus parentes na villa de Parnahyba, animou-se Domingos Rodrigues do Prado propôr a sua ida, junto com seu sogro e seu cunhado, ao descobrimento das minas dos Martyrios. A esse proposito escreve Affonso de Taunay: "Estudando o caso do contracto a effectivar-se com o Anhanguéra, achou d. Rodrigo

Cezar de Menezes provavelmente melhor que Domingos Rodrigues do Prado não apparecesse, quando se achava ás voltas com as justiças de Sua Magestade. Dahi sua substituição por Bartholomeu Paes de Abreu, aliás a alma de toda a empresa, temol-o como certo."

E o mesmo grande historiador das bandeiras paulistas, duvída duma nossa affirmativa alhures, de ter então Domingos Rodrigues do Prado partido para Matto-Grosso, alli andando em sondagens de minas. Diz Taunay: "Induzido em erro provavel por Azevedo Marques escreve Francisco de Assis Carvalho Franco, a proposito de Domingos Rodrigues do Prado: — Na historia do devassamento dos sertões brasileiros, o perfil sanguinario dessa personagem destaca-se no entanto, com fulgor intenso. Foi dos pioneiros de Minas-Geraes, de Matto-Grosso e de Goyaz. Possuido dum dynamismo extranho, apparece quasi ao mesmo tempo nas covancas mineiras, nas corixas matto-grossenses ou nas caetés goyanas. — Não cremos de todo que Domingos Rodrigues do Prado haja estado em Matto-Grosso. Pelo menos jamais lhe encontramos o nome na documentação matto-grossense."

Pedimos venia para lembrar a carta de d. Rodrigo Cezar de Menezes, dirigida a El-Rei, datada de São Paulo, a 10 de outubro de 1722, sobre o socego de Cuyabá e algumas medidas a tomar para conservação das respectivas minas, na qual diz: "... os principaes que se acham naquellas minas, sendo os autores do descobrimento dellas, Fernando Dias Falcão, Lourenço Leme, João Antunes Maciel, Domingos Rodrigues do Prado e Paschoal Mo-

reira Cabral, este o primeiro explorador daquelle descobrimento, por cuja causa se acha exercendo a occupação de guarda-mór, e porque entre os cinco nomeados se acham dous criminosos, que são Domingos Rodrigues do Prado e Lourenço Leme, estes com maior sequito e mais poderosos naquelle sertão, não só pelo respeito, mas pelo grande poder de gente que com elles está unida, e poderão difficultar não só o adeantamento das minas, mas a conservação dellas, me parece preciso representar a V.M. lhes conceda o perdão e os honre com a mercê de habitos."

Em outra carta, tambem dirigida á El-Rei, datada de 20 de setembro do mesmo anno, insistia o governador de São Paulo no mesmo assumpto, escrevendo: "Em taes termos me parece pôr na real presença de V.M. todas estas circunstancias para que seja servido attender a alguns, e por óra bastará seja aos em que na fróta que partiu este anno nomeava a V. M. como são Paschoal Moreira Cabral, primeiro descobridor das ditas minas, Fernando Dias Falcão, João Antunes Maciel, Lourenço Leme da Silva e Domingos Rodrigues do Prado, sendo os dous ultimos os criminosos e os que se acham com maior séquito."

A esta ultima carta respondia El-Rei, de Lisbôa, aos 30 de junho de 1723, autorizando a d. Rodrigo Cezar de Menezes perdoar em seu nome, Lourenço Leme da Silva e Domingos Rodrigues do Prado.

Mas não se conservou este ultimo paulista nas minas de Cuyabá, pois em 1726, já estava na região goyana,

em busca de ouro. Demandou com sua bandeira o rio dos Pilões, onde annos antes seu sogro andára perdido. Costeou pela parte norte a grande serra que o segundo Anhanguéra tinha beiradeado de leste a oeste, pela parte sul, em distancia de vinte leguas, alcançando o rio desejado e descobrindo o metal cubiçado. Fundou em 1734, nesse descoberto o arraial de Crixás, nome derivado dos indios habitantes dessa região, aos quaes havia dominado.

Diversos autores attribuem a Domingos Rodrigues do Prado o ter mandado assassinar, em Taubaté, o representante do fisco, Carlos Pedroso da Silveira.

O conde de Assumar, em carta a Bartholomeu de Sousa Mexia, datada do Carmo, a 9 de fevereiro de 1720, contava que fôra um irmão de Domingos Rodrigues do Prado o autor desse assassinato e, embóra não lhe citasse o nome, como depois se refére entre os rebeldes de Pitanguy fugitivos a serem presos, a Alexandre Rodrigues do Prado, dizendo-o irmão de Domingos Rodrigues do Prado, é de suppôr ter sido este. Affonso de Taunay lembra Eusebio Rodrigues do Prado, que conforme conta Pedro Taques, commetteu muitos crimes de morte em sua vida, acrescendo a circunstancia de Silva Leme não mencionar nenhum filho de Domingos Rodrigues do Prado, o Longo, com o nome de Alexandre.

O facto é que por occasião do homicidio de Carlos Pedroso da Silveira, Domingos Rodrigues do Prado estava ausente de Pitanguy. Em maio de 1718, avisava elle ao conde de Assumar que pretendia retirar-se daquella villa, deixando o cargo de capitão-mór e provedor dos quintos,

que alli vinha exercendo. Realmente se retirou, sómente regressando por occasiço do levante que alli provocou, em novembro de 1719, tendo como causa immediata, exactamente uma questão do fisco.

A morte de Carlos Pedroso da Silveira se deu no dia 17 de agosto de 1719, tendo sido elle atirado de emboscada na ante vespera. Em carta de 20 de outubro do mesmo anno, o conde de Assumar dava pesames á viuva e remettia ordem ao ouvidor-geral de São Paulo, para abertura duma severa devassa.

Num documento por nós já citado, sobre uma "diligencia executiva vinda da Bahia por ordem do Vice-Rei remettida aos juizes ordinarios da cidade de São Paulo", datado de 18 de setembro de 1726 e registrado na respectiva camara municipal por ordem do juiz ordinario João Gonçalves Figueira, vem mencionado o seguinte: "João Delgado de Escovar, condemnado em oitocentos mil réis pela morte do mestre de campo Carlos Pedroso da Silveira; escrivão da primeira instancia Jorge da Silva Nobre e nesta Thomaz Guedes Salgado; villa de Taubaté."

Ante pois essa dualidade de autoria, figurando em documentos officiaes, a explicação será que a devassa sobre o assassinato de Carlos Pedroso da Silveira apurou minudencias ainda hoje ignoradas.

Felix Guisard Filho, num excellente trabalho intitulado "Um taubateano revoltoso nos tempos coloniaes", commette um engano quando attribue a Domingos Rodrigues do Prado o motim do sertão mineiro em que tam-

bem se envolveram d. Maria da Cruz, Pedro Cardoso do Prado e outros paulistas, em 1736. Jacintho Ribeiro, na sua "Chronologia Paulista", com data de 17 de outubro de 1737, incide no mesmo equivoco.

Diogo de Vasconcellos narra miudamente toda esta revolta no sertão do São Francisco, dedicando-lhe varios capitulos da sua "Historia Média de Minas-Geraes". Apenas, não entendendo muito da genealogia paulista, escreve que Domingos do Prado era filho do capitão Francisco de Oliveira e de Catharina Cardoso do Prado, irmão do tenente-general Mathias Cardoso de Almeida.

Não é isto. Domingos do Prado alli referido é Domingos do Prado de Oliveira, filho de Manuel Francisco de Oliveira e de Catharina do Prado Cardoso, sendo que esta é que foi irmã do tenente-general Mathias Cardoso de Almeida. Os outros filhos do casal acima foram: frei Mathias Cardoso de Almeida e Salvador Cardoso de Oliveira, o qual foi casado na cidade da Bahia com d. Maria da Cruz, tendo tido entre outros filhos a Pedro Cardoso do Prado ou de Oliveira, tambem envolvido na revolta.

Exactamente nesse anno de 1736, Domingos Rodrigues do Prado, já bastante idoso, se achava em Goyaz, com esperanças de vir acabar seus dias na sua fazenda de Parnahyba. Conta Pedro Taques que aconteceu então ir ter a esse sitio do Catalão onde se encontrava, um capitão que vinha com uma tropa de infantes recolhendo-se para as Minas-Geraes. O militar era um reinol azedo e sem tento na lingua. Teve logo um attrito com o bandei-

rante por causa do rancho fornecido ás praças. Domingos Rodrigues do Prado procurou explicar ao official que não estando prevenido para aquella emergencia, fizéra no entanto tudo pelo melhor. O reinol não quiz ouvir explicações e insultou o velho paulista de tal modo, que este se dispoz á uma luta corporal. Nesse instante porém, Bartholomeu Bueno do Prado, um adolescente, filho do sertanista, armado duma escopeta, visou o peito do militar e prostou-o morto com um tiro.

Ante esse attentado, os infantes acudiram: mas já encontraram o velho Domingos Rodrigues do Prado cercado de mais de cem aggregados, surgidos alli de repente e promptos a combater á primeira voz do chefe. O sargento da companhia percebeu ser loucura qualquer despique e commandou uma retirada.

Entristecido por mais esse funesto acontecimento da sua agitada vida, Domingos Rodrigues do Prado sentiu que os seus dias não iriam muito longe. Ordenou então que o transportassem em rêde para São Paulo, onde desejava repousar para o sempre. Não supportou no entanto as vicissitudes da jornada e veio a fallecer em caminho, no anno de 1738.

XXIII

A LUTA COM OS CAYAPÓS

Desde os primeiros annos da descoberta do ouro no territorio de Goyaz, muitas foram as expedições para livral-o da hostilidade dos aborigenes. Essas diligencias tornaram-se porém mais necessarias a partir de 1740, até quasi principios do seculo XIX. Comprehende-se que a conquista do colono ia avançando sertão a dentro e o selvicola buscava por todos modos impedil-a.

Assim, na data acima citada, Jacintho de Sampaio Soares commandou uma bandeira contra os indios pinarés. Collimava com a necessidade de combater o gentio, a faina de novos descobrimentos aurinos e as expedições formavam-se então com esse duplo fim, como entre outras, a sahida de Arrayas, em maio de 1741, na qual ia como chefe principal o coronel José Velho Barreto do Rego, tendo como seu ajudante e mestre de campo a Manuel de Albuquerque e Aguilar e como cabos ao capitão-mór Lourenço da Rocha Pitta e ao sargento-mór Salvador de Almeida. Essa bandeira ia na conquista e exploração do rio do Somno, em suas cabeceiras, nas divisas

com a Bahia e o Maranhão. Levava instrucções datadas de Arrayas, a 25 de maio de 1741, dadas pelo governador d. Luiz de Mascarenhas e devia atravessar o rio Palma e o Manuel Alves Pequeno, procurando as cabeceiras do rio desejado, distancia seguramente de cento e sessenta leguas da villa de Goyaz. Os indigenas que ficavam nessa região eram os cherentes.

Mas, nas circumvizinhanças da villa de Goyaz, agia o cayapó, perigo de mais urgente eliminação e por isso baixava d. Luiz de Mascarenhas as instrucções de 6 de janeiro de 1742, aos capitães Antonio de Lemos e Faria e Agostinho Ferreira Escudeiro. Nesse meio tempo, por ordem do mesmo governador, entrava no sertão ao sul da villa, o bandeirante Bento Paes de Oliveira.

Os indios cayapós porem não abandonavam aquelles sitios e tornaram-se tão ousados, que raro era o comboio para as minas que não atacassem. Assim, além do ajuste feito em 1742 com Antonio Pires de Campos, o moço, e outros bandeirantes a que já fizemos menção, d. Luiz de Mascarenhas fazia publicar, a 17 de fevereiro de 1745, um bando no sentido de se mover nova guerra a esse gentio e, autorisado pela carta régia de 8 de maio de 1746, celebrava a 15 de julho de 1748 novo contracto com o citado Antonio Pires de Campos, o moço.

E' tempo de expormos aqui que os dados biographicos desses dous grandes bandeirantes ituanos, Antonio Pires de Campos, pae e filho, vêm confundidos por todos escriptores que delles se têm occupado.

O primeiro desse nome, qualificado "o velho", foi filho de Manuel de Campos Bicudo, o velho, e de Luzia Leme de Barros, tendo se casado com Sebastiana Leite da Silva, filha de Salvador Jorge Velho, com quem andou por Curityba, á cata de minas. Esteve depois nas Minas-Geraes e por occasião da guerra dos emboabas, desgostoso como muitos outros paulistas, intentou novos descobrimentos aurinos, buscando voltar á região dos araés, nos longes goyanos, onde já havia estado com seu pae, quando ainda menor, na éra de 1673. Desse modo, cerca de 1716, seguio para a Vaccaria do Matto-Grosso, perseguio o gentio aripoconé ou coxiponé, subindo o rio Cuyabá, mas não conseguindo o seu principal intento, regressou para São Paulo.

Após o descobrimento das minas de Cuyabá por Paschoal Moreira, achando-se viuvo e mal visto pelo governador d. Rodrigo Cezar de Menezes, por ter asylado os Leme, mudou-se para aquelles sitios e foi se fixar ao pé da serra de São Jeronymo, junto a uma lagôa que se chamou depois do Pires e de onde mofava, em 1725, da ideia do seu amigo, o segundo Anhanguéra, Bartholomeu Bueno da Silva, ainda estar enselvado na obsessão da busca do ouro dos araés, por trilhas que nunca foram sabidas.

Exerceu nesse local o cargo de provedor do registo dos negros, por provisão de 24 de junho de 1726. Chefiou ainda uma bandeira contra os payaguás, em 1728. Em 1733, tomou parte na expedição do reinol Manuel Rodrigues de Carvalho, contra os mesmos indigenas e já

bastante idoso por esse tempo, retirou-se de mudança para Itú, com o posto de capitão-mór e alli falleceu, com noventa annos de idade, em 1749.

Seu filho homonymo, Antonio Pires de Campos, o moço, denominado pelos indios o Pae-Pirá, guerreou os cayapós de 1739 a 1755. A seu respeito escreveu o barão Homem de Mello: "A fazenda do Itaicy, pertenceu outróra a Antonio Pires de Campos, o qual nesse lugar chegou a ter do seu serviço, seiscentos bugres captivos. Receiando-se o governo portuguez de tão grande poder nas mãos de um só homem, chamou-o á Metropole. Campos, assustando-se com essa medida, para evitar os seus effeitos, internou-se pelos sertões de Cuyabá, onde serviu de capitão-mór. Os indios chamavam-no Pae Pirá."

Tambem disse delle o padre Ayres do Casal: "No meio do seculo passado, vivia entre o Parnahyba e o Rio Grande uma horda de bororós, cujo cacique era então um paulista chamado Antonio Pires de Campos, moço de muita esperteza, habilidade e genio para fazer desse povo quanto delle se pretendesse por sua entre-mediação. Este homem, a quem seus crimes fizeram procurar tal sociedade, morreu entre os annos de cincoenta e sessenta de uma frechada num braço em um encontro com os cayapós. Seus camaradas lhe medicaram por muitos dias com toucinho assado quente, até o pôrem numa povoação de christãos, em Minas-Geraes, para vêr se o curavam. Choraram-no por espaço de um mez como o Pae-Commum."

Não diz o frade quaes os crimes que levaram Antonio Pires de Campos, o moço, a se isolar em meio duma

tribu selvagem, nem nós os conhecemos. A verdade é que devia ser um homem grandemente estimado, pois o final da narrativa de Ayres do Casal é bem expressiva.

Em 1742, Antonio Pires de Campos, o moço, fez um ajuste com o governador de Goyaz, d. Luiz de Mascarenhas, para combater os indios que infestavam as minas dessa região e de Cuyabá, principalmente os cayapós, como acima referimos. O governo pagava-lhe a irrisoria quantia de uma arroba de ouro. Dessa guerra resultou os mineiros dessas paragens poderem viver socegados cerca de sete annos. Volvendo porém o flagéllo, a 15 de junho de 1748, novo ajuste foi celebrado entre o bandeirante e o mesmo governador, mediante a mercê do habito de Christo, tença de cincoenta mil reis e o officio durante toda sua vida de escrivão da superintendencia geral das minas de Goyaz.

Segundo Pedro Taques, Antonio Pires de Campos, o moço, foi então occupar com seus bororós, o rio das Pedras, em 1748, no caminho de Goyaz e dahi começou a lançar bandeiras parciaes contra esse gentio, espalhado principalmente na região entre o rio Mogy e Villa Bôa. Foi uma refréga tão crua que por muitos annos os cayapós não ousaram mais approximar-se das lavras mineiras.

Ao recomeçarem porem seus ataques, Antonio Pires de Campos, o moço, sahindo-lhes ao encalço, foi frechado por um desses selvicolas, com seta ervada, em 1755. Buscou então tratamento no arraial do Rio das Pedras, mas alli solicitado para escoltar um comboio dos quintos reaes que ia a Villa Rica, nada allegou do seu ferimento

e seguio até o arraial de Paracatú. Ahi porém a lesão aggravou-se e dentro de pouco fallecia, tendo o seu enterro com as honras do posto de coronel que adquirira pelos seus muitos serviços.

Da guerra ordenada por d. Luiz de Mascarenhas, escreveu o padre Sousa e Silva: "Consta que fez barbaridades espantosas e grande mortandade, chegando até a aldeia grande do cayapó, que dizem fica nas visinhanças de Camapuan, em que se não animou a entrar por serem innumeraveis os seus habitantes; mas alliviou de alguma sorte o povo, tornou mais praticavel o caminho de São Paulo, fundando varias aldeias."

Essas aldeias erguidas por Antonio Pires de Campos, o moço, foram: Rio das Pedras, no caminho de São Paulo, oitenta leguas a sueste de Villa Bôa; Pissarão, a seis leguas da primeira, entre o rio das Velhas e o Parnahyba; Sant'Anna, a sete leguas de Pissarão, na mesma estrada; Guarinos, a tres leguas da villa do Pilar; Rio das Velhas, na freguezia de Sant'Anna; Lanhoso, em distancia de doze leguas do rio das Velhas.

Da luta em que o notavel sertanista ituano veio a perecer, diligencia então ordenada por d. Marcos de Noronha, escreveu em 1775, o alferes José Pinto da Fonseca: "Haverá vinte e tantos annos que a este continente de Goyaz, veio o defunto coronel Antonio Pires de Campos, paulista e tratando a esta nação dos carajás debaixo de paz e amizade por alguns dias, no fim delles lhes deu de improviso na principal aldeia, não dando vida nem ainda aos proprios innocentes, de cujos gemidos ainda hoje

soam os écos nos ouvidos destes miseraveis, não podendo referir estas justas queixas, sem que as lagrimas testemunhem a sua dôr; feito este estrago, apanhou muitos prisioneiros, conduziu em correntes para seu captivos; passou a crueldade deste homem a mandar pelo caminho amarrar esses prisioneiros em arvores, fazendo dar-lhes por divertimento, muitos açoites, dizendo que era para os fazer conhecer captiveiro. Pelas fazendas do sertão trocou muita dessa gente por gado e cavallos e a maior parte fugiu para sua patria, publicando nella a tyrannia dos brancos."

Diz Pedro Taques que Antonio Pires de Campos, o moço, quando falleceu, estava na edade a mais vigorosa e ainda solteiro. Deixou como seu herdeiro a seu irmão Manuel de Campos Bicudo, o qual se offereceu ao governo para levar por deante a guerra contra os cayapós. Acceito o offerecimento, não poude ter effeito, por ter Manuel de Campos perecido, logo após, na aldeia do Rio das Pedras.

XXIV

AS FAISQUEIRAS DO PARANAPANEMA.

Coincidindo com o descobrimento das minas de Cuyabá e Goyaz, houve no proprio territorio paulista a revelação de ouro nas cabeceiras do rio Paranapanema, fazendo affluir tambem para aquellas paragens grande numero de minerantes.

A mineração official do ouro na região litoranea de Iguape á Paranaguá, começada nos primórdios do seculo XVII, desenvolveu-se consideravelmente a partir do governo do capitão-mór de Itanhaen, Vasco da Motta, em 1636, tendo então o conjuncto dessas minas merecido todo apparelhamento administrativo do fisco. No periodo decorrido de 1647 a 1697, essas lavras, embóra de ouro de lavagem, attingiram ao seu apogêu, para decahir de todo com o exodo dos mineiros para os sertões de Minas, Matto-Grosso e Goyaz, na segunda metade do seculo XVIII.

A região que a partir de Iguape se alargava para o interior, tendo como limites extremos Sorocaba e Apiahy, ficára durante esse periodo bastante devassada, mine-

rando-se o flavo metal não só em ribeirões dessas localidades, como nos cursos do Ivuporanduba, Iporanga e Paranapanema.

O capitão-mór de Itanhaen, Luiz Lopes de Carvalho, foi um enthusiasta desses descobrimentos, realizando em 1679 muitas jornadas pesquisadoras e estabelecendo lavras em Cananéa, Ribeira de Iguape, Iporanga, Xiririca e Apiahy. Antes delle já tinham andado nesses sitios, em 1655, Domingos Rodrigues da Cunha, com seu irmão Antonio Rodrigues da Cunha e em 1674, Manuel Fernandes Sardinha, o velho. O capitão-mór Luiz Lopes de Carvalho foi porém o maior devassador do tracto desde o valle do Paranapanema até o rio Paraná.

Tentado por uns roteiros de minas de prata e esmeraldas, penetrou o sertão de Sorocaba, em companhia de Manuel de Moura Gavião, Manuel Gonçalves da Fonseca e Manuel Fernandes, conseguindo apenas reavivar a lembrança das antigas minas de ferro de Affonso Sardinha, o moço, no morro do Araçoyaba. Cuidou então dalli levantar uma fabrica desse metal e, empenhando para isso todos seus bens, escreveu a El-Rei a respeito e fez o necessario registo na camara de Sorocaba, em 1681.

Mandou então o governo, no anno seguinte, a frei Pedro de Sousa, reputado mineralogista, com o fim de verificar a importancia dessas minas. Dous annos após, em 1684, Luiz Lopes de Carvalho escrevia ao soberano portuguez que juntamente com o frade, continuava nas diligencias da abertura dessas minas e, muito falto de recursos, solicitava auxilio de indios das aldeias reaes.

Nada porem conseguindo, o capitão-mór em 1690, reduzido á miseria, interrompia essas tentativas e se recolhia ao Rio de Janeiro, obtendo o cargo de tabellião publico, provido por Luiz Cesar de Menezes. A seguir, andaram sondando essas minas, o capitão-mór Martim Garcia Lumbria, tendo como socios Manuel Fernandes de Abreu e o alcaide-mór Jacintho Moreira Cabral e já no começo do seculo XVIII, Damião de Sousa Pereira, genro do capitão-mór Lumbria e por ultimo os irmãos Antonio Trindade e João Anhaya, com um filho deste ultimo, João Anhaya de Lemos.

Desse modo, alguns sertanistas haviam descoberto ouro nas cabeceiras do rio Paranapanema, fundando o arraial que denominaram Guapiára, no seio do sertão desse nome, local que hoje é alli conhecido pela denominação de Arraial Velho. A esse proposito escrevia o ouvidor-geral de São Paulo, Raphael Pires Pardinho, em carta de 26 de novembro de 1717, a El-Rei, dizendo que a 21 do dito mez lhe mandára dar parte Miguel de Barros, morador na villa de Sorocaba, que indo com João Fernandes Tavora ás cabeceiras do rio Paranapanema, nellas descobrira algumas faisqueiras de ouro e que a amostra enviada, examinada pelos praticos de Minas-Geraes, foi considerada igual ao ouro do Ribeirão do Carmo. Ao conde de Assumar, fez o ouvidor-geral identica communicação, ao que lhe respondeu o governador em carta datada da villa de São José, a 1 de agosto de 1719.

Mas quem maior importancia deu a estes descobrimentos, foi o governador d. Rodrigo Cezar de Menezes

que, na ancia de se fazer prestimoso perante a Metropole, se inculcou promotor dos mesmos, apparelhando-os com a machina do fisco real. Mencionam então os documentos da época os nomes de José Quaresma de Almeida, Domingos Vicente Luiz, Antonio da Cunha de Abreu e João Coelho Duarte, como novos descobridores de ouro nessa região. O arraial de Guapiára foi no entanto muito breve abandonado e os mineiros fundaram outro, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Domingos Vicente Luiz foi nomeado guarda-mór em 1724, substituido em 1728 por João Quaresma de Almeida. Como capitão-mór regente foi provido em 1725, Diogo de Toledo Lara, substituido por Antonio de Camargo Ortiz, "homem violento e de rigoroso excesso". Em 1727 succedeu a este ultimo, Antonio da Cunha de Abreu, que fôra nomeado provedor dos quintos em 1725, o qual deixou no anno seguinte esse cargo, passando-se para São Paulo, onde foi eleito juiz ordinario e após nomeado provedor do registo de Mogy do Campo, das minas de Goyaz, em 1733, cargo que exerceu por muitos annos.

Seu substituto em Paranapanema foi em 1728 Bernardo Antunes de Moura, logo dando o lugar a João Coelho Duarte, natural de Portugal, que viéra das Minas-Geraes com grande escravaria, sendo a sua patente passada pelo governador de São Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, no proprio arraial de Nossa Senhora do Paranapanema. João Coelho Duarte mudou-se posteriormente para Cutia, onde foi casado em 1737 com Maria

de Medella, filha do sargento-mór Roque Soares de Medella e de Anna de Barros, tendo alcançado o posto de coronel e falleceu em São Paulo, em 1755, estando segunda vez casado com Maria Leite Lumbria, filha do licenciado Manuel Cavalheiro Lumbria.

O governador Antonio da Silva Caldeira Pimentel resolvera ir pessoalmente verificar a importancia das minas de Paranapanema, valendo-se da viagem para alli estabelecer o donativo real dos chapins. Levando como secretario a Bento de Castro Carneiro, sahio com sua comitiva de São Paulo a 10 de maio de 1728 e a 14 chegava a Sorocaba, onde se demorou até o dia 18. Proseguindo a jornada, sómente a 31 do mez citado chegava ao arraial do Paranapanema.

Ahi diligenciou para que ficasse assentado que o imposto denominado "chapins da rainha", fosse de mil setecentos e seis oitavas por anno, tomando-se por base os novecentos e quarenta escravos que alli trabalhavam nas minas. Tambem nomeou Manuel Gomes da Silva para escrivão do capitão-mór regente; Bernardo Antunes de Moura para provedor dos quintos e para escrivão deste ultimo nomeou a Manuel Fernandes Diniz.

Creou duas companhias de ordenanças, que denominou "infantaria dos homens frausteiros das minas de Paranapanema". Para capitão da primeira companhia nomeou o portuguez José Rodrigues, soldado que servira oito annos no regimento de Elvas e passára a São Paulo em companhia de d. Rodrigo Cezar de Menezes. Para capitão da segunda companhia, nomeou o paulista Estanis-

lau Furquim Pedroso, de nobre estirpe bandeirante. Os outros cargos foram providos por Theodoro de Siqueira Leitão, ajudante do numero, Sulpicio Pedroso Furquim, tenente, Feliciano da Fonseca e Silva e Manuel Corrêa da Silva, alferes e finalmente Leandro Rodrigues Fortes, sargento.

Com estas medidas do apparelhamento administrativo e militar, creou tambem Caldeira Pimentel o da justiça, nomeando para o cargo de escrivão das execuções a Joaquim Moreira da Costa e para o cargo de meirinho a Manuel Cabral de França.

Nessas diligencias demorou o governador de São Paulo no arraial de Paranapanema até 22 de junho do mesmo anno de 1728, regressando para aquella cidade, onde chegou a 14 de julho. Ao partir das minas, deixou para alli ser cumprido, o regimento datado de 21 de junho de 1728.

Os ribeirões onde mais se minerou, em Paranapanema, foram o das Almas, o das Mortes, o do Chapéu, o do Carmo e o do Lavapés. Essa mineração foi se extendendo após para os ribeiros do actual municipio de Apiahy, onde Francisco Xavier da Rocha, capitão-mór dum arraial de Minas-Geraes viéra se estabelecer, com cento e cincoenta escravos, fundando o arraial denominado Capoeiras.

Em 1735, o governador de São Paulo, Antonio Luiz de Tavora, quarto conde de Sarzedas, auctorizou a mudança da superintendencia das minas do Paranapanema para Apiahy, vindo assim o arraial da Conceição do Para-

napanema a entrar em franco declinio. Em 1746 o seu capellão, padre Manuel Luiz Vergueiro, requereu a mudança da capella para outro local, á margem direita do rio das Almas e obtida a autorização, fundou-se alli posteriormente a freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Paranapanema, em 1774, e por ultimo a cidade de Capão Bonito.

E a ultima illusão do ouro nessa região se deu no governo de Francisco da Cunha Menezes, com a bandeira de João Baptista Victoriano, enselvada no sertão entre Iguape e Piedade dous annos consecutivos, regressando com a lenda da Ivutucavarú.

Atraz deste seródio vellocino penetrou ainda em 1780 o alferes Ignacio de Moraes e, baixando dos Itatins, a chiméra sómente se extinguio em meiados do seculo XIX.

XXV

A CONQUISTA DO SUL BRASILEIRO

Paranaguá era um litoral conhecido desde os primeiros annos da occupação. Em meiados do seculo XVI, missionarios jesuitas sondaram essa região até a grande serra e dahi em deante, aventureiros arribados de São Vicente começaram a batel-a, preando indios e explorando corregos auriferos.

A expedição de Jeronymo Leitão, em fins de 1585, passa no entanto por ser a descobridora official desse então denominado continente. Data dahi o progressivo povoamento de Paranaguá e, em 1603, o governo portuguez alli já fazia executar o seu primeiro regimento de minas. Diogo de Unhate, morador na capitania, escrivão da ouvidoria da fazenda, obteve a 1 de junho de 1614 uma sesmaria, estabelecendo fazenda nessas paragens. Por esse tempo, era nomeado intendente das minas de ouro de lavagem alli descobertas, como já mencionamos, Salvador Corrêa de Sá, o velho, e não tardou serem concedidas outras sesmarias a outros povoadores.

Como curiosidade lembraremos aqui que frei Marianno Velloso escreveu ,sem mencionar a data, que a

povoação de Paranaguá foi fundada por Domingos Ceneda, paulista regulo e matador. Havia no seculo XVII em São Paulo uma familia de sobrenome Peneda, na qual houve varios bandeirantes, alguns dos quaes fundadores de facto de Paranaguá.

O certo é que começando a se fazer sentir a necessidade duma administração regular nessa região, foi disso encarregado em 1640, Gabriel de Lara, o qual levantou um arraial na ilha da Cotinga. Em 1648, esse arraial passou á cathegoria de villa, sobrelevando-se então esse capitão-mór povoador e seus contemporaneos, moradores de Paranaguá, como João Gonçalves Peneda, Pedro de Uzeda, João Gonçalves Martins, Estevam de Pontes, Francisco Pires, Gabriel de Góes, Bartholomeu de Torales e outros.

Para o interior, além da serra maritima, já o sertão tambem vinha sendo povoado. Não se contando as raras entradas do seculo XVI, as bandeiras devastadoras do Guayrá e algumas outras, a tradição estabelece que a grande familia de appellido Carrasco dos Reis, entroncada com Soares, Seixas e outras, havia immigrado para os campos de Curityba, no meiado do seculo XVII, sendo que annos após, em 1654, Eleodoro Ebano Pereira e seu filho Tibaldo Pereira, que haviam dado em manifesto o ouro daquella região, fundavam a povoação regular dos Pinhaes de Curityba. Gabriel de Lara alli levantou tambem o padrão real em 1668, investindo Matheus Martins Leme no cargo de capitão-mór.

Começaram então a descer de São Paulo varias bandeiras em busca do ouro que corria fama alli ser abundante e assim foram as expedições de João de Araujo, Salvador Jorge Velho, Diogo Pereira Lima e de outros, ficando conhecidas as minas de Peruna, Itambé e Curityba, tendo como consequencia maior impulso no povoamento dessas paragens.

Romario Martins escreve que as minas de Peruna foram dadas em manifesto por Gabriel de Lara, em 1646, valendo o governador do Rio de Janeiro, Duarte Corrêa Vasques Annes, mandar a Eleodoro Ebano Pereira como demarcador e administrador dos districtos do sul, e o provedor da fazenda real, Pedro de Sousa Pereira, a Matheus de Leão como seu representante em Paranaguá.

As minas do Itambé ou Itaimbé, ficavam na região do Assunguy e foram objecto de investigações officiaes entre 1645 e 1647, por parte de Eleodoro Ebano Pereira; em 1670, por parte de Agostinho de Figueredo e em 1679, por parte de d. Rodrigo de Castel-Blanco. Ficavam ainda no Assunguy as minas de Nossa Senhora da Conceição, da Cachoeira e do Ribeirão, exploradas principalmente por Salvador Jorge Velho e seu genro Antonio Pires de Campos, o velho, desde 1678 e posteriormente a 1699, por Simão Jorge Velho. Balthazar Carrasco dos Reis e o seu grupo, exploraram as minas do Arraial Grande, poucos annos antes de 1661, as quaes ainda em 1741 eram satisfatoriamente exploradas pelos des-

Mais ao fundo do planalto, para os lados da serra de Apucaraná, continuavam as bandeiras escravagistas, como as de Fernão Dias Paes, em 1660 e dos irmãos Bento e Francisco Pires Ribeiro, em 1669.

O capitão-mór Gabriel de Lara era natural de Parnahyba, filho de Diogo de Lara e de Antonia de Oliveira, esta filha de Antonio de Oliveira Gago e foi casado com Brigida Gonçalves. Residiu muito tempo em Iguape, tendo feito varias expedições aos carijós, desde antes de 1628. Romario Martins diz que a sua presença em Paranaguá é anterior a 1640, mas apenas a 6 de janeiro desse anno foi dado á historia registal-o como fundador dessa povoação, alli levantando pelourinho. Foi alcaide-mór de todas as villas em quarenta leguas ao sul da antiga capitania de Santo Amaro. Foi distinguido com varios cargos pelos governadores do Rio de Janeiro e pelos donatarios de São Vicente. Falleceu em Paranaguá em dezembro de 1682.

Eleodoro Ebano Pereira foi "general da armada de canôas das costas do mar do sul". Sua personalidade é bastante discutida pelos historiadores. Seu principal papel no povoamento do sul, foi o de assegurador das minas para o erario real.

Matheus Martins Leme era filho de Thomé Martins Bonilha e de Leonor Leme, tendo sido casado com Antonia Góes. Foi das figuras principaes do seculo XVII em Curityba e successor em 1693 de Gabriel de Lara, como procurador do marquez de Cascaes.

cendentes daquelle povoador, Gaspar Carrasco dos Reis, Balthazar Velloso da Silveira e Salvador de Albuquerque.

De Salvador Jorge Velho já demos longa noticia em outro trabalho nosso. Sobre Balthazar Carrasco dos Reis, sabemos ter sido natural de São Paulo, filho de Miguel Garcia Carrasco e de Margarida Fernandes, morador em Parnahyba, onde se casou com Izabel Antunes da Silva, filha de João de Pinha. Desde 1645 andava elle nos sertões do sul, apresando carijós e segundo Romario Martins, fez parte da bandeira de Antonio Domingues, em 1648. Treze annos depois, a 29 de junho de 1661, obtinha uma sesmaria no Barigui ou Mariguy, a primeira que foi concedida em Curityba, ahi bastante se distinguindo como povoador e fallecendo aos 8 de outubro de 1697. Seus descendentes affins são justamente os bandeirantes Manuel Soares, Antonio Rodrigues Seixas e João Ribeiro do Valle, citados pela tradição como fundadores de Curityba.

Manuel de Lemos Conde, portuguez, natural de Borba e que em São Paulo foi casado com Anna Mattoso Morato, filha de Manuel Morato Coelho, foi um descobridor de ouro em Paranaguá, onde teve nomeação de provedor das minas, em 1674. Antonio Vieira dos Santos, nas suas "Memorias" da cidade de Paranaguá, diz que a sua nomeação foi a 27 de novembro de 1684, enganando-se porem no anno, pois menciona que a patente foi passada na Bahia por Affonso Furtado de Mendonça, que é sabido, governou de 1671 a 1675.

Manuel de Lemos Conde na villa de São Paulo exerceu em 1656 os cargos de vereador e almotacé. Tendo sido accusado de deshonesto, no exercicio de seu cargo de provedor, foi destituido pelo administrador geral das minas d. Rodrigo de Castel-Blanco, que o prendeu, sequestrando-lhe os bens. Diz Pedro Taques que por esse motivo suicidou-se elle na prisão, em 1681.

A fama da existencia de minas de ouro em Paranaguá valeu, por parte da Metropole, logo de inicio, a vinda do mineiro espanhol d. Jayme Commére, ao tempo em que era superintendente das minas do sul Pedro de Sousa Pereira, o velho. As minas que alli examinou foram as denominadas de Santa Fé e conta-se que o superintendente mandou assassinal-o, fazendo-o empurrar por um escravo seu, dentro duma cata, em 1660, não obstante a affirmativa dos edis de Piratininga de que o facto fôra inteiramente casual. O governo ainda para alli mandou o administrador geral d. Rodrigo de Castel-Blanco, em 1679, o qual julgou taes lavras sobremodo diminutas, fazendo com que perdessem toda importancia.

O governador d. Rodrigo Cezar de Menezes, entendendo da mesma maneira, resolveu prohibir a mineração em Paranaguá, sob fundamento de ser lugar maritimo. A Metropole porém não concordou com essa medida e mandou que o governador para alli enviasse o capitão-mór de Curityba, Francisco Xavier Pizarro, afim de que julgasse definitivamente do valor daquellas faisqueiras.

Pizarro foi a Paranaguá, depois a Laguna e dalli á Serra Negra, pelo sertão, com bandeira á sua custa,

gastando oito mezes na jornada e ao fim concluio tambem pelo desvalor daquellas minas. Esse capitão-mór fôra nomeado pelo conde de Assumar, tendo sua patente confirmada por carta régia de 20 de março de 1721. Servira no reino em 1709, nas lutas com os espanhóes e passando ao Brasil, tornou-se muito pratico em mineração, servindo oito annos como capitão-mór de Curityba e terminando seus dias em 1728, no posto de coronel das ordenanças das villas de Itanhaen, Iguape e Cananéa, nomeado pelo governador Caldeira Pimentel.

Do interior de toda essa zona, a faixa perlustrada vinha estreitando para o litoral, até morrer em Laguna.

Os vicentinos que desde meiados do seculo XVI organizavam para essas regiões, que os indigenas chamavam Viaçá, bandeiras de resgate, intensificaram-nas logo no começo do seculo XVII, como são mostras as provisões de d. Gaspar de Sousa, datadas de 1614 e 1618. Não só os vicentinos como tambem os fluminenses, mandavam navios ao porto dos Patos, para acquisição de indios, originando nesse sentido a providencia do capitão-mór Gonçalo Corrêa de Sá, que ordenou em 1619 a Sebastião Fernandes Corrêa, sogro de d. Simão de Toledo Piza, que fôsse áquelle local e alli prendesse todos os brancos existentes.

Por esse tempo, Pedro de Caceres obtinha licença para ir fundar povoações regulares no rio de São Francisco do Sul e na ilha de Santa Catharina, nada porem effectivando nesse sentido e o Rei por sua vez, prohibia alli o resgate dos escravagistas, baixando ordens para que

se tirasse devassa contra elles. Não obstante taes medidas, continuou o apresamento do gentio em todo aquelle sertão dos Patos ou Biguassú.

Martim Corrêa de Sá, capitão-mór de São Vicente, em fins de 1620, organisou uma expedição para essas paragens, na qual foi em companhia de muitos principaes do tempo e do jesuita Francisco de Moraes. Desceu grande cópia de selvicolas e nesse sentido requereu a camara daquella villa ao procurador do conde de Monsanto, Manuel Rodrigues de Moraes, em 30 de março de 1622, que mandasse fornecer desse gentio para a defesa do porto local.

Alguns historiadores referem que Antonio Fernandes, em 29 de novembro de 1642, obtivéra novas concessões para ir fundar uma povoação em São Francisco do Sul, sendo que Manuel Lourenço de Andrade, fallecido em 1663, casado com uma filha do capitão-mór Gaspar Conquero, allegava ser o primeiro povoador desse sitio.

Quanto á ilha de Santa Catharina, sabe-se que Francisco Dias, fallecido em 1645, havia alli feito varias expedições de resgate, costumando nellas levar seus parentes. Francisco Dias Velho, filho do mesmo e que casou em São Paulo com Maria Pires Fernandes, filha de Salvador Pires de Medeiros, tornou-se desse modo conhecedor de longa data de taes paragens e por occasião da expedição de Jorge Soares de Macedo, em 1679, seguio na mesma conforme já mencionamos e ficou na di-

ta ilha, para onde tinha transportado sua familia, alguns irmãos, varias pessôas de suas relações e muitos escravos.

A esse proposito escrevia o governador do Paraguay d. Felippe Rexe Gorbalan, ao de Buenos-Ayres, d. José de Garro, em carta de 22 de outubro de 1679: "Disse-me tambem o dito João de Peralta que o syndicante e desembargador visitou quatorze barcos ou sumacas, que estavam nos portos de Santos e São Vicente para a expedição, nos quaes se embarcou o tenente Jorge Soares de Macedo com oitenta soldados que chegaram da Bahia para o intento e com trinta portuguezes do districto de São Paulo e fóra esta gente, ordenou o syndicante que toda a aldeia que chamam Baruery e constava de mais de trezentas familias, se despovoasse e embarcasse nas sumacas ou barcos com todo o bando e com effeito embarcou e duma aldeia que está a cargo dos religiosos da Companhia de Jesus, tiraram cento e onze pessôas entre as quaes muitos officiaes ferreiros e carpinteiros. Embarcou-se com os demais, Francisco Dias Velho, homem rico com oitenta indios de sua casa e Manuel da Costa Duarte levou quinze indios, com os trinta portuguezes da jurisdicção de São Paulo, que levavam cada um, dois, tres e quatro indios. Disse tambem que embarcaram muitos taipaes, malhos, ferramentas, officinas inteiras de ferraria e carpintaria e de outros officios e officiaes de artilharia, munição, viveres e todo o necessario para a povoação e forte que pretendem fazer. Levavam por capellão da armada a frei Gabriel do Carmo, com outro frade das Canarias, de quem se dizia era parente ou ir-

mão do defunto Carmenates, deão que foi de Santiago del Estero, com intento de trazer a noticia do porto que houverem tomado ou de outro fim. Toda a armada assim aviada, disse, partiu no dia de São Braz, á tres de fevereiro deste anno, havendo antes o syndicante entregue ao tenente Jorge Soares de Macedo, por ordem do infante d. Pedro, sessenta mil cruzados para a paga dos soldados e outros gastos."

A 5 de outubro de 1681, fallecia em São Paulo, Custodia Gonçalves, mãe de Francisco Dias Velho e do respectivo inventario consta um termo de requerimento feito por Pedro Taques de Almeida, como procurador do dito Francisco Velho, no qual requerimento Pedro Taques menciona que seu constituinte "estava dando principio á povoação da ilha de Santa Catharina, onde não póde ser avisado". Nesse mesmo inventario, encontramos appensas tres cartas, datadas todas de Santa Catharina, as duas ultimas de agosto de 1682, fazendo referencias ao inventario e dirigidas ao referido Pedro Taques. A primeira é de Francisco Dias Velho e as outras dos seus irmãos Manuel e José Dias Velho. Gabam elles a notavel fertilidade das terras da ilha e mostram-se bastante satisfeitos. Assim tudo corria bem quando em 1687, tocou na ilha um pirata inglez que foi logo desarmado por Francisco Dias Velho, que tambem lhe sequestrou o conteúdo do navio, enviando toda presa para Santos. A consequencia foi que dous annos depois, refeito o pirata, que o genealogista Pedro Taques denomina Thomaz Freus ou Frins, tornou á ilha, vencendo e matando a

Francisco Dias Velho, cuja familia se retirou para São Paulo, onde se iniciou o inventario a 2 de novembro de 1689.

Neste documento, consta que Francisco Velho tinha muitos bens dispersos por Santos, Iguape, Rio de São Francisco e ilha de Santa Catharina. Sómente um de seus filhos, o capitão José Monteiro, ficou no sul, apparecendo em 1725, como juiz ordinario da villa de Laguna.

XXVI

O CAPITÃO-MÓR POVOADOR FRANCISCO DE BRITO PEIXOTO

Laguna foi povoação creada por Domingos de Brito Peixoto, attingindo o ponto mais meridional do Brasil seiscentista.

Silva Leme diz ter sido esse povoador natural de Santos, e o conego Roque Luiz, na sua "Nobiliarchia Brasiliense", escreve que era o filho primeiro de outro Domingos de Brito Peixoto, natural do Minho, parente dos Britos da Bahia e de Sebastiana da Silva, natural de Santos. Foi casado com Anna da Guerra e, após residir algum tempo na villa de São Paulo, onde o vemos capitão de uma companhia de ordenanças, em 1671, passou para Santos e dahi, segundo uma carta sua dirigida a El-Rei, datada de 10 de fevereiro de 1688, "se animou a fazer a conquista da Laguna, terras muito ferteis e abundantes de pescado e carnes e para a mais lavoura, com a vizinhança das de Buenos-Ayres; donde lhe parecia havia maiores haveres; pelo que se resolvera a fazer duas embarcações, uma que perdera, havia já quatorze annos

(1674), outra em que de presente ia á sua custa com seus filhos, parentes e amigos, com disignio de mandar fazer diligencia por prata, porque por alguns signaes, entendia que não faltaria".

Seu filho, Francisco de Brito Peixoto, num requerimento endereçado a El-Rei, com data de 1714, confirma o exposto acima, dizendo : "Diz o capitão Francisco de Brito Peixoto, morador na povoação de Santo Antonio dos Anjos, que fez e descobrio para as bandas do sul, em distancia de cento e vinte leguas da villa de Santos, que elle teve tão grandes desejos de merecer no serviço de V. M. e de lhe dilatar o Imperio, que sendo das principaes e mais abastadas familias de todas aquellas villas do sul, deixou sua casa e a propria mãe, e se foi com outro seu irmão mais moço, chamado Sebastião de Brito Guerra, que era tenente da ordenança, em companhia de seu pae o capitão Domingos de Brito Peixoto, a descobrir novas terras que não fossem de pessôa alguma habitadas, e com effeito no anno de 1676 sahiram da villa de Santos, donde eram moradores, levando consigo cincoenta escravos seus com os quaes bemfeitorisavam as suas fazendas, que deixaram incultas, e todo o mantimento necessario para a dita gente, e para dez homens brancos, que com ella iam, como tambem outras armas, e provimento bastante de polvora e chumbo, e ferramentas condizentes para o rompimento dos mattos, e feitorias de embarcações, em que fizeram uma despesa tão grande, como se considera, e com este apresto sahiu da dita villa com toda a mais gente referida, enviando

tambem por mar uma fragata, que para este effeito mandou fazer o dito seu pae na mesma villa, em que metteu mantimento e mais ferramentas necessarias, dando-lhes ordem fossem dar fundo defronte da paragem chamada Lagôa dos Patos, e que ahi estivessem, até que o supplicante, seu pae e irmão chegassem, para lhe apontarem a paragem em que iam desembarcar, que o dito seu pae já tinha sabido por ter de antes ido examinar o dito sitio, e depois que gastaram quatro mezes no caminho com romper os mattos, e buscar as passagens, foi o mesmo supplicante com os mais dar no sitio da Lagôa dos Patos com immenso trabalho de tão aspero e dilatado caminho... e nesta viagem lhe morreram mais de vinte e cinco escravos.. e assim como chegou ao dito sitio da Laguna, fez pôr em terra os mantimentos e ferramentas que pelo mar tinha mandado na fragata, fundando povoação... dando o pae do supplicante noticia ao Serenissimo Senhor Rei Dom Pedro, que a Gloria haja, pae de V. M., que Deus guarde, foi servido mandar-lhe agradecer por carta este novo descobrimento, e povoação; o que fez com promessa de lh'o remunerar, a qual carta se perdeu em uma das ditas embarcações, porem a viram muitas pessôas, que della testemunharão, e assim o dito seu pae, como o supplicante, emquanto foi vivo, gastaram muita fazenda neste descobrimento, e nelle lhe morreu o outro filho solteiro o tenente Sebastião de Brito Guerra, com muita quantidade de escravos, que lhe mataram, e se perderam, e o dito capitão Domingos de Brito Peixoto, pae do supplicante, se falleceu na mesma

povoação, depois do dito seu filho, e por sua morte nenum outro varão lhe ficou, mais que o supplicante, Francisco de Brito Peixoto...".

O conhecimento que Domingos de Brito Peixoto tinha da região de Laguna, datava de 1668, conforme um attestado do sargento-mór da capitania de Itanhaen, João Martins Claro, passado em São Vicente a 10 de março de 1710. Nesse documento declara o sargento-mór, companheiro de d. Rodrigo de Castel-Blanco, que "conhecera ao capitão Domingos de Brito Peixoto e a seu filho nos campos de Curityba, que já andavam na conquista da Laguna descortinando aquella costa e os caminhos por onde mais commodamente pudessem conseguir povoar e metter gados".

E' sabido que na éra de 1676 d. Pedro II concedeu ao visconde de Asseca, neto de Salvador Corrêa de Sá, trinta leguas de terras que estivessem sem donatario, até a boca do Rio da Prata. Nascera dahi o pensamento de se fundar uma colonia portugueza fronteira a Buenos-Ayres.

Passando a executar esse projecto, o governo encarregou d. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro, dos passos necessarios a essa empresa, conforme já expuzemos, tendo elle desembarcado em 1 de janeiro de 1680, junto á ilha de São Gabriel e no continente lançado as bases da fortaleza que tomou o nome de Colonia do Sacramento. Destruida pelos castelhanos e reconquistada pelos portuguezes varias vezes, até 1717, começou então a apparecer a necessidade de se ligar esta Colonia

ao resto do Brasil, povoando-se os sertões interpostos até Laguna.

Já em 1714 o governador do Rio de Janeiro havia encarregado o sargento-mór da praça de Santos, Manuel Gonçalves de Aguiar, de correr toda costa sul até Laguna, levantando um mappa, incumbencia na qual esse official gastou um anno. Como complemento, era mistér penetrar os sertões dessa costa. O homem escolhido pelo governo para essa tarefa foi Francisco de Brito Peixoto, que no anno de 1715 deu inicio a essa sua missão de pósse e povoamento.

Segundo alguns, a conquista do actual territorio do Rio Grande do Sul, já havia sido tentada, na segunda metade do seculo XVII, pelo capitão-mór de Itanhaen, Antonio Barbosa de Soutomaior, havendo mesmo uma estrada que ia de Curityba ao denominado "continente do Viamão", frequentada por muitos curraleiros. O jesuita Roque Gonzalez de Santa Cruz, por volta de 1626, passou além do rio Paraná e Uruguay, penetrando na região dos tapés, onde fundou reducções. O Rio Grande do Sul, parte do antigo e vasto dominio castelhano do Paraguay, passára no anno de 1617 para a jurisdicção do Rio da Prata. O conhecimento que o missionario Roque Gonzalez adquiriu desses plainos, na sua parte interior, serviu para a confecção do primeiro mappa a respeito, e nelle se notam os limites do Brasil recuados até a capitania de São Vicente.

Bandeiras paulistas diversas, no seculo XVII, alli estiveram, preando indios e destruindo ás missões es-

panhólas levantadas em taes paragens. Mas essas diligencias eram apenas vehiculos de devastação, nada creando ou deixando de permanente na róta que traçavam.

Desse modo, a Francisco de Brito Peixoto é que coube de facto o papel creador, a acção da conquista permanente para a corôa portugueza do tracto de terra entre Laguna e o Rio da Prata. Com seu genro João de Magalhães, sustentou uma grande luta com o gentio tapé e minuano. Conseguio a amizade destes ultimos, infensos aos espanhóes. Quando não ia pessoalmente, mandava gente sua nas expedições e desse modo ficaram explorados os pampas até a Colonia do Sacramento e as regiões de Montevidéo e Maldonado. Obedecendo ao desejo do governo, mandou em 1725 seu genro principiar a povoação do Rio Grande, então a um mez de jornada de Laguna, empresa a que no anno seguinte, veio á esta ultima villa o mestre de campo David Marques Pereira, afim de actival-a.

Esse militar era um portuguez mal visto dos paulistas, pelo que breve foi a sua estadia em Laguna donde se retirou, indo para o reino, não obstante ordem em contrario do governador do Rio de Janeiro.

Francisco de Brito Peixoto abriu estradas de Laguna ao Rio Grande e aos denominados Campos de Buenos-Ayres, assegurando em final o dominio lusitano sobre todo aquelle territorio. "O premio que disso tive, escrevia elle de Laguna, a 18 de janeiro de 1723, foi ir preso para a villa de Santos, sem culpa alguma mais que servir a El-Rei meu Senhor."

Essa prisão havia sido effectuada em 1720, a pedido do governador do Rio de Janeiro e Francisco de Brito Peixoto attribuio-a a intrigas de Manuel Manso de Avellar, morador na ilha de Santa Catharina. Em Santos, Brito Peixoto pôz o governo a par do contrabando que se fazia naquella região, sendo chefe um francez a quem chamavam Pedro Jordão e socios do mesmo, Manuel Manso de Avellar e o juiz ordinario de Laguna, Manuel Gonçalves Ribeiro.

Livre em 1721, embarcava novamente para Laguna, com a patente de capitão-mór das terras até Rio Grande de São Pedro, pelo tempo de trez annos. Manuel Manso de Avellar, foi remettido preso para Santos, tendo seus bens confiscados e sómente annos após poude se livrar do processo, em grande parte instruido por Francisco de Brito Peixoto.

Solteiro, este ultimo veio a fallecer em Laguna, no anno de 1733, deixando alguns filhos naturaes, tendo doado a seu sobrinho Diogo Pinto do Rego, neto do primeiro deste nome, todas regalias de seus serviços.

Contemporaneos de Francisco de Brito Peixoto, que se distinguiram tambem nas regiões sulinas nas iniciativas do desbravamento, ou occupando cargos de confiança, podemos mencionar Manuel Gonçalves de Aguiar, Agostinho Alvares Marinho, José Pires Monteiro, Domingos de Oliveira Camacho, José de Soutomaior, José Pinto Bandeira, Francisco Rodrigues Chaves, Balthazar Soares Louzada e Francisco de Sousa Faria.

Este ultimo foi um militar encarregado pelo gover-

nador Caldeira Pimentel, em 1727, de abrir um caminho entre o Rio Grande e Curityba, para o que lhe conferiu a patente de sargento-mór dos sertões do Rio Grande do Sul. Auxiliado pelos sertanistas Antonio Affonso e Francisco Rodrigues Chaves, iniciou esse serviço, sendo em 1733 substituido por Christovam Pereira de Abreu, que terminou a tarefa no anno seguinte, indo a seguir militar na defeza da Colonia do Sacramento, em 1736.

A Metropole porem, dous annos após, separava de São Paulo e unia ao Rio de Janeiro, as regiões de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul.

XXVII

IGUATEMY

Embóra devassados e em grande parte explorados pelos paulistas caçadores de indios do seculo XVII, os sertões ao oeste e sudoeste de São Paulo, que limitavam com terras do dominio da Espanha, ficaram relativamente abandonados desde o descobrimento das minas de ouro. Começaram por isso os castelhanos a occupar esse territorio, tão ostentivamente, que no meiado do seculo XVIII a Metropole recommendava aos governadores de São Paulo varias medidas a respeito.

Um dos primeiros sertanistas então para alli mandados, em missão exploradora, foi o potentado Manuel Dias da Silva, que de Goyaz, a sua custa, em 1744, seguio pelo sertão até Vaccaria. Esse paulista foi juiz ordinario e de orphãos em São Paulo, mestre de campo das minas de Cuyabá e era neto de outro de igual nome, conhecido por Bixira. Dom Rodrigo Cezar de Menezes escreveu delle a El-Rei, que "era dos melhores sertanistas que tem servido assim nas Minas-Geraes como nas de Cuyabá a V. M., em o qual renunciou a mercê do

habito de Christo seu tio, o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros, por não ter filhos". Em Cuyabá serviu de juiz ordinario e ouvidor interino e em Goyaz, foi regente do arraial de Meia Ponte.

Manuel Dias da Silva, passado algum tempo, se isolou numa de suas fazendas em Cuyabá, alli vindo a fallecer em 1752. Foi casado com d. Thereza Paes da Silva, filha de Bartholomeu Paes de Abreu e irmã, portanto, do genealogista Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Ao mesmo tempo que Manuel Dias da Silva percorria a Vaccaria até Iguatemy, uma outra expedição commandada por João Bicudo de Brito, por ordem de d. Luiz de Mascarenhas, sahia de São Paulo afim de tambem sondar aquellas paragens bem como os rios Avinheyma e Iguatemy, levando a incumbencia de plantar roças nesses lugares. Essa bandeira demorou-se por isso muito tempo nessa região, descobrindo algum ouro no rio Jaurú e, no anno de 1745, teve azo de se juntar com a comitiva de Manuel da Costa Meira, que com o mesmo fim, alli viéra ter tambem enviada pelo governo.

Pelas noticias trazidas por essas expedições, o governador de São Paulo reconheceu a necessidade de agir, garantindo o dominio lusitano daquelles lados. Alguns annos após, cuidava disso o proprio governo portuguez, mandando chantar marcos nas Sete-Quédas, tendo como encarregado dessa missão o sargento-mór José Custodio de Sá e Faria, o qual sómente após o auxilio prestado pelos paulistas Antonio de Almeida Falcão e

José Raposo da Fonseca Leme, moradores em Sorocaba, foi que conseguio o seu designio (1754).

Apesar da demarcação dos limites, os espanhóes continuaram suas incursões em territorio brasileiro, levando a sua ousadia ao ponto de arrancar os marcos collocados nas Sete-Quédas. Houve então lutas nas fronteiras e desses episodios, que pertencem á historia militar do paiz, recordaremos apenas que delles fez parte o sertanista Miguel Pedroso Leite, um dos paulistas que serviu na conquista dos cayapós, em Goyaz, sob as ordens de João de Godoy Pinto da Silveira, em 1762.

O governo de d. Luiz Antonio Sousa, morgado de Matheus, veio não só sanccionar, como dar maior impulso á empresa de se povoar as regiões do oeste da capitania. Alguns paulistas notaveis do tempo, como entre outros, o coronel Francisco Pinto do Rego, propuzeram-se então a commandar expedições nesse sentido.

Em carta régia de 26 de janeiro de 1765, o Vice-Rei conde da Cunha, recebia ordens de encarregar o morgado de Matheus, de tornar effectivas essas propostas, fornecendo-lhes os meios e, numa decisão immediata, determinava ainda que se occupasse logo a serra de Apucaraná, afim de impedir que alli fossem estabelecidas missões espanholas como no reino constava ser intento.

O morgado de Matheus, após ter sobre o assumpto repetidas conferencias no Rio de Janeiro com o Vice-Rei, nas quaes tomou parte o sertanista guarda-mór Pedro Dias Paes Leme, filho de Garcia Rodrigues Paes, deu inicio a essa missão, ordenando ao coronel Francis-

co Pinto do Rego que entrasse pelo sertão de Guarapuava, que fazia frente á serra de Apucaraná e occupasse essa região (1767).

O coronel Francisco Pinto do Rego havia proposto fazer expedição á sua custa, mas nesse meio tempo viu-se envolvido numa devassa que o juiz de fóra de Santos, dr. José Pinto Gomes de Moraes, estava tirando sobre certos factos em que se envolvera o capellão de Sant' Anna, padre Francisco Xavier Garcia. Sendo amigo desse ecclesiastico, fôra o coronel visital-o na cadeia de São Paulo, onde se achava preso, e o magistrado santista enxergou nisto uma cumplicidade. Francisco Pinto do Rego, desgostoso com esse absurdo, recusou-se a partir para o sertão emquanto não lhe ficasse demonstrada a innocencia, o que fez com que o morgado de Matheus escrevesse a El-Rei "elle se vale da devassa para não realizar a expedição promettida, do que venho de concluir que as ideias destes homens são como as pyramides do Egypto, que admiram muito com a grandeza e nada mais."

A verdade no entanto é que o coronel Francisco Pinto do Rego estava realmente prompto para penetrar o sertão do Tibagy, tendo organizado uma comitiva de trezentos homens armados, além de muitos sertanistas praticos e gasto de seu bolso enormes sommas de dinheiro para esse fim. O proprio morgado de Matheus, em carta de 19 de dezembro de 1767 ao Vice-Rei, lamentava o facto: "Tendo determinado fazer outra entrada pelo sertão do Tibagy e com approvação de Sua Magesta-

de, ajustei esta empresa com o coronel Francisco Pinto do Rego e outros paulistas a quem persuadi para se encarregarem da execução della; mas estando a ponto de partirem, e já com as ordens passadas na Secretaria, culparam o coronel numa devassa de que está se livrando, o que tem servido de muito detrimento a esta acção, porque como elle fez toda despesa á sua custa, e estava já prompto, muitas cousas se lhe tem perdido, e tudo o mais ficou suspenso, por ser elle o cabeça principal que tudo dispunha e governava; porem a rogos meus ainda persiste na resolução para executal-a, a todo tempo que se vir desembaraçado."

El-Rei concedeu ao coronel Francisco Pinto do Rego, no anno seguinte de 1768, o perdão da cumplicidade que lhe imputavam, de ter tacito conhecimento duma denominada conspiração dos creados do governador d. Luiz Antonio de Sousa, os quaes haviam, insufflados pelo padre Garcia, combinado abandonar repentinamente o palacio deixando o morgado sem ter quem o servisse. O brioso paulista porém não quiz mais levar a sua bandeira ao sertão do Tibagy.

Oriundo duma das mais notaveis familias de São Paulo, fidalgo da casa real, o coronel Francisco Pinto do Rego foi um dos cidadãos mais ricos e prestimósos do seu tempo. Exerceu o cargo de capitão-mór das villas de Jacarehy e Mogy das Cruzes, tendo se distinguido anteriormente na prisão do facinora João Corrêa de Alvarenga. Quando do assédio da Colonia do Sacramento, em 1737, levou até Laguna, á sua custa, um troço de

soldados paulistas em soccorro daquella praça. Foi vereador á camara de São Paulo, em 1743, e almotacé, em 1744, tendo ahi registados os instrumentos probantes da sua nobreza (1704). Falleceu em São Paulo a 15 de março de 1775, tendo sido casado com d. Escholastica Jacintha de Ribeira Góes e Moraes.

Dos dizeres do trecho da carta do morgado de Matheus acima transcriptos, verifica-se que a expedição do coronel Francisco Pinto do Rego era a segunda que enviava para os sertões do Tibagy. A primeira havia seguido em meiados de 1766, com o intento apenas da exploração do terreno, sendo commandada por Antonio de França e Silva. Esse cabo havia residido largo tempo em Curuguaty e dalli se retirára em virtude de delictos, tendo a justiça espanhóla confiscado todos seus bens. Conhecia sobremodo todo o vasto sertão que medeava entre São Paulo e o Paraguay.

Ao encarregal-o da expedição, o morgado de Matheus havia-lhe dado instrucções especiaes para penetrar até o rio Iguatemy e plantar roças em lugares alli escolhidos para que taes sitios servissem de bases de abastecimento para as expedições posteriores que para alli tencionava enviar. Antonio de França e Silva penetrou de facto até Iguatemy e ahi aprisionou os irmãos d. Mauricio e d. João de Villalva, além de outros espanhóes, seus parentes e amigos, os quaes haviam assassinado os governadores de Curuguaty, numa revolução alli havida, afogando-os no proprio rio Iguatemy, em agosto de 1766.

Com esses prisioneiros regressára Antonio de França e Silva ao fim desse anno, ao porto de Ararytaguaba, onde ficaram os mesmos vigiados, até que o morgado de Matheus resolveu envial-os para o presidio então já fundado em Iguatemy, em duas viagens, indo na primeira, em 1767, d. João de Villalva e na segunda, em 1769, d. Mauricio. O morgado tinha grande receio de que esses espanhóes se communicassem com seus patricios do Paraguay, revelando-lhes pormenores da fundação de Iguatemy.

Esta havia se dado com a expedição do capitão-mór d. João Martins de Barros, que partira de Ararytaguaba a 28 de julho de 1767.

Era uma colonia militar á margem esquerda do rio Iguatemy, cerca de cento e vinte kilometros acima da sua foz, no rio Paraná. O local escolhido era o mesmo em que o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria fizéra uma estacada, quando fôra da execução do tratado de limites, em 1755.

"Teremos assim um estabelecimento, explicava o morgado de Matheus ao conde da Cunha, muito avançado entre os castelhanos e ao qual podemos soccorrer desta capitania de São Paulo; uma atalaia para ver o que se passa em todos aquelles sertões; um marco que adquire para os nossos dominios toda grande campanha da Vaccaria e todas as terras e sertões até o rio Nhanduy... e finalmente o passo mais certo que se pode dar para franquear os meios de abrir a porta á conquista de

tudo o que possuem os espanhóes dentro do circulo do Rio da Prata ou Paraguay, que deve ser a nossa raia."

Para execução dessa sua firme intenção, o morgado de Matheus não conheceu empecilhos. Invadio o territorio contestado pelo Paraguay e que de facto pertencia á capitania de Matto-Grosso e obrigou os paulistas a irem para aquellas regiões, além de oneral-os com pesados tributos para poder levar adeante o seu projecto.

"Tenho conservado, communicava elle ao ministro Mello e Castro, em 1770, o estabelecimento ha tres annos, com a competente guarnição de officiaes e soldados pagos, como tambem fiz passar áquella grande distancia quatorze peças de artilharia com as munições e palamenta necessaria, apetrechos e ferramentas competentes para se edificarem as casas e lavrarem as terras, abrindo para esse effeito as estradas pelas serranias e alagadiços, para passarem os carros, como tambem as navegações dos rios para rodarem as canôas, tudo com incansavel trabalho por espaço de muitas e muitas leguas".

Não attendeu ás reclamações do governo do Paraguay e do governador de Matto-Grosso; não deu ouvidos ás lamentações do povo paulista que mercê de innumeras violencias, forneceu gente e dinheiro para aquelle proposito.

"Logo que vossa mercê receba esta, ordenava elle a José de Almeida Leme, capitão-mór de Sorocaba, sem a mais leve demóra, faça avisar ao tenente da expedição Felippe Fogaça e a seu cunhado Manuel Gomes, para que sem contradição alguma se ponham logo

promptos com suas mulheres e familias para marchar para dita expedição com as mais familias que agora estão a partir e que se assim o não fizerem como têm promettido, que os hei de consumir e que em nenhuma parte hão de escapar ao castigo que merecer a sua desobediencia."

A exemplo desta ordem innumeras outras, por todo territorio da capitania, quando não eram os bandos rispidos, mandando caçar a escoria do vicio e do crime e embarcal-a para o presidio. A pena aos insubmissos era, como escrevia o morgado de Matheus, a consumição. Pagavam por isso os paes pelos filhos, as esposas pelos maridos e os irmãos pelos irmãos.

Iguatemy, localisado num sitio humido e insalubre, foi denominado por um historiador, "cemiterio de paulistas". A carta régia que approvou a sua creação é datada de 22 de março de 1767. A viagem para esse local se fazia de Ararytaguaba pelo Tietê abaixo até o rio Paraná; por este abaixo até perto das Sete-Quédas, onde desagua o rio Iguatemy e por este acima, vinte leguas, onde ficava a povoação. A colonia chamou-se ao principio Cachoeira dos Prazeres, depois Nossa Senhora dos Prazeres de Iguatemy e por ultimo Praça de Nossa Senhora dos Prazeres e São Francisco de Paula do Iguatemy.

As expedições de povoamento para esse sitio seguiam-se rapidas. Só o capitão André Dias de Almeida conduzio tres dellas, com uma média de trezentas pessôas. Bento Cardoso de Siqueira transportou uma, com

seiscentos e cincoenta e quatro tripulantes, entre os quaes o ajudante de ordens do morgado, Antonio Lopes de Azevedo e o ajudante de auxiliares, Theotonio José Zuzarte.

A essas diligencias seguio de perto uma outra, disfarçada em commercial, mas cujo verdadeiro fim era buscar uma passagem directa entre o Iguatemy e Cuyabá. Essa empresa foi confiada ao commerciante Luiz de Araujo Coura, conjunctamente com Antonio de Anhaia Lôbo, mas não deu o desejado resultado.

Assim continuaram essas migrações forçadas até 1773, mas nem por isso a colonia prosperou. Havia a ameaça constante dos espanhóes, que após a fundação de Iguatemy, estabeleceram na barra do rio Ipané, no Paraguay, um forte denominado Concepción, enorme pesadelo do morgado de Matheus e além disso, o impaludismo, que dizimava inexoravelmente os immigrados. Desse mal alli falleceu, em 1773, o seu fundador d. João Martins de Barros, natural de Itú, commandante da praça desde o seu inicio e militar dos mais illustres do seu tempo.

Substituio-o alguns mezes, interinamente, João Alves Ferreira e em junho desse mesmo anno alli chegou o novo capitão-mór regente José Gomes de Gouvêa. Mas aqui não nos propomos ao historico dessa creação do morgado de Matheus. Bastem as indicações da sua fundação e da sua extincção.

A 2 de fevereiro de 1776 a guarnição de Iguatemy depoz o capitão regente José Gomes de Gouvêa, que

ella reputava traidor e elegeu, não obstante sua reluctancia, ao padre Antonio Ramos Barbas de Louzada, que alli fôra á viva força servir de vigario.

Estava então Portugal em guerra com a Espanha e o religioso, arvorado em militar, fez tudo pelo melhor, dando parte ao governador de São Paulo, a esse tempo, Martim Lopes Lôbo de Saldanha. Teve como adjuncto ao tenente Jeronymo da Costa Tavares, mas a anarchia reinante na praça deixava antever o seu proximo fim. Sem provisões de guerra e de boca, sem o apoio do governador de São Paulo, o vigario Louzada viu uma manhã á frente do presidio, seis mil homens do exercito espanhol, commandados por d. Agostinho Fernandez de Pinedo.

A guarnição do forte era apenas de cento e dezeseis soldados, sem armas e sem viveres. Assim o padre tomou a unica medida que lhe competia: capitulou, com as devidas honras militares, em 27 de outubro de 1777.

Affirmava Martim Lopes, numa carta de janeiro do anno seguinte dirigida a El-Rei, que os espanhóes, por occasião da tomada de Iguatemy, sabiam que as hostilidades entre Portugal e a Espanha já haviam cessado, mas que o ataque a essa praça fôra uma instigação do brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, por elle desfeiteado e prisioneiro em Buenos Ayres, procurando desse modo vingar-se do governo portuguez. O facto é que o governo espanhol manteve o acto de d. Agostinho Fernandez de Pinedo.

Martim Lopes prendeu o padre Antonio Ramos Barbas de Louzada e a Metropole o esqueceu durante dezoito annos nos calabouços da fortaleza de Santos. E foi esse o fim bem triste daquella malaventurada ideia do morgado de Matheus. Della nos restam apenas duas recordações: um sino e um crucifixo, ambos trazidos para Itú pelo infeliz Louzada.

E cabe aqui por ultimo recordar, apenas com a menção dos nomes, pois vimos tratando do assumpto muito pela rama, aquelles que abnegadamente serviram a ingrata causa do morgado, cuja unica justificativa se encontra no pensamento que teve de consolidar o dominio portuguez nos sertões occidentaes do paiz. Dentre esses, lembraremos ao acaso o capitão Manuel Caetano de Zuninga, o tenente Manuel José Alberto Pessôa, o tenente-general Manuel Martins do Couto Reis, Alexandre de Godoy Moreira, Antonio Luiz Coelho, João Ferreira de Oliveira, o coronel Manuel Mexias Leite, Francisco Aranha Barreto, José Pedro Francisco Leme, o coronel Manuel Joaquim da Silva Castro, o brigadeiro José Pedro Galvão de Moura Lacerda, Antonio Galvão de França, o capitão Romualdo José Pinho de Azevedo, o capitão-mór Salvador Jorge Velho, o tenente-coronel Polycarpo Joaquim de Oliveira, o tenente-coronel Paulino Ayres de Aguirra, o capitão-mór Antonio Corrêa Barbosa e Luiz Vaz de Toledo Piza.

XXVIII

O REMATE

Ao mesmo tempo que emprehendia a consolidação do territorio lusitano ao oeste, ordenava o morgado de Matheus tambem a exploração da parte meridional da capitania, denominada vagamente sertões do Tibagy. Para execução dessas iniciativas, havia estabelecido duas bases de acção, em pontos bem diversos e distanciados, de modo que uma pudesse superintender a tudo quanto dissesse respeito ás expedições para o Iguatemy e outra, ao que tivesse por fim a exploração dos plainos do Tibagy.

Confiou o primeiro destes postos ao ajudante Antonio Lopes de Azevedo, que teve a sua séde no porto de Ararytaguaba. Para superintendente dos negocios referentes ás explorações do Tibagy, escolheu ao ajudante Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, que teve como séde Paranaguá e Curityba.

Estas ultimas diligencias abrangiam os serviços da fundação de Lages, da navegação do rio Iguassú e exploração dos campos de Guarapuava. A fundação de Lages foi levada a effeito por conveniencias politicas do

momento, sem que o morgado de Matheus levasse em conta os protestos do Vice-Rei, conde da Cunha e seu delegado no Rio Grande do Sul. Esse territorio estava em 1765 annexado á capitania do Rio de Janeiro e a invasão paulista não se fundava em nenhum titulo legal, como não se comprehendia tambem a invasão da capitania de Matto-Grosso, para fundação de Iguatemy.

O Vice-Rei terminou porém por acceitar a situação a que o forçára o morgado nessas duas iniciativas e, si Iguatemy não durou muito, a villa de Lages permaneceu no entanto sob o dominio de São Paulo até 1820, quando passou a fazer parte do territorio de Santa Catharina, por acto especial de d. João VI.

A empresa da fundação de Lages foi confiada a Antonio Corrêa Pinto de Macedo, que foi seu capitão-mór muitos annos. Esse paulista era natural de Parnahyba e dispendeu o melhor de suas energias e de seus haveres nessa grande tarefa. Sertanista de valor, foi chamado pelo morgado que lhe ordenou fundasse um povoado entre Curityba e o denominado Viamão, de modo que servisse não só de barreira ás missões espanhólas, como de posto de combate ao gentio que infestava a estrada destinada ao transito de gado provindo daquelles pampas.

Antonio Corrêa Pinto seguio para aquellas paragens com toda sua familia em 1766, lutou contra muitos empecilhos, escolheu o local para a povoação, erguendo-a em 1768 e alli residiu por espaço de quinze annos. Foi um capitão-mór diligente e energico, que agiu naquelles ser-

tões não só contra os indios como contra os criminosos foragidos que alli vinham procurar guarida. Doente, alquebrado de trabalhos, retirou-se de Lages para São Paulo, forçado pelas aggressões successivas dos muitos inimigos que alli grangeára. O governo porem deu-lhe toda força, confirmando-o no posto de capitão-mór. Voltou desse modo novamente á Lages, mas pouco tempo alli permaneceu, retirando-se definitivamente, tendo sido substituido pelo capitão Bento do Amaral Gurgel Annes (1779-1780).

Fixando-se então em sua fazenda de Araçariguama, já muito idoso, não cessava no entanto de afagar as ideias sertanistas, sorrindo á retardataria chiméra de João Baptista Victoriano, que em 1780 havia enselvado demandando a celebrada serra de Ivutucavarú ou Botucavarú e escrevia-lhe então uma carta, datada de 21 de março de 1783, retrato da sua natureza aventureira:

"Amigo e Senhor. — Na cidade de São Paulo, fallando eu proximamente com Thomé de Almeida, da Faxina, sobre materias mineraes no sertão da villa de Lages, o dito me informou que vocemecê e seu filho Gaspar, em companhia de um Manuel Vicente, entraram pela marinha do rio Itajahy acima onde toparam bôa pinta de ouro, o que não duvido pelas tradições antigas e exames de outras pessôas..."

Não levou porem avante os novos projectos sertanejos e cinco annos após fallecia nessa sua fazenda.

A exploração do rio Iguassú começou em dezembro 1766, com a partida do tenente Domingos Lopes de Cas-

caes, em companhia do cabo Bruno da Costa Filgueiras. Sahiu a diligencia do porto de Nossa Senhora da Conceição de Cayacanga, a dezoito leguas de Curityba, descendo pelo rio Iguassú setenta leguas e vencendo dahi em deante innumeros obstaculos das cachoeiras até chegar ao Salto Grande do Iguassú. Ahi, faltando-lhe armamento e viveres, retrocedeu, tendo gasto tres mezes na derróta. O fim dessa expedição era, além da exploração regular desse curso d'agua, que antigas noticias diziam ser perfeitamente navegavel até o Rio da Prata, a escolha de lugares apropriados para futuras creações de povoados.

Não dando resultados satisfatorios essa primeira diligencia, mandou Affonso Botelho que seguisse pelo Tibagy o capitão Estevam Ribeiro Bayão, com o benedictino frei Antonio de Santa Thereza e setenta e cinco homens, afim de ver si attingia o Rio da Prata com facilidade. Estevam Ribeiro Bayão entrou em junho de 1769 pelo porto de São Bento, descobriu o rio Ivahy, a que deu o nome de d. Luiz e ahi ficou tão doente que teve de retroceder para sua moradia na fazenda de São José, continuando a derróta o tenente Francisco Lopes da Silva, auxiliado pelo sargento Thomé Ribeiro.

Francisco Lopes foi até o rio que denominou Mourão, já conhecido por Piquiry, onde encontrou, numa das faces marginaes, muitas laranjeiras e bananeiras, indicativas de antigos povoados. Sahiu depois no rio Paraná, em 1770 e por elle desceu, ganhando o Iguatemy e indo até a praça desse nome.

Estevam Ribeiro Bayão foi considerado desertor e preso, mas pouco valeu essa energia contra aquelle esforçado servidor do governo portuguez, pois fallecia tres dias após a sua chegada, em fins de dezembro de 1769.

Uma outra expedição que havia sahido pouco depois da precedente, sob o commando do capitão Francisco Nunes Pereira e composta de oitenta praças, seguio a mesma directriz e se unio á primeira no rio de d. Luiz, de onde seguiram juntas até o rio Paraná. Ahi a expedição do capitão Nunes assentou arraial por algum tempo, porém depois se recolheu igualmente á praça de Iguatemy, de onde em companhia de Ignacio da Motta Portella, voltou a explorar as Sete-Quedas. Muito doente, regressou Nunes a Iguatemy, onde falleceu, em maio de 1770 e Ignacio da Motta Portella proseguio pelo Tietê até São Paulo, onde chegou em outubro do mesmo anno.

Franciso Lopes da Silva, provido a capitão em fevereiro de 1771, ficou commandando as duas companhias cujos chefes referidos haviam fallecido e teve ordem de seguir para o rio de d. Luiz e proceder á sua exploração. Nas suas margens, descobriu as ruinas da antiga Villa Rica do Guayrá, conforme desenvolvida noticia que deu em carta ao governador. Voltando á praça de Iguatemy, muito doente, alli falleceu em março de 1772.

Bruno da Costa Filgueiras que tomára parte em varias expedições, foi encarregado em agosto de 1769, de ir commandando vinte e cinco homens, pelo rio Iguassú abaixo, com o fim especial de explorar a sua margem direita até o Paraná. Chegando porem á barra do rio Pu-

tinga, retrocedeu, pensando que umas nuvens de fumo avistadas fossem indicativas de missões espanhólas.

Por esse motivo, pouco adeante o prendeu Antonio da Silveira Peixoto, que vinha tambem pelo rio Iguassú, commandando outra expedição e o remetteu para Curityba. Affonso Botelho relaxou porém a prisão e mandou que Bruno da Costa alcançasse a comitiva de Silveira Peixoto, para nella servir. Chegou Bruno a 7 de abril de 1770, no porto União, onde estava o tenente Antonio da Costa Pimentel, com parte da tropa de Silveira Peixoto e, encarregado de certa diligencia, foi tão infeliz que naufragou conjunctamente com o tenente Manuel Felix Bittencourt, perecendo ambos afogados, em agosto do referido anno.

O capitão Antonio da Silveira Peixoto, havia entrado pelo rio Iguassú, a 16 de outubro de 1769, com oitenta homens em duas esquadras, uma sob seu commando e outra confiada ao tenente Manuel Telles Vitancos. Depois da prisão de Bruno da Costa Filgueiras, na barra do rio Putinga, fundou o porto de Nossa Senhora da Victoria, conhecido por União, no rio Iguassú, dez kilometros abaixo da barra do rio Negro e alli fixou quasi toda sua gente sob as ordens do tenente Vitancos.

Penetrou em seguida por terra, com dezesete homens, na trilha deixada por Domingos Lopes Cascaes, afim, de abrir caminho até o fim dos saltos, óra navegando pelo rio e óra seguindo novamente pelas margens. Abandonava as canôas num salto e construia novas quando o rio parecia outra vez navegavel e assim andou duran-

te dez mezes, soffrendo horrores e chegando até a barra do rio citado, no Paraná. Ahi, não sabendo mais onde se encontrava, julgou que o rio Paraná nada mais era que um braço do Iguassú e assim foi descendo até certo ponto onde arranchou. Penetrando depois para o interior, em caçada, foi preso em outubro de 1770, pelos espanhóes que lhe informaram então achar-se em terras do Paraguay, levando-o á presença do respectivo governador, que, sem querer ouvil-o, remetteu-o ao delegado régio em Buenos-Ayres, indo tambem o alferes Antonio da Costa e alguns soldados, chegando todos áquella cidade em dezembro do mesmo anno.

Mettidos num calabouço, ahi falleceu o alferes em março de 1771 e Antonio da Silveira Peixoto sómente conseguio sua liberdade em 1777. Era natural de Paranaguá e alli falleceu na miseria, em 1800.

O descobrimento dos campos de Guarapuava foi devido ás diligencias do paulista Candido Xavier de Almeida e Sousa, si bem que fôsse região já conhecida de antigos sertanistas de São Paulo. A 12 de julho de 1770, Candido Xavier, com o posto de sargento, embarcou no porto de Nossa Senhora da Conceição, tendo como seu superior o sargento-mór Francisco José Monteiro, em nove canôas, com seis soldados e sessenta e tres expedicionarios. Levava ordem de encontrar o capitão Antonio da Silveira Peixoto e fazer pagamento da gente empregada nesse serviço, que andava toda dispersa por aquelles sertões. Foi até o porto de Nossa Senhora da Victoria, onde encontrou o tenente Vitancos, sabendo

então que o capitão Silveira Peixoto havia desapparecido.

Assentou nessa circumstancia, ir procurar o capitão Silveira, devendo o tenente Vitancos ir se collocar no porto do Funil, ficando no porto da Victoria o soldado Manuel Pereira com alguns homens, de modo a haver sempre ligação facil entre todos para remessa de viveres e outras providencias requeridas em empresas daquella natureza.

O tenente Manuel Telles Vitancos, pouco depois da partida do sargento-mór Francisco José Monteiro, que ia sempre na companhia de Candido Xavier, pereceu afogado, com um seu filho. Francisco José Monteiro desceu parte do rio Iguassú, mas não tendo novas do capitão Silveira Peixoto, nem esperança de obtel-as, resolveu regressar ao porto de Nossa Senhora da Conceição, deixando que Candido Xavier continuasse sósinho para deante.

Com seu enteado Francisco Antonio Olyntho de Carvalho e alguns inferiores, Candido Xavier, então promovido a tenente, continuou a viagem até o porto do Funil, indo pernoitar pouco abaixo. Durante a noite o acampamento avistou clarões de fogueiras no interior da terra e na manhã seguinte, Candido Xavier destacou o sargento José Loureiro das Neves para explorar aquelles sitios. O sargento metteu-se pelo matto e sahiu depois nuns campos, achando ahi ranchos onde o gentio guardava mantimentos, encontrando signaes de que não estava longe. Voltou communicar a nova ao tenente, que

resolveu entrar com toda expedição nesses campos, o que fez por cima do passo do Funil, sahindo nelles a 8 de setembro de 1770 e festejando sobremodo esse acontecimento. Fez construir uma casa forte a que deu o nome de Nossa Senhora do Carmo, de onde communicou o occorrido a Affonso Botelho, ficando taes campos ao depois conhecidos pelo nome de Guarapuava.

Havendo falta de mantimentos e vendo-se cercado pelo gentio bravo, Candido Xavier resolveu subir o rio até o porto da Victoria, com toda sua gente. Dahi se passou ao porto de Nossa Senhora da Conceição, afim de conferenciar com Affonso Botelho, que então se encontrava na fazenda denominada dos Carlos. O ajudante do governador deu-lhe então ordens no sentido de abrir uma picada que fôsse ter aos campos de Guarapuava, partindo do porto da Victoria e nessa diligencia gastou Candido Xavier os mezes de janeiro e fevereiro do anno seguinte, sem nada conseguir. Em março, veio a expedição do tenente Felippe de Santiago para ajudal-o e após innumeras difficuldades vencidas, a picada sahiu finalmente nos campos, no mez de junho desse mesmo anno.

Resolvera ainda Affonso Botelho outra expedição, que entrando pelo rio chamado Carrapato, traçasse outro caminho até esses mesmos campos. Essa diligencia sahiu a 7 de março de 1771, ao mando do guarda-mór Francisco Martins Lustósa, que já em julho do anno anterior tentára inutilmente esse caminho, conseguindo-o desta feita, em abril do anno referido.

Ante esses importantes acontecimentos, resolveu Affonso Botelho ir pessoalmente aos campos de Guarapuava, com os capitães auxiliares Lourenço Ribeiro de Andrade, Francisco Carneiro Lôbo e José dos Santos Rosa. A sua comitiva encontrou-se com a do guarda-mór Lustósa no lugar denominado Esperança e dalli prosseguiram todos, chegando aos campos a 4 de dezembro de 1771 e alli se reunindo á gente de Candido Xavier, na estacada de Nossa Senhora do Carmo.

No dia 8, foi alli rezada a primeira missa e se proseguio a exploração regular de muitas leguas em torno. Essa batida não se fez sem muitas difficuldades e muita luta com o gentio da região. Affonso Botelho alli estabeleceu, desde o rio Itatú até as cabeceiras do rio Uruguay, as bases para um povoamento permanente, effectuado logo após pelas caravanas partidas de São Paulo, uma das primeiras das quaes foi a do capitão de aventureiros Antonio Rodrigues Fortes, com toda sua familia, em 1772.

O tenente Candido Xavier de Almeida e Sousa, era natural de São Paulo, filho do dr. Luciano de Sousa Azevedo e de Izabel Garcia de Almeida. Assentou praça em 1762, com quinze annos de idade e percorreu todos os postos até o de tenente-general, no qual foi reformado por decreto de 8 de março de 1831.

Além dos grandes serviços prestados, nas denominadas expedições do Tibagy e da descoberta dos campos de Guarapuava, explorou o rio Igurey, pondo termo ás duvidas de limites com o Paraguay. Estas ultimas

diligencias realizaram-se em 1783, seguindo Candido Xavier com o posto de capitão, sob ordens do tenente-coronel João Alves Ferreira, que velho e doentio, se limitou a ficar esperando o resultado do trabalho de Candido Xavier, afim de regressar. Da exploração deu conta Candido Xavier, em extenso relatorio que assignou no sitio do Curuçá, hoje cidade de Tietê, em setembro de 1783.

Foi depois commandante militar das villas de São Sebastião e Ubatuba. Explorou minuciosamente o rio Tietê, desde São Paulo até o Salto de Itú, em 1792. Militou nas campanhas do Rio Grande do Sul e voltando a São Paulo, tomou parte no movimento da Independencia, sendo nomeado presidente do governo provisorio, em 25 de junho de 1822. Falleceu em Santos a 25 de dezembro de 1831.

Terminou com as diligencias desse illustre militar, nos campos de Guarapuava, o ultimo esforço dos naturaes de São Paulo, impellidos pelo morgado de Matheus, com as caracteristicas do seu antigo bandeirismo. Dahi em deante exteriorisaram elles os traços do seu caracter reaccionario, advindo no seculo XIX.

Mas mesmo sem ser mais um sertanista, mesmo com o dynamismo adstricto ao seu solo natal, o paulista tem no intimo, latente, aquelle primitivo arrojo e aquella velha energia, que foram exemplos definidos e que devem constituir o orgulho arraigado de todos os seus posteros.

BIBLIOGRAPHIA

ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA (Ignacio) — Memorias historicas e politicas da Provincia da Bahia. Annotadas pelo dr. Braz do Amaral. Bahia, Imprensa Official, 1919-1925. Volumes I e II

ACTAS DA CAMARA DE SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO — Publicação official. São Paulo, Duprat & Cia., 1914

ACTAS DA CAMARA DA VILLA DE SÃO PAULO — publicação official do archivo Municipal de São Paulo. São Paulo, Typ. Duprat & Cia. e Piratininga, 1914/1923. 27 vols.

ALCANTARA MACHADO — Vida e morte do bandeirante. São Emp. Graphica da "Revista dos Tribunaes", 1929

ALMEIDA MORAES (F. C. de) — Braz Cubas. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 18.º vol. pags. 13/36

ALMEIDA PRADO (J. F. de) — Primeiros povoadores do Brasil (1500-1530), São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1935

ALTAVILLA (Jayme de) — O Quilombo dos Palmares. São Paulo, Weiszflog, s/d

ALVARÁ PELO QUAL É NOMEADO DUARTE CORREA VASQUES ANNES PARA O ENTABOLAMENTO DAS MINAS, NA AUSENCIA DE SALVADOR CORREA DE SÁ E BENEVIDES. (1644) in Rev. Trim. LXXIX, 119

AMARAL GURGEL (Leoncio) — Ensaios Quinhentistas. São Paulo, Emp. Ed. J. Fagundes. 1936.

João Ramalho perante a Historia, in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 9.º vol., pags. 444-484.

ANDREONI (João Antonio - S. J.) — Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas (É a obra de Antonil). Ed. de Affonso Taunay. Weiszflog Irmãos, São Paulo, s/d

ANTUNES DE MOURA (Americo Brasiliense) — Os povoadores do Campo de Piratininga. in Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. XXV, pags. 11/111

ARAUJO MAIA (Aristides de) — Historia da Provincia de Minas-Geraes; in Archivo Publico Mineiro (Revista), 7.º vol. pags. 23/55

ARCHIVO DO DISTRICTO FEDERAL — Revista de documentos para a historia da cidade do Rio de Janeiro. Redator Mello Moraes Filho. Rio de Janeiro, Typ. Carvalhaes, 1894 a 1897. 4 volumes

ARINOS (Affonso) — Historias e paisagens. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, 1921 — Lendas e tradições brasileiras. São Paulo, Typ. Levi, 1917 — Notas do dia. São Paulo, Typ. Andrade, Mello e Cia. 1900

AZAROLA GIL (Luis Enrique) — La epopeya de Manuel Lôbo — Contribución a la historia de Colonia del Sacramento — Madrid, s/d.

AZEVEDO (João Lucio de) — Épocas de Portugal economico. Esboços de historia. Lisbôa, Liv. de A. M. Teixeira & Cia. (Filhos). 1929 — Os jesuitas no Grão-Pará. Lisbôa, Tavares Cardoso & Irmão, 1901

AZEVEDO MARQUES (Manuel Eufrazio de) — Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Provincia de São Paulo, Rio de Janeiro, Henrique Laemmert, 1879. 2 volumes

AYRES DE CAZAL (Mnuel) — Corographia brazilica ou relação historico-geographica do Reino do Brazil. Rio de Janeiro, Na Imprensa Regia, 1817. 2 volumes

BANDO DO GOVERNADOR DE SÃO PAULO EM QUE HA REFERENCIAS SOBRE A GUERRA QUE GABRIEL ANTUNES MACIEL IA FAZER AOS PAYGUÁS. 15 de novembro de 1730. in Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. XL, 121/123

BAPTISTA (José Luiz) — Historia das entradas. Discriminação das areas que exploraram. in Rev. Trim. Tomo especial. Primeiro Congresso de Historia Nacional. vol. II, 177/219

BARBOSA LIMA SOBRINHO (Alexandre José) — Ensaio sobre o desbravamento do Piauhy. — Domingos Affonso Sertão e Domingos Jorge Velho. Rio de Janeiro, 1929 — Pernambuco e o São Francisco. Recife, Imp. Official, 1929 — A Bahia e o Rio de São Francisco. Recife, Imprensa Official, 1931

BARBOSA DE SÁ (José) — Relação das Povoações do Cuyabá e Matto-Grosso de seus principios até os presentes tempos. in Annaes da Bibliotheca Nacional. XXIII, 5/58

BARRETO (Abilio) — Bello Horizonte. in Rev. Arch. Publico Mineiro. vol. XXIII, 215/305

BEAUREPAIRE ROHAN (Visconde de) — Annaes de Matto-Grosso. in Rev. Inst. Geog. de S. Paulo, 15.° vol. pags. 37/116

BERMEJO DE LA RICA (Antonio) — La Colonia del Sacramento — Su origen, desenvolvimiento y vicisitudes de su historia — Toledo, 1920.

BETTENDORF (João Felippe) — Chronica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão (1699) in Rev. Trim. LXXII, 3

BOITEAUX (Lucas Alexandre) — Notas para a historia Catharinense. Florianopolis, Typ. Livraria Moderna, s/d — Paulistas em Santa Catharina seiscentista. Dias Velho, o Colonizador. in Annaes do Museu Paulista, 4.° vol. pags. 429/479

BORGES DE BARROS (Francisco) — Archivo historico — Terras da Bahia. Bahia, Imp. Official, 1923 — Archeologia

e historia. Bahia, Imp. Official, 1928 — Bandeirantes e sertanistas bahianos. Bahia, Imprensa Official, 1919

BORGES DA FONSECA (Antonio José Victoriano) — Nobiliarchia pernambucana. Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, 1935, 2 volumes

BRITO (Anisio) — Synthese historica do Piauhy. in Inst. Hist. Geog. Bras. — Dicc. 2.º vol. pags. 353/374

BRITO (Paulo José Miguel de) — Memoria politica sobre a capitania de Santa Catharina. Lisbôa, Typ. da Academia Real de Sciencias. 1829

BUARQUE DE MACEDO (José Felicio) — Acção das bandeiras. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 14.º vol. pags. 323/331

CALIXTO (Benedicto) — A Villa de Itanhaen, segunda povoação fundada por Martim Affonso de Sousa. Santos, Typ. do "Diario de Santos" 1895 — A Villa de Santo André da Borda do Campo e a sua primitiva povoação de Piratininga. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 13.º vol. pags. 209/227. 15.º vol. pags. 253/263 — Capitanias paulistas. São Paulo 1924 — Capitania de Itanhaen. Memoria Historica. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 20.º vol. pags. 401/744 21.º vol. pags. 87/302

CALMON (Pedro) — A conquista. Historia das bandeiras bahianas. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1929. Historia do Brasil — As origens — 1500-1600 — São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1939.

CAMPOS AGUIRRA (João Baptista de) — Relação das sesmarias concedidas na Comarca da Capital entre os annos de 1559 a 1820. Patentes provisões e sesmarias em outros lugares de São Paulo, de 1721 a 1820. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 25.º vol. pags. 491/567. 26.º vol. pags. 299/451. 27.º vol. pags. 281/383. 28.º vol. pags 579/753

CAPDEVILLE (B.) — Misiones Jesuiticas nel Paraguay. 2.ª ed. ampliada. Asunción del Paraguay, Imp. y Libreria "La memorial", 1923

CAPISTRANO DE ABREU (João) — Fernão Dias Paes, o descobridor das esmeraldas. Documentos do Conselho Ultramarino. 1682. in Rev. do Archivo Publico Mineiro. 19.º vol. pags. 11/68. 20.º vol. pags. 159/190 — Os primeiros descobridores de Minas. in Rev. do Arch. Publico Mineiro, 6.º vol. pags. 365/377. 1159/1173 — Caminhos antigos e povoamento do Brasil. Rio, Livraria Briguiet, 1930 — Capitulos da Historia Colonial. (1500-1800). Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1928 — Sobre a Colonia do Sacramento. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1900. — Prolegomenos da Historia do Brasil de frei Vicente do Salvador.

CAPITULOS QUE ESTE SENADO E MAIS PESSOAS DA GOVERNANÇA DA REPUBLICA DÃO CONTRA O OUVIDOR GERAL E DEZEMBARGADOR MANUEL DE MELLO GODINHO MANSO, AO SYNDICANTE ANTONIO DE SOUSA ABREU GRADE. in Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XIX, 84/101

CARDOSO DE ABREU (Manuel) — Divertimento admiravel. Para os historiadores observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuyabá e Matto-Grosso. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 6º vol. pags. 253/293

CARTA DA CAMARA DE SÃO PAULO EM RESPOSTA A OUTRA DE D. RODRIGO CEZAR DE MENEZES, DESPEDINDO-SE POR TER DE PARTIR PARA CUYABÁ. 13 de julho de 1723. in Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XXVI. 169/170

CARTA AO PROVEDOR DAS MINAS DE S. PAULO MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA (1663). in Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. IX, 97/99

CARTA DE S. M.de A D. RODRIGO CEZAR DE MENEZES COM REFERENCIAS ÁS MINAS DE CUYABÁ, LOURENÇO LEME DA SILVA, DOMINGOS RODRIGUES DO PRADO E ANTUNES MACIEL. in Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XI, 101/102

CARTA PATENTE DE JORGE SOARES DE MACEDO (1677). in Rev. Trim. LXIV, 41

CARTA REGIA SOBRE A IDA DE LUIZ LOPES DE CARVALHO ÀS MINAS DE PRATA DE SOROCABA. Lisbôa, 20 de junho de 1682. in Rev. Trim. II, supplemento, 312

CARTA QUE OS OFFICIAES DO SENADO DE CAMARA ESCREVERAM AO SR. VICE REI DO ESTADO, SOBRE D. RODRIGO CEZAR DE MENEZES. — 26 de setembro de 1726. in Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XXVIII, 221/223

CARTA QUE OS OFFICIAES DA CAMARA ESCREVERAM A S. M. QUE DEUS GUARDE EM QUE LHE PEDEM SE DIGNE CONCEDER-LHES POR ANNOS A FICADA DO EXMO SR. GENERAL RODRIGO CEZAR DE MENEZES PARA MELHOR SUBSTABELECIMENTO DAS NOVAS MINAS E BEM COMMUM DE MELHOR SERVIÇO A S. M. QUE DEUS GUARDE. 28 de outubro de 1725. in Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XX, 63/64

CARTA DE DILIGENCIA EXECUTIVA VINDA DO ESTADO DA BAHIA AS ORDENS DO SR. VICE REI, REMETTIDA AOS JUIZES ORDINARIOS DESTA CIDADE E MANDADA AQUI REGISTAR PELO JUIZ ORDINARIO JOÃO GONÇALVES FIGUEIRA POR REQUERIMENTO QUE FEZ NO SENADO DA CAMARA. — FALLA DE JOÃO DELGADO DE ESCOBAR E MANUEL DE MELLO GODINHO MANSO. in Rev. do Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XXVIII, 229/233

CARTAS DE DATAS DE TERRA — Publicação official da Prefeitura de São Paulo. (1555-1800). São Paulo, Departamento de Cultura, 1937-1938. volumes I a V

CARTAS DE INDIAS. — Publicalas por primeira vez el Ministerio de Fomento. Madrid, Imp. de Manuel G. Hernandez, 1877

CARTA DA CAMARA DE TAMANDUÁ Á RAINHA MARIA I ACERCA DE LIMITES DE MINAS-GERAES COM

GOYAZ. in Revista do Archivo Publico Mineiro, 2.º vol. pags. 372/388

CARTAS DE SESMARIAS. Concedidas a varios paulistas por d. Braz Balthazar da Silveira. 1713-1717. in Rev. Archivo Publico Mineiro, 4.º vol. pags. 155/175

CARTAS DE SESMARIAS. Concedidas pelo governador Antonio de Alburquerque Coelho de Carvalho. 1710-1711. in Revista do Archivo Publico Mineiro, 10.º vol. pags. 899/979

CARTAS DE SESMARIAS. Concedidas por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, a varios paulistas, em terras de Minas Geraes, 1710-1711. in Revista do Archivo Publico Mineiro, 2.º vol. pags. 257/269. 1710-1713. Idem, 3.º vol. pags 23/35

CARVALHO (Augusto de) — Apontamentos para historia da capitania de São Thomé. Campos, Typ. da Silva, Carneiro & Cia, 1888

CARVALHO (Elysio de) — Brava gente. Rio de Janeiro, S. A. Monitor Mercantil, 1821

CARVALHO (Theophilo Feu de) — Indice dos livros do Archivo Publico Mineiro. 1605-1799, Registros de alvarás, cartas e ordens régias, cartas patentes, provisões, confirmações de cartas patentes, sesmarias e doações. Officios. in Revista do Archivo Publico Mineiro, 20.º vol. pags. 415/544. 21.º vol. pags. 277/333 - 551/685. 22.º vol. pags. 327/350. — Occorrencias de Pitanguy. — Historia da capitania de São Paulo e Minas. 1713-1721. in Annaes do Museu Paulista, 4.º vol. pags. 459/682. — O Coronel Antonio de Oliveira Leitão. Historia da capitania de São Paulo e Minas. in Annaes do Museu Paulista, 4.º vol. pags. 703/736.

CARVALHO FRANCO (Francisco de Assis) — Dom Francisco de Souza e o inicio do impulso bandeirante. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 29.º vol. pags. 245/258 — O titulo dos Arrudas Botelhos. São Paulo, Emp. Grafica da "Revista dos Tribunaes", 1937 — Os companheiros de D. Francisco de Souza. Rio de Janeiro. Ed. Sociedade Capistrano

de Abreu, 1929. — Os Camargos de São Paulo. São Paulo, Spes, 1937. — Os capitães-móres vicentinos. — Trabalho que mereceu menção honrosa da Academia Paulista de Letras, em 1939.

CASSIANO RICARDO — O negro no bandeirismo paulista. in Revista do Archivo Municipal de S. Paulo, vol. XLVII, 5/46

CASTRO (Eugenio de) — Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa. (1530-1532). Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1927. 2 volumes

CEZAR FERREIRA REIS (Arthur) — Historia do Amazonas — Manáos, 1931.

CHARLEVOIX (Pedro Francisco Xavier de) — Historia del Paraguay. Con las anotaciones y correciones latinas del P. Muriel — Traducida del castellano por el p. Pablo Hernandez. Madrid, Lib. General de Victoriano Suárez, 1910-1916. 6 volumes

COLLEÇÃO DAS MEMORIAS ARCHIVADAS PELA CAMARA DA VILLA DE PITANGUY E RESUMIDAS POR MANUEL JOSÉ PIRES DA SILVA PONTES. in Rev. Trim. VI, 284

CONDIÇÕES AJUSTADAS COM O GOVERNADOR DOS PAULISTAS DOMINGOS JORGE VELHO EM 14 DE AGOSTO DE 1693, PARA CONQUISTAR E DESTRUIR OS NEGROS DE PALMARES. in Rev. Trim. XLVII, 19

CONTREIRAS RODRIGUES (F.) — Traços da economia social e politica do Brasil colonial. Rio de Janeiro, Ariel Editora Ltda, 1935

COPIA DA CARTA QUE O GOVERNADOR DO PARAGUAY DIRIGIU AO CAPITÃO-GENERAL DE S. PAULO RELATIVA Á POSSE E DIREITO SOBRE O TERRITORIO DE IGUATEMY. Com a respectiva resposta do governador de S. Paulo e annotações de Antonio de Toledo Piza, in Doc. Int. 34.° vol. pags. 425/475

COPIA DA REPRESENTAÇÃO QUE FIZERAM O CABIDO E MAIS JUSTIÇAS DA CIDADE DE S. MIGUEL DE

TUCUMAM AO PRINCIPAL COMMISSARIO DE ESPANHA. Doc. Int. 34.º vol. pags. 402/414.

CORRESPONDENCIA DE D. LUIZ ANTONIO DE SOUZA, GOVERNADOR DE S. PAULO. CARTA PARA OS COMMANDANTES DE IGUATEMY, COM O HISTORICO DAS ANTIGAS EXPLORAÇÕES DO SERTÃO DE CUYABÁ. in Doc. Int. 34.º vol. pags. 267/277

CORRESPONDENCIA DE D. LUIZ ANTONIO DE SOUZA, GOVERNADOR DE S. PAULO. PARA MARTINHO DE MELLO E CASTRO DANDO-LHE INFORMAÇÕES CONDENSADAS SOBRE A EXPLORAÇÃO DO TIBAGY, in Doc. 34.º vol. pags. 339/356

COSTA PEREIRA (Carlos da) — Um capitulo da expansão bandeirante. A fundação de São Francisco do Sul. in Annaes do Museu Paulista, 4.º vol. pags. 512/558

COSTA (Claudio Manuel da) — Villa Rica. Ouro Preto, Typ. Universal, 1839

COSTA REGO MONTEIRO (Jonathas da) — A Colonia do Sacramento. (1680-1777). Porto Alegre, Liv. do Globo, 1937. 2 volumes

COUTO DE MAGALHÃES (General) — Viagem ao Araguaya. 3.º edição. S. Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934

CRUZ (Alcides) — Vida de Raphael Pinto Bandeira. Ligeiras notas esparsas para a biographia do heroe continentino. in Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 19.º vol. pags. 129/203

CUNHA MATTOS (Raymundo José da) — Chorographia historica da Provincia de Goyaz. in Rev. Trim. Tomo XXXVII P. I., 213/398 Tomo XXXVIII P. I., 5/149.

DERBY (Orville A.) — As bandeiras paulistas de 1601 a 1604. In Rev. Iist. Hist. Geog. de S. Paulo, 8.º vol. pags 399/423 — A estrada de S. Paulo ao Rio Grande do Sul no seculo passado. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 3.º vol. pags. 173/199 — O itinerario da expedição de Espinhosa. In Rev. Trim. LXX, 2.º 21 — Os primeiros descobrimentos de ou-

ro em Minas Geraes. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 5.º vol. pags. 240/278 — O roteiro de uma das primeiras bandeiras paulistas. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 4.º vol. pags. 329/350 — Os primeiros descobrimentos de ouro nos districtos de Sabará e Caethé. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 5.º vol. pags. 279/295 — Questão de limites entre São Paulo e Minas Geraes. Introducção ao volume de documentos sobre tal questão existentes no Archivo Publico de S. Paulo. In Doc. Int. 11.º vol. pags. XXV/CXI.

DESCOBERTA DOS CAMPOS DE GUARAPUAVA POR AFFONSO BOTELHO DE SAMPAIO. (1771). In Rev. Trim. XVIII, 252.

DIAMANTES. HISTORICO DE SUA DESCOBERTA. (1714). In Rev. Trim. LXIII. 307.

DIAZ DE GUZMAN (Ruy) — Argentina. Historia del descubrimiento conquista y poblacion del Rio de la Plata. Buenos Ayres, O. Carvalho, 1882.

DOCUMENTAÇÃO PARA O ESTUDO DO GOVERNO DE DOM LUIZ DE SOUZA. In Annaes do Museu Paulista, 3.º vol. 2.ª parte, pags. 7/128.

DOCUMENTOS SOBRE O MESTRE DE CAMPO DIOGO PINTO DO REGO. Justificação de nobreza. Justificação de serviços. in Inventarios e Testamentos, 27.º vol. pags. 269/489.

DOCUMENTOS HISTORICOS. Archivo Nacional. Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro, Typ. diversas, 1928/1930. 20 volumes. Os dois primeiros vols. são de docs. do Arc. Nac. e os restantes da B. N.

EGAS (Eugenio) — Braz Cubas. O fundador de Santos. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 13.º vol. pags. 241/249.

ELLIS JUNIOR (Alfredo) — Alguns paulistas dos seculos XVI e XVII. In Rev. Trim. vol. III do 1.º Congresso Hist. America, 409/437 — O bandeirismo paulista e o recuo do Meridiano. São Paulo, Typ. Piratininga, s/d. — Meio seculo de bandeirismo — 1590-1640. — São Paulo, 1938.

ENNES (Ernesto) — As guerras dos Palmares — 1.º vol. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

ESCRAGNOLLE TAUNAY (Affonso de) — Documentação para a historia das bandeiras, do Archivo das Indias de Sevilha, do Archivo da Bahia e outros. In Annaes do Museu Paulista, 1.º vol. 2.ª parte, pags. 139/454. 2.º vol. 2.ª parte, pags. 5/334. 3.º vol. 2.ª parte, pags. 241/318. 5.º vol. 2.ª parte, pags. 5/320 — Em Santa Catharina Colonial. In Annaes do Museu Paulista. Tomo VII pags. 575/744 — Um grande bandeirante: Bartholomeu Paes de Abreu. (1674-1738). Exploração do Paraná, do Rio Grande do Sul e de vilha, do Archivo da Bahia e outros. In Annaes do Museu Paulista, 1.º vol. 1.ª parte, pags. 417/528 — A grande vida de Fernão Dias Paes. In Annaes do Museu Paulista, 4.º vol. pags. 1/195 — A guerra dos barbaros. In Rev. do Archivo Municipal de São Paulo. vol. XXII, pags. 7/331 — Historia da Villa de São Paulo no seculo XVII. Historia da Cidade de São Paulo no seculo XVIII. In Annaes do Museu Paulista, 5.º vol. pags. 1/620, 1.ª parte, 6.º vol. integral. 7.º vol. pags. 1/247 — Historia geral das bandeiras paulistas. São Paulo, 1924-1936. 7 volumes. — Historia seiscentista da Villa de São Paulo. São Paulo, Typ. Ideal, 1926-1929. 4 volumes — João Ramalho e Santo André. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 29.º vol. pags. 38/91 — Na éra das bandeiras. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1920 — São Paulo no seculo XVI. Tours, E. Arrault & Cia., 1921.

ESBOÇO HISTORICO DO MUNICIPIO DA JANUARIA. Memoria copiada do periodico A Luz. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 11.º vol. pags. 373/397.

EXPEDIÇÕES DO TIBAGY. 1769-1772. Documentos antigos encontrados entre os papeis do marechal José Arouche de Toledo Rendon. In Doc. Int. 4.º vol. pags. 35/107.

FELICIO DOS SANTOS (Joaquim) — Memorias do districto Diamantino. Nova edição. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1924.

FERNANDES PINHEIRO (José Feliciano) — Annaes da provincia de São Pedro. 2.º edição. Paris, Typ. de Casimiro, 1839.

FERREIRA (Francisco Ignacio) — Diccionario geographico das Minas do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885.

FIRMO DE OLIVEIRA FREIRE (Felisbello) — Historia de Sergipe. Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 1891. — Historia da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Typ. da "Revista dos Tribunaes", 1912, 2 volumes. — Historia territorial do Brasil. I volume, unico publicado. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Commercio", 1906.

FLEIÚSS (Max) — Historia da cidade do Rio de Janeiro. São Paulo, Weiszflog, s/d.

FONSECA (João Severiano da) — Viagem ao redor do Brasil. Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & Cia., 1880. 2 volumes.

FONSECA (Manuel da) — Vida do veneravel padre Belchior de Pontes. Reedição de Weiszflog. São Paulo, Weiszflog Irmãos, s/d.

FONSECA (Paulo Delphino da) — Almanack da provincia de São Paulo para 1873. São Paulo, Typ. Americana, 1873.

FONSECA (Pedro Paulino da) — Memoria dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destroço e paz acceita em junho de 1678, In Rev. Trim. XXXIX, 293.

FONTES HISTORICAS DO IMPOSTO DE CAPITAÇÃO; extrahidas de um livro da Torre do Tombo. In Revista do Archivo Publico Mineiro. 12.º vol. pags. 605/676.

FUNES (Gregorio) — Ensaio de la historia civil del Paraguay, Buenos Ayres y Tucuman. Buenos Ayres, L. J. Rosso e Cia., 1910, 2 volumes.

FURTADO (Alcebiades) — Os Schetz da capitania de São Vicente. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 18.º vol. pags. 5/12.

FURTADO DE MENDONÇA (Bento Fernandes) — Primeiros descobridores das minas de ouro na capitania de Minas Ge-

raes. Noticia resumida por M. J. P. da Silva Pontes. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 4.º vol. pags. 83/98.

GANDIA (Enrique de) — La ciudad encantada de los Cesares. Buenos Ayres, Lib. de A. Garcia Santos, 1933 — Historia critica de los mitos de la conquista americana. Madrid, Juan Roldan y Cia., s/d — Indios e conquistadores en el Paraguay. Buenos Ayres, Lib. de A. Garcia Santos, 1932 — Historia de la conquista del Rio de la Plata y del Paraguay — 1535-1556. — Buenos Aires, A. Garcia Santos, 1932. — Las misiones jesuiticas y los bandeirantes paulistas — Buenos Aires, E. La Facultad, 1936.

GARCIA (Rodolpho) — Ethnographia do Brasil. In Inst. Hist. Geog. Bras. — Dicc. 1.º vol. pags. 249/277.

GENEALOGIA DE VICENTE FERREIRA DE PAULA BUENO. Copia de um documento do Conselho Ultramarino, datado de 1801. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 8.º vol. pags. 625/629.

GEOGRAPHIA HISTORICA DA CAPITANIA DE MINAS GERAES. In Publicações do Archivo Nacional, vol. IX.

GODOY PINTO DA SILVEIRA (João de) — Carta acerca dos limites que deviam ser marcados ás provincias que confinam com a de Goyaz. — Em 7 de setembro de 1761. — in Rev. Trim. VII, 221.

GONÇALVES DA CAMARA COUTINHO (Antonio Luiz) — Livro de cartas que escreveu o sr. .... Governador e Capitão General do Brasil (1691). In Rev. Trim. LXXI, 33.

GOVERNADORES DO RIO DE JANEIRO, CORRESPONDENCIA ACTIVA E PASSIVA. 1716-1725. In Publicações do Archivo Nacional. Vol. X.

GUISARD FILHO (Felix) — Bandeirismo taubateano. — Salvador Fernandes Furtado. — In Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XVII, pags. 35/52. — Um taubateano revoltoso nos tempos coloniaes. In Annaes do Museu Paulista, 4.º vol. pags. 747/758.

HANDELMANN (Henrique). — Historia do Brasil. Tradução brasileira feita pelo Inst. Hist. Geog. Bras. Rio, 1931.

HERNANDEZ (Pablo) — Misiones del Paraguay. Organización social de las doctrinas guaranies de la Compañia de Jesus. Barcelona, Gustavo Gili, 1913. 2 volumes.

HISTORIA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUEZA DO BRASIL. Direcção de Carlos Malheiros Dias, Ernesto de Vasconcellos e Roque Gameiro. Porto, Litographia Nacional, 1921-1924. 3 volumes.

I. CARDOSO (Ramón) — El Guairá. Historia de la antigua provincia — 1554-1676. — Bueñas Ayres, Jesus Menendez, 1938.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO. Diccionario historico, geographico e etnographico do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922. Volume I.

INVENTARIO DOS DOCUMENTOS RELATIVOS AO BRASIL EXISTENTES NO ARCHIVO DE MARINHA E ULTRAMAR, POR EDUARDO DE CASTDO E ALMEIDA. VI, Rio de Janeiro, 1616-1729. In Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XXXIX, integral.

INVENTARIOS E TESTAMENTOS. Papeis que pertenceram ao 1.º cartorio de orphãos da capital. São Paulo, Typ. Piratininga, 1920/1921. 27 volumes. (Publicação official do Archivo do Estado de S. Paulo). Indice chronologico no 27.º vol..

JUSTIFICAÇÃO DE NOBREZA DO DOUTOR PEDRO DIAS PAES LEME. In Inventarios e Testamentos, 27.º vol. pags. 219/263.

KNIVET (Antonio) — Narração de viagens que fez nos annos de 1591 e seguintes, em companhia de Thomaz Candish. Tradução de J. H. Pereira. In Rev. Trim. Tomo XLI. P. I., pags. 183/272.

LACERDA E ALMEIDA (Francisco José de) — Viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e São

Paulo nos annos de 1780 a 1790. São Paulo, Typ. de Costa Silveira, 1841.

LAMEGO (Alberto) — A terra goytacá á luz de documentos inéditos. Paris, Bruxelles, L'Édition D'Art, 1913/1925, 3 volumes.

LEÃO (Ermelino A. de) — Heleodoro Eobano, In. Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 13.º vol. pags. 415/434 — Vultos do passado paulista. Curityba, Placido e Silva & Cia. 1923.

LEITE (Aureliano) — Amador Bueno — O Aclamado. São Paulo, Emp. Graf. "Revista dos Tribunaes", 1938.

LEITE (Seraphim) — Historia da Companhia de Jesus no Brasil — Tomo I e II — Lisbôa, 1938 — Paginas da Historia do Brasil. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1937.

LEITE (Solidonio) — O descobrimento do Brasil — Hespanhóes e Portuguezes. Rio de Janeiro, Off. Graph. da "Noite", 1921.

LEME DO PRADO (João) — Noticia das Minas dos Martyrios. In Rev. Trim. VI, 322 (2.ª ed.).

LIVRO DOS TERMOS, HOMENAGENS E ASSENTOS. In Publicação do Archivo Nacional, vol. VII.

LOBO LEITE PEREIRA (Francisco) — Algumas palavras sobre o itinerario de Sebastião Fernandes Tourinho e de Antonio Dias Adorno. In Rev. Trim. Tomo especial, 1.º Cong. Historia Nacional. Vol. II, pags. 391/408 — Descobrimento e devassamento do territorio de Minas-Geraes. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 7.º vol. pags. 549/594 — Documentos para a nossa historia. Sobre a entrada de Jorge Dias. (1550). Carta de Felippe de Guilhen (1561). Carta do padre Leonardo (1562). Carta sobre Bezerra (1667). In Revista do Archivo Publico Mineiro. 10.º vol. pags. 329/338 — Em busca das esmeraldas. Escassas noticias acerca da expedição de Marcos de Azeredo em busca das esmeraldas, achando diamantes, e acerca de outras tentativas posteriormente feitas para aquelle fim até o anno de 1660. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 2.º vol. pags. 519/536.

LUNÉ (Antonio José Baptista de) — Almanack da provincia de São Paulo para 1873. São Paulo, Typ. Americana, 1873.

MACEDO PAES LEME DA CAMARA (Roque Luiz) — Nobiliarchia brasiliense, In Rev. Inst. Hist. São Paulo, vols. XII, pags. 5/251; XXXIII, pags. 143/242; XXXIV, pags. 211/257.

MACHADO DE OLIVEIRA (J. J.) — Quadro historico da provincia de São Paulo. São Paulo, Typ. Imperial, 1864.

MADRE DE DEUS (Frei Gaspar) — Catalogo dos Capitães Mores Generaes e Vice Reis que governaram a capitania do Rio de Janeiro. In Doc. Int. 44.° vol. pags. 25/75 — Memorias para a historia da capitania de São Vicente. Edição de Varnhagen. Rio de Janeiro, Typ. Agostinho de Freitas Guimarães e Cia., 1847 — Relação dos Capitães Loco- Tenentes que governaram a capitania de S. Vicente, uns nomeados pelos verdadeiros donatarios e outros pelos intrusos. Notas avulsas. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 5.° vol. pags. 159/176 — 180/195.

MADUREIRA (Padre J. M. de) — A liberdade dos indios e a Companhia de Jesus. In Rev. Trim. vols. 4 e 8 do 1.° Congresso de Historia Americana.

MAGALHÃES (Basilio de) — Ambrosio Caldeira Brant. In Revista do Archivo Municipal de São Paulo, vol. XL, pags. 53/66 — Antonio de Oliveira Leitão. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, vol. XXXII, 315 — Documentos relativos á historia da capitania de S. Vicente e do bandeirismo. 1548-1734. Archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. In Doc. Int. 48.° vol. na integra — Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões connexas, no periodo de 1664 a 1700. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 18.° vol. pags 271/544. Com annotações e indice - Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões connexas no periodo de 1674 a 1720. Archivo do Instituto Hist.-Geog. Brasileiro. In Doc. Int. 53.° vol. na integra — Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões connexas no periodo de 1701 a 1705. In Doc. Int. 51.° vol. na integra. Com notas

elucidativas. — Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões connexas no periodo de 1706 a 1710. Archivo Nacional. In Doc. Int. 52.º vol. na integra. — Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões connexas no periodo de 1711 a 1720. Archivo Nacional. In Doc. Int. 49.º vol. na integra — Documentos relativos ao bandeirismo paulista e questões connexas no periodo de 1721 a 1740. Archivo Nacional. In Doc. Int. 50.º vol. na integra — Expansão geographica do Brasil Colonial. 2.ª edição. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935 — Garcia Rodrigues Paes. Alguns subsidios para a historia dos bandeirantes. In Rev. Trim. LXXXXIV, 4 — O bandeirismo no Brasil. In Rev. Trim. LXXVII, 67.

MARCGRAVI (Georgi) — Breve descripção do Rio de São Francisco e itinerario de Guilherme Glimmerio pelos sertões do Brasil. Extrahida da "Historiæ rerum naturalium brasiliæ" de ...... Traduzido por João Vieira de Almeida. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 6.º vol. pags. 232/235.

MARCONDES (Athayde) — Pindamonhangaba. 2.ª edição. São Paulo, Typ. Paulista, 1922.

MARQUES PERDIGÃO MALHEIROS (Agostinho) — A escravidão no Brasil. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1866. 3 volumes.

MARQUES (Cezar Augusto) — Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão. Maranhão, Typ. do Frias, 1870 — Diccionario historico-geographico e estatistico da provincia do Espirito Santo. Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1878.

MARTINS PEREIRA DE ALENCASTRE (José) — Annaes da provincia de Goyaz. In Rev. Trim. XXVII, 2.ª, 5. XXVIII, 2.ª 5.

MARTINS (Romario) — Curityba. Historico da sua fundação. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 13.º vol. pags. 397/407 — Historia do Paraná. Curityba, Empreza Graphica Paranaense, 1937.

MELLO MORAES (A. J. de) — Chorographia historica, chronologica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil. Rio de Janeiro, 1859-1866, 5 volumes. — Chronica geral e minuciosa do imperio do Brasil — Rio de Janeiro, 1879.

MEMORIA SOBRE A CAPITANIA DAS MINAS. Possivelmente escripta por José Joaquim da Rocha. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 6.º vol. pags. 129/134.

MENDES DE ALMEIDA (Candido) — Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão. Rio de Janeiro, Typ. de J. Paulo Hildebrandt, 1874, 2.º vol. — Os primeiros povoadores. Quem era o bacharel de Cananéa. In Rev. Trim. XL, 2.ª 113.

MENDES DE ALMEIDA (João) — Algumas notas genealogicas. São Paulo, Typ. Baruel, Pauperio & Cia., 1886.

MENDONÇA (Estevam de) — Datas Matto-Grossenses. Nitheroi, Escola Typ. Salesiana, 1919, 2 vols.

MENDONÇA DE PINA E DE PROENÇA (Martinho) — Descobrimento dos diamantes na Comarca do Serro Frio. Primeiras administrações. In Rev. do Archivo Publico Mineiro, 7.º vol. pags. 251/263. Alguns documentos sobre o assumpto. idem, pags. 263/355.

MILLIET DE SAINT-ADOLPHE (J. C. R.) — Diccionario geographico historico e descriptivo do Imperio do Brasil. Tradução de Caetano Lopes de Moura. Paris, Aillaud, Guillard & Cia., 1863, 2 volumes.

MONTEIRO (Mario) — Aleixo Garcia — Descobridor portuguez do Paraguay e da Bolivia, em 1524-1525. Lisbôa, Liv. Central, 1923.

MORLA VICUÑA (Carlos) — Estudio historico sobre el descubrimiento y conquista de la Patagonia y de la Tierra del Fuego. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1903.

MOTINS PROMOVIDOS POR MANUEL NUNES-VIANNA NO SERTÃO DO RIO DAS VELHAS. Anno de 1718. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 5.º vol. pags. 211/ 220.

MOURA (Gentil de Assis) — As bandeiras paulistas. São Paulo,

Emp. Typ. Editora "O Pensamento", 1914. — O caminho do Paraguay a Santo André da Borda do Campo. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 13.º vol. pags. 165/180.

MURATORI (M.) — Relation des missions du Paraguai. Louvain, Chez Valinthout et Vanderszande, 1822.

NINA RODRIGUES — A Troia Negra. Erros e lacunas da historia de Palmares. In Rev. Trim. vol. 75, 231.

NEGRÃO (Francisco) — Genealogia paranaense. Curityba, Imprensora Paranaense, 1926-1929, 4 volumes.

NOGUEIRA COELHO (Filippe José) — Memorias chronologicas da capitania de Matto-Grosso. In Rev. Trim. XIII, 2.ª edição pags. 137/199.

NOTICIA QUE DÁ AO PADRE MESTRE DIOGO SOARES O MESTRE DE CAMPO JOSÉ REBELLO PERDIGÃO SOBRE OS PRIMEIROS DESCOBRIMENTOS DAS MINAS GERAES DE OURO. (1732). In Rev. Trim. LXIX, 275.

NOTICIAS PRATICAS DAS MINAS DE CUIABÁ E GOYAZ DADAS AO PADRE DIOGO SOARES PELO CAPITÃO JOÃO ANTONIO CABRAL CAMELLO, EM 1727. In Rev. Trim. vol. IV, pags. 487, 2.ª edição.

NOTICIAS PRATICAS QUE DÁ AO PADRE MESTRE DIOGO SOARES O ALFERES JOSÉ PEIXOTO DA SILVA BRAGA DO QUE SE PASSOU NA PRIMEIRA BANDEIRA QUE ENTROU AO DESCOBRIMENTO DAS MINAS DOS GOYAZES ATÉ SAHIR NA CIDADE DE BELEM DO GRÃO PARÁ (1734). In Rev. Trim. LXIX, 217.

OLIVEIRA LIMA (Manuel de) — A conquista do Brasil. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, vol. XVII, pags. 5/22 — Formation Historique de la nationalité brésilienne. Paris, Librairie Garnier Frères, s/d.

OLIVEIRA VIANNA (F. J.) — Populações meridionaes do Brasil. São Paulo, Monteiro Lobato e Cia., 1920. 1.º volume-unico publicado.

ORLANDO (Arthur) — Bandeirantes. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 14.º vol. pags. 129/138.

PANDIÁ CALOGERAS (João) — As minas do Brasil e sua legislação. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904-1905, 3 volumes — A politica exterior do Imperio. I — As origens. — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1929. (Tomo especial da Rev. Trim.).

PASTELLS (Pablo) — Historia de la Compañia de Jesus en la provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguey, Perú, Bolivia e Brasil). Madrid, Lib. General de Victoriano Suárez, 1912-1913, 5 volumes.

PATRICIO FERNANDEZ (José) — Relación historial de las misiones de indios chiquitos que en el Paraguay tienen los Padres de la Compañia de Jesus. Asunción del Paraguay, A. de Uribu & Cia., 1896, 2 volumes.

PAUWELS (Geraldo José) — Pontos controvertidos da historia da Santa Catharina. In Revista Philologica e Historica, Rio de Janeiro, Liv. J. Leite, 1913, vol. I., pags. 370/378.

PEREIRA CLETO (Marcellino) — Dissertação a respeito da capitania de São Paulo, sua decadencia e modo de restabelecel-a. (1782). In Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XXI, pags. 193/254.

PEREIRA DA COSTA (F. A.) — Chronologia historica do Estado do Piauhy. Pernambuco, Typ. "Jornal do Recife", 1909.

PEREIRA DA COSTA (Miguel) — Relatorio apresentado ao Vice-Rei Vasco Fernandes Cezar sobre as Minas do Rio das Contas. In Rev. Trim. V, 36.

PEREIRA DE MORAES (Frederico Augusto) — Subsidios para a historia do Ypanema. Lisbôa, Imprensa Nacional, 1858.

PEREIRA DE SOUZA (W. Luiz) — Antonio Raposo. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 9.º vol. pags. 485/533 — Contribuição para a historia da capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cezar de Menezes — S. Paulo, 1918.

PEREIRA RIBEIRO DE VASCONCELLOS (Diogo) — Memorias sobre a capitania de Minas Geraes. — Minas e quintos de ouro. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 6.º vol. pags. 757/979.

PETIÇÕES (CINCO) DE BARTHOLOMEU BUENO DA SILVA E SEU GENRO JOÃO LEITE DA SILVA ORTIZ (1725). In Rev. Arch. Municipal de S. Paulo. Vol. XXII, pags. 375/384.

PIRES (Heliodoro) — Domingos Jorge Velho. Uma pagina da colonização do Nordeste. In Rev. do Brasil no...... pags. 241/259.

PIZARRO DE SOUSA AZEVEDO E ARAUJO (José) — Relação das sesmarias do Rio de Janeiro (1565-1796) — In Rev. Trim. vol. LXIII, 93. — Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas e jurisdicção do Vice-Rei do Estado do Brasil dedicadas a El-Rei Nosso Senhor Dom João VI. Rio de Janeiro, na Imprensa Regia, 1820-1822. 9 volumes.

POLYANTHÉA EM HOMENAGEM AO TRI-CENTENARIO DA CREAÇÃO DO MUNICIPIO DE PARNAHYBA. São Paulo, Weiszflog Irmãos, s/d.

PRADO (Eduardo) — Os hespanhoes no Salto do Avanhandava no seculo XVI. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 4.º vol. pags. 243/256.

PRADO (Paulo) — Paulistica — Historia de São Paulo. Rio de Janeiro, Ariel, Ed. Ltda. 1934.

PRADO SIQUEIRA (Antonio do) — Noticias de Antonio Pires de Campos. In Rev. Trim. vol. VI, (2.ª ed.), 319.

PROTESTO DO GOVERNADOR DA PRAÇA DE SANTOS JORGE SOARES DE MACEDO AO DEZEMBARGADOR OUVIDOR-GERAL D. ANTONIO LUIZ PELEJA E RESPOSTA A ESTE DO DITO DEZEMBARGADOR. (1704). In Arch. Municipal (Revista) — São Paulo. Vol. IV, pags. 53/60.

PROVISÃO AO SARGENTO-MÓR MANUEL GONÇALVES DE AGUIAR, MANUEL GODINHO DE LARA E SEBASTIÃO FERNANDES DO REGO, PARA ABRIREM O CAMINHO PARA AS NOVAS MINAS DE CUYABÁ. 19 DE JANEIRO DE 1722. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo. Vol. XII, pags. 97/101.

PROVISÃO DE GUARDA-MÓR DAS MINAS DE SÃO PAULO DADA A GARCIA RODRIGUES PAES EM 19 DE ABRIL DE 1722. In Rev. Arch. Municipal de Sãa Paulo, vol. XII pags. 124/127.

PROVISÃO REAL PASSADA AO CAPITÃO BARTHOLOMEU BUENO DA SILVA E OUTROS. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. XII, pags. 131/132.

RAJA GABAGLIA (F. A.) — As linhas de penetração da civilização no Brasil. In Revista do Brasil, n.º 61, janeiro, 1921, pags. 4/19.

RANGEL (Alberto) — Os sertões brasileiros. In Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. XXXV, pags. 108/118.

REGIMENTO DAS MINAS A SER OBSERVADO POR SALVADOR CORREA DE SÁ E BENEVIDES. 30 DE MAIO DE 1644. In Rev. Arch. Municopal de São Paulo, vol. IX, pags. 89/94.

REGIMENTO DAS MINAS DE 1603. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. VIII, pags. 77/90.

REGIMENTO DAS MINAS DE 1618. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. IX, pags. 83/88.

REGIMENTO DAS MINAS DE 1702. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. VIII, pags. 61/72.

REGIMENTO E MAIS ORDENS SOBRE A LIBERDADE DOS INDIOS ALDEIADOS NA CAPITANIA DE SÃO PAULO. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. X, pags 67/87.

REGIMENTO PARA CASA DA MOÊDA DA VILLA DE SÃO PAULO. 30 DE MAIO DE 1642. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. IX, pags. 95/97.

REGIMENTO QUE SE DEU A D. RODRIGO DE CASTEL-BLANCO (1673). In Rev. Trim. vol. LXIV, 31.

REGISTO DE DIVERSAS CARTAS, PATENTES, ORDENS, BANDOS, ETC. DO GOVERNADOR ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO (1711). In Rev. do Archivo Publico Mineiro, 2.º vol. pags. 777/797.

REGISTO GERAL DA CAMARA MUNICIPAL DE SÃO Paulo. São Paulo, Typ. Piratininga, 1917/1923. 20 vols. (Pub. off. do Archivo Municipal de São Paulo).

REGISTOS DE DIVERSAS CARTAS PATENTES CONCEDIDAS POR D. BRAZ BALTHAZAR DA SILVEIRA. 1714-1717. In Rev. do Archivo Publico Mineiro, 3.º vol. pags. 101/110.

RELAÇÃO CHRONOLOGICA DOS CONCESSIONARIOS DE SESMARIAS EM MINAS-GERAES. As primeiras foram concedidas em 1710 e as ultimas em 1835. In Rev. Archivo Publico Mineiro, 5.º vol. pags. 317/473.

RELAÇÃO DAS GUERRAS FEITAS AOS PALMARES DE PERNAMBUCO, NO TEMPO DO GOVERNADOR D. PEDRO DE ALMEIDA, DE 1675 a 1678. In Rev. Trim. vil. XXII, 303.

RELAÇÃO DE ALGUNS DOCUMENTOS. Existentes no archivo da camara municipal de S. Paulo, os quaes servem de subsidio para a historia do Estado de S. Paulo. Extrahido do mesmo por Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 8.º vol. pags. 389/398. Doc. de 1638 a 1683.

REVISTA DA SOCIEDADE DE ETHNOGRAPHIA E CIVILIZAÇÃO DO INDIOS. Tomo I n.º 1, julho de 1901. São Paulo, Typ: de E. Siqueira & Cia., 1901.

RIBEIRO (José Jacintho) — Chronologia paulista, São Paulo, Imprensa Official, 1899-1901, 3 volumes.

RIBEIRO (João) — Historia do Brasil — 11.ª edição. Rio de Janeiro, Liv. Alves, 1928.

RIO BRANCO (Barão do) — Ephemerides brasileiras. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1918. — Esquisse de l'histoire du Brésil — in Le Brésil en 1889 — Paris, 1889 — 105/188.

ROCHA POMBO (José Francisco da) — Historia do Brasil — Edição do Centenario. Rio de Janeiro, Annuario do Brasil, s/d. 4 volumes — O Paraná no Centenario. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1900.

ROCHA PITTA (Sebastião da) — Historia da America Portugueza. 2.ª edição, revista e annotada por J. G. Góes. Lisbôa, Francisco Arthur da Silva, 1880.

RODRIGO OCTAVIO — Felisberto Caldeira — Chronica dos tempos coloniaes. 2.ª edição. Lisbôa, Bertrand, 1921.

ROMERO (Sylvio) — Minas-Geraes — In Novos Estudos de Litteratura Contemporanea — Rio, H. Garnier, s/d. — 267/292.

ROTEIRO QUE DEU O CAPITÃO-MÓR ANTONIO PIRES DE CAMPOS BUENO AO CAPITÃO-MÓR LUIZ RODRIGUES VILLARES, PROCURADOR DO POVO DE CUYABÁ, PARA O DESCOBRIMENTO DE GRANDES HAVERES PARA AS ALDEAS DOS GENTIOS ARAÉS. In Rev. Trim. vol. XXXVIII, 143.

RUIZ MONTOYA (Antonio) — Primeira catechese dos indios selvagens feita pelos padres da Companhia de Jesus. Reducção de São Nicolau, 1733. In Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. VI, integral .

SACO (José Antonio) — Historia de la esclavitud de los indios en el Nuevo Mundo. Habana, Cultural, S. A., 1923, 2 vols.

SAINT-HILAIRE (Auguste de) — Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte Catharine. Paris, Arthur Bertrand, 1851, 2 volumes.

SALVADOR (Frei Vicente do) — Historia do Brasil. 3.ª ed. revista por Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. São Paulo, Weiszflog, s/d.

SAMPAIO (Theodoro) — Peregrinações de Antonio Knivet no seculo XVI. In Rev. Trim. Tomo especial 1.º Congresso Historia Nacional. volume II, pags. 345/390 — O sertão antes

da conquista. Seculo XVII. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 5.º vol. pags. 79/94.

SANTOS PIRES (Antonio Olyntho) — A mineração. Riquezas mineraes. Memoria publicada no vol. III do Livro do Centenario e transcripta com a necessaria licença. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 8.º vol. pags. 879/1037.

SESMARIAS. Publicação official do Archivo do Estado de São. Paulo. (1602-1736). São Paulo, 1921-1937. 3 volumes.

SILVA LEME (Luiz Gonzaga) ... — Genealogia paulistana. São Paulo, Duprat & Comp., 1903/1905. 9 volumes.

SILVA NEVES (Antonio da) — Chorographia do municipio do Rio Pardo; Estado de Minas-Geraes. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 13.º vol. pags. 355/486.

SILVA E SOUZA (padre Luiz Antonio da) — Memoria sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notaveis da capitania de Goyaz. In Rev. Trim. vol. XII, 429 (2.ª edição).

SILVEIRA (Carlos da) — Carlos Pedroso da Silveira. In Revista Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 30.º vol. pags. 49/54 — A raça de Jacques Felix, por Silveira. In Rev. Arch. Municipal de São Paulo, vol. XVII, pags. 21/34.

SILVEIRA CAMARGO (Paulo F. da) — Notas para a historia de Parnahyba. São Paulo, Off. Graphicas da "Ave Maria", 1935.

SIMONSEN (Roberto) — Historia economica do Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937, 2 volumes.

SCHMIDL (Ulrico) — Derrotero y viaje a España y las Indias. — Traducido y comentado por Edmundo Wernicke — Santa Fé, 1938.

SOARES DE MELLO (José) — Emboabas — Chronica de uma revolução nativista. São Paulo, S. Paulo Editora Limitada, 1929.

SOARES DE SOUZA (Gabriel) — Tratado discriptivo do Brasil. Rio de Janeiro, Tip. de João Ignacio da Silva, 1879.

SOUSA (Dom Antonio Caetano de) — Historia genealogica da Casa Real Portugueza. Tomo IV, Lisbôa, 1748 e Tomo XII 1.ª e 2.ª parte — Lisbôa, 1747.

SOUTHEY (Roberto) — Historia do Brasil, traduzida do inglez por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e annotada pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, Liv. B. L. Garnier, 1862. — 6 vols.

STADEN (Hans) — Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil. Edição commemorativa do 4.° centenario. São Paulo, Typ. da Casa Eclectica, 1900.

SUSPEIÇÕES POSTAS AO SYNDICANTE ANTONIO DE SOUSA DE ABREU GRADE ESTANDO TIRANDO A RESIDENCIA DO SYNDICADO MANUEL DE MELLO GODINHO MANSO — 16 DE AGOSTO DE 1725. In Rev. Arch. Municipal de S. Paulo, vol. XIX, pgs. 109/115.

SYNOPSIS DAS SESMARIAS REGISTADAS NOS LIVROS EXISTENTES NO ARCHIVO DA THESOURARIA DA FAZENDA DA BAHIA. In Publicações do Archivo Nacional, vol. XXVII.

TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (Pedro) — Carta para o reverendo padre Mestre Frei Gaspar da Madre de Deus, In Doc. Int. 4.° vol. pags. 10/24 — Historia da capitania de São Vicente. Edição de Taunay. São Paulo, Weiszflog Irmãos, s/d — Informações sobre as minas de São Paulo. Ed. Affonso de Taunay. São Paulo, Weiszflog, s/d — Nobiliarchia paulistana. In Rev. Trim. vols. XXXII, 1.ª 175, 209 XXXIII, 1.ª, 5, 257, 2.ª, 27, 249 — XXXIV, 1.ª 5 141, 2.ª, 5, 129 — XXXV, 1.ª, 5, 243, 2.ª, 5.

TAVARES DE LYRA (A.) — O Estado do Rio Grande do Norte. In Inst. Hist. Geog. Bras. — Dicc. 2.° vol. pags. 439/659 — Notas historicas sobre o Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1918 — vol. I, unico publicado.

TEIXEIRA COELHO (José João) — Instrucção para o governo da capitania de Minas Geraes. 1780. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 8.° vol. pags. 399/581.

TEIXEIRA DE MELLO (J. A.) — Ephemerides nacionaes. Rio de Janeiro, Typ. "Gazeta de Noticias", 1881, 2 volumes.

TERNAUX-CAMPANS (Henri) — Histoire veritable d'un voyage curieux fait par Ulrich Schmidel de Straubling. Paris, Arthus Bertrand, 1837.

TESCHAUER (Carlos) — Historia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Liv. Selbach, 1918-1922 — 3 vols. — Reducções no Rio Grande do Sul. In Rev. Trim. LXXVII, 2.ª, 181. — Vida e obras do veneravel Roque Gonzalez de Santa Cruz, primeiro apostolo do Rio Grande do Sul. (Contribuição para a Historia da Civilização no Brasil). — 2.ª ed. - s/1, 1913.

TOLEDO (Lafayette de) — Padre Faria. João de Faria Fialho. Biographia desse bandeirante das Minas-Geraes. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 6.° vol. pags. 981/983.

TOLEDO PIZA (Antonio de) — Chronicas do Cuyabá; manuscripto de Joaquim da Costa Siqueira. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 4.° vol. pags. 1/242 — A expulsão dos jesuitas em 1640. Este trabalho precede o manuscripto intitulado: Expulsão dos jesuitas e causas que tiveram para ella os paulistas desde o anno de 1611 até o de 1640, em que os lançaram para fóra de toda capitania de S. Paulo e S. Vicente — manuscripto esse possivelmente de Pedro Taques. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 3.° vol. pags. 33/123 — Nota sobre Bartholomeu Bueno da Silva, o Segundo Anhanguera. In Doc. Int. 12.° vol. pags. 59/66 — Nota sobre os Irmãos Leme. In Doc. Int. 12.° vol. pags. 123/163 — Notas diversas sobre bandeirantes. Fernando Dias Falcão; Jacintho Barbosa Lopes; Domingos de Brito Peixoto; Timotheo Correa de Góes; Os Antunes Maciel; Os Payaguás; Domingos Rodrigues da Fonseca Leme; Balthazar de Godoy e Antonio Pires de Campos. In Doc. Int. 13.° vol. pags. 171/287.

VARNHAGEN (Francisco Adolpho de) — Historia Geral do Brasil. Madrid, Imp. de V. de Dominguez, 1854. — Imp. de J. del Rio, 1857. 2 vols. 1.ª edição — Historia geral do Bra-

sil. 3.ª edição integral, com notas de Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia. São Paulo, Weiszflog Irmãos, s/d, 5 vols. — Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticia do Brasil. Lisbôa, Na Typ. da Academia, 1839 — Salvador Corrêa de Sá e Benevides. In O Panorama, 1841, 385. — Tem um retrato em ponto grande e o fac-simile da assignatura.

VASCONCELLOS (Diogo de) — Historia antiga das Minas Geraes. Bello Horizonte, Impr. Official, 1904. — Historia media de Minas Geraes. Bello Horizonte, Imp. Official, 1918.

VASCONCELLOS (Simão de) — Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil. 2.ª edição. Lisbôa, A. J. Fernandes Lopes, 1865. 2 volumes.

VELHO BARRETO (Abilio) — Summario do Codice n.º 11. Cartas, ordens, despachos e bandos, do governo de Minas Geraes. 1717-1721. In Revista do Archivo Publico Mineiro, 24.º vol. pags. 439/708. (Segue-se de pags. 711/739 um indice omnomastico do codice n.º 12 — provisões patentes e sesmarias de 1717 a 1721).

VIANNA (Arlino) — Bandeiras e sertanistas bahianos. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935.

VICTORIANO (João Baptista) — Ivotucavarú. Requerimento desse sertanista e documentos sobre as entradas para o descobrimento desse morro aurifero. In Doc. Int. 2.º vol. pags. 54/61.

VIEIRA DOS SANTOS (Antonio) — Memoria historica, chronologica, topographica e descriptiva da cidade de Paranaguá e do seu municipio. Curityba, Typ. da Livraria Mundial, 1922.

XAVIER DA VEIGA (José Pedro) — Ephemerides mineiras. s/l, 1926. 4 volumes.

YOUNG (Ernesto Guilherme) — Apontamentos relativos a Aleixo Garcia. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 12.º

vol. pags. 217/288 — Historia de Iguape. In Rev. Inst. Hist. Geog. de S. Paulo, 8.º vol. pags. 222/375, 9.º vol. pags. 108/326 — Subsidios para a historia de Iguape. Seus fundadores. Com uma introducção de Theodoro Sampaio sobre quem era o bacharel de Cananéa. In Rev. Inst. Hist Geog. de S. Paulo, 7.º vol. pags. 280/298 — Subsidios para a historia de Iguape. Mineração de ouro. In Rev. Inst. Hist Geog. de S. Paulo, 6.º vol. pags. 400/435.